

Abas: CATORZE LIÇÕES DE FILOSOFIA YOGUE

A Filosofia Yogue ensina que o homem é um ser complexo, composto de sete princípios, constantes de: Corpo Físico, Corpo Astral, Prana ou Força Vital, Mente Instintiva, Intelecto, Mente Espiritual e, finalmente, Espírito.

O seu objetivo é indicar os meios mediante os quais o homem consiga estabelecer, não apenas um contacto, mas uma união, uma identificação com o seu Eu superior.

Para esse fim, oferece várias disciplinas, que preparam a mente individual, tornando-a apta para o conhecimento da Realidade.

A consciência humana passa, então, por uma real transformação, ao identificar-se com uma consciência mais vasta, resultando, daí, sua verdadeira evolução.

As disciplinas impostas por esta Filosofia datam de tempos imemoriais, muito embora haja quem afirme que essa escola foi fundada para servir de base preparatória à difusão dos ensinamentos de Buda.

Encontram-se ensinamentos gerais da Yoga nos Upanichades e no Bagavad-Gita. O objetivo colimado é o de levar o homem a observar os seus estados internos, por meio do seu indispensável instrumento que é a mente.

Portanto, entre outras regras, aconselha a concentração e, principalmente a meditação como um meio que nos leva à libertação espiritual.

De acordo com essa Filosofia, o mundo material representa apenas a forma grosseira de um mundo interno, sutil. Considera que o sutil (ou interno) é a causa, ao passo que o material (ou grosseiro) é o efeito.

Por conseguinte, aquele que aprender a dirigir suas forças internas dominará a si e a Natureza inteira, anulando a influência do ambiente material.

As leis psicológicas aplicadas ao desenvolvimento da consciência humana, são cuidadosamente selecionadas por essa escola, constituindo um conjunto de técnicas necessárias, para levar o ser humano a uma efetiva união com o Ser Universal.

As *Catorze Lições de Filosofia Yogue* oferecem uma lúcida exposição dos seus princípios, pelos quais fica o estudante capacitado para estudos mais profundos.

Desde logo, verifica-se que o autor teve o cuidado de escoimar o livro da complicada terminologia sânscrita, adaptando-o ao mundo ocidental e facilitando ao leitor o vislumbre das verdades sempre eternas.

COLEÇÃO YOGUE

YOGUE RAMACHÁRACA

A seguinte coleção compõe-se de obras de indiscutível valor para os estudiosos, nas quais o estilo do renomado autor não foge das linhas mestras da sua orientação: clareza e prática.

Catorze Lições de Filosofia Yogue
Hatha-Yoga (Filosofia do Bem-estar Físico)
Jnana-Yoga (Yoga da Sabedoria)
Raja-Yoga (Desenvolvimento Mental)
Curso Adiantado de Filosofia Yogue
Ciência Hindu-Yogue da Respiração
Cura Prática Pela Água
A Ciência da Cura Psíquica
Cristianismo Místico
A Vida Depois da Morte

EDITORA PENSAMENTO

YOGUE RAMACHÁRACA



CATORZE LIÇÕES DE
FILOSOFIA YOGUE

E
OCULTISMO ORIENTAL



Tradução de
FRANCISCO WALDOMIRO LORENZ

Capa de PEDRO GAMBAROTTO

"Sabe, ó discípulo! que aqueles que passaram pelo silêncio e sentiram a sua paz e retiraram a sua força, anseiam que passes tu também por ele. Portanto, quando o discípulo for capaz de entrar no Templo do Saber, encontrará sempre seu mestre."

LUZ NO CAMINHO

CONTENTS

PREFÁCIO DA TERCEIRA EDIÇÃO.....	6
1ª LIÇÃO - NO LIMIAR.....	7
A Constituição do Homem.....	8
Os Sete Princípios do Homem.....	8
1 — O Corpo Físico.....	8
2 — O Corpo Astral.....	9
3 — Prana ou Força Vital.....	10
Os Princípios Mentais.....	10
2ª LIÇÃO - OS PRINCÍPIOS MENTAIS.....	11
4 — A Mente Instintiva.....	12
5 - O Intelecto.....	13
3ª LIÇÃO - OS PRINCÍPIOS ESPIRITUAIS.....	15
6 — A Mente Espiritual.....	16
7 — O Espírito.....	18
Iluminação ou Consciência Espiritual.....	18
4ª LIÇÃO - A AURA HUMANA.....	20
Cores Áuricas e Seus Significados.....	22
5ª LIÇÃO - DINÂMICA DO PENSAMENTO.....	24
6ª LIÇÃO - TELEPATIA E CLARIVIDÊNCIA.....	28
Clarividência.....	29
Clarividência Simples.....	29
Clarividência do Espaço.....	30
Clarividência do Passado.....	31
Clarividência do Futuro.....	32
Clariaudiência.....	32
Psicometria.....	33
Como Desenvolver Poderes Psíquicos.....	33
7ª LIÇÃO - MAGNETISMO HUMANO.....	34
8ª LIÇÃO - TERAPÊUTICA OCULTA.....	39
Cura Magnética.....	41
Cura Mental.....	41
Cura Espiritual.....	42
Cura Experimental.....	43
9ª LIÇÃO – INFLUÊNCIA PSÍQUICA.....	45
10ª LIÇÃO - O MUNDO ASTRAL.....	50

11ª LIÇÃO - O ALÉM.....	54
12ª LIÇÃO - EVOLUÇÃO ESPIRITUAL.....	59
13ª LIÇÃO - CAUSA E EFEITO ESPIRITUAIS.....	62
14ª LIÇÃO - O CAMINHO YOGUE DA REALIZAÇÃO.....	67
APÊNDICE.....	72

PREFÁCIO DA TERCEIRA EDIÇÃO

As lições do presente volume foram dadas, por correspondência, em inglês, durante o ano de 1904, e publicadas pela primeira vez, em português, no ano de 1910. É um livro de alto valor, pois apresenta o Ocultismo oriental e, principalmente, a filosofia yogue, em forma muito acessível aos estudantes ocidentais, em estilo simples e, portanto, a todos compreensível, dando explicações claras e práticas dos princípios elementares desta Ciência.

Todos os principiantes do Ocultismo aproveitarão muito estas lições; e os ocultistas adiantados acharão nelas há estímulos às meditações mais aprofundadas, há regozijo por verem que é possível tratar os problemas transcendentais de uma forma agradável, como o soube fazer o autor.

Tendo esgotado a segunda edição desta obra, resolvemo-nos a dar ao público a terceira edição, revista, corrigida e aumentada por um Apêndice, no qual o autor oferece aos que se resolveram entrar no domínio prático da filosofia yogue, os meios pelos quais possam obter o domínio sobre sua mente instintiva e desenvolver os poderes latentes da alma.

Entregamos a obra nas mãos dos estudantes do Ocultismo, esperando que sua leitura e seu estudo lhes trarão muita utilidade, adiantando-os no caminho do aperfeiçoamento psíquico e espiritual.

EDITORA PENSAMENTO

1ª LIÇÃO - NO LIMIAR

Não é com vulgares sentimentos que nos dirigimos aos nossos estudantes da classe yogue de 1904. Vejamos, embora talvez eles não o vejam, que, para muitos, esta série de lições será como semente plantada em terreno fértil, a qual, em tempo oportuno, lançará renovos que abrirão caminho gradualmente na luz de sua consciência, onde lançarão folhas, flores e frutos. Muitos dos fragmentos de verdade que vos terão apresentados, não serão atualmente por vós compreendidos, porém, em futuros anos, reconheceréis a verdade das idéias transmitidas nestas lições e então, somente então, fareis vossas estas verdades.

Tentamos falar-vos tal como se estivésseis reunidos perante nós em pessoa e como se estivéssemos perante vós na carne. Estamos certos de que o laço de simpatia entre nós crescerá rapidamente, tão forte e tão real que, quando estiverdes lendo as nossas palavras, sentireis a nossa presença quase tanto como se estivéssemos convosco em pessoa. Estaremos convosco em espírito; e, segundo ensina a nossa filosofia, o estudante que está em simpática harmonia com seus mestres, estabelece realmente uma conexão psíquica com eles e, conseqüentemente, se torna capaz de assimilar o *espírito* dos ensinamentos e receber o benefício do pensamento dos mestres num grau impossível para aquele que simplesmente lê as palavras em frias letras de imprensa.

Estamos certos de que os membros da classe de 1904 entrarão em harmonia uns com os outros e conosco, desde o começo mesmo, e que obteremos resultados que surpreenderão até a nós mesmos, e que o término do curso assinalará um assombroso crescimento e desenvolvimento espiritual para muitos da classe. Este resultado seria impossível se a classe fosse composta de público comum, onde as vibrações produzidas pelo pensamento adverso de muitos, neutralizariam, ou, pelo menos, retardariam a força impulsora gerada na mente daqueles que estão em simpatia com a obra. Mas não teremos que vencer este obstáculo, porque a classe foi selecionada só dentre aqueles estudantes que estão interessados no oculto.

Os anúncios que enviamos foram redigidos de modo a atrair a atenção somente daqueles para os quais se destinavam. Os que simplesmente procuram sensações ou novidades não foram atraídos pelo nosso chamado, enquanto que aqueles aos quais ele se destinava, ouviram-no e apressaram-se a comunicar-se conosco. Como cantou a poeta: "Por onde eu passo, todos os meus filhos me conhecem".

Tendo os membros da classe sido atraídos a nós — e nós a eles — formaram um corpo harmonioso, trabalhando conosco para o fim comum do próprio aperfeiçoamento, crescimento, desenvolvimento e progresso. O espírito de harmonia e unidade de propósito fará muito por nós, e o pensamento unido da classe, agregado ao nosso, constituirá uma força que beneficiará a cada estudante, fortalecendo-o e sustentando-o.

E pregaremos preferentemente ao ocidental o sistema de instrução do Oriente. No Oriente, o mestre não se detém a *provar* cada afirmação ou teoria que faz ou propõe; não apresenta na lousa uma demonstração das verdades espirituais; não argumenta com a sua classe nem promove a discussão. Pelo contrário, o seu ensinamento é autoritário e procede à comunicação da mensagem a seus estudantes, da mesma forma que recebeu, sem deter-se a observar se todos estão ou não de acordo com ela. Não se dá ao cuidado de examinar se suas afirmações são aceitas por todos como verdade, porque está certo de que aqueles que estão aptos para receber a verdade que ele ensina, reconhecê-la-ão intuitivamente; quanto aos outros, se não estão preparados para recebê-la, todo argumento será ineficaz. Quando uma alma está preparada para uma verdade espiritual, e essa verdade ou parte dela é ex-posta em sua presença ou apresentada à sua atenção por meio de escritos, intuitivamente a reconhecerá e se apropriará dela.

O mestre oriental sabe que muitos dos seus ensinamentos são apenas a semente e que, para cada idéia que o estudante assimile no começo, haverá um cento que virá ao campo do conhecimento consciente, somente depois de um certo lapso.

Não queremos dizer que os mestres orientais exijam do estudante que aceite cegamente toda verdade que lhe seja apresentada. Pelo contrário, recomendam ao discípulo que aceite como verdade só aquilo que ele possa comprovar por si mesmo, porque nenhuma verdade o é para alguém, enquanto esse alguém não possa prová-la por sua própria experiência; mas ensina-se-lhe também que, antes que muitas verdades possam ser provadas por tal forma, ele próprio há de desenvolver-se, crescer e progredir. O mestre ou instrutor pede unicamente que o estudante tenha confiança nele, como um indicador do caminho e, de fato, lhe diz: "Este é o caminho, — então nele e, na vereda, encontrarás as coisas das quais te tenho falado; apalpa-as, pesa-as, mede-as, examina-as e reconhece-as por ti mesmo. Quando chegares a certo ponto do caminho, saberás tanto a seu respeito como eu ou qualquer outra alma nessa mesma etapa da jornada; mas, enquanto não chegares ao ponto determinado, debes aceitar as afirmações dos que foram primeiro, ou recusar tudo o que se refere a esse ponto particular. Não aceites nada como definitivo, enquanto não o houverdes comprovado; porém, se és prudente, aproveitarás o conselho e a experiência daqueles que foram primeiro. Todos os homens devem aprender por experiência própria; porém, uns podem servir como indicadores do caminho a outros. A cada trecho da jornada

encontrarás aqueles que progrediram um pouco mais na senda e deixaram sinais, marcas e postes indicadores para aqueles que os seguem. O homem sensato utilizará estes sinais. Não peço fé cega, mas confiança unicamente, até que sejas capaz de comprovar por ti mesmo as verdades que te transmito, da mesma forma que a mim foram transmitidas por aqueles que passaram primeiro."

Pedimos ao estudante que tenha paciência. Muitas coisas que, a princípio, lhe parecerem obscuras, ir-se-ão esclarecendo à proporção que prosseguirmos.

A Constituição do Homem

O homem é um ser muito mais complexo do que geralmente se supõe. Não só tem um corpo e uma alma, mas ele próprio é um espírito que possui uma alma, e esta alma tem vários veículos de expressão de diferentes graus de densidade, sendo o corpo a forma mais inferior da manifestação. Esses diferentes veículos se manifestam sobre diferentes planos, tais como o plano físico, o plano astral, etc., todos os quais serão explicados à proporção que prosseguirmos.

O Eu real é puro espírito — uma faísca do fogo divino. Esse espírito é constituído de numerosas envolturas, que impedem a sua completa expressão. À medida que o homem avança em desenvolvimento, a sua consciência passa dos planos inferiores aos mais elevados e chega a ser cada vez mais consciente da sua natureza mais elevada. O espírito contém em si todas as potencialidades e, à medida que o homem progride, desenvolve novos poderes e manifesta novas qualidades.

A filosofia yogue ensina que o homem é composto de sete princípios — é uma criatura setenária. O melhor modo de fazer uma idéia do homem é considerar o espírito como o Eu real e os princípios inferiores como simples envolturas que o limitam. O homem pode manifestar-se sobre sete planos; isto é, o homem mais altamente desenvolvido, porque a maioria dos homens desta época somente pode manifestar-se sobre os planos inferiores, pois os mais elevados não foram ainda atingidos por ela, se bem que todos os homens — qualquer que seja o seu grau de crescimento e progresso — possuem os sete princípios potencialmente. Os primeiros cinco planos têm sido atingidos por muitos; o sexto, por alguns poucos; e o sétimo, praticamente, por nenhum da raça desse tempo.

Os Sete Princípios do Homem

Apresentamos aqui os sete princípios do homem, tais como são conhecidos pela filosofia yogue, tendo substituído, até onde foi possível, os termos sânscritos por termos ocidentais:

7 — *Espírito.*

6 — *Mente Espiritual.*

5 — *Intelecto.*

4 — *Mente Instintiva.*

3 — *Prana ou Força Vital.*

2 — *Corpo Astral.*

1 — *Corpo Físico.*

Trataremos rapidamente da natureza geral de cada um desses sete princípios, para que o estudante possa compreender as futuras referências que fizermos a eles, porém, só mais tarde, nessas lições, trataremos detalhadamente do assunto.

1 — O Corpo Físico

Dentre os sete princípios do homem, o corpo físico é, naturalmente, o mais visível. É o mais inferior na escala e é a mais tosca manifestação do homem. Mas isso não quer dizer que o físico deva ser descuidado ou desprezado. Pelo contrário, é um princípio muito necessário para o crescimento do homem no seu presente estado de desenvolvimento — é o templo do espírito vivente — deveria ser solícitamente assistido e cuidado, com o fim de fazer dele um instrumento mais perfeito. Temos unicamente que olhar em derredor de nós para ver como os corpos físicos dos diversos homens mostram os diferentes graus de crescimento e progresso, sob o *controle mental*. É um dever de todo homem desenvolvido e adiantado, levar o seu corpo ao mais alto grau de perfeição, para que possa ser usado com a máxima utilidade. O corpo deveria ser mantido em boas condições, são e preparado para obedecer às ordens da mente, em vez de ser a mente dirigida por ele, como tão freqüentemente acontece. O cuidado do corpo, sob o controle inteligente da mente, é um importante ramo da filosofia yogue, conhecida como Hatha-Yoga, que dá os ensinamentos yogues sobre esse muito importante ramo do desenvolvimento próprio. A filosofia yogue ensina que o corpo físico é constituído de células,

contendo cada célula em si mesma uma "vida" em miniatura que controla a sua ação. Essas "vidas" são realmente fragmentos da mente inteligente de um certo grau de crescimento, que dá capacidade às células, para executarem com propriedade a sua obra.

Esses fragmentos de inteligências estão subordinados, naturalmente, ao controle da mente central do homem e obedecem com facilidade às ordens do quartel-general, dadas consciente ou inconscientemente. Tais células-inteligências manifestam uma perfeita adaptação para a sua obra particular. A ação seletiva das células, extraindo do sangue a nutrição necessária e rechaçando aquilo que não é pedido, é um exemplo dessa inteligência. O processo da digestão, assimilação, etc., demonstra a inteligência das células, separadas ou coletivamente em grupos. O processo da cura das feridas, a rapidez das células em acudir aos pontos onde há maior necessidade delas e centos de outros exemplos conhecidos do estudante de Filosofia, são; para o estudante yogue, exemplos da "vida" em cada átomo. Cada átomo é, para o yogue, uma coisa vivente, com a sua vida própria e independente. Esses átomos se combinam em grupos para algum fim, e o grupo manifesta uma inteligência coletiva, conquanto permaneça como grupo; os grupos combinam-se de novo, por sua vez, e formam corpos de uma natureza mais complexa, os quais servem de veículos para formas mais elevadas de consciência.

Quando chega a morte, para o corpo físico, as células se separam e se espargem, dando lugar ao que chamamos decomposição. A força que mantinha as células unidas se retira, e ficam estas em liberdade para seguir cada uma o seu caminho próprio e formar novas combinações. Algumas vão fazer parte do corpo das plantas das imediações e, eventualmente, encontram-se novamente no corpo de um animal; outras permanecem no organismo das plantas; outras ficam no solo por um tempo, mas a vida do átomo significa incessante e constante mudança, incessante e constante transformação. Como disse um ilustrado escritor: "A morte é apenas um aspecto da vida, e a destruição de uma forma material é só prelúdio para a construção de outra".

Não dedicaremos maior espaço à consideração do físico, por ser esse um tema geralmente conhecido; e, além disso, os nossos estudantes estarão ansiosos por ser conduzidos a outros assuntos que não lhes são tão familiares. Conseqüentemente, deixaremos esse primeiro princípio e passaremos ao segundo, desejando, porém, lembrar outra vez ao estudante que o primeiro passo no desenvolvimento yogue consiste no domínio do corpo físico, ao qual se deve prestar cuidado e atenção. Teremos mais o que dizer sobre o assunto, antes de terminar este curso.

2 — O Corpo Astral

Este segundo princípio do homem não é tão bem conhecido como seu irmão, o corpo físico, embora esteja em íntima relação com ele e seja na aparência sua cópia exata. O corpo astral foi conhecido em todas as épocas e tem dado lugar a muitas superstições e mistérios, devido ao pouco conhecimento de sua natureza.

Tem sido chamado corpo etéreo, corpo fluídico, duplo, fantasma, *Doppelgänger*, etc. É composto de matéria de uma classe mais sutil do que a de nosso corpo físico, mas que não obstante, não deixa de ser matéria.

Para dar uma idéia mais clara do que queremos dizer, chamamos a vossa atenção sobre a água, a qual se manifesta em várias formas bem conhecidas. A água, em certa temperatura um pouco mais elevada, assume a sua mais conhecida forma, chamada *água*, e à temperatura ainda mais elevada, escapa-se na forma chamada *vapor*, se bem que o vapor verdadeiro seja invisível ao olho humano e torna-se visível somente quando se mistura com o ar e a sua temperatura desce um pouco.

O corpo astral é a cópia exata do corpo físico e pode ser separado deste em certas circunstâncias. Ordinariamente, a separação consciente é questão de considerável dificuldade; mas as pessoas de um certo grau de desenvolvimento psíquico podem separar seu corpo astral e freqüentemente fazer nele longas viagens. Aos olhos de um clarividente, o corpo astral é uma exata reprodução do corpo físico, unido a este por um delgado cordão como que de seda.

O corpo astral continua existindo algum tempo depois da morte da pessoa à qual pertenceu e, em certas circunstâncias, é visível às pessoas vivas e é chamado fantasma. Há outros meios pelos quais os espíritos daqueles que se foram podem chegar a manifestar-se, e o invólucro astral, que algumas vezes se vê depois de haver sido abandonado pela alma desencarnada, não é mais, em tais casos, do que um cadáver de matéria mais sutil do que o seu duplo físico. Em tais casos, não tem vida nem inteligência, e não é nada mais além de uma nuvem, vista no espaço, que tem alguma aparência com a forma humana. É um cascão e nada mais. O corpo astral de um moribundo é projetado, algumas vezes, por um ardente desejo e, em tais ocasiões, é visto pelos parentes e amigos com os quais está em simpatia. Muitos são os casos dessa classe que se tem recordação, e o estudante provavelmente conhecerá algum. Diremos mais alguma coisa acerca do corpo astral e dos invólucros astrais em outras lições deste curso. Teremos ocasião de entrar em detalhes mais extensos, quando chegarmos ao capítulo sobre o Plano Astral; e, de fato, o corpo astral fará parte de várias lições.

O corpo astral é invisível à visão vulgar, mas é percebido facilmente por aqueles que têm um poder clarividente de certo grau. Sob certas circunstâncias, o corpo astral de uma pessoa viva pode ser visto por amigos e outros, mas são requeridas, para tal, certas condições mentais, tanto por parte da pessoa como por parte do observador. Naturalmente, o ocultista preparado e desenvolvido pode projetar conscientemente o seu corpo astral e fazê-lo aparecer por vontade

própria; porém, tais poderes são raros e são adquiridos unicamente depois de haver alcançado um certo grau de desenvolvimento.

O adepto vê o corpo astral elevando-se do corpo físico, à hora em que a morte se aproxima. É visto pairando sobre o corpo físico, ao qual está ligado por delgado fio. Quando o fio se quebra, a pessoa morre e a alma parte, levando consigo o corpo astral, o qual, por sua vez, depois, também é abandonado, como o foi antes o corpo físico. Deve-se ter presente que o corpo astral é simplesmente um grau de matéria mais delicada e que é apenas um veículo para a alma, da mesma forma que é o corpo físico, e que ambos são abandonados no tempo oportuno. O corpo astral, da mesma forma que o físico, desintegra-se depois da morte, e as pessoas de natureza psíquica vêem, algumas vezes, nos cemitérios, os seus fragmentos que se dissolvem sob a forma de uma luz azul-violácea.

Estamos simplesmente chamando a atenção sobre os diferentes veículos da alma do homem, os seus sete princípios, e nos devemos apressar a passar ao próximo. Desejaríamos falar-vos do interessante fenômeno do Eu, quando deixa o corpo físico e se fixa no seu corpo astral, enquanto estamos dormindo. Teríamos prazer em dizer-vos o que acontece durante o sono e como se pode dar ordens a seu ser astral para obter certas informações ou resolver problemas enquanto se está profundamente adormecido; porém, isso pertence a outra fase do nosso estudo e devemos passar adiante, depois de simplesmente estimular o vosso apetite. Desejamos que fixeis bem em vossa mente estes sete princípios, com o fim de que possais compreender os termos, quando mais tarde os usarmos.

3 — Prana ou Força Vital

Dissemos alguma coisa sobre o Prana em nosso livro *Ciência da Respiração*, o qual muitos dentre vós têm lido. Como foi dito nesse livro, Prana é a energia universal, porém, em nossa consideração sobre ele, nos limitaremos a essa manifestação de Prana, à qual chamamos força vital. Essa força vital encontra-se em todas as formas de vida — desde a ameba até ao homem — desde a mais elementar forma de vida vegetal até a mais elevada forma de vida animal. Prana a tudo penetra. É encontrado em todas as coisas que têm vida e como a filosofia oculta ensina que a vida está em todas as coisas — em cada átomo — a aparente falta de vida em algumas coisas é unicamente um grau menor de manifestação; devemos compreender que Prana está em todas as partes e em todas as coisas. Prana não é o Ego, mas simplesmente uma forma de energia usada pelo Ego em sua manifestação material.

Quando o Ego parte do corpo físico e ocorre o que chamamos "morte", o Prana, livre, então, do controle do Ego, responde unicamente às ordens dos átomos individuais, os seus grupos que formaram o corpo físico e à medida que este se desintegra e se resolve em seus elementos originais, cada átomo retém em si suficiente Prana que o torna capaz de formar combinações, tornando o que sobeja ao grande depósito donde procede.

Prana está em todas as formas da matéria e, não obstante, não é matéria; é a energia ou força que anima a matéria. Esse problema de Prana foi profundamente estudado no nosso livro acima citado, e não queremos distrair o tempo dos estudantes, repetindo o que já foi dito. Porém, antes de entrar no próximo princípio, desejaríamos dirigir a atenção do estudante para o fato de que Prana é a força em que se baseiam a cura magnética, grande parte da cura mental, o tratamento das moléstias a distância, etc. Aquilo que por muitos tem sido chamado magnetismo humano é, realmente, Prana.

Na *Ciência da Respiração* vos demos indicações para aumentar a quantidade de Prana no vosso sistema, distribuí-lo pelo corpo, fortalecendo cada parte e órgão e estimulando cada célula. Pode ser dirigido e utilizado para aliviar a própria dor e a de outros enviando à parte afetada uma porção de Prana extraído do ar. Pode ser enviado a distância para agir sobre outras pessoas. O pensamento do operador transmite e dá cor ao Prana reunido com tal propósito e vai alojar-se no organismo psíquico do paciente. Como as ondas de Marconi, é invisível ao olho humano (com exceção de certas pessoas que obtiveram um grau mais elevado de poder clarividente), passa através dos obstáculos que se interpõem à sua passagem, e dirige-se à pessoa que está em condições de recebê-lo.

Essa transferência de Prana sob a direção da vontade é o princípio em que se fundam a transmissão do pensamento, a telepatia, etc. Cada um de nós pode rodear-se de uma aura de Prana, intensificada com forte e positivo pensamento que o fará capaz de resistir às ondas adversas de pensamentos de outros e lhe tornará possível viver sereno, numa atmosfera de pensamentos antagônicos e inarmônicos.

Aconselhamos aos nossos estudantes que tornem a ler a parte da *Ciência da Respiração* que trata do uso de Prana. Propomo-nos a entrar em maiores detalhes acerca dessa fase do estudo, durante o curso das lições, mas a *Ciência da Respiração* dá uma idéia fundamental da natureza de Prana e os métodos para seu uso, e os estudantes farão bem em refrigerar suas mentes no que concerne ao assunto.

Não queremos cansar-vos com a descrição de cada um dos sete princípios, pois compreendemos que deveis estar impacientes para entrar nas fases mais interessantes do assunto. Mas é absolutamente necessário que obtenhais uma idéia clara desses sete princípios, para que possais compreender o que se seguir posteriormente, evitando assim a necessidade de tornar atrás para rever a lição insuficientemente estudada.

Deixaremos o assunto de Prana e passaremos a tratar do próximo princípio, mas confiamos em que não deixareis essa parte da lição, sem haverdes adquirido uma idéia clara e precisa de Prana, de suas qualidades e uso. Estudai a nossa *Ciência da Respiração* até compreenderdes alguma coisa de Prana.

Os Princípios Mentais

O leitor ocidental que tenha estudado os escritos de alguns dos psicólogos ocidentais modernos, reconhecerá na mente instintiva certos atributos daquilo a que chamam mente subjetiva ou subconsciente e de que falam freqüentemente os referidos escritores. Esses escritores descobriram no homem essas características como também certas fases mais elevadas da mente (procedentes da Mente Espiritual), e, sem se deterem a procurar mais, expuseram nova teoria de que o homem é possuidor de duas mentes, isto é, a objetiva e a subjetiva ou, como alguns a denominam, a consciente e a subconsciente. Isto, até certo ponto, é muito bom, mas esses investigadores colocam a mente consciente à parte e amontoam todo o restante no que chamam a mente subconsciente ou subjetiva, sem atenderem ao fato de que, por essa forma, enlaçam e misturam as qualidades mais elevadas com as mais inferiores da mente, colocando-as na mesma categoria e deixando à parte a qualidades intermediárias. As teorias da mente subjetiva e subconsciente provocam a confusão, porque o estudante encontra agrupados, sob a mesma classificação, os mais sublimes esplendores do gênio e as mais ignaras tolices do homem de incipiente desenvolvimento, sendo a mente deste último quase que completamente subjetiva.

Aos que tenham lido essas teorias, lhes poderíamos dizer que tal leitura os ajudará materialmente a compreender os três princípios mentais do homem, contanto que relembrem que a consciência ou mente objetiva corresponde muito de perto ao intelecto da filosofia yogue, e que as porções mais inferiores da mente subjetiva ou subconsciente são as que os yogues denominam princípio da *mente instintiva*; enquanto que as mais elevadas e sublimes qualidades da mente — que os escritores ocidentais têm notado e agrupado em união com as qualidades mais inferiores, formando suas teorias da mente subjetiva e mente subconsciente — correspondem ao princípio *mente espiritual* dos yogues, com a diferença de que a mente espiritual tem propriedades e qualidades adicionais, nas quais os teoristas ocidentais jamais pensaram.

À medida que tratarmos de cada um desses três princípios mentais, notareis os pontos de semelhança e os de diferença entre os ensinamentos yogues e as teorias ocidentais.

Desejamos, entretanto, que seja claramente compreendido que não queremos rebaixar o mérito justamente alcançado por esses investigadores ocidentais; com efeito, os yogues tem para com eles uma dívida de gratidão por prepararem as mentes ocidentais para ensinamentos mais completos. O estudante que leu as obras dos referidos escritores, achará muito mais fácil a apropriação da idéia dos três princípios mentais do homem, do que aqueles que nunca ouviram falar de divisão alguma no funcionamento da mente. A nossa razão principal em chamar a atenção para o erro da teoria ocidental de mente dual, é que à mente do yogue é doloroso ver aquilo que ele conhece como a mais elevada manifestação da mente; aquilo que é o lugar da inspiração e dos resplendores do gênio; aquilo que está em contacto com o espírito puro (a mente espiritual); aquilo que apenas está começando agora a despertar nos homens de progresso e desenvolvimento misturado, confundido e posto na mesma categoria do princípio mental inferior (a mente instintiva). Esta, embora necessária e útil ao homem sob a direção do seu princípio mais elevado, é, não obstante, uma coisa comum ao homem menos desenvolvido e até mesmo à forma mais inferior do reino animal; mais ainda: até ao vegetal. Confiamos em que o estudante libertará a sua mente de idéias preconcebidas sobre esse importante assunto e ouvirá com atenção o que temos para dizer, antes de formar opinião decisiva.

Em nossa próxima lição entraremos em detalhes concernentes a cada um dos três princípios mentais.

2ª LIÇÃO - OS PRINCÍPIOS MENTAIS

Em nossa primeira lição chamamos rapidamente a vossa atenção para os três princípios inferiores do homem, isto é: 1 — *O Corpo Físico*; 2 — *O Corpo Astral*; 3 — *Prana* ou *Força Vital*. Também tocamos no assunto dos princípios mentais que constituem o quarto, quinto e sexto, respectivamente, dos sete princípios do homem.

7 — *Espírito*.

6 — *Mente Espiritual*.

5 — *Intelecto*.

4 — *Mente Instintiva*.

Esta terminologia não é de todo satisfatória, mas adotamo-la preferivelmente às palavras sânscritas, por serem estas demasiado confusas para o termo médio dos estudantes ocidentais.

Os três princípios inferiores são os mais materiais, e os átomos de que estão compostos são, naturalmente, indestrutíveis, continuando a existir sempre sob formas e aspectos inumeráveis; mas esses princípios, naquilo que diz respeito ao Ego, são simplesmente coisas para serem usadas em conexão com uma vida terrestre particular, exatamente como um homem usa roupas, calor, eletricidade, etc., que não formam parte da sua natureza mais elevada.

Os quatro princípios superiores, pelo contrário, constituem a parte pensante do homem — a parte inteligente, por assim dizer. Até o mais inferior dos quatro — a mente instintiva — faz parte da porção mais elevada do homem.

Aqueles que não têm considerado profundamente o assunto estão mui dispostos a supor absurda a idéia de que a mente do homem funciona sobre mais de um plano. Apesar disso, os estudantes de Psicologia há muito tempo reconheceram já a variedade de fases das operações mentais e propuseram muitas teorias para explicá-las. Esses estudantes reconhecerão que só a filosofia yogue dá a chave do mistério.

Aqueles que tenham estudado as teorias da mente dual de certos escritores ocidentais, acharão também mais fácil conceber mais de um plano de mentalidade.

À primeira vista, poderá parecer que a parte consciente e raciocinadora da mente do homem faz a maior parte da obra, se de fato não a faz toda. Mas, um pouco de reflexão nos mostrará que a obra consciente, raciocinadora da mente é apenas insignificante fração de sua tarefa.

A mente do homem funciona sobre três planos de esforço, cada um dos quais se dissipa imperceptivelmente nos planos imediatos — o próximo inferior e o imediato superior. — O estudante pode considerar o assunto, seja com uma mente que funciona em três direções, ou como três mentes, matizando-se umas nas outras; ambos os pontos de vista são mais ou menos certos; a verdade real é demasiado complexa para ser considerada detalhadamente em lições elementares. O principal é gravar bem a idéia da mente para que possa servir de base a informações futuras.

Trataremos rapidamente das várias mentes ou planos de esforço mental, começando pelo mais inferior, a mente instintiva.

4 — A Mente Instintiva

Este plano de mentação⁽¹⁾, pelo menos nas suas formas inferiores, possuimo-lo em comum com os animais irracionais. É o primeiro plano da mentação alcançada na escala da evolução. As suas fases mais inferiores começam do ponto no qual a consciência é, apenas, evidente e se estende desde este ponto inferior na escala, até o que manifesta um grau muito elevado de consciência, em comparação com as suas fases mais inferiores; de fato, quando em seu desenvolvimento chega ao quinto princípio, é difícil distingui-lo das mais inferiores formas deste.

Os primeiros alvares da mente instintiva podem ver-se até no reino mineral, mais particularmente nos cristais, etc. Depois, no reino vegetal toma-se mais distinta e mais elevada na escala, e algumas plantas das famílias superiores manifestam quase que uma forma rudimentar de consciência. Em seguida, no reino animal vêem-se manifestações da mente instintiva em aumento, desde a quase inteligência vegetal das formas inferiores, até que atingem um grau quase igual ao das formas inferiores da vida humana. Mais tarde, no homem, vemos, matizando-se na forma mais elevada do homem de nossos dias, o quinto princípio — intelecto — dirigindo em certa extensão e subordinando o quarto princípio seja sábia ou torpemente. Mas, lembrai isto: até o homem mais elevado tem consigo o quarto princípio - a mente instintiva e em diversos graus, dela se serve ou por ela é influenciado. A mente instintiva é muito útil ao homem neste período especial do seu desenvolvimento. De fato, sem ela não poderia existir como ser físico, e pode fazer dela um muito valioso servidor, se a compreende; mas ai dele, se deixa de fiscalizá-la e lhe permite usurpar prerrogativas que pertencem ao seu irmão mais elevado! Neste ponto, é oportuno chamar a vossa atenção para o fato de que o homem é ainda uma criatura em desenvolvimento; não é, de forma alguma, um produto determinado. Ele adquiriu o seu presente grau de crescimento depois de uma fatigante jornada; não obstante, agora está apenas na aurora e o pleno dia está ainda longínquo. O quinto princípio - o intelecto - cresceu e progrediu até um certo grau, particularmente nos homens mais adiantados de nossos dias; porém, para muitos, está simplesmente começando a desenvolver-se e progredir. Muitos homens são apenas pouco mais do que animais e as suas mentes funcionam quase que completamente sobre o plano instintivo. E todos os homens de hoje, com exceção de uns poucos, muito altamente desenvolvidos, têm necessidade de estar em guarda para evitar que a mente instintiva exerça ilicitamente o seu poder sobre eles, algumas vezes, quando abandonam a sua vigilância.

A parte mais inferior da obra da mente instintiva é análoga à mesma obra, que se manifesta no reino vegetal. A obra de nossos corpos é executada por esta parte da mente. A obra que consta de reparação, substituição, troca, digestão, assimilação, eliminação, etc., é executada por essa parte da mente, tudo por debaixo do plano da consciência. O admirável trabalho do corpo, quer esteja são ou doente, é fielmente realizado por essa parte de nossa mente, tudo sem o nosso conhecimento consciente. O trabalho inteligente de cada órgão, parte e célula do corpo, está sob a superintendência dessa

1 Empregaremos a palavra *mentação* para designar as diferentes fases das operações mentais. — (N. do T.)

parte da mente. Lede, na *Ciência da Respiração*, sobre o maravilhoso processo da circulação do sangue, sua purificação, etc., e compreendereis, embora fracamente, quão assombrosa é a obra da mente instintiva, mesmo nessa fase inferior. Apresentaremos algumas outras de suas operações no nosso próximo livro *Hatha-Yoga* (²), mas qualquer escola de Fisiologia vos dará uma idéia clara de sua obra, embora o autor não diga a causa que há atrás dela. Esta parte do trabalho da mente instintiva é bem executada nos animais inferiores, nas plantas e no homem, até que este começa a desenvolver um pequeno intelecto e principia a intervir freqüentemente na obra que pertence propriamente àquele plano da mente e lhe envia sugestões adversas, pensamentos de temor, etc. Não obstante, essa dificuldade não é mais do que temporária, porque quando o intelecto cresce e progride um pouco mais, vê o erro em que havia caído e começa praticamente a corrigir o inconveniente e a evitar a sua repetição.

Mas, tudo isso não é mais do que uma parte das prerrogativas da mente instintiva. À proporção que o animal progrediu na escala da evolução, certas coisas se tornaram necessárias para o seu bem-estar e proteção. Ele não podia raciocinar sobre estas coisas, e é assim que essa assombrosa inteligência, residindo subconscientemente na mente instintiva, se desenvolveu e progrediu, até que foi capaz de assenhorear-se da situação e dominá-la. Ela despertou o *instinto de luta no bruto*, para a sua conservação, e essa ação da mente instintiva, muito boa para o propósito visado e essencial para a preservação da vida do animal, está ainda em nós e de vez em quando se projeta na nossa mentalidade com um surpreendente grau de energia. Persiste ainda em nós grande parte do velho espírito de luta do animal, apesar de nos haveremos esforçado em controlá-lo e mantê-lo restrito, graças à luz obtida do desenvolvimento de nossas faculdades elevadas. A mente instintiva ensinou também ao animal como construir seus ninhos; ensinou-o a emigrar antes da aproximação do inverno, como invernar, e milhares de outras coisas melhor conhecidas dos estudantes de História Natural. Ela nos ensina como fazer muitas coisas que executamos instintivamente, encarregando-se também de tarefas que aprendemos a realizar por meio do nosso intelecto e que transferimos à mente instintiva, a qual depois as executa automaticamente ou quase maquinalmente. É assombrosa a quantidade de tarefas diárias que levamos a termo sob a direção de nossa mente instintiva, sujeita simplesmente a uma causal supervisão do intelecto. Quando aprendemos a fazer coisas *de memória*, é porque realmente já as executamos no plano intelectual e transferimo-las depois ao plano de mentação instintiva. A mulher com sua máquina de coser, o homem que faz funcionar o seu aparelho, o pintor com seus pincéis, todos encontram na mente instintiva um bom amigo e, de fato, o intelecto depressa sentir-se-ia cansado se tivesse que levar a efeito todas essas tarefas diárias.

Notai a diferença que há entre aprender e fazer uma coisa e fazê-la depois que foi aprendida. Essas manifestações da mente instintiva pertencem, naturalmente, às suas fases mais elevadas, e são devidas, em grande parte, ao seu contato e conjunção com o intelecto em seu crescimento progressivo.

A mente instintiva é também a origem do hábito mental. O intelecto (quer seja o do proprietário da mente instintiva ou o de algum outro homem) transmite idéias à mente instintiva, idéias que esta executa depois, fielmente, a não ser que essas idéias sejam corrigidas ou que se lhe dêem instruções melhores ou piores, pelo intelecto de algum outro. A mente instintiva é um curioso depósito, cheio de coisas recebidas de diversas procedências. Contém muitas coisas que recebeu hereditariamente, outras que se desenvolveram nela própria, e cujas sementes foram semeadas no tempo do primitivo impulso que deu começo à vida ao longo do caminho; outras recebidas do intelecto, inclusive sugestões de outrem, como também ondas-pensamentos, emitidas por outras mentes e às quais deu albergue. Existe ali toda a classe de sandices, como também de sabedoria. Trataremos esta parte do assunto em futuras lições, sob o título de *Sugestão, Auto-sugestão, Poder do Pensamento*, etc.

A mente instintiva manifesta diferentes graus de consciência, variando desde a quase absoluta subconsciência até a consciência simples dos mais elevados animais e formas inferiores do homem. A consciência do próprio Eu começa, no homem, com o desenvolvimento e progresso do intelecto, do qual falaremos em seu lugar apropriado. A consciência cósmica, ou universal, chega com o crescimento e progresso da mente espiritual, da qual também falaremos mais tarde. Esse crescimento gradual da consciência é um ramo muito interessante e importante do presente assunto, o qual será tratado e mencionado em diversos pontos deste curso.

Antes de passar ao próximo princípio, devemos chamar a vossa atenção para o fato de que a mente instintiva é o lugar dos apetites, paixões, desejos, instintos, sensações, sentimentos e emoções de ordem inferior, manifestados no homem, bem como nos animais. Há, naturalmente, idéias, emoções, aspirações e desejos mais elevados que o homem adiantado adquiriu, graças ao desenvolvimento da mente espiritual; mas os desejos animais, os sentimentos ordinários, emoções, etc., pertencem à mente instintiva. Todos os sentimentos pertencentes à nossa natureza emocional e passional, são deste plano. Todos os desejos animais, tais como a fome, a sede, os desejos sexuais (no plano físico); todas as paixões, tais como o amor físico, o ódio, a inveja, a malícia, os ciúmes, a vingança são uma parte dela. Os desejos pelo físico (a não ser que sejam como um meio para a aquisição de coisas elevadas), o afã pelo que é material, tudo pertence a esse plano. A "concupiscência da carne, a concupiscência dos olhos, o orgulho da vida" estão sobre este plano. Este princípio é o mais

2 Editora Pensamento.

material dos três princípios mentais, e aquele que mais intimamente pode ligar-nos à terra e às coisas terrenas. Recordai-vos que não estamos condenando as coisas materiais ou terrenas — todas são boas no seu lugar adequado; mas o homem, em seu desenvolvimento, chega a ver estas coisas tão somente como um meio para chegar a um fim — somente como um passo na evolução espiritual. E com uma visão mais clara, ele cessa de estar ligado tão intimamente ao lado material da vida, e, em vez de considerá-la como o objetivo e fim de todas as coisas, vê que é, no máximo, apenas um meio para um fim mais elevado. Muitos dos instintos do bruto subsistem ainda em nós e estão muito em evidência na pessoa pouco desenvolvida. Os ocultistas aprendem a refrear e a controlar estes instintos inferiores e a subordiná-los aos ideais mentais mais elevados que se lhes apresentam.

Não vos desanimeis, queridos estudantes, se achais ainda em vós muito do que pertence ao animal. Não é um sinal de perversidade ou maldade; o fato de reconhecê-lo, é um indício de que o crescimento e o progresso começaram; porque antes disso a mesma coisa estava ali no mesmo lugar, sem ser reconhecida. Conhecimento é poder; aprendei a conhecer os vestígios da natureza animal que há em vós e chegareis a ser como que domadores de feras. Os princípios mais elevados não de sempre obter o domínio, mas para realizar tal tarefa é preciso paciência, fé e perseverança. Estas coisas do bruto foram legítimas no seu tempo — o animal teve necessidade delas — foram boas para o propósito intentado, porém, agora que o homem está atingindo pontos mais elevados do Caminho, vê mais claro e aprende a subordinar as partes inferiores de si mesmo às mais elevadas.

Os instintos inferiores não foram implantados em vossa natureza pelo demônio; foram indispensáveis para o vosso crescimento e progressivo aperfeiçoamento. Vieram, com o processo evolutivo, como uma coisa própria natural, mas preencheram já o seu objetivo, e agora podem ser deixados para trás. Conseqüentemente, não temais essas heranças do passado; podeis abandoná-las ou subordiná-las ao mais elevado, à proporção que avançardes ao longo da senda. Não as desprezeis, ainda mesmo que as tiverdes debaixo dos pés; elas são os degraus pelos quais alcançastes o vosso elevado estado presente e mediante as quais alcançareis alturas mais elevadas.

5 - O Intelecto

Chegamos, agora, ao princípio mental que distingue o homem do bruto. Os quatro primeiros princípios possui-os o homem em comunhão com as formas inferiores da vida, mas quando o quinto princípio começa a desenvolver-se, é sinal de que o homem atingiu uma importante etapa da jornada na vereda da realização, e sente que se manifesta nele a sua condição humana.

Tende presente, agora, que não há uma violenta mudança ou notada transição entre a consciência do quarto para o quinto princípio. Como explicamos anteriormente, matizam-se uns aos outros e misturam-se como as cores do espectro. À proporção que o intelecto se desenvolve e progride, ilumina tênueamente o quarto princípio, dotando do razão a vida instintiva. A consciência simples se matiza na consciência do Eu. Antes do claro e nítido aparecimento do quinto princípio, tendo o ser os quatro princípios bem desenvolvidos, possui paixões, mas não razão; emoções, mas não intelecto; desejos, mas não vontade raciocinadora. É o vassalo que espera o monarca; o adormecido que aguarda o toque mágico daquele que foi enviado para acordá-lo do profundo sono do encantamento. É o bruto que espera a vinda daquilo que o transformará em homem.

Em alguns animais, o quarto princípio atraiu para si as sombras mais inferiores do quinto, e o animal manifesta sinais de um fraco raciocínio. Por outra parte, em algumas das formas inferiores do homem — o boximane, por exemplo, — o quarto princípio foi apenas pouco perceptivelmente matizado pelos alvares do quinto princípio, e o homem é apenas pouco mais que um bruto; em verdade, é mais bruto, mentalmente, que alguns dos animais domésticos mais elevados, os quais, tendo estado, durante muitas gerações, em íntima companhia com o homem, foram tonalizados por suas emanações mentais.

O primeiro sinal do desenvolvimento real do quinto princípio, o intelecto, é o amanhecer da consciência do Eu. Para compreender melhor isso, consideremos o que a consciência é realmente.

Nos animais inferiores há muito pouco daquilo que chamamos consciência. A consciência neles é pouco mais do que simples sensação. A vida nesses estados primitivos é quase automática. A mentação segue quase que completamente as linhas subconscientes e se manifesta tão-somente naquilo que concerne à vida física do animal — a satisfação de suas necessidades primitivas. Posteriormente, essa consciência rudimentar se desenvolve no que os psicólogos chamam consciência simples. A consciência simples é uma percepção das coisas exteriores — uma percepção e reconhecimento de outras coisas que não o Eu interno. A atenção consciente é levada para o exterior. O animal ou homem de ordem inferior não pode pensar em suas esperanças e temores, suas aspirações, seus projetos, seus pensamentos e depois compará-los com semelhantes pensamentos de outros seres da sua espécie. Não pode voltar o seu olhar para o interno e especular sobre coisas abstratas. Aceita as coisas sem perguntar nem discutir. Não tenta encontrar soluções para as questões internas, porque não percebe que tais questões existem.

Com o advento da consciência do Eu, começa o homem a formar uma concepção do Ego. Começa a comparar-se com os outros e a raciocinar sobre tal fato. Adquire um cabedal mental e tira conclusões daquilo que acha em sua mente.

Começa a pensar por si mesmo, a classificar, a analisar, separar, deduzir, etc. À proporção que progride, começa a julgar as coisas por si próprio e transmite novas sugestões à mente instintiva. Começa a confiar em sua própria mente, em vez de aceitar cegamente o que flui da mente dos outros. Começa a criar por si mesmo e não permanece por mais tempo um mero autômato mental.

E de um simples vislumbre de inteligência consciente desenvolve-se a mais elevada inteligência atual. Um escritor moderno expressa rigorosamente esse crescimento nas seguintes palavras: "Durante alguns centos de anos, uma ascensão realizou-se no plano geral da consciência do Eu, gradual para a visão humana, porém rápida desde o ponto de vista da evolução cósmica. Numa raça de grande cérebro, andar airoso, rebanho brutal, porém rei de todos os outros brutos, homens em aparência, mas não de fato, da mais elevada consciência simples nasceu a faculdade básica humana da consciência do Eu e sua irmã gêmea, a linguagem. E da consciência do Eu, da linguagem, e da que com elas veio, através de sofrimentos, trabalhos e guerras; através da bestialidade, selvageria e barbaria; através da escravidão, a voracidade e o esforço; através de conquistas infinitas, de derrotas esmagadoras, de lutas intermináveis; através de idades da existência semibrutal e sem alvo; através da alimentação com frutas silvestres e raízes; através do uso da pedra ou do pau casualmente encontrado; através da vida em profundas selvas, com sementes e nozes, e nas ribeiras, com moluscos, crustáceos e peixes por alimento; através da maior, talvez, das vitórias humanas: a conquista e o uso do fogo; através da invenção e a arte do arco e a flecha, através da domesticação do animal e da sua utilização no trabalho; através da fabricação do adobe e de seu emprego na construção de moradias; através da fundição de metais e do lento nascimento das artes que sobre eles se baseiam; através da lenta formação de alfabetos e da evolução da palavra escrita; através, enfim, de milhares de séculos de vida humana, de humana aspiração e do crescimento humano, surgiu o mundo de homens e mulheres tal como o contemplamos hoje, com todas as suas aquisições e conquistas".

A consciência do Eu é uma coisa fácil de compreender, mas difícil de definir. Um escritor expressou-a bem, quando disse que sem a consciência do Eu, uma criatura pode conhecer; porém, somente com o auxílio desta consciência lhe é possível conhecer que ele conhece.

E, com esse desenvolvimento do intelecto, vêm os princípios de todas as assombrosas aquisições da mente humana da atualidade.

Mas, apesar da grandeza dessas aquisições, são insignificantes em comparação com o que ainda está perante a raça. De vitória em vitória o, intelecto progredirá. Em seu desenvolvimento e crescimento progressivo, à proporção que começa a receber mais e mais luz do princípio próximo mais elevado, a mente espiritual realizará coisas ainda não sonhadas. E, não obstante, pobre mortal, tem presente que o intelecto é o terceiro na escala dos princípios que está abaixo — a mente instintiva. Não façais do intelecto um deus; não permitais que vos cegue o orgulho intelectual.

Para fazer notar mais claramente a importância do despertar da consciência do Eu, diremos que a doutrina oculta ensina que, uma vez que o Eu foi sentido e reconhecido, começa a verdadeira vida consciente da alma.

Não nos referimos à vida que vem depois do despertar espiritual — esse é um estado ainda mais elevado — mas do despertar mental da alma à consciência do Eu. Esse é o estado onde o menino Ego começa a sua existência, acordado. Antes desse tempo, dormitava, vivo, mas não consciente de si mesmo, e agora está no tempo do trabalho, das penas e dos nascimentos.

A alma tem que fazer frente a novas condições e vencer muitos obstáculos antes de atingir a maturidade espiritual. Passará por muitas experiências, muitas provas terá que suportar; entretanto, o progresso se efetua cada vez mais. Algumas vezes pode deter-se e até pode parecer que retrocede; mas tais obstáculos são vencidos rapidamente e a alma empreende de novo a sua jornada. Não há um retrocesso real na senda e, por lento que pareça o progresso, cada um de nós avança resolutamente.

Esperamos poder chegar ao assunto do sexto princípio, a mente espiritual, nesta lição, mas vemos que temos espaço suficiente à nossa disposição, de forma que devemos definir esta muito interessante questão, como também a do sétimo princípio, o espírito, até a próxima lição. Compreendemos que os nossos estudantes estão ansiosos para seguir adiante, e pela mesma razão empregamos o menor tempo possível na tarefa; mas há certas verdades fundamentais que devem ser claramente compreendidas antes de atrevermo-nos a dar outro passo.

Muitas são as lições que se podem tirar da mente instintiva e do intelecto, e este é um lugar oportuno para considerá-las. Uma dessas lições é que o acordar do intelecto não torna necessariamente a criatura um ser melhor no sentido de ser boa. Embora seja certo que o desenvolvimento de um princípio ou faculdade dará ao homem uma tendência progressista, é certo também que alguns homens estão tão profundamente presos nas dobras da envoltura animal, tão ligados ao lado material das coisas, que o intelecto tende, unicamente, a dar-lhes aumentados poderes para satisfazerem seus desejos e inclinações inferiores. O homem pode, se a isso se inclina, exceder em bestialidade às próprias bestas e descer a profundidades às quais as próprias bestas nunca chegariam a descer. A besta é governada unicamente pelo instinto, e as suas ações tão espontâneas são perfeitamente naturais e próprias dela; o animal não é vituperável por seguir os impulsos de sua natureza, mas o homem, no qual se desenvolveu o intelecto, conhece que é contrário à sua natureza mais elevada descer ao nível das bestas — sim, certamente, e até mais baixo mesmo. Agrega os desejos do bruto a astúcia e

a inteligência que desenvolveu, e deliberadamente prostitui o seu princípio mais elevado, na tarefa de proporcionar satisfação às inclinações animais.

Muito poucos animais abusam de seus desejos — isso, só o fazem alguns homens. Quanto maior é o grau de inteligência desenvolvida no homem, tanto maior é a sua possibilidade para descer às mais baixas paixões, apetites e desejos. O homem cria novos desejos animais, edifica por si mesmo ou, antes, sobre os alicerces do bruto. Não há necessidade de afirmar que todo ocultista sabe que tal proceder trará certas conseqüências, resultando daí que a alma terá que empregar muitos anos de penosas fadigas em percorrer de novo o caminho que havia desandado. O seu progresso foi retardado e ela será impelida a recorrer o caminho para a liberdade, em comum com as naturezas bestiais de criaturas sem desenvolvimento. Achar-se-á no mesmo ponto da jornada que elas e tendo ainda uma carga adicional, pelo horror que lhe produz a consciência das circunstâncias que a rodeiam; enquanto que seus companheiros não têm tal consciência e, conseqüentemente, não sofrem. Se podeis imaginar um homem civilizado e culto, tendo que viver entre os boximanes da Austrália por muitos anos, com lembrança completa do que perdeu, podereis formar uma débil idéia do destino reservado para aquele que, deliberadamente, prostitui os seus poderes elevados na satisfação de fins e desejos baixos. Mas, mesmo para uma alma tal, há libertação — com o tempo.

Que a vossa natureza mais elevada esteja em guarda e recuse retroceder à vida do bruto, pela qual passou. Mantende o vosso olhar fixo para o alto e que o vosso lema seja: — Adiante. A natureza do bruto pode puxar para baixo, mas a mente espiritual vos estenderá uma protetora mão e vos sustentará, se confiardes nela. O intelecto está entre as duas e pode ser influenciado por ambas ou por qualquer delas. Fazei vossa eleição, ó alma lutadora! A vossa ajuda está em vós; atendei-a e não permitais serdes arrastada pelas tendências da mente animal. Manifestai o Eu em vós e sede fortes. Sois uma alma imortal e vos encaminhai para coisas cada vez ainda mais grandiosas.

A paz seja convosco.

3ª LIÇÃO - OS PRINCÍPIOS ESPIRITUAIS

Em nossa segunda lição vos demos algumas noções do quarto e quinto princípios do homem, a saber: 4 — Mente instintiva, e 5 — Intelecto. Como dissemos antes, o homem passou já o estado do quarto princípio e acha-se atualmente no da consciência do quinto princípio: o intelecto. Um ou outro de nós desenvolveu o estado intelectual consideravelmente (se bem que praticamente só temos conquistado algumas milhas do novo território da mente, e há ainda uma grande tarefa diante de nós), enquanto que outros homens parecem ter uma consciência quase inteiramente dentro dos limites da mente instintiva e possuir, apenas, um vislumbre do intelecto. Não só isso é certo em relação às raças selvagens, mas também em relação a muitos, muitíssimos dos chamados civilizados, os quais não aprenderam ainda a pensar por si mesmos e abandonam a outros a tarefa de pensarem por eles e seguem certos condutores com a docilidade do carneiro. Não obstante, a raça vai em progresso lento, mas seguro e atualmente muitos pensam, coisa que antes nunca tinham feito — um número sempre crescente recusa tomar seus pensamentos de segunda mão e insistem em conhecer por si mesmos.

Quando consideramos que há muitos homens nos quais o quinto princípio, o intelecto, apenas começa a desenvolver-se e que a raça, em geral, só deu alguns passos no território do intelecto, começamos a compreender quão difícil é para qualquer de nós, exceto para o homem ou mulher de excepcional desenvolvimento espiritual, compreender, ainda que debilmente, os princípios ainda mais elevados. É algo como se um homem cego de nascimento procurasse compreender a luz; ou, como se um surdo de nascimento se esforçasse em fazer um conceito mental do som. Uma pessoa só pode formar idéia de alguma coisa da qual ache analogia em sua experiência. Um homem, que jamais tivesse provado um doce, não poderia formar uma idéia do que é o açúcar. Sem a experiência ou consciência de uma coisa, nossas mentes são incapazes de formar um conceito.

Porém, quase todos os que foram atraídos a essas lições, ou atraídos a nós por elas, já têm tido experiências que os habilitam a compreender alguma coisa do sexto princípio, e obtiveram vislumbres de consciência que os ajudarão a compreender alguma coisa da mente espiritual.

A inclinação para o oculto — a fome de mais luz da alma — é indicação de que o sexto princípio, a mente espiritual, está começando a insinuar-se em nossa consciência; e ainda que possam passar idades antes que acordemos à plena consciência espiritual, somos, não obstante, influenciados e ajudados por ela. Esta intranqüilidade espiritual freqüentemente nos causa um grande mal-estar, enquanto não nos encontremos no verdadeiro caminho do conhecimento. Ainda, mesmo depois disso, nos sentiremos mais ou menos descontentes pelas poucas migalhas que nos cairão da mesa do conhecimento. Porém, não desesperéis, buscadores da verdade; essas dores são unicamente as dores do nascimento espiritual — grandes coisas estão ante vós — tende coragem e não temais.

Para o fim desta lição falaremos do processo da iluminação ou consciência espiritual, a qual chegou ou está chegando para muitos de nós; e o que temos que dizer poderá lançar luz sobre muitas experiências que haveis tido e das quais não haveis encontrado até agora explicação.

Trataremos, agora, do assunto do sexto princípio, — a mente espiritual — o qual será mais ou menos claro para aqueles que têm tido vislumbres de consciência desse plano da alma, porém, cheio de dificuldades e "cantos escuros" para aqueles que ainda não adquiriram esse estado de desenvolvimento. O sétimo princípio — o espírito — está além da compreensão, exceto para as poucas almas altamente desenvolvidas e iluminadas, encarnadas ou desencarnadas, e que estão tão por cima do homem comum como o termo médio dos homens ilustrados está acima do boximane. Não só vos podemos apresentar o indispensável para dar-vos uma idéia intelectual geral do que se significa por espírito — a consciência dele está ainda muito longe da raça no seu presente estado. É bom, porém, conhecer a existência do espírito; isso nos ajudará a compreender alguma coisa da mente espiritual, a qual é o meio de comunicação entre o espírito e a consciência intelectual. Mas a compreensão da mente espiritual nos abre um mundo tão assombroso de pensamentos, que não nos aflige deixar a compreensão do espírito até aquele tempo em que alcancemos a consciência dele.

6 — A Mente Espiritual

O sexto princípio, a mente espiritual, foi chamado por alguns escritores a mente supraconsciente, termo bastante bom, pois faz a distinção entre a inferior mente subconsciente ou mente instintiva; a mente consciente ou intelecto; e a mente espiritual mesma, a qual, embora estando fora do campo da consciência humana ordinária, é, contudo, uma coisa muito diferente da inferior, ou seja, a mente instintiva.

Ainda que a existência efetiva da mente espiritual se tenha tornado manifesta somente a um limitado número de pessoas, há muitas que estão se tornando conscientes de um "algo interno" mais elevado, que as conduz a mais elevados e mais nobres pensamentos, desejos, aspirações e feitos. Existe ainda um número maior que recebe um fraco vislumbre da luz do espírito, e ainda que eles o ignorem, são mais ou menos influenciados por ele. Em realidade, a raça inteira recebe algum de seus raios benéficos, ainda que, em alguns casos, a luz esteja tão obscurecida pelos densos obstáculos materiais que rodeiam o homem, que o seu amanhecer espiritual é quase igual à escuridão da noite. Mas o homem continua em ininterrupto desenvolvimento progressivo, abandonando envoltura após envoltura e aproximando-se lentamente ao seu lar. A luz, a seu devido tempo, brilhará plenamente sobre todos.

Tudo quanto na mente humana julgamos bom, nobre e grande, emana da mente espiritual, e se desenvolve e cresce gradualmente na consciência ordinária. Alguns escritores orientais preferem dizer: projeta-se ou reflete-se, como indicando mais corretamente o processo pelo qual o raio de luz é enviado à consciência do homem que não alcançou ainda o estado super-humano da plena confiança espiritual. Tudo quanto tem chegado ao homem na sua evolução, que tende para a nobreza, verdadeiro sentimento religioso, bondade, humanidade, justiça, amor desinteressado, clemência, simpatia, etc., chegou a ele mediante o lento desenvolvimento de sua mente espiritual. Seu amor a Deus e ao homem originou-se desse modo. À proporção que o desenvolvimento vai sendo maior, a sua idéia de justiça se amplia, tem mais compaixão, aumenta o seu sentimento de fraternidade humana, cresce a sua idéia de amor e faz mais intensas todas as qualidades que os homens de todos os credos proclamam boas e todas as quais podem ser condensadas como a tentativa prática de viver os ensinamentos daquele grande mestre espiritual, quando enunciou essa grande verdade (bem compreendida pelos ocultistas de todos os credos, mas bem pouco por muitos que declaram ser seus discípulos), dizendo: "E tu amarás ao Senhor teu Deus com todo o teu coração e com toda a tua alma e com toda a tua mente e com toda a tua força", e "Tu amarás ao teu próximo como a ti mesmo".

À medida que a consciência espiritual do homem começa a desenvolver-se, principia a ter uma sensação permanente da realidade da existência do supremo poder e, crescendo com ela, acha que a sensação da fraternidade humana — a humana identidade — se manifesta gradualmente em sua consciência. Essas coisas não se adquire de sua mente instintiva, nem tampouco é o intelecto o que as faz sentir. A mente espiritual não vai em direção contrária ao intelecto; simplesmente, vai além do intelecto. A mente espiritual transmite ao intelecto certas verdades que encontra em suas regiões próprias, e o intelecto raciocina sobre elas. Porém, essas verdades não têm a sua origem no intelecto. O intelecto é frio, a consciência espiritual é cálida e vive de sentimentos elevados.

O crescimento do homem em direção a uma melhor e mais completa idéia do poder divino, não o recebe do intelecto, ainda que este raciocine sobre as impressões recebidas e procure exteriorizá-las em sistemas; credos, cultos, etc. Não é o intelecto o que nos dá a nossa crescente sensação da relação entre homem e homem — a fraternidade do homem. Permite que vos digamos por que o homem é agora mais bondoso que anteriormente para com a sua espécie e formas de vida inferiores a ele. Não é somente porque o intelecto lhe ensine o valor da bondade e do amor, pois o homem não se faz bondoso pelo frio raciocínio. Pelo contrário, o homem se torna bom e amoroso, porque nele nascem certos impulsos e desejos que procedem de algum lugar desconhecido que lhe tornam impossível ser de outro modo, sem sofrer mal-estar e dor. Esses impulsos são tão reais como outros desejos e impulsos; e, à proporção que o homem se desenvolve, esses impulsos chegam a ser mais numerosos e muito mais fortes. Comparai o mundo de alguns séculos atrás com o de hoje;

vereis quanto mais bondade e mais amor temos do que naqueles dias. Mas não nos desvanecemos por isso, porque aparecemos como simples selvagens aos olhos daqueles que virão depois de nós e que se assombrarão pela nossa falta de humanidade para com nossos irmãos.

À proporção que o homem se desenvolve espiritualmente, sente a sua relação com todo o gênero humano e começa a amar os seus semelhantes cada vez mais. É-lhe doloroso ver os outros sofrer, e quando a sua dor é muita, procura fazer alguma coisa para remediá-la. À proporção que o tempo passa e o homem se desenvolve, o terrível sofrimento de que hoje padecem muitos seres humanos será impossível, pela razão de que o desenvolvimento da consciência espiritual da raça fará que a dor seja tão violentamente sentida por todos e que, não sendo capazes de suportá-la, farão o possível em procurar o remédio. Do mais recôndito da alma eleva-se um protesto contra as práticas da natureza inferior animal e ainda que possamos fazer-nos de surdos por algum tempo, esse protesto se fará mais e mais persistente, até que nos vejamos obrigados a atendê-lo. A antiga história de que cada pessoa tem dois conselheiros, um em cada ouvido: — um aconselhando a seguir os mais elevados ensinamentos e o outro tentando-a para que prossiga na senda inferior — se vê praticamente certa, segundo o demonstram os ensinamentos ocultos a respeito dos três princípios mentais. O intelecto representa a consciência do Eu do termo médio das pessoas. Este Eu tem de um lado a mente instintiva, enviando-lhe os velhos desejos do seu antigo ser, os impulsos da vida menos evoluída do animal ou homem inferior, cujos desejos foram todos bons no estado inferior do desenvolvimento, mas são indignos do homem que se adianta. Por outro lado, a mente espiritual envia os seus impulsos de progresso ao intelecto e se esforça em atrair a consciência para si, a fim de ajudar o desenvolvimento do homem, para que possa dirigir e controlar a sua natureza inferior.

A luta entre as naturezas superior e inferior tem sido notada por todos os observadores cuidadosos da mente e do caráter humanos, e muitas têm sido as teorias emitidas para explicá-la. Em outros tempos, pensava-se que o homem era um ser tentado por um demônio, por uma parte, e ajudado por um anjo da guarda, por outra. Mas, a verdade conhecida de todos os ocultistas é que a luta tem lugar entre os dois elementos da natureza do homem, que não estão exatamente guerreando-se, mas cada um segue a sua linha de ação própria, ocasionando ao Eu amarguras e sofrimentos em seus esforços por afirmar-se. O Ego está num estado de transição de consciência, e a luta é muito dolorosa algumas vezes, mas, ao crescer o homem, ao seu devido tempo, eleva-se sobre a atração de sua natureza inferior e o despertar da consciência espiritual torna-o capaz de compreender o verdadeiro estado de seus assuntos, e o ajuda a exercer o seu domínio sobre o Eu inferior e a assumir uma atitude positiva para com ele, enquanto que, ao mesmo tempo, se abre à luz da mente espiritual mantendo uma atitude receptiva para ela, não se opondo ao seu poder.

A mente espiritual é também a origem da inspiração que certos poetas, pintores, escultores, escritores, pregadores, oradores e outros, têm recebido em todo o tempo e ainda hoje recebem. Essa é a fonte da qual o vidente obtém a sua visão — o profeta, as suas profecias. Muitos se têm concentrado sobre elevados ideais e têm recebido raros conhecimentos dessa origem, atribuindo-os a seres de outro mundo — a espíritos, anjos e a Deus mesmo; porém tudo isso têm-no recebido do seu interior — foi a voz do seu Eu superior que lhes falou. Não queremos dizer que não existam comunicações vindas ao homem de outras inteligências — muito longe disso, sabemos que inteligências elevadas se comunicam freqüentemente com o homem pelo canal de sua mente espiritual — porém muito daquilo que o homem tem atribuído a inteligências exteriores, realmente têm-no recebido de si mesmos. O homem, pelo desenvolvimento de sua consciência espiritual, pode colocar-se em um alto estado de relação e contato com essa parte mais elevada de sua natureza e pode chegar, assim, a possuir um conhecimento que o intelecto não se atreveria nem a sonhar.

Certos poderes psíquicos elevados abrem-se também ao homem desse modo, porém tais poderes raramente se obtêm antes do momento em que ele se eleva acima das atrações da parte inferior da sua natureza, porque, não sendo assim, poderia usar desses dons para baixos propósitos. Somente quando o homem cessa de desejar o poder para o seu uso pessoal é que o obtém. Tal é a Lei.

Quando o homem fica inteirado da existência da sua mente espiritual e começa a reconhecer as suas inspirações e ensinamentos, fortalece o seu laço de comunicação com ela e conseqüentemente recebe luz mais intensa. Quando aprendemos a confiar no espírito, este responde enviando os mais freqüentes resplendores de iluminação e sabedoria. À proporção que o homem adquire maior grau de consciência espiritual, tem mais confiança nesta voz interna, e é capaz de distingui-la mais facilmente dos impulsos dos planos inferiores da mente. Aprende a seguir os impulsos do espírito e aceita com alegria a mão guiadora que lhe estende. Muitos dentre nós têm aprendido a conhecer a realidade de que são conduzidos pelo espírito. Aqueles que têm experimentado essa condução não precisam que lhes digamos mais, porque reconhecerão exatamente o que queremos dizer. Aqueles que não a experimentaram ainda, deverão esperar até que o tempo chegue para eles, porque não podemos descrevê-lo, pois não há palavras para expressar aquelas coisas que estão além das palavras.

Para o fim dessa lição, daremos um breve esboço de uma outra das fases da iluminação ou despertar da consciência espiritual, a qual, para alguns de nós, já chegou e chegará a todos neste ou em futuros estados de seu desenvolvimento.

Devemos apressar-nos em fazer uma breve consideração daquilo que por nenhum de nós pode ser compreendido, senão muito fracamente — o sétimo princípio, o espírito.

7 — O Espírito

Como nos aproximarmos deste assunto que até as mentes encarnadas mais poderosas da época apenas fracamente podem compreender? Como pode o finito expressar ou compreender o infinito? O espírito, o sétimo princípio do homem, é a Chispa Divina — a nossa mais preciosa herança do poder divino — um raio do sol central — o Eu real. As palavras não o podem expressar. Nossas mentes falham ao pretender alcançá-lo. É a alma da Alma. Para compreendê-lo, deveríamos compreender a Deus, porque o espírito é uma gota no oceano do espírito — um grão de areia nas ribeiras do infinito — uma partícula da Sagrada Chama. É aquele algo interno que é a causa de nossa evolução através de penosas idades. Ele foi o primeiro em ser, e, não obstante, Ele será o último que aparecerá numa plena consciência. Quando o homem chegar a uma completa consciência do espírito, será tal o seu grau de elevação que semelhante ser é inconcebível para o nosso intelecto. Confinado em muitas envolturas de matéria, ele tem esperado durante longas e fadigas idades por um débil reconhecimento, e se conforma em esperar outras idades até a sua manifestação completa na consciência. O homem ascenderá muitos graus na escala do seu desenvolvimento — desde o homem até arcanjo — antes que o espírito se manifeste completamente. O espírito é aquilo interno no homem que mais se aproxima do Centro — é o mais próximo a Deus. É, apenas, em ocasionais e preciosos momentos que conhecemos a existência do espírito em nós e, em tais momentos, somos conscientes de estar perante a imponente presença do desconhecido. Esses momentos podem chegar quando se está entregue a profundos pensamentos religiosos — durante a leitura de um poema que contenha preciosa mensagem de alma a alma — em alguma hora de aflição, quando toda ajuda humana tem fracassado para nós e as palavras dos homens só parecem galhofa — num momento quando tudo parece perdido e sentimos a necessidade de uma palavra direta de algum ser mais elevado do que nós mesmos. Quando esses momentos ocorrem, nos deixam uma paz que nunca mais nos abandona inteiramente, ficando nós, depois, como seres transformados. No instante da iluminação ou ao amanhecer da consciência espiritual, também sentimos a presença real do espírito. Nesses momentos chegamos a ser conscientes de nossa relação e conexão com o Centro da Vida. Por intermédio do espírito, Deus mesmo se revela ao homem.

Não podemos deter-nos por mais tempo neste assunto — superior às nossas forças; e as meras palavras que têm sentido os impulsos da mente espiritual possuem uma fraca consciência e permanente sensação do espírito, ainda que não possam alcançar sua completa significação. E aqueles que não têm experimentado estas coisas, não poderiam compreender-nos, ainda que escrevêssemos volumes de nossas imperfeitas e pouco desenvolvidas concepções do assunto.

Assim, pois, passaremos adiante, confiando em que temos despertado em vossas mentes, pelo menos, um débil desejo de colocar-vos em estreita comunicação e contato com essa parte mais elevada do Eu — o Eu mesmo.

A paz do espírito permaneça convosco.

Iluminação ou Consciência Espiritual

Em muitos homens, a mente espiritual se revela lenta e gradualmente, e ainda que a pessoa possa sentir um constante aumento de conhecimento e consciência espiritual, pode não haver experimentado uma notada e repentina mudança. Outros têm tido momentos do que é conhecido como iluminação, nos quais se acreditavam elevados quase fora de seu estado normal, e lhes parecia passar a um plano de existência ou de consciência mais elevado, que os deixava mais adiantados do que antes, ainda que não pudessem trazer à sua consciência uma clara recordação do que haviam experimentado, enquanto se encontravam nesse exaltado estado da mente. Essas experiências têm-se dado com muitas pessoas, em diferentes formas e graus, de todas as crenças religiosas, e tem sido geralmente associadas a algum aspecto da crença religiosa particular, professada pela pessoa que experimenta a iluminação. Mas os oculistas adiantados reconhecem todas essas experiências como diferentes formas de uma só e mesma coisa — o amanhecer da consciência espiritual — o desenvolvimento da mente espiritual. Alguns escritores têm chamado a esta experiência consciência cósmica, nome muito apropriado, pois a iluminação — pelo menos em seus aspectos mais elevados — põe o indivíduo em contato com a totalidade da Vida, fazendo sentir uma sensação de parentesco com toda a Vida, alta ou baixa, grande ou pequena, boa ou má.

Essas experiências, como é natural, variam materialmente conforme o grau de desenvolvimento individual, sua preparação prévia, seu temperamento, etc.; mas certos característicos são comuns a todas. O sentimento mais comum é o da posse quase completa do conhecimento de todas as coisas — quase onisciência. Esse sentimento existe apenas por um momento e nos deixa, a princípio, submersos em profunda pena pelo que chegamos a ver e que perdemos. Outro sentimento comumente experimentado é o da certeza da imortalidade, — uma sensação de atual ser — a certeza de haver sido sempre e a de estar destinado a sempre ser. Outro sentimento é o do desaparecimento de todo temor e da aquisição de um sentimento de certeza, segurança e confiança, e que estão além da compreensão daqueles que jamais o experimentaram. Então, um sentimento de amor nos inunda — um amor que abarca a Vida toda, desde os mais próximos a nós, na carne, até aos das mais longínquas partes do Universo — desde aquilo que nós consideramos puro e santo, até aquilo que o mundo considera vil, malvado e completamente indigno. Esse sentimento de retidão própria, que induz a

condenar os outros, desaparece, e o amor, como a luz do sol, derrama-se sobre tudo que vive, sem ter em conta o seu grau de desenvolvimento ou bondade.

A alguns essas experiências chegaram como um profundo sentimento de reverência que tomou completa posse deles, por alguns momentos ou mais tempo, enquanto que a outros se afigurava que se achavam num sonho e chegaram a ser conscientes de uma exaltação espiritual, acompanhada de uma sensação de estar circundados ou compenetrados por uma luz brilhante.

A alguns, certas verdades se têm revelado sob a forma de símbolos, cujo significado não se tornou evidente senão muito tempo depois.

Essas experiências produzem uma mudança na mente daquele que passa por elas e que depois nunca torna a ser o mesmo homem de antes. Ainda que a recordação vivida desapareça, fica ali certa reminiscência que, por longo tempo, será para ele um manancial de bem-estar e de força, especialmente quando a sua fé vacila e se sente agitado, como uma cana, pelos ventos de opiniões em conflito e especulações do intelecto. A lembrança de tal experiência é uma fonte de renovada energia — um porto de refúgio, ao qual as almas fatigadas acodem para amparar-se do mundo externo que não as compreende.

Tais experiências são também usualmente acompanhadas de uma sensação de intensa alegria; de fato, a palavra e o pensamento de alegria parecem ser o que predomina na mente, nesta época. Mas não é uma alegria de experiência ordinária — é alguma coisa que não pode ser sonhada senão depois de havê-la experimentado — uma alegria cuja lembrança estimulará o sangue e fará palpar o coração, todas as vezes que a mente relembra a experiência. Como já dissemos, também se experimenta a sensação de um conhecimento de todas as coisas, uma iluminação intelectual impossível de descrever.

Nos escritos dos antigos filósofos de todas as raças, nos cantos dos grandes poetas de todos os povos, nas prédicas dos profetas de todas as religiões e tempos, podemos encontrar rasgos desta iluminação experimentada por eles — esse desenvolvimento da consciência espiritual. Não temos espaço para detalhar esses numerosos exemplos. Uns disseram-nos de um modo, outros, de outro; mas todos dizem praticamente a mesma história. Todos os que têm experimentado essa iluminação, ainda que fosse em débil grau, reconhecem a mesma experiência na relação, canto ou predica de outro, ainda que entre eles hajam decorridos séculos. É o canto da alma que, uma vez ouvido, jamais é esquecido. Ainda que seja expresso pelos toscos instrumentos das raças semi-bárbaras ou pelos mais aperfeiçoados talentos musicais da atualidade, seus tons são claramente reconhecidos. Vem o canto do velho Egito, — da Índia de todas as idades — da antiga Grécia e Roma, — dos primitivos santos cristãos — dos Quakers Friends, — dos mosteiros católicos — das mesquitas maometanas — do filósofo Chin — das lendas do índio americano, herói-profeta, — é sempre o mesmo tom, elevando-se mais e mais alto, à proporção que muitos mais o entoam e agregam suas vozes ou dos sons de seus instrumentos ao grande coro.

Aquele tão mal compreendido poeta ocidental, Walt Whitman, sabia o que dizia (como compreendemos nós), quando prorrompia e expressava em singular verso a sua estranha experiência. Lede o que ele diz e verificai se já foi alguma vez melhor expresso:

"Como num desmaio, um instante,
Outro sol inefável me deslumbra,
E todos os orbes conheci, e orbes mais brilhantes desconhecidos,
Um instante da futura terra, terra do céu."

E quando sai do seu êxtase, exclama:

"Não posso estar acordado porque nada me olha como antes
Ou então estou acordado por primeira vez, e tudo de antes
[foi simples sonho. "

E nós devemos concordar com ele, quando declara a inabilidade do homem para descrever inteligentemente isso, nestas palavras:

"Quanto melhor quero expressar-me, menos posso,
Minha língua não se move sobre sua ponta,
Meu alento não obedece aos seus órgãos,
E fico mudo. "

Que essa grande alegria da iluminação seja vossa, queridos estudantes. E vossa será no seu tempo oportuno. Quando ela chegar, não vos alarmeis, e quando vos abandonar, não lamenteis sua perda — voltará outra vez. Vivei

elevando-vos acessíveis à sua influência. Estai sempre dispostos a escutar a voz do silêncio, prontos sempre a responder ao toque da Mão Invisível.

No pequeno manual Luz no Caminho encontrareis muitas coisas, que talvez agora sejam mais claras para vós.

Não torneis a temer, porque convosco tendes sempre o Ser Real que é uma chispa da Chama Divina, e o qual será como uma lâmpada que iluminará o caminho a vossos pés.

A paz seja convosco.

4ª LIÇÃO - A AURA HUMANA

Em nossas três lições anteriores, chamamos brevemente a vossa atenção, por turno, para os sete princípios do homem. O assunto da constituição do homem seria incompleto, sem uma referência ao que os ocultistas conhecem como a aura humana. Ela forma uma parte muito interessante dos ensinamentos ocultos, encontrando-se referências nos escritos e tradições ocultos de todas as raças. Consideráveis erros e confusões têm-se originado acerca da aura humana, e a verdade tem sido escurecida pelas várias especulações e teorias de alguns dos escritores que tratam do assunto. Isso é de estranhar, se tivermos presente que a aura é visível apenas para quem possui o poder psíquico altamente desenvolvido. Alguns, possuindo uma visão inferior, só têm sido capazes de ver algumas das mais grosseiras manifestações da emanação que constitui a aura; e pensaram e ensinaram que o visto por eles era tudo o que podia ver-se; enquanto a verdade real é que tais pessoas têm visto só uma parte de toda a coisa, ficando o restante reservado para as pessoas de mais elevado desenvolvimento.

Alguns instrutores, nos últimos anos, ensinaram que a aura era realmente os vários princípios do homem, projetando-se para além do espaço ocupado pelo corpo físico; mas isto é verdade somente no mesmo sentido em que a luz do sol é uma parte do sol — os raios da luz elétrica, uma parte da luz — o calor irradiado de uma estufa, o calor contido dentro dela — o perfume de uma flor, a própria flor. A aura é realmente uma emanação de um ou mais dos sete princípios do homem — irradiações emitidas pelo princípio mesmo — e não, estritamente falando, uma parte do princípio, exceto no sentido acima indicado.

Cada um dos sete princípios que compõe o homem, irradia energia, que é visível aos sentidos psíquicos desenvolvidos em certos membros da nossa raça. Essa energia irradiada é da mesma espécie que as irradiações conhecidas como raios X, e, como eles, invisíveis ao olho humano, a não ser que seja ajudado por algo que este não possui ordinariamente.

Algumas das formas grosseiras da aura são visíveis para aqueles que possuem um grau de poder psíquico comparativamente pouco desenvolvido, enquanto que as formas mais elevadas se tornam visíveis só à proporção que as faculdades psíquicas se desenvolvam em poder. Não há, hoje em dia, comparativamente, mais do que poucos encarnados que tenham visto, alguma vez, a aura que emana do sexto princípio, a mente espiritual. E a aura do sétimo princípio, o espírito, é visível só para aqueles seres muito mais elevados na escala do que a raça humana, tal como a conhecemos. A aura que emana dos cinco princípios inferiores é vista por muitos de nós, que temos desenvolvido poder psíquico, sendo a nossa claridade de visão e qualidade de vista determinadas pelo estado particular do desenvolvimento e crescimento progressivo atingido.

Procuraremos dar aos nossos estudantes, nesta lição, uma idéia geral da aura humana e uma rápida resenha do que a ela pertence; porém, ver-se-á facilmente que o assunto é daqueles que não poderiam ser esgotados em um volume de considerável tamanho. É difícil condensar informações desta natureza, mas confiamos poder dar uma impressão bastante clara e justa do assunto aos estudantes que nos sigam com atenção.

Como já expusemos, cada princípio irradia energia que, combinando-se, constitui o que é conhecido como aura humana. A aura de cada princípio, se se afastasse ou fosse separada dos outros, ocuparia o mesmo espaço que o ocupado pela aura de todos ou de algum dos princípios. Era outras palavras: as várias auras dos diferentes princípios se interpenetram umas às outras, e sendo de diferentes estados de vibração, não interferem umas com as outras. Quando falamos da aura emanada de algum princípio particular, nos referimos distintamente a esse princípio.

A forma mais grosseira da aura humana é, naturalmente, a que emana do corpo físico. Algumas vezes denominam-na aura de saúde, pois é uma indicação segura do estado de saúde física da pessoa de cujo corpo irradiar. Como todas as outras formas da aura, estende-se do corpo a uma distância de algumas polegadas, dependendo isso de certas circunstâncias que não é necessário sejam mencionadas neste lugar.

Do mesmo modo que todas as outras formas da aura, é oval. (Esta forma comum às várias manifestações da aura, tem dado lugar a que alguns escritores façam referências a ela como o ovo áurico.) A aura física é, praticamente, incolor (ou, positivamente, quase de um branco azulado, parecido à cor da água clara), mas possui um aspecto peculiar, não

possuído pelas outras manifestações da aura, posto que se apresenta à visão psíquica como "esfriada" por numerosas linhas finas, que se estendem como crina eriçada do corpo para fora. Em saúde e vitalidade, essas crinas saem retas, enquanto que, em casos de saúde imperfeita ou pobreza de vitalidade, caem como cabelo flexível de um animal, e, em alguns casos, apresentam a aparência de um manto de cabelo encrespado, partindo os fios de cabelo para todas as direções, enredados, torcidos e enroscados. Este fenômeno é ocasionado pela corrente de Prana que vigoriza o corpo com maior ou menor intensidade; o corpo está sadio quando tem uma provisão normal de Prana, enquanto que o corpo fraco ou doente sofre pela quantidade insuficiente do mesmo Prana. Essa aura física é visível para muitos que só têm um grau muito limitado de visão psíquica e aos quais são invisíveis as formas mais elevadas da aura. Aos psíquicos desenvolvidos, às vezes é difícil distingui-la, devido ao fato de ser ela obscurecida pelas cores das formas da aura mais elevada; o psíquico, para observá-la, vê-se obrigado a isolar-se das impressões das formas mais elevadas ou superiores da aura e admitir somente as vibrações da forma particular da aura que deseja observar. As partículas desprendidas da aura física permanecem no ponto ou lugar onde a pessoa esteve; e os cães e outros animais que possuem certo sentido fortemente desenvolvido, têm a faculdade de seguir o cheiro ou as pegadas da pessoa ou animal da qual estão na pista.

A aura que emana do segundo princípio ou corpo astral é como o princípio mesmo, de cor e aparência vaporosa, tendo alguma semelhança com o vapor antes de dissolver-se e desaparecer de nossa vista. É difícil distingui-la quando está interpenetrada e combinada com as outras formas da aura; mas quando o corpo astral é visto em separado do corpo físico, a sua aura pode ser percebida particularmente, se o observador não é receptivo às vibrações dos princípios que irradiam auras de várias cores. Aqueles de nossos leitores que alguma vez tenham visto uma forma astral ou o que comumente se chama um fantasma — de alto ou baixo grau — lembrarão, provavelmente, de ter visto uma nebulosa de forma ovóide, vaporosa, rodeando a figura mais visível da forma astral. Essa débil e vaporosa nuvem oval era a aura astral. Naturalmente, quando uma forma astral se materializa, torna-se visível para nós.

A aura do terceiro princípio, ou Prana, é difícil de descrever, exceto para aqueles que já viram os raios X. Vê-se algo como uma nuvem vaporosa de cor e aparência de uma chispa elétrica. De fato, todas as manifestações de Prana se parecem à luz ou chispas elétricas. Prana tem um colorido suavemente rosado, quando está no corpo ou próximo dele, mas perde este aspecto desde que se aparta algumas polegadas do corpo. As pessoas de visão psíquica vêem, claramente, alguma coisa como chispantes partículas de Prana que se desprende das pontas dos dedos das pessoas que dão os chamados tratamentos magnéticos ou fazem passes mesméricos. O Prana pode também ser visto por muitas pessoas que não pretendem possuir a visão psíquica, a quem ele parece como ar quente produzido por uma estufa ou pelo solo quente, isto é, como alguma coisa incolor, pulsante e vibratória. Essa aura prânica é extraída, algumas vezes, de uma pessoa forte e sã, por uma débil que carece de vitalidade e, então, extrai daquela o que lhe é necessário. Nestes casos a pessoa que é despojada sem seu consentimento, experimentará uma sensação de languidez e lassidão, depois de haver estado em companhia da pessoa que absorveu uma parte de sua vitalidade. Na Ciência da Respiração, sob o título Como Formar Aura, demos um método pelo qual uma pessoa pode tornar-se imune contra esta forma de vampirismo consciente ou inconsciente. Esse método, embora no livro seja dado para outro fim, é igualmente eficaz neste caso. Um efeito mais forte pode ser produzido, formando uma imagem mental de uma envoltura áurica, através da qual não podem penetrar influências exteriores, nem sair força alguma sem o consentimento próprio. Pode uma pessoa proteger-se também, da mesma forma, contra a infecção de germes que poderiam afetá-la seriamente, sem esta proteção. A aura prânica é vertida também nos passes mesméricos ou tratamentos psíquicos dos doentes, mas, em tais casos, o operador avisado regula a emissão e tem a precaução de repor a provisão de Prana em seu sistema, o qual gerará e emanará um fluxo constante de aura prânica. Não precisamos deter-nos sobre esses pontos, pois estão descritos por completo na Ciência da Respiração, livro que será lido com uma nova luz pelo estudante que leia e pense no que temos dito a respeito desse aspecto da aura humana. O pequeno livro em questão foi escrito para o público em geral, que, ainda que dele receba muito benefício, não consegue ver o significado que chega a ser completamente claro ao estudante, à proporção que passe de um grau a outro destas lições. O citado livro, simples e sem pretensões como é, tem muitas coisas secretas em si, que só podem ser lidas por aquele que é capaz de compreendê-las. Aconselhamos ao estudante que torne a ler esse livro de vez em quando, e achará nele muitas coisas que anteriormente não havia descoberto.

Aproximamo-nos, agora, dos aspectos mais interessantes, relativos à aura humana, e acreditamos que alguns dos fatos que serão expostos nesta lição serão uma revelação, mesmo para muitos que estão perfeitamente familiarizados com as três manifestações da aura, recém-mencionadas. Alguns podem duvidar de muitas afirmações que serão feitas; mas essas pessoas nos permitirão que lhes digamos que elas têm à sua disposição os meios para desenvolver e pôr em ação poderes psíquicos de um grau suficiente para ver por si mesmas essas coisas, como o fizeram milhares antes delas. Nenhum dos ensinamentos ocultos tem necessidade de permanecer secreto para qualquer que duvide. Cada um pode entrar no mundo oculto por si mesmo — mas é preciso pagar o preço da conquista, o qual não é em ouro nem em prata, mas a renúncia do Eu inferior e a devoção àquilo que é mais elevado ao homem. Alguns, é verdade, penetram no mundo psíquico sem estar preparados e purificados pelos métodos apropriados; porém, para estes, as faculdades adquiridas são antes um castigo do que uma bênção e são compelidos a desfazer ou retrogradar os passos andados, com muito

sofrimento, até que entram pela porta verdadeira, cuja chave é facilmente achada por todos os que a procuram na devida forma.

Tornando às manifestações mais elevadas da aura humana, chamamos outra vez a vossa atenção para o fato de que a aura à vista pelo observador psíquico como uma nuvem luminosa, quase oval, na forma, estendendo-se de dois a três pés em todas as direções do corpo.

Não termina de maneira abrupta, mas sim, desvanece-se gradualmente até que de todo desaparece. Em realidade, estende-se a uma distância muito maior da limitada pelo seu ponto visível. Apresenta a aparência de uma nuvem luminosa de cores constantemente cambiantes, predominando certas cores em cada pessoa, pelas razões que consideraremos em seguida. Essas cores são originadas por certos estados mentais da pessoa circundada pela aura. Cada pensamento, emoção ou sentimento manifesta-se por um certo matiz ou combinação de cores pertencentes a esse pensamento, emoção ou sentimento particular — cor ou cores que se manifestam na aura daquele princípio mental particular, do qual o pensamento, emoção ou sentimento naturalmente se origina, e são, como é natural, visíveis para o observador que estuda a composição áurica do pensador. O psíquico desenvolvido pode ler os pensamentos de uma pessoa como se fossem as páginas de um livro aberto: basta que ele compreenda a linguagem das cores áuricas — linguagem que, naturalmente, todos os ocultistas desenvolvidos conhecem — ainda que a pessoa que tropeça acidentalmente no mundo psíquico em raras ocasiões, não verá mais que o reflexo de assombrosas cores que revestem o aspecto de uma nuvem luminosa, cujo significado não lhe é conhecido. Acreditamos que é melhor, antes de passar adiante, dar uma idéia geral destas cores áuricas e o pensamento, sentimento ou emoção a que cada um pertence. Essas cores se matizam e misturam em milhares de combinações; mas a tábua seguinte talvez dê uma idéia clara do assunto e vos fará capazes de compreender mais facilmente o que teremos que dizer em seguida nesta lição.

Cores Áuricas e Seus Significados

Preto, representa ódio, malícia, vingança e sentimentos semelhantes.

Pardo, de um matiz mais brilhante, representa egoísmo.

Pardo-cinza, de um matiz peculiar (quase como o de um cadáver), representa temor e terror.

Pardo, de um matiz escuro, representa depressão e melancolia.

Verde, de um matiz sujo, representa ciúmes. Se há muita ira de envolta com os ciúmes, aparecerão chamas encarnadas sobre um fundo verde.

Verde, de um matiz quase cor de ardósia, representa falsidade baixa.

Verde, de um matiz brilhante peculiar, representa tolerância para as opiniões e crenças de outros; fácil adaptação às mudanças de condições, adaptabilidade, tato, urbanidade, sabedoria mundana, etc., e qualidades que possivelmente Poderíamos considerar como "falsidade refinada".

Encarnado de matiz semelhante ao das chamas que, misturadas com a fumaça, saem de um orifício, ardendo, representa sensualidade e paixões animais.

Encarnado, visto em formas de labaredas de um vermelho brilhante, parecidas, em seu aspecto, ao resplendor de um relâmpago, indica cólera. Estes mostram-se, usualmente, sobre um fundo preto, no caso de que a cólera seja produzida pelo ódio ou pela malícia, mas nos casos da ira produzida pelos ciúmes, aparecem sobre um fundo verdoso. A cólera nascida da indignação ou defesa de supostos direitos, carece desses fundos e, geralmente, se mostra como relâmpagos rubros sem fundo algum.

Carmesim, representa amor, variando em matiz de acordo com o caráter da paixão. Um amor sensual e grosseiro será de um carmesim escuro e opaco, enquanto que, combinado com sentimentos elevados, aparecerá em tons mais luminosos e mais agradáveis. Uma forma muito mais elevada de amor apresentará uma cor quase aproximada a um formoso cor-de-rosa.

Moreno, de uma coloração avermelhada, representa avareza e voracidade.

Alaranjado, de um tom brilhante, representa orgulho e ambição.

Amarelo, em seus variados matizes, representa poder intelectual. Se o intelecto se satisfaz com coisas de ordem inferior, o seu matiz é de um amarelo escuro e sombrio; e conforme vai elevando-se a níveis mais altos, a cor se torna mais brilhante e mais clara; um formoso amarelo dourado significa uma grande aquisição intelectual; amplo e brilhante raciocínio, etc.

Azul de um matiz escuro, representa pensamentos, emoções e sentimentos religiosos. Esta cor varia em claridade, conforme o grau de altruísmo manifestado na concepção religiosa. Os tons e graus de claridade variam desde o indigno sombrio até um belo e rico violeta, representando este último o sentimento religioso mais elevado.

Azul-Claro, de um matiz luminoso e puro, representa espiritualidade. Alguns dos graus mais elevados de espiritualidade observados na humanidade ordinária, mostram-se neste matiz azul cheios de brilhantes pontos luminosos, chispantes e titilantes, como estrelas numa clara noite de inverno.

O estudante relembrará que essas cores formam inumeráveis combinações e tons e apresentam grande variedade de graus em brilho e tamanho; todos os quais têm significado para o ocultista desenvolvido.

Além das cores acima mencionadas, existem várias outras para as quais não temos nomes, pois estão fora das cores visíveis no espectro e, conseqüentemente, a Ciência, não sendo capaz de percebê-las, não pensou na necessidade de lhes dar nomes definidos, ainda que teoricamente conheça a sua existência. A Ciência nos diz que existem as que são conhecidas como raios infravermelhos e ultravioleta, nenhum dos quais pode ser percebido pelo olho humano, nem mesmo com o auxílio de meios mecânicos, porque as vibrações estão além de nossos sentidos. Essas duas cores ultra e infra (e várias outras que a Ciência desconhece) são conhecidas dos ocultistas e podem ser vistas pelas pessoas de certo grau de poder psíquico. O significado desta afirmação pode ser melhor compreendido quando dizemos que, se na aura humana é vista alguma destas cores ultra, indica desenvolvimento psíquico, dependendo o grau de intensidade do grau de desenvolvimento. Outro fato notável para aqueles que não têm pensado no assunto, é que a cor ultravioleta, na aura, é indício de desenvolvimento psíquico, empregado num plano elevado e altruísta, enquanto que a cor infravermelha, vista na aura humana, indica que a pessoa possui desenvolvimento psíquico, porém que o emprega para propósitos egoístas e indignos — magia negra, em realidade. Os raios ultravioleta estão exatamente além de um extremo do espectro visível conhecido da Ciência, enquanto que os raios infravermelhos estão precisamente além do extremo oposto. As vibrações da primeira são demasiado altas para impressionar a retina do olho humano, ao passo que as da segunda são tão baixas que tampouco podem impressioná-la. E a diferença real entre as duas formas do poder psíquico é tão grande, como é indicada pela posição destas duas cores ultra e infra. Além das duas cores acima mencionadas, há outra que também é invisível à visão comum — o *verdadeiro* amarelo primário — o qual é indicador da *iluminação* espiritual e que é percebido debilmente ao redor da cabeça daqueles que são espiritualmente grandes. A cor que nos ensina como característica do sétimo princípio — o espírito — se diz ser de pura luz branca — de um brilho especial — igual à qual jamais foi vista por humanos olhos; de fato, a verdadeira existência da luz branca *absoluta* é negada pela Ciência ocidental.

A aura que emana da mente instintiva é constituída, principalmente, dos matizes muito sombrios e escuros. Durante o sono, quando a mente está tranqüila, manifesta principalmente uma certa cor vermelha escura, que indica que a mente instintiva está executando simplesmente as funções animais do corpo. Esse tom, naturalmente, é sempre visível, mas durante as horas de vigília é freqüentemente escurecido pelos matizes mais brilhantes do pensamento, emoções e sentimentos passageiros.

Convém fazer notar, aqui, que ainda quando a mente esteja sossegada, pairam sobre a aura matizes que revelam as tendências predominantes do homem, de modo que o seu grau de progresso e desenvolvimento, como também seus gostos e outras qualidades de sua personalidade, podem ser facilmente distinguidos. Quando a mente é agitada por uma paixão forte, sentimento ou emoção, a aura inteira parece ser colorida pelo matiz ou matizes particulares que representam esses estados. Por exemplo, um violento acesso de cólera faz que toda a aura mostre brilhantes raios vermelhos sobre um fundo negro, que quase eclipsam as outras cores. Esse estado dura mais ou menos tempo, de acordo com a violência da paixão. Se as pessoas irascíveis pudessem ter ao menos um vislumbre da aura humana quando está assim colorida, impressionar-se-iam de tal modo com essa horrível visão, que jamais permitiriam outra vez deixar-se dominar pela cólera, — pois essa visão se parece às chamas e fumo do inferno que se descrevem em certas igrejas ortodoxas; e, de fato, a mente humana em tais condições chega a ser um verdadeiro inferno temporariamente. Uma forte onda de amor, ao passar pela mente, fará que a aura inteira manifeste o carmesim, dependendo o matiz do caráter da paixão. Da mesma forma, uma exaltação de sentimento religioso dará à aura inteira um tom azul, como se explicou na tábua das cores. Em suma, uma forte emoção, sentimento ou paixão, faz que a aura inteira tome a cor correspondente ao sentimento, emoção, etc., enquanto esta durar. Vereis, pelo que temos dito, que há dois aspectos para a condição da cor da aura: o primeiro depende dos pensamentos que habitualmente predominam e se manifestam na mente da pessoa, e o segundo depende do sentimento, emoção ou paixão particular ao manifestar-se num momento. A cor passageira desaparece quando o sentimento se extingue, ainda que um sentimento, paixão ou emoção, repetidamente manifestado, se revela com o tempo na cor áurica habitual. A cor normal manifestada na aura, sem dúvida muda gradualmente de tempo em tempo, à proporção que o caráter da pessoa melhora ou se modifica. As cores habituais indicam o caráter geral da pessoa; as cores passageiras mostram o sentimento, a emoção, a paixão que a dominam nesse momento particular.

O estudante que tenha lido as lições precedentes, compreenderá facilmente que, à proporção que o homem se desenvolve e progride, chega a ser cada vez menos presa das paixões, sentimentos e emoções passageiras que emanam da mente instintiva, e que o intelecto, e em seguida, a mente espiritual se manifestam, em vez de permanecerem adormecidos e numa condição latente. Relembrando isso, verá facilmente quão grande diferença deve haver entre a aura de um homem pouco adiantado e a do desenvolvido. A primeira é uma massa de cores sombrias, escuras e grosseiras, inundada, freqüentemente, pela cor de algum sentimento, emoção ou paixão passageira. A outra mostra as mais elevadas cores e é muito mais clara, sendo muito pouco perturbada pelos sentimentos, emoções e paixões, todas as quais têm sido postas, em grande parte, sob o controle da vontade.

O homem que tem o intelecto bem desenvolvido, apresenta uma aura inundada com um formoso amarelo-dourado, pertencente à intelectualidade. Essa cor, em tais casos, é particularmente perceptível na parte superior da aura,

rodeando a cabeça e os ombros do homem, descendo as cores mais animais para a parte inferior da aura. Lede as indicações sob o título de *Amarelo*, na tábua de cores desta lição. Quando o intelecto do homem tem absorvido a idéia da espiritualidade e se dedica à aquisição de poder, desenvolvimento e progresso espirituais, esse amarelo mostrará no contorno dos seus bordos um azul-claro de um matiz particularmente puro. Esse azul-claro especial é indício do que geralmente é chamado *espiritualidade*, mas que é simplesmente *espiritualidade intelectual* — se nos perdoam o uso de um termo um tanto paradoxal — não é o mesmo que mente espiritual, mas simplesmente o intelecto impregnado pela mente espiritual — para usar outro termo pobre. Em alguns casos de alto desenvolvimento deste estado intelectual, o azul-claro luminoso se revela como uma larga franja ao redor do amarelo-dourado do intelecto, sendo freqüentemente a franja ou o bordo mais largo do que o centro mesmo; e, além disso, em casos especiais, o azul-claro está cheio de brilhantes pontos luminosos, titilantes e fulgurantes como estrelas em uma noite clara de inverno. Esses pontos brilhantes indicam que a cor da aura da mente espiritual está se afirmando e demonstra que a consciência espiritual se evidenciou momentaneamente ao homem ou está próximo o momento em que se evidenciará. É este ponto que deu lugar a muita confusão mental, não só aos estudantes, mas também a mestres do Ocultismo, o parágrafo próximo tratará de alguma coisa também sobre a matéria.

A aura que emana da mente espiritual ou sexto princípio é da cor do *verdadeiro* amarelo primário, que é invisível à vista ordinária e não pode ser reproduzido artificialmente pelo homem. Concentra-se ao redor da cabeça do homem espiritualmente iluminado e algumas vezes produz um fulgor particular, que pode ser visto até por pessoas de pequeno desenvolvimento. Isso é certo especialmente quando a pessoa espiritualmente desenvolvida está entregue a um ardente discurso ou ensinando, em cujas circunstâncias o seu continente parece resplandecer e possuir uma luminosidade de uma classe peculiar. A auréola que aparece nos quadros dos grandes instrutores espirituais da raça é o resultado de uma tradição nascida de um fato experimentado pelos primitivos discípulos desses mestres. O *halo* ou a *glória* vistos nos quadros, têm a sua origem no mesmo fato. Quando outra vez contemplarmos o assombroso quadro de Hoffmann, *Gethsemani*, experimentaremos uma nova compreensão do fulgor místico que rodeia a cabeça do Grande Mestre espiritual, cujos profundos e verdadeiros ensinamentos têm sido obscurecidos pelas mentes de muitos dos que proclamam o Seu Nome, devido à ignorância das gerações de preceptores que têm vivido desde a sua morte, mas cujos ensinamentos são uma verdade vivente para os ocultistas de todas as raças, de todos os países, mesmo que pareçam muito apartados por diferenças de credo.

Da aura do sétimo princípio, o espírito, muito pouco podemos dizer, e este pouco chegou até nós por tradição. Foi-nos dito que é constituído de uma luz de "branco puro", alguma coisa desconhecida para a ciência humana. Nenhum homem, entre nós, viu jamais essa luz, e nenhum a verá nesse grau de desenvolvimento. A visão desta assombrosa refulgência está reservada para seres muito mais elevados na escala, do que estamos nós, mas que um dia foram, como nós, mortais, e com os quais estaremos no devido tempo. "Somos filhos de Deus, embora não possamos fazer um cálculo do que viremos a ser", mas estamos na senda, e aqueles que foram antes nos enviam carinhosas mensagens. Depois de longas idades, vamos em direção ao lar.

5ª LIÇÃO – DINÂMICA DO PENSAMENTO

Se estas lições tivessem sido escritas há vinte anos ⁽³⁾ em vez de hoje, teria sido uma tarefa muito difícil despertar a compreensão do público ocidental à importância do poder do pensamento, sua natureza e seus efeitos. Há vinte anos passados, só comparativamente poucas pessoas do mundo ocidental conheciam alguma coisa acerca do assunto em questão; e fora uns poucos ocultistas, as palavras do mestre teriam sido consideradas como as mais extravagantes enunciações. Mas, durante o tempo mencionado, o mundo ocidental tem sido lentamente educado, ao menos para uma compreensão parcial do poder do pensamento; os ecos dos grandes ensinamentos orientais sobre este assunto chegam aos ouvidos de quase todos os pensadores do mundo ocidental, sendo isso particularmente certo em relação à Grã-Bretanha e à América.

Esse despertar está em condições com leis naturais e é uma parte da evolução da raça. É certo que grande parte do ensino veio de pessoas que apenas tinham um conhecimento parcial da verdade, e conseqüentemente, os ensinamentos têm sido mais ou menos incompletos e imperfeitos; mais ou menos matizados pelas teorias pessoais e especulações dos vários mestres que escreveram e falaram sobre o assunto. A maior parte dos estudantes ocidentais que se têm interessado pelos vários movimentos que, em rigor, podem agrupar-se sob a denominação do Novo Pensamento, têm experimentado mais ou menos confusão pelas teorias aparentemente em conflito e pelos ensinamentos que resultaram das várias especulações e teorias dos numerosos mestres que têm brotado, crescido e, em muitos casos, depois "frutificado". Porém,

3 Este livro foi escrito em 1904.

uma análise cuidadosa mostrará que a base de todos os ensinamentos são certos fatos fundamentais que a mente acordada percebe como verdade. Todos esses mestres têm feito obra boa e, de fato, os ensinamentos de cada um têm favorecido certas mentes que tinham necessidade daquela instrução específica ministrada por um mestre particular de desenvolvimento espiritual. Numerosos estudantes deveram muito aos ensinamentos de certos mestres, e, a seguir, desenvolveram-se tanto que se adiantaram mais do que o próprio mestre, atingindo um saber maior, e por sua vez chegaram a ser mestres, expondo a outros a verdade como a haviam recebido, mais ou menos colorida pela sua própria personalidade.

O estudante cuidadoso, que se deu ao trabalho de procurar os princípios fundamentais dos ensinamentos destas novas escolas de pensamento, terá descoberto que todas elas descansam sobre os ensinamentos orientais, os quais remontam ao passado comum dos ocultistas de todos os tempos e raças. Este Novo Pensamento é, realmente, o pensamento mais antigo, mas a sua moderna apresentação chega como uma coisa nova para aqueles que hoje o escutam. E o novo movimento é credor da nossa gratidão por sua obra, e os ocultistas adiantados sabem que a verdade fundamental — sobre a qual descansam todas essas teorias em conflito — será gradualmente descoberta e posta à luz, lançando para um lado as especulações e teorias favoritas dos diferentes mestres. A maioria daqueles que lerem esta lição terá ouvido alguma coisa sobre o poder do pensamento e, indubitavelmente, terá tido muitas experiências de seu efeito. Assim é que esta lição pode parecer história velha a quase todos os membros da classe, mas trataremos de dar um breve e claro esboço dos ensinamentos yogues sobre o assunto, o qual pode ajudar a conciliar alguns dos aparentes conflitos das teorias que têm sido previamente consideradas.

Não tentaremos explicar o que o pensamento é — porque é um assunto demasiado complicado para lições elementares; mas começaremos pela explicação de algumas de suas propriedades, leis e efeitos. Evitaremos a teoria, enquanto não chegar a sua oportunidade, limitando-nos ao lado prático da questão. Relembrares o que dissemos em nossa última lição acerca da aura. Explicamos que a aura era projetada no espaço pelos diferentes princípios do homem, juntamente como o é a luz do sol, o calor de uma estufa, o aroma de uma flor, etc. Cada uma dessas fontes emite vibrações que chamamos luz, calor e aroma, respectivamente. Em certo sentido, essas emanações são diminutas partículas daquilo que as emite. Junto com isso, devemos também lembrar que o que produz as emoções pode depois ser retirado, permanecendo, no entanto, as emanações por mais ou menos tempo. Por exemplo, a Astronomia ensina que uma estrela longínqua pode ser destruída e os raios luminosos por ela emitidos continuarão a sua viagem, podendo ser vistos de terra por nós durante anos e anos, depois de haver sido destruída a estrela — de fato, o que realmente vemos em qualquer momento são os raios das estrelas lançados muitos anos antes, dependendo o tempo, naturalmente, da distância entre a estrela e a terra.

Do mesmo modo, o fogo de uma estufa pode extinguir-se e, contudo, o calor permanecerá no aposento por muito tempo depois. Da mesma forma, uma pequena particular de almíscar pode ser posta num aposento e, em seguida, retirada, mas, apesar disso, o perfume será perceptível durante muito tempo. Assim também os pensamentos podem estar em existência ativa, ainda que tenham sido emitidos, anos antes, por alguma pessoa cujo caráter mental pode ter sido modificado, ou mudado inteiramente, ou que pode ter abandonado o corpo há muito tempo. Os lugares e as localidades freqüentemente são impregnados pelo pensamento de pessoas que anteriormente viviam neles e que se mudaram ou morreram já há muitos anos.

A mente está continuamente emitindo emanações que podem ser vistas como a aura, estendendo-se a alguns pés do corpo e que, geralmente, se tornam mais tênues e mais difíceis de perceber, à proporção que se distanciam do emissor. Estamos constantemente enviando ondas de pensamento (para usar um termo favorito), e essas ondas, depois de cessar a força inicial de projeção, flutuam como nuvens, misturando-se com outras ondas-pensamentos do mesmo caráter, afastando-se freqüentemente a distantes regiões da terra. Algumas das emanações mentais permanecem nas imediações do lugar em que foram emitidas e, a não ser que sejam perturbadas por fortes pensamentos de natureza contrária, permanecerão, por muitos anos, sofrendo apenas leves modificações.

Outros pensamentos enviados com um propósito definido ou sob um forte desejo, emoção ou paixão, irão rapidamente em direção ao objeto ao qual são dirigidos. Veremos exemplos disso à proporção que prosseguirmos nesta lição.

A maioria das pessoas põe muito pouca força em seu pensamento; de fato, para elas, o pensar chega a ser um processo quase mecânico e, conseqüentemente, as suas ondas-pensamentos recebem muito pouca força, de impulsão e não vão longe, a não ser que alguma outra pessoa de pensamento similar as atraia para si. Estamos expondo simplesmente princípios gerais à proporção que prosseguimos, repetindo-os quando necessário, a fim de que o estudante assimile gradualmente a idéia. Consideramos esta forma de conversação como o método mais eficaz de ensinamento — muito mais do que a forma usual de um discurso com toda a arte de antemão preparado.

Devemos mencionar aqui que, quando um pensamento é emitido com força, geralmente leva consigo uma certa quantidade de Prana que lhe dá um poder e força adicional e, freqüentemente, produz surpreendentes efeitos. O Prana, praticamente, o "vitaliza" em alguns casos e faz dele quase uma força vivente. Teremos mais o que dizer sobre este ponto, um pouco mais tarde.

Assim, amigos estudantes, nunca vos esqueçais que, quando falamos dos pensamentos como coisas reais, significamos exatamente o que dizemos. Para reter esse fato, vos pode ser necessário formar uma imagem da mente como emitindo emanações-pensamentos. Alguns encontram na imagem de lançar ondas luminosas, um modo fácil de fixar a idéia em sua mente. Outros preferem a ilustração do calor de uma estufa. Outros acham mais cômodo pensar num forte perfume projetado

, a sua atmosfera predominante. Este fato é evidente para todos os que pensarem sobre ele, porém a questão é geralmente descartada, sem tentar a explicação. Deve-se, todavia, ter em conta que o lugar não é uma entidade, e que essas por uma flor. E um estudante (agora muito adiantado) preferia pensar das emanações mentais, como sendo iguais ao vapor projetado de uma chaleira fervendo. Fazei a vossa escolha ou inventai ilustrações próprias, mas fixai a idéia em vossa mente, adquirindo-a de um ou outro modo. É muito mais difícil conseguir estas coisas por meio de uma ilustração material, do que tentar manter uma idéia abstrata na mente.

Enquanto, em regra geral, o poder do pensamento de uma certa classe depende da energia com que foi projetado, há outro elemento de força que habilita os pensamentos a manifestarem poder. Aludimos à tendência do pensamento para atrair a si outros pensamentos de natureza similar e, deste modo, combinar força. Não somente um determinado pensamento tende a atrair para o pensador o pensamento correspondente da atmosfera mental dentro do campo de atração, mas também têm os pensamentos uma tendência para reunirem-se, misturarem-se e combinarem-se.

O termo médio da atmosfera mental de uma comunidade é o resultado da composição dos pensamentos das pessoas que compõem essa comunidade. Os lugares, da mesma forma que as pessoas, têm as suas peculiaridades, as suas características, seus pontos fortes, e fracas características não têm existência em si próprias, mas devem ter alguma causa ou origem. O ocultista sabe que essa atmosfera mental de uma aldeia, de um povo, de uma cidade ou do uma nação, é a composição dos pensamentos daqueles que aí residem ou residiam anteriormente. Os estrangeiros que chegam à comunidade percebem a atmosfera mudada que os rodeia e, a não ser que se achem em harmonia com o seu próprio caráter mental, sentem-se incomodados e desejam afastar-se daquele lugar. Se uma pessoa, não compreendendo as leis que operam no mundo do pensamento, permanece longo tempo num lugar, é muito provável que seja influenciada pela atmosfera mental prevalecente e, a seu pesar, uma mudança começa a operar-se nela e a referida pessoa se eleva ou se degrada ao nível do pensamento dominante.

Nos países mais antigos, as características das cidades principais da nação se desenvolvem mais ou menos igualmente, e ainda assim, há muitos pontos de diferença que o estrangeiro nota imediatamente quando as visita. Mas nos Estados Unidos, país grande e novo, notam-se diferenças mais marcantes entre as localidades. Isso é verdade, não só a respeito das diferentes regiões do país, como também em relação às cidades próximas umas das outras.

O pensador estrangeiro que visita, uma por vez, as principais cidades dos Estados Unidos, será surpreendido pelo espírito de cada ponto, cada um dos quais tem a sua própria personalidade e característica, resultantes de certas linhas de pensamento da parte dos primitivos residentes do lugar. Estes, por sua vez, afetam aos recém-chegados que agregam as suas emanações mentais à atmosfera da localidade e assim, sucessivamente, de tempo em tempo, até que as várias cidades chegam a ser muito mais distintas em suas características do que o são muitas nacionalidades diferentes.

O estrangeiro que visite uma por vez, por exemplo, Boston, Nova Iorque, Filadélfia, Chicago, Denver e São Francisco, notará muito grandes diferenças nas características de cada ponto. Essa diferença não é tão notável quando se fala com os cidadãos individualmente, mas é muito notável quando se abre ao espírito da cidade. As pessoas falam freqüentemente dessas características, chamando-as o ar da localidade, cuja verdadeira explicação foi dada acima: é a atmosfera mental da cidade. Essas características podem ser modificadas, e até notavelmente mudadas, por um novo contingente de pessoas que se estabeleçam numa cidade. Uns quantos pensadores vigorosos emitirão fortes ondas de pensamento em sua vida diária, que rapidamente darão colorido ao pensamento composto da localidade. O pensamento de um forte pensador sobrepor-se-á ao pensamento fraco e sem propósito de muitíssimas pessoas que só emitem pensamentos negativos. O positivo é o antídoto seguro do negativo. Da mesma forma, o espírito da nação é uma composição do espírito de suas diferentes partes. Se alguém se transfere a uma cidade na qual se manifesta a maior energia, em breve sentirá o efeito do pensamento positivo que o rodeia o qual despertará nele pensamentos similares. Se se transfere a uma comunidade adormecida, morta, as suas atividades amortecer-se-ão e, geralmente, descerão ao nível da povoação. Naturalmente, o homem ou a mulher que construiu uma forte e positiva individualidade, não será afetado tão facilmente como os de caracteres opostos, e, de fato podem até atuar como levedura para a massa; mas, em regra geral, a maior parte das pessoas são grandemente influenciadas pela atmosfera mental da localidade, na qual permanece a maior parte do seu tempo.

Da mesma forma, os que residem em praças comerciais, paragens de edificação, etc., assimilam o pensamento predominante daqueles que as habitam ou habitaram. Alguns lugares são notoriamente azarentos, e ainda que esta condição possa ser mudada pelo homem ou pela mulher de vontade forte, as pessoas, em geral, são afetadas por ela. Algumas casas têm em si uma atmosfera de alegria, sociabilidade e carinho, enquanto que outras são frias e repulsivas. Um lugar de negócios facilmente pode refletir o pensamento predominante daqueles que estão à frente da empresa ou que

dirigem os assuntos. Em certas casas de negócio, os patrões inspiram confiança ao freguês, ao passo que em outras os obrigam a manter a carteira fortemente apertada e a vista aberta sobre os empregados.

Os lugares onde foram cometidos crimes têm amiúde uma atmosfera desagradável que tem por origem os fortes pensamentos emitidos pelos que participaram dos sucessos — os do criminoso e os da vítima. A atmosfera de uma prisão é horrorosa para o sensitivo. A atmosfera de um lugar de vício ou de baixas cenas de prazeres animais é sufocante para uma pessoa de elevadas tendências mentais.

A atmosfera de um hospital pode influenciar aqueles que o visitam. A atmosfera de uma igreja velha pode produzir na mente do visitante um sentimento de quietude e calma.

Estamos falando no sentido geral, naturalmente, pois são muitas as influências que modificam e mudam essas tendências.

A mesma coisa acontece com os indivíduos. Alguns trazem consigo uma atmosfera de contentamento, otimismo ou ânimo, enquanto que outros produzem, num aposento, um sentimento de discórdia, desconfiança e mal-estar. Muitos agem como desmancha-prazeres e apagadores de entusiasmos e expansão. Centenas de exemplos que ilustram esse fato se poderiam citar, mas o estudante pode supri-los pela sua própria observação e experiência.

As várias ondas de pensamentos emitidas pelas pessoas, atraem e são atraídas por pensamentos de um caráter análogo. Formam núcleos de pensamentos no espaço astral e, da mesma forma que as nuvens, se reúnem em grupos na atmosfera.

Isso não quer dizer que cada núcleo de pensamento ocupe uma certa porção de espaço, com exclusão de toda outra nuvem de pensamento. Pelo contrário, essas porções de pensamentos que formam as nuvens, são de diferentes graus de vibração, e o mesmo espaço pode estar cheio de material mental de um milhar de classes, passando livremente em todas as direções e interpenetrando-se, sem interferirem umas com as outras e sem se assimilarem a não ser com pensamentos de caráter similar, embora, em alguns casos, possam formar-se combinações temporárias. Não podemos entrar em detalhes a esse respeito nesta lição; desejamos simplesmente dar ao estudante uma idéia geral do assunto, sobre que possa construir de tempo em tempo.

Cada indivíduo atrai para si os pensamentos que correspondem aos produzidos pela sua própria mente, e é, naturalmente, influenciado, por sua vez, por aqueles pensamentos atraídos. É o caso de agregar combustível ao fogo. Aquele que, durante algum tempo, cultivar pensamentos de maldade ou de ódio, horrorizar-se-á com a inundação de pensamentos vis que virão derramar-se na sua mente. E quanto mais tempo persistir nesse estado mental, piores serão os pensamentos que adquirirá. Faz de si mesmo um centro para os pensamentos dessa classe. E se persiste nesse estado até que chegue a formar nele costume, atrairá para si circunstâncias e condições que lhe darão oportunidade para manifestar esses pensamentos em ação. Não somente um estado mental atrai a si pensamentos similares, como conduz o pensador a circunstâncias e condições apropriadas, para que possa fazer uso dos pensamentos e das inclinações que esteve cultivando. Que a mente de um homem entretenha paixões animais, e toda a natureza parecerá conspirar para conduzi-lo à posição na qual possam ser satisfeitas essas paixões.

Por outro lado, aquele que cultivar o hábito de pensar em mais elevados e melhores assuntos, a seu tempo oportuno será atraído a condições em harmonia com o seu hábito de pensamento e também atrairá para si outros pensamentos que com facilidade se incorporarão aos seus próprios. Isso é certo, como também é certo que cada pessoa atrairá para si outras pessoas de pensamentos similares e, por sua vez, será atraída para elas. Em realidade, fazemos o nosso próprio círculo de relações e amizades por nossos pensamentos de ontem ou de hoje. Os pensamentos de ontem nos influenciam em maior ou menor extensão, mas os pensamentos de hoje gradualmente suplantarão e expulsarão os velhos pensamentos do passado, se nós quisermos que tal coisa aconteça.

Dissemos já que o pensamento carregado com Prana manifesta uma força muito maior do que o pensamento ordinário. De fato, todo pensamento positivo que se emite é carregado com mais ou menos Prana. O homem de vontade forte, que envia um poderoso pensamento positivo inconsciente (ou consciente, se ele compreende o assunto), transmite com ele uma quantidade de Prana proporcional à força com a qual o pensamento foi lançado. Tais pensamentos são freqüentemente enviados como uma bala ao alvo, em vez de ir lentamente como emanção mental ordinária. Alguns oradores públicos adquiriram esta arte, e uma pessoa pode sentir claramente o choque do pensamento que existe ocultamente por detrás das suas exposições. Um pensador forte e vigoroso, cujo pensamento é fortemente carregado com Prana, freqüentemente cria o que é conhecido como pensamentos-formas, isto é, pensamentos que possuem tal vitalidade que chegam a ser quase como que forças viventes.

Esses pensamentos-formas, quando entram na atmosfera psíquica de uma pessoa, possuem quase o mesmo poder que aquele que possuiria a pessoa que os envia, se estivesse presente, inculcando o seu pensamento sobre vós, numa calorosa conversação. Aqueles que estão altamente desenvolvidos em Ocultismo enviam, com freqüência, pensamentos-formas para proteger e ajudar seus semelhantes, quando estão aflitos ou necessitados, e muitos de nós têm experimentado o efeito dos pensamentos protetores, enviados desse modo, se bem que nem sonhemos com qual seja a causa da mudança de sentimentos que nos sobreveio, trazendo-nos consigo a consciência de renovada energia e valor.

Apesar de que os pensamentos-formas são, muitas vezes, emitidos inconscientemente por homens de desejos e aspirações egoístas, e muitos são afetados por eles, convém dizer que não há motivos para temer que uma pessoa seja afetada contra o seu próprio bem, dado que ela queira manter uma atmosfera de Amor e Confiança. Estas duas condições repelirão a mais forte onda-pensamento que possa ser dirigida contra uma pessoa ou que possa ser encontrada na atmosfera astral. O pensamento é tanto mais forte quanto mais elevada é a sua ordem, e a mais fraca pessoa, se se dá o fato de que a sua mente esteja cheia de Amor Universal e Confiança no Poder Uno, é muito mais forte que a pessoa de maior poder que se rebaixasse a usar esses poderes para fins egoístas. Os poderes mais elevados dessa classe podem ser possuídos por pessoas de grande desenvolvimento espiritual, que há muito tempo deixaram atrás de si as aspirações e ambições inferiores do homem não desenvolvido. Essas pessoas estão constantemente emitindo ondas-pensamentos de força e ajuda, que podem ser apropriadas por aqueles que têm necessidade de tal proteção. Tudo que uma pessoa tem que fazer é pedir mentalmente a ajuda dos que são capazes de dá-la e imediatamente atrairá a si as ondas do pensamento espiritual, forte e protetor, que emana constantemente da mente dos protetores da raça, encarnados e desencarnados. Se a raça estivesse à mercê das pessoas de pensamentos egoístas, teria perecido há já muito tempo; mas as coisas estão ordenadas de outro modo.

A única coisa que devemos temer no mundo dos pensamentos-formas são aqueles que correspondem com algum pensamento baixo que nós mesmos possamos manter. Por exemplo: se alimentarmos pensamentos baixos e egoístas, estamos abertos aos pensamentos-formas de caráter similar que podem estar espreitando na atmosfera psíquica, os quais podem alojar-se em nossas mentes e nos incitar a executar coisas que a princípio nos recusaríamos a fazer. Temos o direito de convidar os hóspedes mentais que queiramos: tenhamos cuidado na escolha.

Os nossos fortes desejos criam pensamentos-formas que trabalham pela satisfação daqueles desejos, sejam bons ou maus. Atraímos coisas para nós e somos atraídos a outros por esses pensamentos-formas. Eles se convertem em poderosos auxiliares e trabalham sem descanso. Sejam cuidadosos do modo pelo qual os emitimos. Não envieis fortes pensamentos-desejos, a não ser que tenham a aprovação do Eu Superior. De outro modo, chegareis a ficar enredados nas conseqüências produzidas por eles e sofrereis muito para aprender a lição de que os poderes psíquicos não devem ser usados para fins indignos. Sois castigados mediante tais coisas, não por causa delas. Sobretudo, jamais, sob nenhuma circunstância, envieis um porte pensamento-desejo de fazer mal a outrem, porque não há mais do que uma conseqüência para tal ato, e a experiência vos daria uma amarga lição.

Quem assim faz, geralmente é enforcado no patíbulo que constrói para os outros. O mau pensamento projetado contra uma mente pura, volta, em ricochete, imediatamente, para o emissor, e adquire força pelo contato.

Devemos pedir desculpas aos nossos estudantes por haver dado tanta importância a essas matérias; porém, como existe a possibilidade de que lições desta aula caíam em mãos daqueles que não estão preparados para recebê-las, é preciso acompanhar de uma advertência todo escrito referente a esse assunto, para impedir que pessoas irrefletidas façam mau uso destas informações e, por qualquer modo, se prejudiquem a si mesmas e a outras. É o sinal de perigo posto para os descuidados e irrefletidos.

Aqueles que fizeram um estudo da dinâmica do pensamento, conhecem as assombrosas possibilidades de que dispõem os que desejam utilizar o depósito mental que emanou das mentes dos pensadores do passado e do presente, e que está aberto ao pedido e à atração daquele que queira usá-lo e que sabe como tirar proveito dele.

Sobre este assunto tem-se escrito muito pouco, o que é surpreendente se considerarmos as assombrosas possibilidades de que dispõem aqueles que desejarem utilizá-las. Muitos pensamentos foram projetados sobre todos os assuntos e o homem que hoje segue uma linha de atividade, pode atrair a si pensamentos de grande ajuda, relacionados com o seu assunto favorito. De fato, algumas das maiores invenções e projetos assombrosos foram recebidos deste modo por alguns dos grandes homens do mundo, ainda que esses homens nem sequer soubessem donde procedia a sua informação.

Muitos homens pensaram intensamente em certo assunto, abrindo-se às influências do pensamento externo, que se precipitou em suas mentes receptivas, e aí o plano desejado — o elo perdido — penetrou no campo da consciência.

O pensamento não expresso, enviado originalmente, com uma força de desejo considerável, procura constantemente o modo de expressar-se e exteriorizar-se, e é facilmente atraído à mente daquele que o expressará em ação. Isto é: se um pensador engenhoso desenvolve idéias que não teve a energia ou habilidade de utilizar ou expressar em ação, os fortes pensamentos que sobre o assunto ele projetou, procurarão, durante anos, outras mentes como um canal de expressão; e quando tais pensamentos são atraídos por um homem de suficiente energia para manifestá-los, afluirão à sua mente, às torrentes, até que parecerá inspirado.

Se uma pessoa está ocupada com algum problema cuja solução lhe escapa, fará bem adotando uma atitude receptiva para com os pensamentos que se relacionem com o problema, e é muito provável que, quando tenha deixado de pensar sobre a matéria, a solução resplandeça perante ela como por arte mágica. Alguns dos maiores pensadores do mundo, escritores, oradores e inventores, experimentaram exemplos dessa lei do mundo do pensamento, ainda que apenas poucos deles tenham compreendido a causa que age por detrás do fenômeno. O mundo astral está cheio de

excelentes pensamentos não expressos, que aguardam a quem os expresse e os use. Isso é simplesmente a insinuação de uma grande verdade; que a utilizem aqueles que estiverem preparados para tal.

Da mesma forma, uma pessoa pode atrair para si pensamentos de força e ajuda, os quais o auxiliarão nos casos de depressão e desalento que lhe sobrevenham. Existe uma imensa soma de energia acumulada no mundo do pensamento, e quem quer que seja que dela tenha necessidade, pode atrair a si quanta lhe seja necessária. É questão, simplesmente, de que a soliciteis. O depósito de pensamento do mundo é vosso — por que não lançais mão dele?

6ª LIÇÃO - TELEPATIA E CLARIVIDÊNCIA

A telepatia pode ser definida, de um modo geral, como a comunicação entre duas mentes sem empregar como meio os cinco sentidos, aos quais a ciência material limita o homem, a saber: a vista, o ouvido, o olfato, o paladar, o tato — sendo a vista, o ouvido e o tato os sentidos usados mais comumente. Conforme a ciência material, seguir-se-ia, em conclusão que, se as duas mentes estivessem colocadas fora da possibilidade da comunicação ordinária com os sentidos, esta não existiria. E, se se provasse que a comunicação existe sob tais circunstâncias, seria uma conclusão razoável a de que o homem possui outros sentidos além dos cinco que lhe foram concedidos ou reconhecidos pela ciência material.

Os ocultistas, porém, sabem que o homem tem outros sentidos e faculdades, além dos tomados em consideração pela ciência material. Sem aprofundar-nos demasiado neste assunto e limitando-nos aos propósitos desta lição, podemos dizer que, além dos cinco sentidos físicos, o homem tem cinco sentidos astrais (partes correspondentes aos sentidos físicos) que operam sobre o plano astral, e por meio dos quais pode ver, ouvir, degustar, cheirar e até sentir, independente dos órgãos físicos geralmente associados a esses sentidos. Mais ainda: possui um sexto sentido físico especial (para o qual não temos termos em nossos idiomas), por meio do qual chegam a perceber os pensamentos que emanam das mentes dos outros, mesmo que as outras mentes estejam muito distantes dele.

Há um ponto de grande diferença entre este sexto sentido físico especial e os cinco sentidos astrais. A diferença é esta: Os cinco sentidos astrais são as duplicações astrais dos cinco sentidos físicos que funcionam sobre o plano astral, justamente como os cinco sentidos físicos funcionam sobre o plano físico, havendo um sentido astral correspondente a cada órgão físico; ainda que a impressão astral não seja recebida por meio de órgão físico, chega à consciência seguindo linhas que lhe são próprias, da mesma forma que acontece com a impressão recebida por meio dos condutos físicos. Porém, esse sexto sentido físico especial (chamá-lo-emos sentido telepático por carecer de melhor nome) tem um órgão físico através do qual recebe impressões, e também um sentido astral ou a duplicação da mesma forma que os outros sentidos físicos.

Em outras palavras, tem órgãos tão perfeitamente físicos como o nariz, olhos, ouvidos, por meio dos quais recebe as impressões telepáticas ordinárias, e os quais são usados em todos os casos que entrem no domínio da telepatia. A duplicação astral é usada sobre o plano astral em certas formas de clarividência. Vejamos, agora, o órgão físico telepático, por meio do qual o cérebro recebe as vibrações ou ondas-pensamentos que emanam das mentes dos outros.

Situado no cérebro, próximo ao meio do crânio e quase diretamente por cima da extremidade superior da coluna vertebral, encontra-se um pequeno corpo ou glândula de cor pardo-amarelada, de forma cônica aderida à superfície do terceiro ventrículo do cérebro, em frente ao cerebelo. É uma massa de matéria nervosa que contém corpúsculos semelhantes a células nervosas e que contém também pequenas concreções arenosas, partículas calcárias chamadas, algumas vezes, areia do cérebro. Esse corpo é conhecido pela ciência físico-ocidental sob o nome de glândula pineal ou corpo pineal, tendo-se-lhe dado o nome de pineal em virtude de sua forma parecida com o cone do pinho.

Os cientistas ocidentais estão em completa treva acerca da função, propósito e uso desse órgão do cérebro (porque é um órgão). Os seus compêndios esclarecem a questão com a solene declaração de que "a função do corpo pineal não é compreendida", se tentarem explicar a presença e significação dos "corpúsculos que se assemelham a células nervosas" ou à areia do cérebro. Alguns dos autores de livros científicos, entretanto, notam o fato de que esse órgão é maior nas crianças do que nos adultos, e mais desenvolvido nas mulheres do que nos homens, dado muito significativo.

Os yogues sabiam desde séculos que esse corpo pineal é um órgão através do qual o cérebro recebe impressões por meio de vibrações causadas pelos pensamentos projetados por outros cérebros — o órgão da comunicação telepática, numa palavra. Para esse órgão não é necessário ter uma abertura externa como têm os ouvidos, o nariz e os olhos, porque as vibrações do pensamento penetram a matéria da consistência do corpo físico, tão facilmente como as vibrações luminosas penetram o cristal ou as vibrações dos raios X passam através da madeira, da pedra, etc. A ilustração mais aproximada do caráter das vibrações-pensamentos é encontrada nas vibrações transmitidas e recebidas pelo telégrafo sem fios. A pequena glândula pineal do cérebro é o instrumento receptor do telégrafo sem fios da mente.

Quando uma pessoa pensa, gera vibrações de maior ou menor intensidade no éter circundante, as quais irradiam em todas as direções, da mesma forma que as ondas luminosas irradiam do centro onde têm origem. Essas vibrações,

chocando sobre o órgão telepático em outros cérebros, causam uma ação cerebral que reproduz o pensamento no cérebro do receptor. Esse pensamento reproduzido pode penetrar no campo da consciência ou pode ficar na região da mente instintiva, conforme as circunstâncias.

Em nossa lição precedente: Pensamentos Dinâmicos, falamos da influência e poder do pensamento, e aconselhamos ao estudante que, depois de terminada a presente lição, torne a ler a quinta lição, com o fim de fixar na mente as duas lições reunidas. Na lição anterior, dissemos o que faziam as ondas-pensamentos — nesta dizemos como elas são recebidas.

A telepatia, pois, para o propósito desta lição, pode ser considerada como a recepção por uma pessoa, consciente ou inconscientemente, de vibrações ou ondas-pensamentos transmitidas, consciente ou inconscientemente, pelas mentes de outros. A transmissão deliberada do pensamento entre duas ou mais pessoas é, pois, telepatia; a mesma coisa é a absorção por uma pessoa das vibrações-pensamentos da atmosfera, emitidas por outros pensadores, sem o mínimo desejo de alcançá-las. As ondas-pensamentos variam em intensidade e força, como explicamos na lição anterior. A concentração por parte do transmissor ou receptor, ou de ambos, intensifica, muito naturalmente, a força da mensagem e a exatidão e clareza da recepção.

Clarividência

É muito difícil para nós falarmos de um modo compreensível do fenômeno chamado clarividência, sem entrar no assunto do plano astral, porque a clarividência é um incidente do plano astral e pertence a esse assunto. Mas não podemos entrar em detalhes acerca do plano astral, porque temos a intenção de dedicar-lhe uma lição completa, de modo que devemos prosseguir com o presente assunto, dada a declaração de que serão explicados ao estudante a natureza e os incidentes do plano astral em tempo oportuno. Para o propósito desta lição, devemos pedir ao estudante que aceite a afirmação de que o homem tem em si faculdades que o fazem capaz de sentir vibrações, às quais não respondem os órgãos físicos ordinários de sensação. Cada sentido físico tem o seu correspondente sentido astral, que está aberto às aludidas vibrações e que interpreta tais vibrações e as transmite à consciência do homem.

Assim, a visão astral põe o homem em condição de receber vibrações luminosas astrais de uma distância enorme; receber estes raios através de objetos sólidos; perceber pensamentos-formas no éter, etc. A audição astral habilita-o a receber vibrações sonoras astrais de distâncias enormes, e depois de haver decorrido longo tempo, devido à durabilidade das vibrações sutis. Os outros sentidos astrais correspondem aos sentidos físicos e, como os sentidos astrais da visão e da audição, são uma *extensão deles*. Acreditamos que a questão nos foi bem formulada, se bem que toscamente, faz alguns anos, por uma psíquica pouco instruída que, depois de esforçar-se para explicar a semelhança de seus sentidos astrais aos seus sentidos físicos, disse, por fim, simplesmente: "Os sentidos astrais são os mesmos que os físicos — *porém ampliados*".

Não cremos poder melhorar a explicação dessa mulher sem instrução.

Todas as pessoas possuem os aludidos sentidos astrais, porém poucas, comparativamente, os têm desenvolvido de modo que possam usá-los conscientemente. Alguns têm, às vezes, fugazes momentos de percepção astral, mas não são conscientes da origem de suas impressões: conhecem simplesmente que: "algo penetra em sua mente", e freqüentemente descartam a impressão como uma mera ilusão. Aqueles que acordam à percepção astral soem ser tão entorpecidos como as crianças, quando os sentidos físicos começam a receber e transmitir impressões. A criança tem que medir a distância, quando recebe impressões por meio da vista, do ouvido e também do tato. Em psiquismo tem que se passar por uma experiência análoga: daí a confusão e os resultados pouco satisfatórios no começo.

Clarividência Simples

Para compreender inteligentemente as várias formas dos fenômenos de clarividência e, mais particularmente, aquelas formas que se manifestam no que chamamos *clarividência do espaço*, isto é, o poder de ver as coisas a grandes distâncias, devemos aceitar como fatos os ensinamentos ocultos (que as mais recentes descobertas da ciência física moderna estão comprovando) de que todas as formas de matéria estão constantemente emitindo radiações em todas as direções. Esses raios astrais são muito mais sutis do que os raios luminosos ordinários, mas viajam da mesma forma e são tomados e registrados pelo sentido da visão astral da mesma forma que o são os raios ordinários de luz pelo órgão físico da vista. Como os raios ordinários de luz, esses raios luminosos astrais se afastam infinitamente e os sentidos astrais altamente desenvolvidos e educados dos ocultistas adiantados registram impressões a distâncias incríveis para o termo médio dos leitores, que não estudaram essas matérias. Esses luminosos raios astrais penetram e passam através dos objetos de matéria sólida com relativa facilidade, e os corpos mais densos se tornam quase transparentes para a visão clarividente educada.

Em todas as diferentes formas de clarividência aqui indicadas há, naturalmente, vários graus de poder de clarividência por parte do clarividente. Alguns manifestam um poder extraordinário, outros um termo médio, e a maioria possui unicamente um poder ocasional, mais ou menos rudimentar, de percepção, sobre o plano astral. Assim é na clarividência simples, como também nas formas elevadas que a seguir transcreveremos. Conseqüentemente, uma pessoa pode possuir alguma das características da clarividência simples e carecer de outras.

Por clarividência simples significamos o poder de receber impressões astrais de um ponto próximo, sem possuir o clarividente o poder de ver as coisas distantes ou perceber as que ocorreram no passado ou que ocorram no presente. À pessoa que possui um grau completo de clarividência simples, ocorre-lhe o fenômeno de receber ondas luminosas astrais através dos objetos sólidos. Vê literalmente através das paredes. Os objetos sólidos tornam-se-lhe semitransparentes e percebe as vibrações passando através deles, da mesma forma que o observador, com o aparelho adequado, percebe os raios X que passam através de um objeto sólido. Pode observar coisas que acontecem num aposento imediato e detrás de portas fechadas. Pode, com a prática, ler o conteúdo de cartas fechadas. Pode ver a vários metros sob seus pés na terra e observar os minerais que aí possam existir. Pode ver através do corpo de uma pessoa próxima, observar o trabalho dos órgãos internos e distinguir, em muitos casos, a causa de doenças físicas. Pode ver a aura das pessoas com que se põe em contato, observar as cores áuricas e assim averiguar a qualidade de pensamento que emana de suas mentes. Pode, por meio do poder de clarividência, ouvir o que se está dizendo além da possibilidade da audição ordinária. Chega a ser sensitivo para os pensamentos de outros, devido ao exercício de seus poderes telepáticos astrais, os quais são muito mais agudos e sutis que os seus sentidos telepáticos ordinários. Pode ver espíritos desencarnados e outras formas astrais, o que será explicado na lição que trata desse assunto. Enfim, um novo mundo de impressões abre-se perante ela.

Em alguns casos raros, as pessoas que possuem a clarividência simples, desenvolvem gradualmente a faculdade de aumentar, à vontade, o tamanho dos objetos pequenos — isto é, por meio da sua visão astral podem ajustar o foco com o fim de aumentar a imagem astral do objeto ante eles até qualquer tamanho desejado; o mesmo que faz a pessoa que usa o microscópio. Essa faculdade, porém, é muito rara, e poucas vezes tem sido desenvolvida espontaneamente, sendo, em geral, possuída somente por pessoas de avançados e desenvolvidos poderes ocultos. Uma variação dessa faculdade será notada sob a denominação de clarividência do espaço, da qual trataremos em seguida.

Clarividência do Espaço

Há vários meios pelos quais o psíquico ou o ocultista desenvolvido pode perceber pessoas, coisas, cenas e sucessos muito distantes do observador e muito além do alcance da visão física. Somente dois desses meios se enquadram no título dessa lição; os outros métodos pertencem aos planos mais elevados da vida e estão além do poder dos que não sejam adeptos e ocultistas muito adiantados. Os dois métodos aludidos entram, estritamente falando, sob o título de clarividência do espaço, no plano astral e, portanto, formam uma parte desta lição. O primeiro desses métodos consiste no que descrevemos como clarividência simples, mas é uma escala aumentada na razão direta do desenvolvimento da faculdade em focalizar objetos longínquos e pô-los à vista por meio do que os ocultistas conhecem como tubo astral, o qual será descrito nos parágrafos seguintes. O segundo método consiste na projeção do corpo astral, consciente ou inconsciente, e observar praticamente a cena no seu próprio local, por meio da visão astral. Esse método será também descrito um pouco mais adiante, nesta lição.

Descrevemos os raios de luz astral que emanam de todos os objetos e por meio dos quais a visão astral se torna possível. E sob o título de Clarividência Simples, dissemos como pode o clarividente observar objetos próximos por meio de sua visão astral, da mesma forma que o faz mediante a sua visão física, usando, num caso, os raios da luz astral e, no outro, os raios luminosos. Mas, assim como uma pessoa é incapaz de perceber um objeto distante por meio de sua visão física ordinária ainda que os raios luminosos não estejam interrompidos, da mesma forma o clarividente simples é incapaz de ver objetos longínquos por meio da visão astral, ainda que os raios luminosos astrais sejam contínuos.

O homem no plano físico, para ver o que está além da sua visão normal, deve fazer uso do telescópio. Da mesma forma sobre o plano astral, deve fazer entrar em operação alguma coisa que ajude à simples visão astral, com o fim de receber uma impressão clara de coisas longínquas. Essa ajuda, porém, vem do interior de seu próprio organismo astral e consiste em uma faculdade astral peculiar que age como a lente de um telescópio e dá magnitude aos raios recebidos de longe, tornando-os suficientemente grandes para poderem ser distinguidos pela mente. Tal poder é telescópico de fato, se bem que realmente o é por uma variação dessa faculdade microscópica notada no que temos denominado clarividência simples.

A faculdade telescópica varia muito com os psíquicos; alguns são capazes de ver apenas a poucas milhas, enquanto que outros recebem facilmente impressões de todas as partes da terra, e alguns têm podido, às vezes, perceber cenas de outros planetas.

Tal visão telescópica astral é obtida geralmente por meio do que os ocultistas chamam telescópio astral, o qual é análogo ao telégrafo astral, corrente astral, etc., todos os quais são unicamente variações do tubo astral.

O tubo astral é produzido pela formação de uma corrente de pensamento no plano astral (mantendo-se reunido por uma forte provisão de Prana projetada com o mesmo pensamento), corrente que torna mais fácil a passagem das vibrações astrais de todas as classes, quer sejam vibrações de pensamento telepáticas, ou vibrações luminosas astrais, ou vibrações sonoras astrais. É colocar o observador e o observado — o transmissor e o receptor, ou as duas pessoas, em harmonia — numa íntima condição de rapport ou comunicação. O tubo astral é o meio pelo qual se torna possível uma grande variedade de fenômenos psíquicos.

No caso de visão telescópica astral ou clarividência do espaço, o clarividente, consciente ou inconsciente, estabelece um tubo astral que o põe em conexão com a cena distante. As vibrações luminosas astrais chegam a ele mais facilmente por esse método e as impressões externas são inibidas ou interceptadas, de modo que a mente receba somente as impressões do ponto focalizado. Essas impressões chegam ao clarividente e são ampliadas pela sua faculdade telescópica, e são, então, percebidas claramente pela sua visão astral. Essa faculdade telescópica, recordai-vos, atua simplesmente como as lentes através das quais passam os raios da luz astral, e por esse motivo as impressões são ampliadas até um tamanho suficientemente grande para serem distinguidas pela visão astral, da mesma forma que os raios ordinários de luz são aumentados para a visão comum pelas lentes do telescópio.

A analogia é muito expressiva e vos ajudará a formar uma idéia clara do processo.

O tubo astral é geralmente formado pela vontade do clarividente ou por seu forte desejo, o qual tem quase a mesma força. Algumas vezes, se as condições são favoráveis, um pensamento trivial qualquer pode causar a formação da corrente astral, e o clarividente verá cenas impensadas e até desconhecidas para ele. O pensamento fútil pode ter formado uma relação com outras pessoas psíquicas ou ter sido atraído por certas direções por algumas das mil e uma coisas psíquicas sob a lei de atração e associação; mas a vontade do operador é geralmente suficiente para cortar a conexão estabelecida descuidadamente e substituí-la rapidamente por outra com a pessoa ou lugar desejado. Muitas pessoas têm essa faculdade bem controlada; outras a possuem por intervalos, indo e vindo a elas espontaneamente; outras estão desprovidas dela, exceto quando estão sob a influência mesmérica, etc. Outras têm encontrado na bola de cristal ou objetos similares um meio fácil para criar o tubo astral, usando o cristal como uma espécie de ponto de partida. A contemplação por meio do cristal é simplesmente clarividência do espaço com o uso do tubo astral; e as cenas percebidas pelo observador são vistas por esses meios.

Temos apenas o espaço suficiente para indicar os princípios gerais desse grande assunto e dar ao estudante uma idéia inteligível das várias formas de fenômenos psíquicos. Sentimos não ter a oportunidade de relatar os interessantes exemplos de poder clarividente que têm sido apresentados por eminentes escritores sobre o assunto e que estão bem testemunhados sob o ponto de vista científico. Em todo caso, não nos propomos provar-nos a existência da clarividência — devemos supor que sabeis que é um fato ou, pelo menos, que não sois antagonistas à idéia. O espaço de que dispomos deve ser dedicado a uma breve descrição e explicação desse fenômeno, e não a uma tentativa de provar a sua realidade aos cépticos. É uma questão que, depois de tudo, cada homem deve provar à sociedade pela sua própria experiência e que, finalmente, não pode ser demonstrada por nenhuma prova exterior.

O segundo método de ver coisas muito distantes de nós consiste na projeção do corpo astral, consciente ou inconscientemente e, na prática, observar a cena no lugar mesmo em que se desenrola, por meio da visão astral. É este um método mais difícil e mais raro que o do tubo astral ordinário que acabamos de descrever, embora muitas pessoas viajem no astral e percebam cenas que elas crêem ver em sonhos ou com os olhos da imaginação.

Descrevemos o corpo astral em uma lição anterior. É possível para uma pessoa projetar o seu corpo astral ou viajar nele, a qualquer ponto dentro dos limites do planeta, se bem que muitos poucos são conscientes de que podem viajar assim, sendo necessário que o principiante pratique muito e com grande cuidado. Uma vez no local, pode o viajante astral ver o que se está passando a seu redor, sem estar limitado à pequena cena, à qual está restrito aquele que usa o tubo astral. O corpo astral segue seus desejos ou sua vontade e vai onde lhe ordena. O ocultista preparado deseja simplesmente estar em certo lugar e seu corpo astral dirige-se para ali com a rapidez da luz ou mais rapidamente ainda. Naturalmente, o ocultista inexperiente não tem esse grau de controle sobre o seu corpo astral e é mais ou menos inapto no seu manejo. Algumas pessoas viajam freqüentemente em seu corpo astral durante o sono; um número menor viaja inconscientemente nas horas de vigília e poucas têm adquirido o conhecimento que as habilita a viajar conscientemente e por vontade própria em qualquer momento.

O corpo astral está sempre unido ao corpo físico por um tênue fio astral, como de seda, e a comunicação entre os dois é assim mantida. Teremos mais o que dizer sobre o assunto do corpo astral na lição décima, a qual tratará do plano astral. Mencionamo-lo agora simplesmente com o fim de explicar que o que se chama clarividência é, algumas vezes, efetuado com ajuda, ainda que isso seja uma forma mais elevada de poder psíquico do que as outras formas de clarividência, das quais temos falado até agora.

Clarividência do Passado

A clarividência do tempo, no tocante à percepção de sucessos passados, não é uma faculdade rara entre os ocultistas adiantados; de fato, pode ser considerada comum entre tais pessoas. E a mesma faculdade, imperfeitamente manifestada, encontra-se em muitos psíquicos ordinários que não se dão conta da natureza do seu poder. Entre a última classe de pessoas mencionadas, a clarividência do tempo não é muito satisfatória, devido à imperfeição e ao engano originado pelas causas que se verão em seguida.

A afirmação de que uma pessoa pode ver cenas e sucessos passados, ainda mesmo por meio da visão astral, facilmente se notará que precisa uma explicação inteiramente diferente da que se deu para a clarividência do espaço, porque, nesses casos, o clarividente vê aquilo que está acontecendo atualmente em um lugar dado no momento em que é visto, ou pelo menos alguns segundos antes; enquanto que, no outro caso, o clarividente vê alguma coisa que aconteceu há talvez muito tempo e depois de haverem aparentemente percebido todos os vestígios de tal acontecimento. Ah! é esta, exatamente, a explicação — "aparentemente perecido". Os ocultistas sabem que nada perece e que há em existência, sobre os planos mais elevados da matéria, imperecíveis e inalteráveis registros de cada cena, ato, pensamento e coisa que tenha existido ou ocorrido. Estes registros akásicos não estão no plano astral, mas sim num plano muito mais elevado; são, porém, refletidos sobre o plano astral da mesma forma que o firmamento e as nuvens se refletem num lago, e o observador que não pode ver o céu mesmo, pode ver a sua duplicação na água. E da mesma forma que a sua visão pode ser perturbada pelas pequenas oscilações e encrespamento da superfície líquida, produzidos pela brisa quando começa a soprar e pelas ondas sobre a água, assim pode a visão astral desses registros do passado ser perturbada e dar impressões imperfeitas e falseadas, devido às perturbações da luz astral. Os ocultistas têm usado, desde alta antiguidade, a água como um símbolo da luz astral. Notais por quê?

Esses registros (akásicos) contêm a memória de tudo o que se tem passado e aquele que tem acesso a eles pode ler no passado como poderia fazê-lo em um livro. Mas somente as inteligências mais adiantadas têm livre acesso a esses registros — ou, melhor, o poder de os ler. Entretanto, muitos têm adquirido um grau maior ou menor de poder que os faz capazes de ler, mais ou menos claramente, os reflexos desses registros no plano astral. Aqueles que têm desenvolvido a clarividência do tempo, podem ver esses reflexos dos registros como cenas que ocorrem atualmente ante eles, da mesma forma que uma pessoa ouve no fonógrafo a voz de pessoas que tenham deixado o corpo físico há muito tempo, e da mesma forma que outros poderão escutar as nossas vozes daqui a séculos. É impossível explicar aos principiantes a natureza desses registros, pois não temos palavras para fazê-lo. Nós mesmos que escrevemos sobre tal assunto temos apenas uma compreensão parcial do mistério interno dos registros akásicos. Em tal emergência, como poderíamos torná-lo claro àqueles que estão ainda mais atrás do que nós, na senda? Podemos apenas dar uma idéia por meio da ilustração — e essa imperfeita. No cérebro de cada ser humano há milhões de células, contendo cada uma delas o registro de algum sucesso, ação ou pensamento passado.

Não podemos encontrar esses registros com o microscópio ou com reativos químicos e, no entanto, estão aí e podem ser usados. A memória de cada ato, pensamento e ação permanece no cérebro durante a vida, ainda mesmo que o seu proprietário não possa ser sempre capaz de trazê-los à consciência. Podeis chegar até à idéia dos registros akásicos por meio dessa ilustração. Na grande maioria celular do universo estão registrados e acumulados os registros de tudo quanto se tem passado — aqueles que têm acesso aos arquivos podem ler e aqueles que podem ver, ainda que mais não seja do que os reflexos astrais dos registros, podem ler com mais ou menos exatidão e habilidade. Isso é o melhor que podemos oferecer-vos com o fim de explicar uma questão inexplicável.

Aqueles que estiverem preparados para a verdade oculta nestas palavras, verão um vislumbre dela; os outros devem esperar até que estejam preparados.

Clarividência do Futuro

A clarividência do tempo, no que se refere à profecia, sua visão do futuro, é ainda menos suscetível de uma simples explicação. Não a tentaremos, exceto para dizer que na luz astral se encontram débeis e imperfeitos reflexos das operações da grande lei de causa e efeito, ou antes, as sombras impressas com antecipação à chegada dos sucessos. Alguns possuem o poder de ver as coisas que essas sombras e reflexos causam de um ponto de vista muito aproximado, ao passo que muitos têm um grau de poder psíquico que lhes permite apenas ver com a sua visão astral esses pobres reflexos falseados e incertos em virtude das ondas e encrespamento da superfície do lago da luz astral. Há planos mais elevados de poder pelo qual alguns, em cada idade, têm sido capazes de ver parcialmente o futuro; mas tais poderes estão muito acima das escassas faculdades do plano astral, o qual ainda que seja muito assombroso para o ocultista inculto, não é tão altamente considerado por aqueles que têm progredido muito na senda. Sentimos ser obrigados a passar por essa parte do assunto com tão poucas palavras, como uma mera insinuação da pequena partícula de verdade testemunhada pelos mais adiantados investigadores. Mas sabemos muito bem que todos receberão a luz do que tenham necessidade no momento preciso em que estiverem preparados — nem um momento mais tarde, nem um momento mais cedo. Tudo quanto pode

ser feito por nós é deixar cair uma palavra aqui — uma idéia ali — lançar a semente. Que a colheita chegue breve e seja abundante.

Clariaudiência

A clariaudiência é a audição sobre o plano astral por meio dos sentidos astrais. Quase tudo o que dissemos com relação à clarividência é certo também em relação à clariaudiência, sendo a única diferença que se usa um órgão astral diferente. A clariaudiência simples é similar à clarividência simples; a clariaudiência do espaço tem analogia com a clarividência do espaço; a clariaudiência do passado é similar à clarividência do passado; até a clarividência do futuro tem uma sombra de parecido com o fenômeno clariaudiente; a única diferença que há entre as duas manifestações astrais é que são experimentadas por meio de dois sentidos astrais diferentes. Alguns clarividentes também são clariaudientes, ao passo que outros carecem deste último poder. Por outro lado, alguns ouvem clariaudientemente, mas são incapazes de ver na luz astral. Em suma: a clariaudiência é uma manifestação um tanto mais rara do que a clarividência.

Psicomетria

Da mesma forma que, algumas vezes, podemos lembrar alguma coisa, aparentemente esquecida, pela vista de algo que está associado com ela em nossa memória, assim podemos, algumas vezes, perceber os reflexos astrais dos registros akásicos de alguma cena ou acontecimento, pelo contato de alguma coisa material a ele associada. Parece que há quase uma afinidade entre uma partícula de matéria e a porção particular dos registros akásicos que contêm a história passada da coisa em questão. Uma partícula de metal ou pedra, fazenda ou cabelo, abrirá a visão psíquica das coisas que anteriormente estavam associadas com elas no passado. Ou, por outro lado, podemos pôr-nos em relação com pessoas atualmente viventes por meio de um fragmento de seus vestidos, cabelo ou artigos trazidos por elas anteriormente; a condição de relação assim estabelecida nos permite criar mais facilmente o tubo astral. A psicomетria é simplesmente uma das formas de clarividência posta em operação por meio de algum elo de conexão entre as pessoas ou coisas, ou algum objeto relacionado com essas coisas ou pessoas.

Não é uma classe diversa de fenômeno psíquico, porém simplesmente uma variação das outras classes, alguma coisa que combina várias classes de clarividência em suas manifestações.

Como Desenvolver Poderes Psíquicos

Com freqüência nos tem sido feita a pergunta que, provavelmente, está na mente da maioria de nossos estudantes, pelo menos daqueles que ainda não manifestaram uma determinada posse de poder psíquico: — Como pode uma pessoa desenvolver o poder psíquico que nela está latente?

Há muitos métodos para o desenvolvimento: destes, alguns são desejáveis, muitos o são pouco, e outros são positivamente prejudiciais.

Entre os métodos prejudiciais estão os usados por certas raças selvagens e mesmo por alguns extraviados da nossa própria raça. Aludimos a tão criticáveis práticas como o uso de drogas embriagadoras, danças vertiginosas, práticas voduístas ⁽⁴⁾, ritos repulsivos dos magos negros e outras práticas similares que consideramos prudente nem sequer mencionar. Essas práticas tendem a produzir uma condição anormal, parecida à embriaguez e que, como a embriaguez e o hábito de usar drogas, só produzem a ruína física e psíquica. É verdade que aqueles que a isso se entregam, desenvolvem uma ordem inferior de poder psíquico ou astral; mas invariavelmente atraem a si uma classe pouco desejável de entidades astrais, e freqüentemente se tornam acessíveis à influência de uma classe de inteligências inferiores que os homens prudentes evitam cuidadosamente e das quais recusam tratar. Não faremos mais que dar um conselho contra essas práticas e seus resultados. A nossa obra está destinada a elevar os nossos estudantes e não a rebaixá-los ao nível dos magos negros.

Outras práticas, mais ou menos pouco desejáveis, se bem que não absolutamente prejudiciais no sentido que dissemos das últimas mencionadas, são mais ou menos comuns entre os hindus de certa classe e os ocidentais. Aludimos aos métodos de hipnotização própria e de hipnotização por outros, com o fim de produzir ou provocar uma condição psíquica, na qual as pessoas podem recolher vislumbres do mundo astral. Olhar um objeto brilhante até que seja provocada uma espécie de transe, ou a repetição de alguma fórmula monótona que provoque um estado de sonolência, estão entre os métodos dessa classe. Na mesma categoria colocamos o processo ordinário da hipnotização por outros, para o mesmo propósito.

4 *Voduismo — bruxaria praticada por alguns negros da África, índios orientais e americanos.*

Há, naturalmente, uma forma mais elevada de mesmerismo, conhecida pelos ocultistas, a qual está sob um plano inteiramente diferente; mas os ocultistas evitam usá-la, exceto em certos casos em que pode resultar o bem; e tais métodos não são conhecidos pelo hipnotizador ordinário que, ah! com demasiada freqüência é pessoa de imperfeito conhecimento, escassa instrução oculta e de um grau inferior de caráter moral. Aconselhamos a nossos estudantes que não permitam sejam experimentados por eles.

Há dois métodos de desenvolvimento psíquico praticados pelos yogues, os quais mencionaremos aqui. O primeiro e mais elevado, é o desenvolvimento dos poderes psíquicos, desenvolvendo primeiro a natureza e as faculdades espirituais para que os dons psíquicos possam ser usados com inteligência e poder, sem educação especial — o aperfeiçoamento mais elevado trazendo consigo a aquisição do poder inferior. Em outras palavras: o yogue, persistindo na aquisição do poder espiritual, contenta-se simplesmente com um conhecimento intelectual do poder psíquico, sem deter-se muito tempo em tal ponto, e, em seguida, depois de haver adquirido conhecimento e desenvolvimento espirituais mais elevados, volta e usa as ferramentas em condições de serem manejadas, cujo uso então compreende. Na 14.ª lição desta série assinalaremos o caminho que conduz a esse desenvolvimento: a lição será inteiramente para indicar o caminho da realização do saber espiritual.

Há ainda um outro meio pelo qual alguns estudantes da filosofia yogue desenvolvem em si poderes psíquicos, preferindo obter esse conhecimento pela experiência, antes de passar ao plano espiritual. Não temos por que censurar tal procedimento, se é que o estudante não considera o poder psíquico como o fim de sua conquista, e enquanto permanece inspirado por móveis dignos e não permite que a atração do plano astral o aparte do objetivo principal: o desenvolvimento espiritual.

Alguns estudantes da Yoga seguem o processo de dominar primeiro o corpo pela mente e, em seguida, dominar a mente instintiva pelo intelecto, sob a direção da Vontade. Os primeiros passos do domínio do corpo foram mencionados por nós na Ciência da Respiração e serão mais claramente expostos e ampliados em nosso próximo livro Hatha-Yoga.

Se o estudante quer experimentar um pouco por si mesmo, aconselhamos-lhe que adquira o próprio controle e pratique a concentração no silêncio. Muitos de vós haverão tido já manifestações de poder psíquico e podem praticar segundo as linhas correspondentes às manifestações já tidas.

Mas não vos deixeis arrastar por práticas psíquicas; são interessantes e instrutivas, mas não são o essencial nesse grau de desenvolvimento. Mantende sempre a vossa mente fixa na meta — o fim que deve ser atingido — o desenvolvimento do Eu Real — a realização do Eu Sou dentro de vós — e a realização ainda mais elevada de vossa Unidade com o Todo.

A paz seja convosco, estudante. Tendes o nosso pensamento de amor e os nossos desejos pela vossa felicidade. Se sentirdes, alguma vez, necessidade de nossa simpatia e ajuda mental, evocai-a no grande Silêncio, e nós responderemos.

7ª LIÇÃO - MAGNETISMO HUMANO

O magnetismo humano, conforme a acepção dada nestas lições, é uma coisa muito diferente do que o público geralmente denomina: *magnetismo pessoal*. O magnetismo pessoal é um atributo da mente e pertence ao assunto da dinâmica do pensamento. O magnetismo humano, pelo contrário, é uma manifestação do Prana e pertence a essa parte do assunto geral.

O termo *magnetismo humano* é pobre, porém, como muitos outros termos, é usado na falta de outro melhor e para evitar a invenção de termos novos que, provavelmente, confundiriam o estudante. O sânscrito possui termos perfeitamente ajustados a cada fase do assunto, que têm entrado em uso à medida que o conhecimento tem aumentado. E assim acontecerá à medida que o conhecimento dessa filosofia do Oriente chegue a ser mais geralmente conhecida pelos ocidentais: novos termos adequados ao assunto entrarão em uso geral e cessará a confusão que atualmente existe.

Preferimos o termo *magnetismo humano* ao de *magnetismo animal*, pois este é confundido geralmente com algumas manifestações de mesmerismo. Porém, esse magnetismo humano não é propriedade exclusiva do homem, mas mesmo os animais inferiores o possuem em certo grau. Há, no entanto, esta diferença: o homem é capaz de dirigi-lo conscientemente por sua vontade e mediante o seu pensamento, enquanto que os animais inferiores usam-no mais ou menos inconscientemente e sem auxílio intelectual no controle da vontade. Os animais inferiores, da mesma forma que o homem, emitem constante e inconscientemente esse magnetismo ou energia prânica; mas o homem desenvolvido ou psiquicamente educado tem essa força sob seu controle e pode, conforme a sua vontade, reprimi-la numa grande extensão ou emití-la em qualidades grandemente aumentadas, podendo também dirigi-la para algum ponto ou lugar especial. Pode usá-la também em combinação com as suas ondas-pensamentos para dar às mesmas uma carga maior de poder e força.

Mesmo correndo o risco de sermos acusados de desnecessárias repetições, desejamos gravar em vossa mente que essa energia prânica ou magnetismo humano é uma coisa muito diferente da força-pensamento ou qualquer outra

manifestação do poder do pensamento, exceto que pode ser usada em combinação com as ondas-pensamentos, como expusemos acima. É simplesmente da natureza, o mesmo que a eletricidade ou forças análogas, e pode ser usada consciente ou inconscientemente; inteligente ou torpemente, sábia ou ignorantemente. Não tem ação inteligente, exceto quando é dirigida pela mente de quem a usa. *Eletricidade humana* seria um nome muito mais apropriado do que *magnetismo humano*, porque se parece à eletricidade muito mais do que ao magnetismo.

Com esse esclarecimento, continuaremos usando o termo *magnetismo*, pedindo-vos que relembreis sempre o que justamente significamos por esse termo.

O magnetismo humano ou energia prânica é uma força. Dissemos alguma coisa acerca de Prana em nossa primeira lição. Prana é a energia universal e é encontrada sob diferentes formas em todas as coisas animadas ou inanimadas. Todas as formas de força ou energia são, exclusivamente manifestações de Prana. A eletricidade é uma forma de Prana, como o é a gravitação e igualmente o magnetismo humano. É um dos sete princípios do homem e encontra-se em maior ou menor grau em todos os organismos humanos.

O homem extrai Prana do ar que respira, do alimento que come, dos líquidos que bebe. Se carece de suficiente Prana, debilita-se e enlanguesce. Quando a sua provisão de Prana é suficientemente grande para as suas necessidades, torna-se ativo, enérgico, *cheio* de vida.

Demos instruções acerca da aquisição e acumulação de Prana por meio da respiração, no nosso livro *Ciência da Respiração*, e daremos indicações para sua melhor absorção dos alimentos e líquidos em nosso próximo livro *Hatha-Yoga*.

Há uma grande diferença na quantidade de Prana absorvida e acumulada pelas diferentes pessoas. Algumas estão sobrecarregadas de Prana e o irradiam como uma máquina elétrica, dando lugar a que todos aqueles com os quais se põem em contato sintam um aumento de saúde, força e vigor. Outros estão tão escassos de Prana que, quando estão em companhia de outras pessoas, a sua empobrecida condição os faz despojar a outros de sua provisão de Prana ou magnetismo, sendo o resultado que as outras pessoas assim despojadas se sentirão provavelmente incomodadas e fracas depois da entrevista. Algumas pessoas são, praticamente, vampiros e vivem do magnetismo de outros, em geral, inconscientemente, embora alguns tenham adquirido o conhecimento de que podem viver da energia de outros deste modo e praticam as suas malvadas artes, conscientemente. Esse uso consciente de seu poder é uma forma de magia negra e é acompanhado de certas penalidades e castigos psíquicos. Mas ninguém pode ser assim despojado, quer seja pelo pedido inconsciente de outros ou por um desígnio consciente, desde o momento que tenha aprendido alguma coisa acerca do magnetismo humano e suas leis.

O magnetismo humano ou energia prânica é uma força terapêutica muito poderosa e, numa forma ou noutra, é empregado na maioria dos casos de cura psíquica. É uma das mais antigas formas de cura natural e pode dizer-se que é quase instintiva na raça. Uma criança que se machucou ou sente uma dor, corre para sua mãe, a qual beija a parte machucada ou coloca a sua mão no lugar da dor e, em poucos momentos a criança está melhor. Quando nos aproximamos de uma pessoa que está sofrendo, é muito natural colocarmos as mãos sobre a sua testa ou as passarmos sobre ela. Esse uso instintivo da mão é uma forma de transmissão de magnetismo ao paciente, o qual geralmente é aliviado por esse ato. A ação da mãe apertando a criança contra o peito, é outro ato instintivo com o mesmo propósito. O magnetismo da mãe sai impellido pelo seu pensamento amoroso e a criança é acalmada, tranqüilizada e fortalecida.

O magnetismo humano pode ser emitido do sistema por meio de um desejo ou pensamento ou pode ser mais diretamente transferido a outro por meio da mão, contato do corpo, ou beijo, sopro ou insuflação e meios análogos. Falaremos novamente desta matéria em nossa oitava lição sobre *Terapêutica Oculta*.

É impossível dar uma explicação singela e clara do que é exatamente esse magnetismo humano, a não ser que penetremos profundamente os ensinamentos ocultos, os quais não seriam adequados para o principiante.

Para dizer o que é o magnetismo humano, deveríamos explicar o que é Prana, e para fazer essa explicação deveríamos ir diretamente à raiz do assunto e descobrir a verdadeira natureza e origem da *força*, alguma coisa que a ciência física moderna ainda não conseguiu fazer, porém que os mais profundos ensinamentos ocultos podem explicar, pelo menos àqueles que adquiriram esse grau de compreensão, por passos lentos, laboriosos e graduais.

Podem objetar-nos que esperamos demasiado ao pedir aos nossos estudantes que aceitem como verdade a afirmação de que existe uma coisa tal como magnetismo humano ou energia prânica, quando não podemos explicar a sua natureza real. Replicando a essa objeção, responderemos que há muitas coisas que podem ser provadas por seus efeitos observados, ainda que a coisa mesma não possa ser explicada em termos claros. Tomemos a eletricidade ou magnetismo por exemplo; a sua existência está claramente provada para nós por seus efeitos diários, e, no entanto, a ciência física nos diz muito pouco que possa ser compreendido acerca da sua natureza real. Igual coisa acontece com essa outra manifestação da energia prânica — o magnetismo humano — devemos olhar os seus efeitos como prova, de preferência, a tentar resolver o mistério da energia comum de todas as formas de força — Prana.

Mas, tem-se-nos feito a objeção de que, enquanto podemos observar facilmente os efeitos e as manifestações externas da eletricidade e do magnetismo, não há efeitos e manifestações do magnetismo humano ou energia prânica. Objeção que sempre nos fez sorrir ao considerar que cada movimento do corpo, desde o poderoso esforço do gigante até o estremecimento de uma pálpebra, é um esforço direto e uma manifestação desse magnetismo humano ou energia prânica.

A ciência física chama a isso *força nervosa* ou nomes similares, mas é a mesma coisa que temos chamado magnetismo humano — uma forma de energia prânica. Quando queremos levantar um dedo, fazemos um esforço de vontade, se o desejo é consciente — ou um esforço da mente instintiva, se o desejo é subconsciente — uma quantidade de magnetismo humano é enviada aos músculos que controlam o movimento do dedo. Os músculos se contraem e o dedo se levanta. E a mesma coisa acontece com todos os movimentos do corpo, quer pertençam ao plano de esforço consciente ou subconsciente. Cada passo que damos é causado por esse mesmo processo; cada palavra que pronunciamos é produzida desse modo; cada lágrima que vertemos obedece à mesma lei; até a batida do coração responde à provisão do magnetismo humano ministrado nesse último caso, pelo mandato da mente instintiva.

O magnetismo é enviado pelos nervos, justamente como uma mensagem telegráfica é enviada pelos fios que a conduzem da repartição central a todas as partes da terra. Os nervos são os seus fios telegráficos e a corrente no corpo viaja sempre sobre esses fios. E, da mesma forma que, até numa época muito recente, se acreditava impossível enviar mensagens sem fios, assim a ciência física nega ainda hoje que esse magnetismo humano (que ela chama *força nervosa*) possa ser transmitido a não ser por esses fios do sistema nervoso. E assim como os homens da ciência descobriram, recentemente, a possibilidade de telegrafia sem fios e já não negam a sua realidade, da mesma forma os ocultistas conheceram, durante séculos, a verdade do que esse magnetismo humano pode ser transferido de uma a outra pessoa através da atmosfera astral, sem necessidade dos fios nervosos.

Conseguimos ajudar-vos a formar uma idéia mais clara do magnetismo humano?

Como dissemos, o magnetismo humano é extraído, pelo organismo do homem, do ar que respira, da água que bebe e do alimento que come.

É extraído do laboratório da Natureza e acumulado no sistema nervoso, numa cadeia de acumuladores, dos quais o plexo solar é o armazém central e principal. Desses acumuladores é tirado o magnetismo pela mente e enviado para ser usado nos milhares de propósitos para os quais está destinado. Quando dizemos "tirado pela mente", não queremos dizer que deve ser necessariamente tirado por um esforço consciente da mente ou poder da vontade; de fato, não mais de cinco por cento da quantidade usada é tirada desse modo, e os noventa e cinco por cento restantes são extraídos e usados pela mente instintiva, a qual controla as funções do corpo, as operações dos órgãos internos, os processos de digestão, assimilação e eliminação, a circulação do sangue e as várias funções do corpo físico, tudo o que está inteiramente ou em parte, sob o seu controle e cuidado.

Não se deve supor que esse magnetismo esteja ausente de alguma parte do corpo, em tempo algum, ou que esteja ausente até o momento em que é enviado para ali por um esforço distinto da mente. O fato é que cada parte do corpo contém uma soma maior ou menor de magnetismo, em todo e qualquer tempo, dependendo a soma total da vitalidade geral da pessoa, sendo tal vitalidade determinada inteiramente pela quantidade total de Prana ou magnetismo humano do sistema.

Uma breve consideração do sistema nervoso, com suas células nervosas, gânglios, plexo, etc., será oportuna neste ponto para obter uma idéia mais clara dos processos da natureza em sua distribuição da provisão de magnetismo.

O sistema nervoso do homem está dividido em dois grandes sistemas, a saber: o sistema cerebrospectral e o sistema simpático. O sistema cerebrospectral consiste em toda aquela parte do sistema nervoso, contida no interior da cavidade craniana e no canal medular, isto é, o cérebro e a medula espinal e os nervos que daí se ramificam. Esse sistema preside às funções da vida animal conhecidas como volição, sensação, etc. O sistema simpático inclui toda a parte do sistema nervoso localizado principalmente nas cavidades torácica, abdominal e pélvica, e que se distribui aos órgãos internos. Ele controla os processos involuntários, tais como o crescimento, a nutrição, etc., sob a supervisão e direção da mente instintiva. O sistema cerebrospectral atende à vista, ao ouvido, ao olfato, ao paladar, ao tato, etc. É ele quem põe as coisas em movimento, sendo usado pelo Ego para pensar, manifestar consciência e intelecto. É o instrumento pelo qual o Ego pode comunicar-se com o mundo externo por meio dos sentidos físicos. Este sistema foi comparado a um grande sistema telefônico, tendo o cérebro por oficina central, e a coluna vertebral e nervos como o cabo e os fios respectivamente.

O cérebro é uma grande massa de tecido nervoso, e consiste de três partes, a saber: o cérebro propriamente dito, que ocupa a parte superior, frontal, média e posterior do crânio; e a medula oblongada, que é o princípio avolumado da medula espinal e que está adiante e em frente do cerebelo.

O cérebro é o órgão do intelecto e também da mente espiritual em desenvolvimento, o órgão da manifestação, relembrai-o, não a própria coisa. O cérebro é o órgão da *mente instintiva*. A medula oblongada é a parte superior avolumada da medula espinal, e dela e do cérebro saem os nervos cranianos que chegam a várias partes da cabeça, aos órgãos especiais do sentido, a alguns dos órgãos torácicos e abdominais e aos órgãos da respiração.

A medula espinal enche o canal medular da coluna vertebral ou *espinhaço*. É uma longa massa de tecido nervoso, da qual saem nervos que comunicam com todas as partes do corpo. A medula espinal é como um grande cabo telefônico, e os nervos que dela emergem são como os fios privados em conexão com ele. O sistema simpático é composto por uma dupla cadeia de gânglios disseminados pela cabeça, pescoço, peito e abdômen. (Um gânglio é uma massa de matéria nervosa, incluindo células nervosas.) Esses gânglios estão em conexão uns com os outros por filamentos e também com o sistema cerebrospectral pelos nervos motores e sensitivos. Desses gânglios saem numerosas fibras para os órgãos do corpo,

vasos sanguíneos, etc. Em vários pontos, os nervos se reúnem e formam o que é conhecido como plexo. O sistema simpático praticamente controla os processos involuntários, tais como a circulação, a respiração e a digestão.

Sobre esse assombroso sistema opera o magnetismo humano ou energia prânica (ou *força nervosa*, se preferis o termo da ciência física). Por meio dos impulsos da mente, por meio do cérebro, o magnetismo é extraído de seus acumuladores e enviado a todas as partes do corpo ou a alguma parte particular pelos fios do sistema nervoso. Sem esse magnetismo, o coração não pode bater; o sangue não pode circular; os pulmões não podem respirar; os vários órgãos não podem funcionar; de fato, o mecanismo inteiro do corpo deter-se-ia se a provisão do magnetismo faltasse. Mais ainda: o próprio cérebro não poderia executar as suas funções como órgão físico da mente, se uma quantidade de Prana ou magnetismo não estivesse presente. E os cientistas físicos sorriem à menção do assunto *magnetismo humano* e descartam-no dando-lhe outro nome — *força nervosa*, — mas limitando o seu fim.

Os ensinamentos yogues vão mais longe que a ciência físico-ocidental na consideração de uma parte particular do sistema nervoso. Aludimos ao que os cientistas físicos chamam plexo solar ou cérebro abdominal e que consideram simplesmente como integrante de uma série de certas aglomerações de nervos simpáticos que, com seus gânglios, se encontram em várias partes do corpo. A ciência yogue ensina que esse plexo é realmente uma parte muito importante do sistema nervoso e que é o grande depósito de Prana, o qual prove as baterias — armazéns menores — e o sistema inteiro.

O plexo solar está situado na região epigástrica, justamente atrás da boca do estômago, nos dois lados da coluna vertebral. É composto de matéria cerebral branca e cinzenta similar à que compõe os outros cérebros do homem.

Desempenha uma parte muito mais importante na vida *do* homem do que geralmente se supõe. Alguns homens têm sido mortos instantaneamente por uma forte pancada descarregada nessa região; os lutadores profissionais reconhecem a sua vulnerabilidade e freqüentemente paralisam os seus adversários com uma pancada sobre ele. O nome solar está bem aplicado, pois, de fato, ele irradia energia e força para todas as partes do corpo e até os cérebros superiores dependem dele para prover-se da energia com a qual agem.

Assim como o sangue penetra em todas as partes do sistema por meio das artérias e vasos sanguíneos menores, terminados em tênues e delicados vasos como cabelos, chamados capilares, e o sistema se mantém provido de sangue rico e vermelho construindo e reparando as células do corpo e subministrando o material requerido para essa interminável obra de reparar e reconstruir que, constantemente, se efetua em todas as partes do corpo, sob a direção desse fiel servidor — a mente instintiva — também esse magnetismo humano ou energia prânica penetra cada porção do sistema por meio desse assombroso e complicado mecanismo chamado sistema nervoso, com seus complicados sistemas, dentro de sistemas de cabos, fios, estações, acumuladores, etc. Sem esse magnetismo não haveria vida, pois até o maquinismo e os aparatos para a execução da obra da circulação do sangue precisam da força motriz da energia prânica.

O corpo humano sadio está cheio da cabeça aos pés, dessa assombrosa força que mantém o seu mecanismo em movimento e que é usada não só no plano físico como também no plano astral, como veremos mais adiante.

Mas deve-se lembrar que a mente instintiva está por detrás de toda essa distribuição, porque ela mantém uma contínua solicitação e extrai dos acumuladores do sistema a quantidade de magnetismo suficiente para prover todas as partes do corpo e somente pede uma certa quantidade para atender a um repentino e imediato pedido.

Assim, a mente instintiva observa a provisão e examina o pedido em sua contínua extração dos acumuladores e a conseqüente distribuição do magnetismo a todas as partes do corpo. Ela põe em circulação somente uma porcentagem razoável da soma armazenada; de outro modo, muito rapidamente o sistema se esgotaria. Se um homem tem uma provisão abundante de magnetismo, a mente instintiva é muito liberal na distribuição dessa soma, porque ela não é avara — é prudente, simplesmente — e essa pessoa irradia naturalmente magnetismo, de modo que outros que se põem em contato com ela sentem o desbordamento de saúde que transpassa os confins do sistema nervoso e enche a atmosfera astral que a rodeia. Descrevemos a aura humana em nossa 4ª lição, e na mesma lição falamos da aura do terceiro princípio, ou Prana, o qual é praticamente a arma do magnetismo humano.

Essa aura pode ser sentida por muitos e vista por aqueles que têm um certo grau de visão clarividente. De fato, um bom clarividente pode ver o magnetismo movendo-se ao longo e pelo interior do sistema nervoso de uma pessoa.

Quando está no corpo ou muito próximo dele, tem um fraco colorido róseo, cuja cor vai perdendo à medida que se afasta do corpo. A pouca distância dele parece-se a uma nuvem vaporosa, da cor e da aparência de uma chispa elétrica, ou antes, às irradiações de um tubo de raio X.

Os clarividentes vêem partículas chispantes de aura desprendendo-se da ponta dos dedos daqueles que executam tratamentos magnéticos ou passes mesméricos. Também é visto por algumas pessoas que não se consideram clarividentes, às quais se apresenta parecido ao ar quente que sai de uma estufa, ou do solo aquecido, isto é, como alguma coisa vaporosa e incolor, pulsante e vibrante. Uma pessoa de forte concentração ou poder de pensamento educado emite também uma considerável soma de magnetismo com as ondas-pensamentos que emanam de seu cérebro. De fato, todas as ondas-pensamentos vão mais ou menos carregadas de magnetismo, mas as pessoas de concentração pobre e caráter negativo emitem tão pouco que, geralmente, não o tomamos em consideração, se se compara com aquelas ondas-pensamentos muito carregadas das pessoas positivas e desenvolvidas.

O grande ponto de diferença entre os cientistas físicos e os ocultistas está na questão da possível transmissão de magnetismo ou força nervosa, como os cientistas físicos a chamam. Eles insistem em que, ainda mesmo que a força nervosa exista indubitavelmente e faça, no interior do corpo, tudo o que os ocultistas afirmam, limita-se ao sistema nervoso e não pode transpor os seus limites, E, por conseguinte, negam a existência de muitos fenômenos pertencentes ao magnetismo humano e consideram os ensinamentos ocultos próprios para visionários e pessoas de imaginação extraviada. O ocultista, por sua parte, sabe por experiência que esse magnetismo ou força nervosa pode transpor e repetidamente transpõe os limites do sistema nervoso e projeta-se, algumas vezes, a grandes distâncias da pessoa, em cujo sistema estava armazenado. A prova desse ensinamento oculto encontrá-lo-á quem quer que seja que o experimente por si mesmo: basta que queira despir a sua mente de preconceitos e esteja disposto a aceitar os fatos como se lhe apresentam.

Antes de passar adiante, queremos lembrar de novo a nossos estudantes que o magnetismo humano é simplesmente uma manifestação em forma de Prana, e esse Prana não é feito por ordem das pessoas para suprir suas necessidades. Quando uma pessoa aumenta a soma de magnetismo em seu sistema, não o faz devido à elaboração de uma recente provisão dele, mas sim atraindo a si uma quantidade aumentada de Prana da grande fonte de provisão, pela respiração, o alimento ou a bebida. A soma assim absorvida ou extraída do ar, alimento ou líquidos, pode ser grandemente aumentada pelo desejo mental ou poder da vontade, como veremos agora. Há uma certa soma de Prana em existência — essa soma não pode ser aumentada ou diminuída. É inalterável. É força. Na 5.ª lição vos dissemos que, quando um pensamento é emitido com força, leva consigo, geralmente, uma quantidade considerável de Prana ou magnetismo, o que lhe dá uma força adicional e produz, algumas vezes, efeitos surpreendentes.

Esse Prana ou magnetismo vitaliza praticamente o pensamento e quase que o converte numa força vivente. Todo pensamento positivo, bom ou mau, é mais ou menos carregado de Prana ou magnetismo. O homem de vontade forte, que emite, inconscientemente, um pensamento positivo e vigoroso (ou conscientemente, se ele compreende o assunto), envia com ele uma porção de Prana ou magnetismo, proporcional à força ou energia com que o pensamento é projetado. Um pensamento emitido quando uma pessoa está sob a pressão de uma emoção forte, é da mesma forma carregado de magnetismo.

Os pensamentos assim carregados são enviados freqüentemente como uma bala ao alvo, em vez de dirigir-se lentamente, como uma emanção ordinária do pensamento. Alguns oradores públicos adquiriram essa arte e emitem as suas palavras com tal força que uma pessoa pode sentir claramente o choque do pensamento. Um pensador forte e vigoroso, cujos pensamentos sejam muito carregados de Prana, imprimirá, algumas vezes, tal vitalidade a seus pensamentos que estes viverão certo tempo como pensamentos-formas; isto é, possuirão tal vitalidade, pelo Prana com que foram carregados, que chegarão a ser quase como que forças vivas. Teremos alguma coisa a dizer sobre este assunto em nossa 10ª lição, sobre *O Mundo Astral*. Esses pensamentos-formas, quando entram na atmosfera psíquica de uma pessoa, possuem quase o mesmo grau de poder que o que seria experimentado se o seu emissor estivesse presente e pessoalmente falando. Lede novamente a 5.ª lição, agora que aprendestes um pouco mais acerca de Prana e adquirireis uma idéia mais clara dos pensamentos-formas.

Prana depende muito consideravelmente dos desejos e da expectativa das pessoas, tanto no referente à sua absorção como à sua projeção com uma onda-pensamento. Isto é: ainda que todas as pessoas absorvam mais ou menos Prana em cada momento de sua vida, e essa soma possa ser aumentada em grande parte, seguindo os ensinamentos yogues acerca da respiração, alimentos e bebidas, ainda assim o pensamento, desejo ou expectativa da pessoa aumentarão grandemente a soma de Prana absorvido. E, da mesma forma, o desejo ou a vontade da pessoa multiplicará grandemente a força com que um pensamento é projetado, pois aumentará em grande parte a quantidade de Prana com que é carregado o pensamento.

Para falar mais claramente, se alguém forma uma imagem mental da absorção de Prana, enquanto respira, come ou bebe, porá em operação certas leis ocultas que tenderão a libertar uma quantidade maior de Prana da matéria que a envolve e, conseqüentemente, será em grande parte fortalecido. Praticai as experiências e tomai algumas respirações profundas, mantendo a imagem mental de que estais absorvendo uma grande soma de Prana em cada inalação e sentireis um influxo de nova força. Isso é digno de ser experimentado, quando vos sentirdes cansados e desfalecidos. Da mesma forma, bebei lentamente um copo com água, formando a imagem mental de que estais extraindo dela uma grande provisão de Prana que está armazenada na água, e experimentareis um resultado análogo. Igualmente durante a refeição: se mastigais lentamente o alimento, mantendo a imagem mental de que estais extraindo a energia de Prana que nele existe, receberéis uma porcentagem muito maior de nutrição e força do alimento do que fazendo-o de modo ordinário. Essas coisas são de muito auxílio — esperamos que as experimentareis, aproveitando-as quando vos forem necessárias. Que a sua simplicidade não vos faça menosprezá-las.

A mesma lei faz que um pensamento projetado com a imagem mental de que é fortemente carregado de Prana obtenha uma velocidade e força maior que um pensamento ordinário e a sua potência será grandemente aumentada por essa prática. Porém, guardemo-nos de emitir maus pensamentos desse modo. Lede cuidadosamente a nossa lição sobre *Dinâmica do Pensamento* (5.ª lição), e atendei aos conselhos que contém.

Um número de experiências interessantes referentes ao magnetismo humano pode ser ensinado. Se tendes um número de amigos interessados nesse assunto, podeis fazer a experiência. Colocai-vos em círculo, dando-vos as mãos e concentrando todas as mentes sobre o propósito comum de enviar uma corrente prânica ou corrente de magnetismo ao redor do círculo. Deve haver unidade de vistas na escolha da direção, pois, de outro modo, alguns a enviariam numa direção, outros, noutra e o benefício da cooperação perder-se-ia. Um bom método consiste em enviar a corrente na direção do movimento dos ponteiros de um relógio ao redor do seu mostrador; isto é, escolhei uma pessoa para representar o número XII e então ponde em movimento a corrente na direção da direita dessa pessoa. Se a reunião é harmoniosa e as condições são favoráveis, sentirão logo um pequeno estremeamento como se uma débil corrente elétrica passasse por ele. Essa prática, efetuando-se com moderação, vigorizará a todos os que se entregarem a ela; mas não aconselharíamos que fosse de longa duração, pois poderia produzir uma corrente bastante forte que conduziria à produção de fenômenos psíquicos, aos quais não deveriam entregar-se tão livremente aqueles que não estão familiarizados com as leis dos fenômenos psíquicos. Não aprovamos a irreflexiva e ignorante produção dos fenômenos dessa espécie. Deve-se aprender alguma coisa das leis, antes de tentar produzir fenômenos.

O nosso pequeno livro *Ciência da Respiração* dá, em forma condensada, um número de métodos para usar a força prânica ou magnetismo humano, e a esse livro remetemos o estudante, depois de terminar esta lição. Todas as nossas publicações se completam umas às outras e, à medida que se lê uma, as lidas anteriormente tornam-se mais claras. Necessariamente devemos confessar as nossas informações, confiando em que os nossos estudantes farão uma leitura cuidadosa de todas as lições para que possam obter os melhores resultados.

Com o fim de não repetir duas vezes a mesma coisa, devemos remeter o estudante à *Ciência da Respiração*, para instruções e exercícios dedicados a aumentar a absorção do Prana e também para instruções acerca da sua distribuição. O capítulo XIV da *Ciência da Respiração* vos dará algumas informações úteis a este respeito. Neste capítulo, parágrafo 2º, é dado um exercício eficaz para aumentar a absorção do Prana e sua distribuição a todas as partes do corpo, fortificando e vigorizando todas as células, órgãos e partes do corpo. Este exercício vos parecerá duplamente valioso, agora que penetrastes mais profundamente no assunto de Prana ou magnetismo. O parágrafo 3º do mesmo capítulo vos instrui como se acalma a dor, utilizando Prana. O parágrafo 5º vos instrui como dirigir a circulação e vos dá informações sobre a cura de si mesmo (autocura). O parágrafo 6º vos dá um curso abreviado sobre a cura de outros que, se por vós for seguido cuidadosamente, vos tornará bons magnetizadores. O parágrafo 7º vos instrui acerca da cura a distância.

O capítulo seguinte, XV, vos dá informações acerca da projeção do pensamento, mediante a remessa, a distância, de pensamentos carregados de Prana; instruções para formar aura protetora que vos tornará capazes de resistir aos pensamentos e ao Prana de outros, se o desejais — essa informação é especialmente valiosa e aconselhamos ao estudante que adquira esta prática de formar uma aura protetora, pois muitas vezes ser-vos-á útil. A nossa quinta lição contém também instruções para o mesmo fim, entrando em maiores detalhes do que na *Ciência da Respiração*. O capítulo XV da *Ciência da Respiração* também vos diz como carregar-vos a vós mesmos e como carregar a outros de Prana; também como carregar a água, e grande número de outros exercícios valiosos e indicações para o uso da força prânica ou magnetismo humano, muito do que não foi ainda impresso até agora, que saibamos.

Um leitor casual das últimas linhas poderia muito naturalmente supor que estamos procurando vender a *Ciência da Respiração* aos nossos estudantes, em vista dessas constantes referências a ela. Desejamos informar a tal leitor casual um fato que os nossos estudantes conhecem, sem que lhes haja dito, e é que quase todos os estudantes desta classe leram já a *Ciência da Respiração*, geralmente, antes de comprar este curso. Conseqüentemente, não é um bom candidato para comprar outra vez o mesmo livro, de modo que se pode pôr de lado a suposição de um desordenado desejo de vender os nossos livros, elogiando-os em nossas lições. A nossa razão real para esta repetida alusão à *Ciência da Respiração*, é que temos notado que a generalidade dos estudantes, mesmo quando tenham lido várias vezes o pequeno livro, não principiam a dar-se conta da grande soma de informações contidas em suas páginas, enquanto a sua atenção não é chamada para ele. Então sabemos que, se tomar o livro depois que a sua atenção seja chamada para ele, será capaz de compreender esta lição particular, muito melhor, graças à referência ao livro. Igualmente compreenderá melhor o livro, em virtude da recente leitura da lição.

Desejamos insistir e repisar nestas idéias, até que os nossos estudantes delas se hajam apropriado. As lições estão destinadas a ser lições e não mera leitura interessante. Estão destinadas a ensinar alguma coisa, não simplesmente a distrair os nossos estudantes. De modo que, se o estudante deseja aplicar os efeitos da energia prânica ou magnetismo humano, dirija-se confiantemente à *Ciência da Respiração*, onde achará bastante em que se ocupar por agora.

Em nossa 8ª lição sobre a *Terapêutica Oculta*, dar-vos-emos também alguma coisa que fazer, se o desejais, com alguns exercícios novos para vós.

Como dissemos acima, essas lições devem ser lidas e relidas, relacionando-as umas com as outras, pois uma lição lançará luz sobre outra e vice-versa. Todas elas são partes de uma só coisa; todas são pedras que contribuem para a reconstrução do templo, cada uma tem o seu lugar e cada uma se adapta à outra.

Aos nossos estudantes que não obtiveram esse estado de saúde perfeita, que a filosofia yogue ensina como desejável para que o corpo possa ser instrumento perfeito do Ego — aos que sofrem de doença e má saúde —

aconselhamos-lhe a prática de aumentar a provisão de Prana por meio da respiração, o alimento e os líquidos, como expusemos nesta lição e na *Ciência da Respiração*.

Uma prática cuidadosa e constante da absorção e acumulação de Prana beneficiará cada pessoa, particularmente aquelas que não gozam de uma saúde perfeita. Não desprezeis o corpo, pois é o templo do espírito vivente. Atendei-o bem e fazei dele um instrumento digno.

8ª LIÇÃO - TERAPÊUTICA OCULTA

O estudante da história do homem encontrará nas lendas, tradição e história de todos os povos, evidência do fato de que a cura das moléstias por alguma forma de prática oculta tem sido obtida por todas as raças, todos os povos, em todos os tempos. Essas diversas formas de terapêutica oculta têm variado desde as repulsivas práticas que pertencem às mais grosseiras formas de bárbara superstição até aos mais refinados processos que acompanham a alguns dos modernos cultos metafísicos da moda. Essas várias formas de cura oculta da doença têm sido associadas a todas as formas de religião, desde o degradado voduísmo da África até às mais elevadas formas de religião conhecida do mundo. Toda espécie de teoria tem sido emitida para explicar as curas que têm resultado de todas essas formas de ação curativa, credos de toda espécie elaborados em volta do fato das curas efetuadas. Sacerdotes, mestres e curandeiros têm-se atribuído a si próprios poderes divinos e têm insistido em que eles eram os representantes da deidade particular que adotaram nos seus respectivos países, simplesmente porque foram capazes de realizar curas de doenças corporais. E em quase todos os casos, esses sacerdotes e curadores têm apresentado as curas como uma prova positiva da verdade da religião respectiva ou escola de pensamento religioso a que eles pertenciam; e, ao mesmo tempo, insistiram em que todas as outras formas de religião ou cura oculta eram falsidades espúrias, declarando; que eles, e somente eles, possuíam a única "verdade real", ameaçando freqüentemente com cruéis tormentos aqueles que tinham o atrevimento de patrocinar qualquer dos sacerdotes ou curandeiros contrários.

A natureza humana é a mesma em todas as partes do mundo e em todos os tempos. Achamos que a mesma rivalidade e pretensão à "única coisa real" continuam existindo tanto no caso dos doutores rivais vodus da África, como nos elegantes líderes dos modernos cultos metafísicos da América e de todos os que estão entre esses extremos.

Compadeçamo-nos dos que pretendem possuir o monopólio de uma das grandes forças da Natureza — aqueles que fazem curas, mais apesar de suas teorias do que devido a elas! A grande força reparadora da Natureza é tão livre como o ar e a luz do sol, e pode ser usada por qualquer que a deseje. Não é possuída nem é governada por nenhuma pessoa, culto ou escola, e nenhuma forma de crença religiosa é necessária para poder obter benefício dela — os filhos de Deus entretêm-se com muitas formas, seitas e credos; mas Ele conhece a todos como filhos e sorri dos seus desejos infantis em se constituírem grupos de "povo eleito", tentando excluir os seus irmãos da herança comum.

Deve ter chegado a ser evidente para o estudante que algum princípio deve existir, sobre o qual descansa toda essa variedade de formas de cura oculta, em virtude de que todos fazem curas, apesar de que cada um reclame para si a posse da única teoria correta e condene as teorias de outros. Deve haver alguma grande força da qual todos fazem uso, cegamente, em muitos casos; e seus diferentes credos e teorias construídos em torno de suas curas devem ser considerados simplesmente com incidentes do uso da grande força curativa e de nenhum modo como a verdadeira explicação do fenômeno da cura oculta. Qualquer explicação, para ser digna de um momento de atenção, deve explicar ou tentar explicar todas as diferentes formas de cura oculta, porque todos os cultos e escolas fazem curas e têm-na feito em todas as idades, a despeito de seus credos e teorias. Os filósofos yogues conheceram e têm praticado, desde remotas idades, várias formas de terapêutica oculta, e estudado profunda e completamente o princípio que serve de base às curas. Mas não se têm enganado jamais a si mesmos, imaginando que tivessem algum monopólio dela. De fato: suas investigações e experiências convenceram-nos de que todos os curadores usam uma grande força natural, a mesma em todos os casos, embora aplicada e posta em ação de várias maneiras, e de que as teorias metafísicas, crenças religiosas, pretensões de favoritismo divino, etc., foram erguidas em torno daquilo que seria simplesmente eletricidade ou magnetismo; no entanto foi apontada a grande força curativa, em vez de serem lembradas, como verdadeira causa, as duas grandes forças naturais.

Os yogues sabem que todas as formas de cura são apenas diferentes meios de pôr em operação essa grande força da natureza, sendo algumas formas adequadas para um caso e outras para outros, usando com freqüência combinações adaptadas a algum caso particular.

Os yogues sabem que Prana é a força diretamente usada em todas estas curas, ainda que seja posto em operação de diferentes maneiras, como veremos à proporção que prosseguirmos. Ensinam que todas as formas de cura oculta podem ser explicadas desse modo. De fato: eles realizam curas de quase todos os modos usados pelas grandes escolas de terapêutica oculta, e o têm feito durante séculos, acreditando que é a única teoria sobre a qual todas repousam.

Dividem-se as formas de cura em três classes gerais, a saber:

Cura Prânica, que inclui a que é conhecida pelo mundo ocidental como "cura magnética", etc.

Cura Mental, que inclui as várias formas de cura mental e psíquica, tratamentos a distância, como também as curas feitas sob o que é conhecido como lei de sugestão, etc.

Cura Espiritual, a qual é uma forma muito rara de cura e é ministrada somente por pessoas muito adiantadas espiritualmente, sendo uma coisa muito diferente do que é chamado pelo mesmo nome por alguns dos curandeiros modernos. Mas até nessa última forma adiantada de cura encontra-se a mesma força, Prana. Prana é o instrumento pelo qual é efetuada a cura, qualquer que seja o método usado e quem quer que seja que o use.

Para considerar o assunto da Terapêutica Oculta, devemos tornar ao princípio. Antes de considerar a questão da cura, devemos dirigir o olhar ao corpo são.

A filosofia yogue ensina que Deus dá a cada indivíduo uma máquina física adaptada às suas necessidades e também o prevê dos meios de mantê-la em ordem e repará-la, se a sua negligência permite que chegue a ser ineficaz. Os yogues reconhecem o corpo humano como obra feita pela mão de uma grande inteligência. Consideram o seu organismo como uma máquina em ação, cuja concepção e direção indicam a mais alta sabedoria e cuidado. Sabem que o corpo é renovado, graças a uma grande Inteligência, e sabem que a mesma Inteligência está ainda operando no corpo físico, e que, enquanto o indivíduo se submeter às operações da Divina Lei, continuará gozando de saúde e força. Eles sabem também que, quando o homem vai em direção contrária à lei, resultam a discórdia e a doença. Acreditam ridículo supor que essa grande Inteligência trouxe à existência o formoso corpo humano para abandoná-lo depois ao seu destino, porque eles sabem que a Inteligência ainda preside sobre cada uma e todas as funções do corpo e que se pode, com segurança, confiar nela e não temê-la.

Essa Inteligência, cuja manifestação chamamos Natureza ou Princípio de Vida, ou nomes semelhantes, está constantemente aberta para reparar danos, curar feridas, emendar ossos quebrados, expulsar os materiais daninhos que se têm acumulado no sistema e, de mil maneiras, manter a máquina corrente em boa ordem. Muito do que chamamos doença é, em realidade, uma ação benéfica da Natureza, destinada a expulsar as substâncias venenosas que deixamos entrar e permanecer em nossos sistemas.

Vejamos justamente o que este corpo significa. Suponhamos uma alma procurando um instrumento com o qual possa levar a termo essa fase da sua existência. Os ocultistas sabem que, para manifestar-se em certos modos, a alma tem necessidade de uma habitação carnal. Vejamos o que a alma precisa referente ao corpo e observemos, em seguida, se a Natureza lhe deu o que precisa.

Em primeiro lugar, a alma tem necessidade de um instrumento físico de pensamento, altamente organizado e uma estação central, na qual possa dirigir as operações do corpo. A Natureza proporcionou-lhe esse assombroso instrumento, o cérebro humano, cujas possibilidades apenas fracamente reconhecemos no momento atual. A porção do cérebro que o homem usa neste período do seu desenvolvimento é apenas uma pequena parte da arca cerebral inteira. A porção não usada está à espera da evolução da raça.

Em segundo lugar, a alma tem necessidade de órgãos para receber e registrar as várias formas de impressões do exterior. A Natureza intervém e a prove de olhos, ouvidos, nariz, órgãos do paladar e de nervos pelos quais sentimos, guardando outros sentidos em reserva até que a necessidade deles seja sentida pela raça.

Imediatamente depois, são necessários os meios de comunicação entre o cérebro e as diferentes partes do corpo. A Natureza cruzou o corpo com nervos de maneira assombrosa. O cérebro telegrafia, sobre esses fios, instruções para todas as partes do corpo, enviando suas ordens às células e órgãos, insistindo sobre a obediência imediata. O cérebro recebe telegramas de todas as partes do corpo, advertindo-o do perigo, pedindo ajuda, fazendo queixas, etc.

Em seguida, o corpo deve ter meios de mover-se pelo mundo. Ele transcendeu as tendências herdadas do vegetal e precisa mover-se. Além disso, tem necessidade de conseguir coisas e adaptá-las ao seu uso próprio. A Natureza o proveu de membros, músculos e tendões, com os quais possa mover-se.

O corpo tem necessidade de uma armação para conservar a sua forma, protegê-la dos choques, dar-lhe força e firmeza, servir-lhe de apoio. A Natureza deu-lhe a estrutura óssea, conhecida como esqueleto, uma maravilhosa máquina bem digna do vosso estudo.

A alma precisa de um meio físico de comunicação com as outras almas encarnadas. A Natureza a proveu de meios de comunicação nos órgãos da palavra e dos ouvidos.

O corpo precisa de um sistema de transportes materiais para reparar todo o organismo, construir, tornar a encher, restaurar e fortificar todas as diferentes partes. Tem necessidade também de um sistema similar pelo qual possam as matérias gastas e os resíduos ser levados ao crematório, queimados e expulsos do organismo. A Natureza lhe deu o sangue vitalizador, as artérias e as veias, pelas quais flui aqui e ali, executando a sua obra, e os pulmões para oxigenar o sangue e queimar as matérias gastas. (Veja-se a Ciência da Respiração, capítulo III.)

O corpo precisa de materiais do exterior, com os quais possa construir e reparar suas perdas. A Natureza lhe deu os meios de comer o alimento, de digeri-lo, de extrair dele os elementos nutritivos, de convertê-lo em forma para a sua absorção pelo sistema, e de excretar os resíduos.

E, finalmente, o corpo foi provido dos meios de reproduzir sua espécie e dotar outras almas de habitações carnis.

Bem merece o surpreendente organismo humano que se dedique tempo ao estudo de seu funcionamento. Uma pessoa adquire deste estudo uma compreensão mais convincente da realidade dessa grande Inteligência na Natureza — vê-se o grande Princípio Vital em operação — vê-se que não é casualidade cega ou um acontecimento do azar, mas sim que é a obra de uma poderosa Inteligência.

Então, aprende-se a confiar nessa Inteligência e a saber que aquilo que nos pôs na existência, nos levará através da vida; que o poder que nos tomou a seu cuidado antes, nos tem a seu cuidado agora e nos terá a seu cuidado sempre.

Na proporção que nos abrimos ao influxo do grande Princípio Vital, na mesma proporção seremos beneficiados. Se o tememos ou não temos confiança nele, fechamos a porta à sua entrada e devemos necessariamente sofrer.

O estudante pode muito bem perguntar o que tudo isto tem que ver com a Terapêutica Oculta, e queixar-se de que estamos dando uma lição de Hatha-Yoga; nesta última afirmação estaria muito próximo da verdade. Mas não podemos apartar a idéia de que há na Natureza alguma coisa que tende a conservar o homem em estado de perfeita saúde, e não podemos deixar de sentir que o verdadeiro ensinamento consiste mais, em primeiro lugar, em instruir as pessoas de como não de manter-se sãs, do que em indicar-lhes como podem adquirir a saúde depois de haverem violado as leis da Natureza. Os yogues acreditam que não é lógico criar um culto acerca dos métodos de cura; pensam que, se se devem formar cultos, deve ser em torno da saúde, deixando a cura das doenças simplesmente como algo incidental.

Em nosso livro Hatha-Yoga demos os princípios gerais de filosofia yogue, acerca da saúde perfeita, na qual se ensina que a saúde é a condição normal do homem, e que a doença é, em grande parte, o resultado da ignorância e da desobediência às leis naturais de viver e de pensar. Nele ensinamos que o poder de curar existe em todos os homens e pode ser posto em operação consciente e inconscientemente. A cura oculta é simplesmente o fato de pôr em jogo essa força interna que existe no indivíduo (algumas vezes com a ajuda de outras pessoas), tornando o corpo acessível às energias reparadoras que tem dentro de si mesmo.

Toda cura é ocasionada pelo que chamamos força vital, no indivíduo. O princípio ativo dessa força vital é, como explicamos, essa manifestação da força universal: Prana. Para evitar repetições, recomendamos a leitura de Ciência da Respiração e da 7ª lição deste curso, onde se dá uma explicação do sistema nervoso e como o Prana opera sobre ele. Tornai a ler o que dissemos sobre esse assunto e podereis compreender mais claramente o que teremos que dizer acerca das diferentes formas de cura oculta.

Suponhamos que uma pessoa descuidou as regras do viver e pensar retamente, como explicamos no Hatha-Yoga e outras obras sobre o assunto, e perdeu a saúde. Tentou diferentes formas de tratamento material e deseja utilizar o que se pode achar nas várias formas de cura oculta. Tentaremos indicar-vos claramente como operam essas diferentes formas de cura e a explicação que há atrás de cada uma.

Não podemos dar-vos informações detalhadas e métodos em lições dessa extensão, porque cada sistema exigiria um volume; mas esperamos dar-vos uma idéia geral das diferentes formas de tratamento.

Cura Magnética

É esta uma forma de cura prânica, na qual a pessoa doente ou algum curador envia uma provisão maior de Prana às partes afetadas. A cura prânica realmente acompanha quase todas as outras formas de cura, ainda que seu uso não seja suspeitado por aqueles que a ministram. No que é conhecido como cura magnética, o operador passa suas mãos sobre o corpo da pessoa doente e por um esforço da vontade ou um forte desejo, origina dentro de si mesmo uma forte soma de Prana que transmite ao paciente. Esse Prana atua como faria uma provisão enviada pelo sistema do próprio paciente e tende a fortalecer e a vigorizar a parte doente do corpo, fazendo-a funcionar normalmente. Na cura magnética, as mãos são geralmente passadas sobre o corpo, empregando usualmente o contato. Demos direções gerais acerca desta forma de cura na Ciência da Respiração, e talvez algum dia publiquemos um pequeno manual sobre o assunto, dando direções específicas. Ao terminar esta lição, se o espaço o permitir, daremos algumas direções gerais sobre o assunto. Dissemos tanto referente ao Prana nas lições anteriores e na Ciência da Respiração, que seria fácil ao estudante compreender o princípio em que se apóia esta forma de cura, sem muito mais explicações.

Cura Mental

A cura mental abarca muita extensão e tem um número de formas aparentemente diferentes. Há uma forma de cura (autocura), que consiste na repetição de afirmações ou auto-sugestões pelo paciente, que tende a criar um estado mental mais alegre e animado, que reage sobre o corpo e lhe permite funcionar adequadamente. Seria oportuno dizer aqui que o benefício principal derivado desta e de outras formas de curas análogas, descansa no fato de que elas compelem o paciente a eliminar os pensamentos adversos que impediam a natureza de fazer sua obra, antes do que nalguma virtude especial das afirmações. Não queríamos deixar agir livremente em nós o Divino Princípio de Vida e temo-lo estorvado com auto-sugestões adversas. Quando trocamos a nossa atitude mental, cessamos de interpor este obstáculo e a Natureza

breve reassume o seu império. As vigorosas auto-sugestões, naturalmente estimulam o sistema e excitam, à ação, a mente instintiva.

Na forma de tratamento mental conhecida como sugestão, opera o mesmo princípio. A mente do paciente é aliviada das auto-sugestões adversas pelas sugestões positivas do curador, que, fazendo desaparecer o obstáculo da mente instintiva, permitem à Natureza reassumir a sua obra, e uma quantidade de Prana é enviada às partes afetadas, e restabelece-se rapidamente a condição normal. No tratamento sugestivo, geralmente, o curador transmite ao paciente, ainda que com freqüência inconscientemente, uma provisão de seu próprio Prana que estimula as partes a agirem, e facilita aos esforços da mente do paciente a restabelecerem as condições prânicas normais.

Naquilo que, ordinariamente se conhece como cura mental, usa-se, em geral, uma quantidade considerável de sugestão, ainda que o curador possa não estar consciente disso. A atitude mental do curador é impressa no paciente pelos ademanes, as palavras, o tom e o porte do curador; e a mente, tomando as sugestões, é beneficiada por elas. Porém, além disso, o curador derrama na mente do paciente uma forte corrente de pensamentos que o domina, fortalece e vigoriza, e que o paciente recebe telepática e particularmente, se manifestar uma atitude mental receptiva. A união das duas mentes num propósito comum produz uma força diretiva grandemente aumentada e, além disso, apartando a mente do paciente dos pensamentos negativos, uma provisão maior de Prana é absorvida e distribuída por todo o corpo. A melhor forma de tratamento mental beneficia, ao mesmo tempo, a mente e o corpo do paciente.

O que é conhecido como tratamento mental a distância age, precisamente, da mesma maneira que a recém-mencionada forma de tratamento mental, não sendo a distância entre o paciente e o curador um obstáculo para um forte pensamento curativo. Em ambos os casos, o curador cria, com freqüência, um poderoso pensamento-forma, completamente carregado de Prana, o qual amiúde produz um efeito quase imediato sobre o paciente, sendo as partes enfermas muito estimuladas e fortalecidas. Com freqüência, têm-se feito curas instantâneas desse modo, ainda que, relativamente, poucos curadores são adiantados de modo suficiente para enviar pensamentos-formas dessa espécie. Um curador mental muito poderoso pode enviar um pensamento tão fortemente carregado de Prana, e tão cheio de força vital e vida, que um órgão doente, estimulado por tal força reparadora, começará instantaneamente a desprender-se da matéria gasta e prejudicial. Atrairá do sangue os elementos necessários para reconstruir-se e restaurar-se, relativamente, em curto espaço de tempo. Nesse caso o organismo do indivíduo torna a restabelecer o funcionamento normal, e o sistema pode prosseguir a obra, sem posteriores ajudas do exterior.

Todas as formas de cura mental podem ser colocadas sob um ou mais dos mencionados títulos. Relembrai, agora, que o ponto importante é colocar a mente do paciente na atitude mental apropriada, desalojando todas as formas de auto-sugestão adversas, permitindo, assim, à Natureza fazer a sua obra com propriedade e sem obstáculos. No processo de conseguir este resultado, o paciente pode ser ajudado, como explicamos acima, por fortes pensamentos dirigidos à parte afetada e também lhe enviando uma provisão de Prana do curador, para estimulá-lo e tornar, assim, mais fácil a obra curativa da mente.

Cura Espiritual

Há outra forma de cura mui raramente observada, na qual uma pessoa altamente desenvolvida espiritualmente pode fazer descer a sua aura e essência espiritual a uma pessoa doente, inundando todo o seu sistema, temporariamente, com ela, e fazendo desaparecer toda a anormalidade, pois sendo o espírito perfeito, transforma tudo quanto se põe em contato com ele. Essa verdadeira cura espiritual é tão rara que bem poucas pessoas têm tido a fortuna de presenciá-la. Têm-na atribuído a si mesmos muitos que estão praticando o bem, curando por outros meios; porém, muitas dessas pessoas se enganam a si mesmas, e não têm a mais fraca noção ao que seja a verdadeira cura espiritual. A cura espiritual evidencia-se pela *imediate e perfeita* cura do paciente, a restauração de condições físicas absolutamente normais, a transformação do paciente a uma condição física parecida com a de uma criança robusta, perfeitamente sã, forte e vigorosa, sem uma imperfeição, dor, desequilíbrio, nem incômodo de nenhuma classe. Alguns indivíduos privilegiados, no mundo, em cada época, estão dotados desse poder, porém é raramente manifestado, por boas razões ocultas. E lançai um traço de lápis por baixo destas palavras: *A cura espiritual verdadeira jamais é praticada como um meio de obter ganhos financeiros* — é dada gratuitamente. A verdadeira cura espiritual jamais é empanada no lodaçal da materialidade — nunca! É justo e próprio que os curadores cobrem a cura mental e prânica em todas as formas, pois dedicam o seu tempo à obra, e o trabalhador é digno do seu salário, nem temos a intenção de criticar essa cobrança; vendem seus serviços da mesma forma que nós vendemos estas lições e têm direito à sua remuneração, exatamente como o temos nós. Mas o indivíduo que é capaz de dar o verdadeiro dom da cura espiritual, nunca é colocado numa posição na qual tenha a necessidade de cobrar os seus serviços — é alimentado pela Providência, não tem necessidade de traficar com os seus dons espirituais e morreria antes de prostituir desse modo o seu divino privilégio. Desejamos não ser mal compreendidos nesta matéria; quando falamos da cura espiritual, significamos os verdadeiros dons do espírito e não algumas das formas de cura mental ou psíquica, mal chamada espiritual.

Se quereis ter um exemplo de *verdadeira* cura espiritual, tomai o Novo Testamento e vede a obra do espírito manifestar-se por intermédio do Filho de Maria. Que esse seja o modelo, como de fato o é.

Cura Experimental

Verificamos, com satisfação, que teremos espaço suficiente para dar a nossos estudantes algumas experiências breves da cura oculta, que eles podem praticar. Essas experiências são dadas simplesmente como exemplos e, naturalmente, não devem ser tomadas como instruções completas nas várias formas de cura oculta.

Daremos primeiro alguns exemplos de cura prânica (ou cura magnética, se se prefere o termo).

1º) — Sentai o paciente numa cadeira e colocai-vos diante dele. Deixai vossas mãos, pendendo, abandonadas aos lados e, em seguida, fazei-as oscilar abandonadamente de um lado para outro, por alguns segundos, até que noteis uma sensação de formigamento na ponta dos dedos. Então levai-as até ao nível da cabeça do paciente e passai-as lentamente até aos pés, com as palmas voltadas para ele e com os dedos estendidos, como se estivésseis derramando força sobre ele pela ponta de vossos dedos. Em seguida, retrocedei um pé (30 centímetros), elevai as mãos ao nível de sua cabeça, estando seguro de que as palmas vão face a face no movimento ascendente, pois se as levásseis na mesma posição para baixo, tiraríeis de novo o magnetismo que enviais a ele. Repeti várias vezes. Nos passes descendentes não deveis endurecer os músculos, mas sim deixar frouxos e sem tensão tanto os braços como as mãos. Podeis tratar as partes afetadas do corpo de um modo similar, terminando o tratamento com a saturação do corpo inteiro com magnetismo. Depois do tratamento das partes afetadas, seria conveniente que sacudísseis os dedos aos lados do corpo, como se quisésseis arrojarem gotas de água que estivessem aderidas à ponta deles. Se não o fizésseis, poderíeis absorver algumas das condições do paciente. Esse tratamento é muito vigorizador para o paciente e, se é praticado freqüentemente, far-lhe-á muito bem.

Em caso de doenças longas e crônicas, podem ser aliviadas fazendo passes laterais na parte afetada, isto é, colocando-vos ante o paciente com as vossas mãos juntas, as palmas em contato e, em seguida, passando os braços para ambos os lados, várias vezes. Este tratamento deveria sempre ser seguido por passes descendentes para regular a circulação.

2º) — No capítulo XIV da *Ciência da Respiração* demos um certo número de valiosas experiências dessa forma de cura, que aconselhamos o estudante a estudar e praticar, se está interessado nesta face do assunto.

3º) — As dores de cabeça podem ser curadas estando o doente sentado, colocando-vos atrás de sua cadeira e passando vossas mãos, os dedos para baixo e separados, em duplos círculos, sobre a superfície de sua cabeça, sem tocá-la. Depois de alguns segundos, sentireis a passagem do magnetismo pelos vossos dedos e a dor do paciente será acalmada.

4º) — Outro método bom de tirar alguma dor é colocar-vos ante o paciente e apresentar a palma da vossa mão à parte afetada a uma distância de várias polegadas do corpo. Tende a palma fixa por alguns segundos e, em seguida, começai um lento movimento de rotação por cima do lugar da dor. Isso é muito estimulante e tende a restaurar as condições normais.

5º) — Apontar com o dedo indicador para a parte afetada, à distância de algumas polegadas do corpo e, mantendo o dedo firmemente apontado, movei a mão ao redor como se estivésseis praticando um buraco com a ponta do dedo. Isso, freqüentemente, estabelecerá a circulação no ponto afetado e produzirá uma melhora.

6º) — Produz um bom efeito colocar as mãos sobre a cabeça do paciente, sobre as fontes, mantendo-as assim um pouco; é uma forma favorita em tratamento dessa classe.

7º) — Batendo suavemente o corpo do paciente (sobre os sentidos), há uma tendência a estimular e igualar a circulação e fazer desaparecer a congestão.

8º) — Grande parte da eficácia das massagens e formas similares de tratamento manipulativos têm a sua origem no Prana projetado do curador ao paciente, durante o processo das fricções e manipulações. Se a fricção e a manipulação são acompanhadas pelo desejo consciente do curador de dirigir a corrente de Prana ao paciente, obtém-se um fluxo muito maior. Se a prática é acompanhada da respiração rítmica, tal como foi explicado na *Ciência da Respiração*, o efeito é muito melhor.

9º) — O respirar sobre a parte afetada é praticado por muitas raças e, freqüentemente, é um poderoso meio de transmitir Prana à parte afetada. Isso se executa, geralmente, colocando um pedaço de fazenda de algodão entre a carne da pessoa e a do curador; aquecendo a fazenda, a respiração adiciona o estímulo do calor aos outros efeitos.

10º) — A água magnetizada é usada amiúde pelos magnetizadores, obtendo, desse modo, muito bons resultados. O modo mais simples de magnetizar a água é tomar um copo pelo fundo com a mão esquerda e, em seguida, reunindo os dedos da mão direita, sacudi-los novamente sobre o copo de água, da mesma forma que se estivesse sacudindo gotas de água da ponta dos dedos para dentro do copo. Podeis aumentar o efeito, fazendo, depois, passes descendentes sobre o copo com a mão direita, transmitindo o Prana à água. A respiração rítmica ajudará a transferência do Prana à água. A água assim carregada de Prana é um estimulante para as pessoas doentes ou para as que sofrem de debilidade, particularmente se a tomam aos sorvos, lentamente, mantendo a mente numa atitude receptiva e, se é possível, formando uma imagem mental de que o Prana da água é tomado pelo sistema, vigorizando-o.

Trataremos, agora, de algumas experiências das várias formas de cura mental ou cura psíquica, como alguns preferem chamá-la:

1ª) — A auto-sugestão consiste em suggestionar-se, a si mesmo, as condições físicas que deseja produzir. As sugestões deverão ser ditas em voz alta ou mentalmente, da mesma forma que se falasse a outro com veemência e seriedade, fazendo que a mente forme um quadro mental das condições a que se referem as palavras. Por exemplo: "O meu estômago é forte, forte, forte — capaz de digerir o alimento que se lhe dá — capaz de assimilar a nutrição do alimento — capaz de dar-me a nutrição que significa saúde e força para mim... A minha digestão é boa, boa, boa e estou desfrutando, digerindo e assimilando o meu alimento, convertendo-o em sangue vermelho e rico, que leva a saúde e a força a todas as partes do meu corpo, construindo-o e fazendo-me um homem (ou mulher) forte". Similares auto-sugestões ou afirmações, aplicadas a outras partes do corpo, produzirão igualmente bons resultados, dirigindo a atenção e a mente às partes mencionadas, a fim de que uma provisão aumentada de Prana seja para ali enviada e se produza o quadro mental imaginado. Penetrai o espírito das auto-sugestões, entregai-vos com toda a seriedade a elas e formai a imagem mental da condição de saúde — tudo o melhor possível. Vede-vos como quereis ser. Podeis ajudar a cura, tratando-vos pelos métodos descritos nas experiências da cura prânica.

2ª) — As auto-sugestões de curas dadas a outros operam no mesmo princípio que as auto-sugestões acima escritas, exceto que o curador deve imprimir na mente do paciente as condições desejadas, em vez do paciente fazê-lo por si mesmo. Melhores resultados podem-se obter, quando o curador e o paciente cooperam na imagem mental e quando o paciente segue as sugestões do curador em sua mente e forma a imagem mental que as palavras do curador evocam. O operador sugere aquilo que deseja produzir e o paciente permite que as sugestões penetrem na sua mente instintiva onde são tomadas, manifestando-se, depois, em resultados físicos. Os melhores suggestionadores são homens de vitalidade que enviam poderosos pensamentos carregados de Prana ao organismo do paciente, ao mesmo tempo que são dadas as sugestões. Em quase todas as formas de cura mental misturam-se os diversos métodos, como descobrirá por si mesmo o estudante, se se der ao trabalho de analisar os tratamentos. A sugestão e a auto-sugestão normalizam de novo o funcionamento da mente instintiva e o corpo recobra rapidamente a sua harmonia anterior. Em muitos casos, tudo que se precisa nos tratamentos sugestivos é tirar da mente do paciente o temor, a ansiedade e os pensamentos depressivos que têm impedido a harmonia própria do corpo e a distribuição necessária de Prana às partes. Tirar esses pensamentos prejudiciais é como remover a partícula de pó que não deixa o nosso relógio trabalhar bem, tendo desarranjado o mecanismo do delicado instrumento. O temor, a ansiedade e o ódio, com suas conseqüentes emoções, são as causas de maiores distúrbios físicos que quase todas as outras coisas combinadas.

3ª) — No que é chamado estritamente cura mental, o paciente senta-se numa atitude de abandono do corpo e permite à mente tornar-se receptiva. Então o curador projeta sobre o paciente pensamentos de fortaleza e ânimo, que, reagindo sobre a mente do paciente, o fazem abandonar as suas condições negativas e assumir o seu equilíbrio e poder normal. Disso resulta que, tão rapidamente como a mente do paciente recobre o seu equilíbrio, se afirma e põe em operação o poder recuperativo no organismo da pessoa, enviando uma provisão aumentada de Prana a todas as partes do corpo e dando o primeiro passo para o restabelecimento da saúde e da força. O princípio fundamental da cura mental é pôr a mente do paciente na condição apropriada, que produz, como conseqüência benéfica, um estado físico normal.

Porém, os melhores curadores mentais fazem mais do que isso: enviam, com freqüência (inconscientemente), um pensamento positivo, fortemente carregado de Prana, diretamente ao ponto afetado, operando desta forma uma mudança física no organismo do paciente, independente do que é verificado pelo seu próprio pensamento-fôrça. Tratando um paciente desse modo, mantendo na mente, com firmeza, o pensamento de que a harmonia física se está restabelecendo no paciente, e que a saúde é a sua condição normal, e que todos os pensamentos negativos são eliminados de sua mente. Pintai-o tão forte e sadio de mente como de corpo. Imaginai que existem todas as condições que desejais estabelecer nele. Então concentraí a mente e lançaí no seu corpo ou na parte afetada um pensamento forte e penetrante, com o propósito de produzir a mudança física desejada, expulsando do seu organismo as condições anormais e restabelecendo as condições e o funcionamento normal. Formai a imagem mental de que o pensamento está total e fortemente carregado de Prana e dirigi-o à parte afetada, por um esforço da vontade. É geralmente necessária uma prática considerável para obter este último resultado, mas alguns parecem consegui-lo sem muito esforço.

4ª) — A cura a distância ou tratamento em ausência executa-se, precisamente, da mesma maneira que quando o paciente está presente. Demos algumas instruções acerca desta forma de tratamento no capítulo XIV da *Ciência da Respiração*, o que, agregado ao que foi dito no último parágrafo, dará um conhecimento prático elementar do assunto. Alguns curadores formam a imagem do paciente colocado ante eles e, em seguida, procedem ao tratamento, da mesma forma que se estivesse realmente presente. Outros formam a imagem mental de que projetam o pensamento, pintando-o como deixando a sua mente, cruzando o espaço e penetrando na mente do paciente. Outros colocam-se simplesmente numa atitude passiva e contemplativa e *pensam* com intensidade no paciente, sem considerar o espaço que os separa. Outros preferem ter um lenço ou algum outro objeto pertencente ao paciente, com o fim de tornar mais perfeitas as condições de *rapport*. Alguns ou todos esses métodos são bons, e o temperamento e a inclinação da pessoa fazem-na preferir a algum método particular. Mas todos descansam sobre o mesmo princípio.

Um pouco de prática das várias formas de cura recém-mencionadas dará ao estudante confiança e facilidade para operar com o poder curativo, até que freqüentemente irradiará esse poder sem estar de todo consciente disso. Se se verificam muitas obras curativas e o coração do curador está na obra, depressa conseguirá curar, quase automática e involuntariamente, quando chegue à presença de uma pessoa que esteja sofrendo. O curador deve, porém, precaver-se da prodigalidade de seu próprio Prana para não prejudicar a sua saúde. Deveria estudar os métodos que temos dado para sobrecarregar-se e proteger-se contra indevidas extrações de sua vitalidade. E deveria dedicar-se devagar nessas matérias, lembrando que não é desejável o crescimento forçado.

Esta lição não foi escrita com o propósito de aconselhar aos nossos estudantes a se tornarem curandeiros. Devem usar o seu próprio juízo e intuição a respeito desta questão. Dedicamos a lição à terapêutica oculta, porque ela forma parte do assunto geral de que estamos tratando neste curso, e é importante que eles conheçam alguma coisa sobre princípios em que se baseiam as formas de cura. Que analisem qualquer forma de tratamento que presenciem ou ouçam referir, despojando-o de todas as teorias fantásticas que foram construídas ao redor dele, e poderão classificá-lo e estudá-lo, sem aceitar a teoria da pessoa que faz a cura. Lembrai que *todos* os cultos e todas as escolas fazem curas, usando o mesmo princípio, mas atribuindo o resultado a teorias e crenças diferentes. Quanto a nós, aderimos aos princípios de Hatha-Yoga, que ensina a doutrina da preservação da saúde pelo reto viver e reto pensar; e consideramos todas as formas de cura como coisas tornadas necessárias, devido unicamente à ignorância do homem e à desobediência às leis naturais.

Porém, enquanto o homem viver e pensar impropriamente, serão necessárias algumas formas de cura, e daí a importância do estudo. O ocultista adiantado considera a preservação da saúde como uma coisa mais importante para a raça do que a cura das doenças, acreditando no velho adágio que diz: "É melhor uma grama de prevenção do que um quilo de cura". Mas, enquanto pudermos beneficiar os nossos semelhantes, é bom conhecermos alguma coisa sobre o assunto da terapêutica oculta. É uma força da Natureza e deveríamos saber como usá-la.

9ª LIÇÃO – INFLUÊNCIA PSÍQUICA

Uma das coisas que têm causado confusão aos investigadores científicos e estudantes da história da Humanidade, é a persistente repetição de histórias, lendas e tradições relativas à posse e prática de alguma forma de influência psíquica por homens de todas as raças e todas as épocas.

Os investigadores acharam fácil descartar as formas mais primitivas dessas histórias pela explicação de que foram simplesmente o resultado da forma mais tosca de superstição entre gente inculta e pouco desenvolvida. Mas, quando folhearam as páginas da História, acharam que a "superstição desprezível" mantinha ainda a sua força original e que as suas formas cresciam em número e variedade. Desde as práticas repulsivas *vodus* do selvagem da África, podemos traçar uma linha reta até a epidemia de bruxaria na Nova Inglaterra; e desde então, até os tempos modernos, em que o mundo ocidental parece estar apaixonado pelo psiquismo e nos jornais abundam narrativas sensacionais de influência mesmérica, hipnotismo, magnetismo pessoal, etc. Os livros de todas as épocas estão cheios de narrações de influência psíquica; a Bíblia contém numerosos exemplos de sua prática para o bem ou para o mal.

Em nossos dias, freqüentemente, chama-se a atenção para os assombrosos exemplos do poder da mente, magnetismo pessoal, etc., e é muito comum ouvir a expressão de que uma pessoa tem ou não tem magnetismo pessoal — se é ou não magnética. Muitas tolices têm sido escritas sobre este assunto, e néscias asserções e teorias têm sido emitidas acerca dele. E, contudo, a verdade mesma é muito mais admirável do que as mais extravagantes ficções que têm sido escritas e ensinadas a seu respeito. Servindo de base a todas as noções populares e idéias falsas acerca da influência psíquica, há um sólido fundamento de verdade, cuja porção maior não é conhecida ainda nem em sonhos por muitos daqueles que têm alimentado o gosto público para o sensacionalismo.

Apenas teremos necessidade de dizer aos nossos estudantes que os orientais conheceram e praticaram, durante séculos passados, todas as formas de Ocultismo conhecidas; e, de fato, possuíram os segredos que os investigadores do Ocidente tão laboriosamente se têm esforçado em descobrir. Partículas desse conhecimento se têm infiltrado e têm sido avidamente tomadas pelos escritores ocidentais, e utilizadas como base de surpreendentes declarações e teorias.

E grande parte desse conhecimento oculto, com razão, permanecerá secreto durante anos futuros, por causa do estado de atraso da raça e a falta de preparo geral das pessoas para essa sabedoria secreta. Espargir pelo público em geral, ainda mesmo que só seja uma pequena parte de certos ensinamentos ocultos, seria atualmente perigoso em verdade, e traria sobre a raça um dos maiores castigos conhecidos pelo homem. Isso não é motivado por nenhum defeito dos mesmos ensinamentos, mas devido a que o egoísmo da maior parte dos homens e mulheres é tal que, em breve, começariam a usar esse conhecimento em seu proveito próprio e fins pessoais, em detrimento e prejuízo de seus semelhantes. Não seria este um perigo se a raça inteira conhecesse bem o assunto — se tivesse progredido o suficiente, intelectual e espiritualmente, para chegar ao ponto de compreender estes ensinamentos e poder, assim, proteger-se dos atentados egoístas de seus

irmãos pouco escrupulosos. Porque todos os ocultistas sabem que nenhum mago negro pode afetar ao homem ou mulher que conhece o seu verdadeiro lugar na natureza e seus poderes reais para resistir às práticas daqueles que adquiriram fragmentos e conhecimento oculto, sem o crescimento espiritual que lhes ensinaria a usá-lo devidamente. Mas a generalidade das pessoas de hoje não conhece, nem se convenceria do seu próprio poder e, portanto, é incapaz de proteger-se dos ataques psíquicos, mesmo daqueles que só obtiveram alguns fragmentos de ensinamentos ocultos e que os usam para fins egoístas.

O uso impróprio do poder psíquico é, desde há muito tempo, conhecido dos ocultistas como magia negra, que, longe de ser um resto da superstição da Idade Média, é uma coisa muito real e pratica-se na atualidade em grande extensão. Aqueles que a praticam estão semeando as sementes do seu próprio castigo, e cada partícula de força psíquica empregada para fins baixos e egoístas, retornará indefectivelmente e reagirá sobre aqueles que a empregam. Mas essas pessoas influenciam a outras para poder recolher algum ganho ou prazer material, e o público está sendo mais ou menos iludido por elas, ainda que se ria da idéia, considerando-a motivo de galhofa, e olhe aqueles que ensinam a verdade como incultos visionários ou pessoas mentalmente fracas.

Felizmente, aqueles que de tal modo prostituem os poderes psíquicos conhecem comparativamente pouco acerca do assunto e podem usar unicamente as formas mais simples; mas quando se põem em contato com os que estão inteiramente ignorantes do assunto, podem utilizar mais ou menos as suas artes. Muitos homens acham, incidentalmente, algumas vezes, que podem influenciar a outros com o seu mandado e, não conhecendo a origem do seu poder, freqüentemente usam-no da mesma forma como usariam qualquer poder físico. Porém, gradualmente, chega ao conhecimento dessas pessoas (em consequência de bem estabelecidas leis ocultas) alguma coisa que as conduz a uma compreensão melhor do assunto e começam a ver o seu erro. Outros deparam com algum pequeno fragmento de ensinamento oculto e empregam-no sobre outros e, vendo o efeito, entram no caminho da magia negra, sem saberem o que estão fazendo. Esses também são advertidos por certas maneiras, dando-lhes toda a oportunidade para retificarem o seu erro. Outros parecem compreender alguma coisa do risco que correm, mas aceitam-no voluntariamente, fascinados e deslumbrados com a sua nova sensação do poder.

A nenhuma dessas pessoas é permitido ir muito longe na sua obra egoísta, pois há certas influências em ação para contrabalançar seus esforços; e um pouco de bem contrabalança sempre uma obra psíquica egoísta, muito maior. Esta é uma antiga verdade oculta.

Mas independente desse fragmento elementar de magia negra, da qual falamos mais no sentido de um conselho e de prevenção, muitas pessoas estão dotadas de faculdades que lhe dão poder sobre seus semelhantes, e a sua influência é sentida na vida diária, justamente como a influência de um homem fisicamente forte é sentida numa reunião de gente fraca. É apenas preciso olhar por um momento às pessoas de nossas relações, para vermos que algumas delas têm uma influência maior que as outras. Algumas são naturalmente consideradas como diretoras e mestres, e outras ocupam o lugar de satélites. Estes homens fortes e positivos colocam-se à frente na guerra, nos negócios, nos tribunais, no púlpito, na prática da medicina, em todas as esferas da vida e em todos os ramos do esforço humano. Notamos esse fato e dizemos que tal homem é possuidor de muito magnetismo pessoal ou que tal outro carece dele.

Porém, o que significamos por magnetismo pessoal? Pode alguém dar uma resposta inteligível? Muitas são as teorias que têm sido expostas para explicar este fenômeno e muitos são os métodos propostos para desenvolver este poder. Nestes últimos anos, muitos mestres têm surgido, declarando haver descoberto o segredo e oferecendo ensiná-lo a todos os que se apresentarem, à razão de tanto por pessoa, fazendo muitos anúncios sensacionais para atrair compradores de cursos de instrução e recorrendo aos móveis mais egoístas, com o objetivo de despertar interesse para o que oferecem à venda. Na maioria dos casos, esses mestres não têm, praticamente, nada para oferecer nem ensinar; entretanto, em alguns casos, ainda que poucos, adquiriram um conhecimento suficiente do assunto, para poderem dar deduções pelas quais uma pessoa pode chegar a possuir um grau suficiente de poder psíquico, a fim de obter uma certa soma de influência sobre as pessoas débeis e ignorantes. Felizmente, porém, a maioria dos compradores destes ensinamentos não tem suficiente confiança em si mesma ou nos ensinamentos, para pôr em prática ao menos os escassos ensinamentos recebidos. Alguns, todavia, têm suficiente confiança em si mesmos para pôr em prática esses métodos e podem causar um dano considerável pelo uso ignorante e egoísta de poderes que estão destinados a usos mais elevados. Todas essas coisas devem desaparecer à medida que a raça adianta em conhecimento e compreensão das verdades ocultas. Entrementes, aqueles que realmente compreendem o assunto, fazem o que podem para educar a raça nos princípios dessas verdades, a fim de que todos possam proteger-se a si mesmos, psiquicamente, e não sejam tentados a fazer uso egoísta dos poderes elevados.

O homem ou mulher crescido e desenvolvido espiritualmente pode estar tranqüilo e sorrir em face dos esforços desses torpes magos negros, pelo menos no que concerne ao temor de algum dano ou efeito pessoal sobre eles. Essas pessoas elevam-se a um plano mais alto, no qual os esforços dos "ocultistas" (?) egoístas não podem penetrar. Teremos alguma coisa que dizer sobre a proteção própria, no fim desta lição, depois de dar ao estudante uma idéia geral das várias formas de influência psíquica geralmente em uso.

Desejamos ser claramente compreendidos por havermos dito que, não se tentará, nesta lição, descobrir um grau de conhecimento oculto que poderia pôr nas mãos do leitor casual uma arma para o uso de seus próprios fins egoístas; pois é

esta uma lição destinada à proteção própria daqueles que a lêem, não à exposição de um conhecimento da magia negra, nem mesmo em suas formas elementares. E advertimos aos que lerem o que vamos escrever sobre este assunto que falamos muito seriamente a respeito do uso egoísta do conhecimento oculto. Se conhecessem, quando mais não fora, uma parte do perigo que uma pessoa poderia atrair sobre si mesma pelas práticas ocultas impróprias, fugiriam do assunto tão rapidamente como de uma serpente venenosa que estivesse começando a reviver ao calor de suas mãos. Os poderes ocultos são para o uso devido e para a proteção do gênero humano, e não para o mau uso ou abuso, e como uma brincadeira com os fios de um dínamo; a néscia intromissão nesses poderes pode ser um resultado muito desagradável para as pessoas que não queiram atender ao conselho.

Ainda que muitos escritores ocidentais o neguem, todo verdadeiro ocultista sabe que todas as formas de influência psíquica, incluindo o chamado magnetismo pessoal, mesmerismo, hipnotismo, sugestão, etc., são apenas manifestações diferentes da mesma coisa. O que essa *coisa* é, podem imaginá-lo facilmente aqueles que seguiram as nossas lições precedentes. É o poder da mente do indivíduo, operando pelos meios mencionados em nossas lições anteriores. Confiamos em que o estudante tenha compreendido o que dissemos acerca da mente instintiva, pensamentos dinâmicos, telepatia, pensamentos-formas, etc., como também acerca da potência do Prana, para que possa compreender esta lição, sem demasiadas repetições.

A influência psíquica — e por este nome entendemos dizer todas as formas dela — que significa? Em que consiste? Como é posta em operação? Qual é o seu efeito? Procuremos responder a estas perguntas. Devemos começar com a mente instintiva — um dos sete princípios do homem. Já vos dissemos (na segunda lição) que este plano de mentalidade, pelo menos em suas formas mais inferiores, é possuído em comum conosco pelos animais. É a primeira forma de mentalidade atingida na escala da evolução e, em seus graus mais inferiores, as suas manifestações são completamente subconscientes. As suas primeiras evidências são notadas de tão remoto tempo como a vida mineral, manifestando-se aqui na formação dos cristais, etc. Nas formas inferiores do vegetal mostra-se apenas fracamente, e é apenas um grau acima do manifestado pelo mineral. Em seguida, por graduais e progressivos estados, torna-se mais distinta e mais elevada na escala, no vegetal, até que algumas de suas formas mais elevadas manifestem mesmo uma forma rudimentar de consciência.

No reino animal, a mente instintiva é vasta em variedade de estados, desde a inteligência quase vegetal das formas inferiores da vida animal, até a inteligência quase vegetal das formas inferiores da vida humana. Acharo-la apenas diferente da forma mais elevada manifestada nos animais, e à proporção que ascendemos na escala, a encontramos diversamente modificada pela influência do quinto princípio — o intelecto. Isto até alcançarmos a mais elevada forma de homem, conhecida na atualidade, em controle, exercendo sua função própria e influenciando o princípio inferior somente para o bem e evitando os erros do homem menos desenvolvido, que verte auto-sugestões prejudiciais na sua mente instintiva, as quais agem em seu próprio prejuízo. Nesta consideração da mente instintiva, temos que omitir a sua assombrosa obra na superintendência das funções do corpo físico, assim como também algumas de outras manifestações suas, e limitarmo-nos ao assunto da parte que desempenha a mente instintiva na questão da influência psíquica, — uma parte muito importante — em virtude de que, sem a mente instintiva, não se operaria a influência psíquica, pois não haveria sobre o que operar. A mente instintiva é o instrumento empregado pela influência psíquica. Falamos, freqüentemente, como se o intelecto de uma pessoa fosse influenciado deste modo; mas isso é incorreto, porque a pessoa é influenciada *apesar* do seu intelecto, não por meio dele — a influência é tão fortemente impressa sobre a mente instintiva que esta se esquiva e desatende aos protestos do intelecto, como muitas pessoas reconhecem depois, a seu pesar. Inúmeras são as pessoas que, conforme as suas próprias palavras, "conheceram sempre o que era melhor, mas agiram como se não o tivessem conhecido".

Começaremos com o que é conhecido como sugestão, o que realmente é a base de todas as formas de influência psíquica pessoal ou *ausente*. Por sugestão entendemos o influxo ou controle dos pensamentos e ações de outrem, por meio de um mandato positivo ou de uma insinuação sutil do pensamento desejado ou toda combinação entre esses dois extremos. A sugestão pessoal é muito comum na vida diária; de fato, estamos constantemente dando e recebendo sugestões conscientes e inconscientemente, e uma pessoa apenas pode evitar dá-las ou recebê-las, enquanto estiver associada com outras pessoas, ouça vozes ou leia o que outros escreveram ou imprimiram. Mas estas sugestões diárias são relativamente sem importância, e carecem da força de uma constante e deliberada sugestão feita por quem compreende a arte de suggestionar. Vejamos primeiro como e por que as sugestões são recebidas e como agem.

Dissemos já que, nas primitivas formas da vida, a mente instintiva agia só, sem a influência do intelecto (porque o intelecto não se havia ainda desenvolvido), totalmente inconsciente como na vida vegetal. À proporção que ascendeu na escala da evolução, começou o animal a ser obscuramente consciente, a *perceber* coisas e fazer alguma coisa assim como um primitivo raciocínio a respeito das mesmas. Para proteger-se de seus inimigos, o animal teve que ser guiado pela consciência rudimentar que estava começando a desenvolver-se e que se manifestava por meio da mente instintiva. Alguns animais progrediram mais rapidamente que outros de sua espécie e naturalmente começaram a impor-se e exercer seu poder peculiar — encontraram-se elaborando o pensamento de seus semelhantes. Chegaram a ser reconhecidos como os únicos capazes de ajudar em caso de perigo ou de escassez de alimento, e a sua direção foi geralmente reconhecida e

seguida. Os chefes surgiram nos rebanhos e nas multidões, não só devido à sua força bruta (como freqüentemente tem sido ensinado nos livros de texto), mas também ao seu poder cerebral superior, que pode ser denominado astúcia. O animal astuto era rápido para reconhecer o perigo e apropriar-se dos meios de evitá-lo; rápido para descobrir novos meios de obter alimento e para dominar o inimigo comum ou a presa. Qualquer pessoa que tenha estado muito tempo entre os animais domésticos ou que tenha estudado os costumes dos animais selvagens que vivem em rebanhos, compreenderá com exatidão o que dizemos. Os poucos conduziram e dirigiram; os muitos seguiram cegamente e foram conduzidos.

E à proporção que prosseguiu o desenvolvimento até chegar ao homem, manifestou-se a mesma coisa. Surgiram os chefes e foram obedecidos. E através de toda a história da raça até nossos dias, este mesmo estado de coisas existe. Uns poucos conduzem e muitos os seguem. O homem é um animal obediente e imitador. A maioria das pessoas é como carneiro — dá-se-lhe um "engodo" e segue, contente, o badalar da campainha.

Mas, notai este fato muito importante: — nem sempre é o condutor de homens (seja ele homem ou mulher) possuidor da maior soma daquilo que chamamos preparo intelectual, educação ou erudição; pelo contrário, muitas de tais pessoas são freqüentemente as mais decididas seguidoras dos condutores. O homem ou a mulher que dirige é aquele que sente em si esse algo que pode ser chamado consciência da origem real da força e o poder que há atrás dele e nele. Essa *percepção* pode não ser reconhecida pelo intelecto, pode não ser compreendida, mas o indivíduo sente, de algum modo, que ele é possuidor de força e poder ou que está em contato com o poder e força que pode usar.

E ele (falando do homem comum), conseqüentemente, se reconhece a si mesmo como capaz de tal, e começa a usar o seu poder. Ele sente a realidade da palavra Eu; sente-se como um indivíduo — como uma coisa real — uma entidade; instintivamente começa a agir para impor-se. Essas pessoas, em geral, não compreendem a origem do seu poder; sentem-no simplesmente em si e naturalmente fazem uso dele. Influenciam a outros sem compreender exatamente como, e amiúde admiram-se dos resultados. E como se dá essa influência? Vejamo-lo.

Observemos as pessoas que são influenciadas. Que parte do seu mecanismo mental ou físico é afetada? — A mente instintiva, naturalmente. E por que a sua mente instintiva é tão facilmente afetada, enquanto a de outros o é muito menos? É este exatamente o ponto; consideremos o assunto. No estado original e durante o processo da evolução, a mente instintiva não foi influenciada deste modo, *porque não havia nada que a influenciasse*; mas, à proporção que o homem se foi desenvolvendo, os indivíduos que chegaram a ser conscientes da sensação do despertar de sua individualidade e poder real, começaram a afirmar-se a si mesmos e impor-se à mente instintiva dos outros. O homem cuja consciência de sua individualidade, cuja percepção do Eu está muito desenvolvida invariavelmente influencia a mente instintiva daquele cuja consciência não está tão completamente desenvolvida. A mente instintiva do homem menos consciente recebe e executa as sugestões do Eu mais forte permite também que as ondas-pensamentos deste o afetem e sejam absorvidas.

Relembrai-vos, uma vez mais, que não é o homem de preparo intelectual, cultura ou erudição, exclusivamente, o que tem essa consciência, se bem que, naturalmente, quanto maior for o preparo intelectual do homem, maior é o campo do poder do Eu consciente que ele possui. Tem-se visto que homens incultos possuem esse poder tão bem como os mais altamente educados e, ainda que a deficiente educação e instrução os impeçam de fazer uso desse poder na extensão possível para o seu irmão mais favorecido, contudo exercem influência sobre todos os da sua classe e também sobre muitos que têm maiores poderes intelectuais. Não é questão de educação ou de raciocínio abstrato, etc.; *é questão de consciência*. Aqueles que a possuem sentem, de algum modo, o Eu; e ainda que freqüentemente o conduza a um grau absurdo de egoísmo vão, amor-próprio e orgulho, não obstante, um homem que possui essa consciência em alguma extensão, invariavelmente influencia outros e abre caminho através do mundo. O mundo deu à manifestação dessa consciência o nome de confiança própria, fé em si mesmo, etc. Facilmente descobri-la-eis, se pensardes um momento e olhardes um pouco em vosso derredor. Há, naturalmente, muitos graus dessa consciência e, em igualdade de condições, o homem ou a mulher exercerá influência sobre os outros, exatamente na mesma proporção em que eles possuem tal poder. Ela pode ser desenvolvida e aumentada. É, porém, inferior à consciência do homem ou mulher de aperfeiçoamento espiritual, cujos poderes ultrapassam em muito a consciência do plano mental.

Mas, tornando ao nosso assunto de *como a mente instintiva é influenciada*: o homem cuja consciência do Eu está suficientemente desenvolvida, sugere a sua própria mente instintiva, e esta, naturalmente, considera o seu diretor como a única origem dos mandados e indicações. Porém, aquele que não possui essa consciência, não tem dado senão fracas ordens dessa classe, e sua mente instintiva não tem em si inculcada a confiança que deveria possuir; vê assim que o seu diretor com freqüência (amiúde, invariavelmente) lhe permite receber ordens e instruções de outros, até que, automaticamente, apropria e executa quase todas as sugestões recebidas do exterior. Tais sugestões externas podem ser verbais ou transmitidas pelas ondas-pensamentos de outros.

Muitas pessoas não têm a menor confiança no seu próprio Eu — são como carneiros humanos, e naturalmente seguem o seu pastor. De fato, são infelizes se não são conduzidas. Quanto mais enérgicas são as ordens, tanto mais rapidamente estão dispostos a obedecer-lhes. Uma exposição que lhes seja feita positiva e autoritariamente, é aceita e praticada. Essas pessoas vivem apoiadas na autoridade, e constantemente procuram precedentes e exemplos — precisam de alguma coisa em que apoiar-se.

Numa palavra, são mentalmente preguiçosas em tudo no tocante ao exercício da consciência do Eu e ao desenvolvimento da mesma e, conseqüentemente, não têm exercido controle sobre a sua mente instintiva; porém, pelo contrário, permitem-lhe estar aberta às sugestões e influências de outros, os quais, muitas vezes, são menos competentes para dirigi-los do que o são eles mesmos; mas soem ter um pouco mais de confiança própria e segurança — e um pouco mais de consciência do Eu.

Vejam, agora, como e por quais meios é influenciada a mente instintiva. Há um sem-número de métodos e formas de práticas conscientes e inconscientes pelas quais são produzidos tais efeitos, mas que podem ser aproximadamente agrupados em três classes gerais, a saber: 1º) Sugestão pessoal; 2º) Influência mental, presente e a distância; e 3º) Influência mesmérica ou hipnótica. Essas três formas combinam-se geralmente umas com as outras, mas é bom separá-las aqui para que possamos compreendê-las melhor. Tratá-las-emos por turno, brevemente.

Consideremos primeiro a sugestão pessoal. Como dissemos, é muito comum e é mais ou menos praticada constantemente por todos nós, e todos somos mais ou menos afetados por ela. Limitar-nos-emos às suas formas mais visíveis. As sugestões pessoais são transmitidas pela voz, pelos ademanes, pela aparência, etc. A mente instintiva assenta e aceita com verdade as palavras, o aspecto e a maneira da pessoa positiva, e age de acordo com eles, conforme o grau de sua receptividade. Este grau varia nas pessoas, de acordo e conforme o grau em que têm desenvolvido a consciência do Eu, como já expusemos. A maior soma dessa consciência do Eu corresponde um grau menor da receptividade, a não ser que a pessoa esteja cansada, distraída ou voluntariamente aberta à influência da mente ou palavras de outros.

Quanto mais positiva ou autoritária é a sugestão, mais facilmente é tomada pela mente instintiva receptiva. A sugestão afeta uma pessoa, não através do seu intelecto, mas por meio da sua mente instintiva — não opera por argumentos, mas por asserções, pedidos e mandatos. As sugestões adquirem força pela repetição, e quando uma pessoa não é influenciada por uma sugestão só, as repetidas sugestões no mesmo sentido terão um poder muito maior. Algumas pessoas possuem tal habilidade na arte da sugestão, que se tem que estar em guarda para não aceitar inconscientemente algumas das sutis sugestões insinuadas na consciência. Mas aquele que realiza a consciência do Eu, ou, melhor, a consciência do Eu real e sua relação com o Todo, não tem motivo para temer o poder dos sugestionadores, pois as sugestões dificilmente poderão penetrar em sua bem guardada mente instintiva, e, se o fazem, alojar-se-ão na superfície externa da mente, e depressa serão descobertas e esclarecidas com um sorriso.

Porém, uma palavra de aviso: — estai em guarda com aqueles que tentam conduzir-vos, não por argumentos ou razões, mas por afirmações e pretendida autoridade, maneiras plausíveis e um modo geral de "dar por assentado" o que dizem. Também deveis vigiar aqueles que vos fazem perguntas e as respondem, antecipando-se a vós deste modo: "Agrada-vos este modelo, não é verdade?" ou "Isto é o que precisais, não é assim? A sugestão e a asserção caminham uma ao par da outra. Podeis geralmente descobrir uma sugestão pela maneira com que se vos apresentam as coisas.

Em segundo lugar, consideremos a influência do pensamento em presença ou a distância. Como dissemos em lições anteriores, cada pensamento produz a projeção de ondas-pensamentos de maior ou menor força, tamanho e poder. Explicamos já como são enviadas essas ondas-pensamentos e como são recebidas por outro indivíduo. Todos nós estamos recebendo ondas-pensamentos a todo tempo, mas, comparativamente, poucas nos afetam por não estarem em harmonia com nossos próprios pensamentos, modos, caráter e gostos. Atraímos à nossa consciência íntima somente os pensamentos que estão em harmonia com os nossos próprios.

Porém, se somos de um caráter negativo e permitimos à nossa mente instintiva andar sem o seu mestre próprio e chegar a ser demasiado receptiva, estamos em perigo de ter que aceitar, assimilar e executar as ondas-pensamentos que passam e nos circundam. Explicamos a ação das ondas-pensamentos em outras lições, mas sem indicar este aspecto do assunto, preferindo tratá-lo aqui. A mente instintiva descuidada, não só é afetada por toda espécie de ondas-pensamentos passageiras que flutuam em sua direção, como também está peculiarmente sujeita a ser afetada por uma onda-pensamento forte, positiva e consciente, dirigida a ela por outro que, querendo influenciar a outra pessoa, para o bem ou para o mal, inconscientemente lança ondas-pensamentos dessa classe com maior ou menor efeito. E alguns que algo têm aprendido das rudimentares verdades ocultas e as prostituíram em magia negra, consciente e deliberadamente, enviam ondas-pensamentos às pessoas que desejam influenciar. E se a mente instintiva está abandonada pelo seu próprio diretor, está mais ou menos propensa a ser afetada por esses esforços de mentes egoístas e malignas.

As narrativas dos tempos de bruxaria e feitiçaria não são tão meras ilusões e superstições, pois, sob as referências exageradas dessas narrativas, pode-se achar um grande fundamento de verdade oculta, facilmente reconhecido pelos ocultistas adiantados como um poder oculto rudimentar, prostituído em magia negra. Toda magia negra e feitiçaria combinada do mundo não poderiam afetar um homem ou mulher que possuísse a forma mais elevada de consciência; mas o temeroso, o supersticioso, com pouca ou nenhuma confiança em si mesmo, ou segurança própria, estaria em condições de ter uma mente instintiva bem disposta e pronta a dar entrada a tais prejudiciais ondas-pensamentos-formas. Todos os conjuros, feitiços, etc., dos *vodus* bruxos, conjuradores, etc., etc., são eficazes apenas devido ao pensamento emitido e enviado com eles; e o pensamento se torna mais poderoso porque é concentrado por meio dos ritos, cerimônias, feitiços, imagens, etc., dos perversos devotos da magia negra.

Não obstante, seria poderoso da mesma forma se fosse concentrado por um outro meio qualquer. E por muito concentrado ou enérgico que possa ser, não poderá produzir efeito se a mente instintiva não estiver preparada para recebê-lo, assimilá-lo ou praticá-lo. O homem ou mulher que sabe disso, não tem motivo para temer essas práticas. De fato, mesmo a leitura desta lição expulsará de muitas mentes a receptividade que poderiam ter ou que tiveram, e que permitiram fossem influenciadas em maior ou menor extensão pelos pensamentos egoístas de outros. Isso, tendo-o presente, não é devido a nenhuma virtude desta lição (não pretendemos nada disso), mas simplesmente porque a sua leitura fará com que a mente do estudante acorde ao seu próprio poder e o exerça.

Relembrai-vos: a mente só atrai aqueles pensamentos que estão em harmonia com os seus próprios pensamentos e a mente instintiva é influenciada contra os seus próprios interesses somente quando o seu possuidor admitiu a fraqueza própria e lhe faltou habilidade para dirigi-la e guardá-la.

Deveis cuidar da vossa mente instintiva e exercer vosso domínio e propriedade sobre ela; porque, a não ser assim, essa propriedade pode ser exercida, reclamada e usurpada por outros mais dominantes que vós mesmos. Tendes a força e o poder necessários em vós, com a única condição que o exerçais. É vosso, se o pedis; por que não o reclamais? Podeis acordar a consciência do Eu e desenvolvê-la pelo poder da afirmação, o qual ajudará o seu desenvolvimento. Teremos mais o que dizer sobre este ponto, nas páginas seguintes.

Consideremos, agora, a terceira forma de influência psíquica, que é conhecida como mesmerismo, hipnotismo, etc. Só uma breve referência a esse assunto podemos fazer aqui, porque a sua variedade de formas e fenômenos encheria livros, se o tratássemos amplamente. Mas acreditamos que poderemos torná-lo claro em poucas palavras, em virtude de que haveis seguido o nosso pensamento nesta e nas anteriores lições. A primeira coisa a lembrar é que o mesmerismo ou hipnotismo é apenas uma combinação dos dois métodos mencionados, adicionada de uma porção maior de Prana projetado com a sugestão pessoal ou onda-pensamento. Em outras palavras, a sugestão ou onda-pensamento chega a ser carregada de Prana num grau maior do que nos casos ordinários, e torna-se muito mais forte que a sugestão ordinária ou onda-pensamento, pois um pensamento-forma é mais forte que uma onda-pensamento ordinária. Em resumo, o mesmerismo ou hipnotismo é praticamente o processo de banhar a pessoa num fluxo de pensamentos-formas, mantendo-os estimulados e ativos por uma constante provisão de Prana, o qual, com freqüência tem sido chamado, em tais casos, o *fluido mesmérico*. E outra coisa a lembrar é que nenhuma pessoa pode ser mesmerizada ou hipnotizada, a não ser que a sua mente instintiva esteja abandonada ou sem o seu diretor próprio, ou que a pessoa concorde em ser mesmerizada e o consinta realmente. De modo, enfim, que chegamos ao fato de que nenhuma pessoa pode ser mesmerizada ou hipnotizada, a não ser que o deseje ou que acredite que possa sê-lo, o que vem a ser o mesmo. O mesmerismo tem seu uso nas mãos dos ocultistas adiantados que compreendam suas leis, mas, nas mãos daqueles que ignoram o seu devido uso é uma coisa que deve ser evitada. Tende cuidado em não permitir seres hipnotizado por algum ignorante. Exercestes o vosso próprio poder e podereis executar por vós mesmo tudo o que qualquer outro possa fazer no mesmo plano.

Tocamos, no curto espaço que tínhamos à nossa disposição, nas várias formas de influência psíquica, e pode, no futuro, apresentar-se uma oportunidade de penetrar mais profundamente o assunto convosco. Confiamos, porém, que dissemos o bastante para dar-vos, pelo menos, um conhecimento geral do assunto, dando-vos, ao mesmo tempo, um conselho e um aviso oportuno. Terminaremos dizendo alguma coisa acerca da consciência do Eu e seu desenvolvimento; confiamos em que o haveis de ler com a atenção que merece e que levareis à prática aquilo que é indicado.

Há, naturalmente, uma forma de consciência mais elevada que a consciência do Eu; é a consciência espiritual que torna o indivíduo consciente da sua relação e conexão com a origem de todo poder. E aqueles que possuem essa elevada consciência estão colocados muito além da influência psíquica de outros, porque estão circundados por uma aura que repele as vibrações de um plano inferior. Essas pessoas não têm necessidade da consciência do Eu, porque a possuem incluída na sua consciência mais elevada. Mas aqueles que estão no plano mental de desenvolvimento (e somente poucos de nós temos progredido além dele), farão bem em desenvolver, fazer crescer e progredir a sua consciência do Eu — a sensação da individualidade. Sereis ajudados neste trabalho, trazendo na mente e meditando freqüentemente que sois um ser real — que sois um Ego — uma parte da Vida Universal posta em separado com um indivíduo, para que possais realizar a vossa tarefa no plano universal, e progredir até as mais elevadas formas de manifestação. Que *vós* sois independentes de corpo e que o usais unicamente como um instrumento. Que *vós* sois indestrutíveis e possuis a vida eterna. Que *vós* não podeis ser destruídos pelo fogo, a água ou qualquer outra coisa das que o homem físico considera como coisa que o matarão — que, suceda o que suceder ao vosso corpo, *vós* sobreviveréis. Vós sois uma alma e tendes um corpo (e não um corpo que tem uma alma, como muitas pessoas crêem e como tal agem). Pensai de vós mesmos como sendo independentes, usando o corpo como uma conveniência.

Cultivai o sentimento da imortalidade e da realidade, e, gradualmente, começareis a compreender que existis realmente e existireis sempre; e o temor cairá de sobre vós como um manto abandonado, porque o temor realmente é o pensamento que debilita a desatendida mente instintiva. Livrai-vos do temor e o restante é coisa fácil. Falamos disso na *Ciência da Respiração*, sob os títulos: *Consciência da Alma* e *Formando Uma Aura*; aí indicamos um plano por meio do qual as pessoas débeis e medrosas podem proteger-se a si mesmas, enquanto se entregam ao trabalho de construir um seguro alicerce da força e confiança em si mesmas... A afirmação ou mantram que tem dado maior benefício que qualquer outro

nestes casos, é a positiva afirmação do *Eu Sou*, a qual expressa uma verdade e tende para uma atitude mental que é recebida pela mente instintiva e a torna mais positiva para outros, e menos sujeita a ser afetada pelas sugestões, etc.

A atitude mental expressa pelo *Eu Sou* vos rodeará com uma aura mental que atuará como um escudo protetor até o tempo em que tenhais adquirido completamente a consciência mais elevada, a qual traz consigo uma sensação de confiança própria, segurança e força. Deste ponto em diante vos desenvolvereis gradualmente para essa consciência que vos assegura que, quando dizeis *Eu*, não falais somente da entidade individual com toda a sua força e poder, porém, que sabeis que o *Eu* tem atrás de si o poder e a força do espírito, e está unido com um inesgotável depósito de força que pode ser utilizada quando for necessária. Tal pessoa jamais pode experimentar temor, porque se elevou acima dele. O temor é a manifestação da fraqueza e, por tanto tempo quanto o alimentemos, considerando-o como um amigo íntimo, estaremos abertos e indefesos às influências de outros. Mas, lançando para um lado o temor, ascendemos alguns passos na escala e nos pomos em contato com o forte, protetor, intrépido e valoroso pensamento do mundo, e deixamos atrás de nós a antiga debilidade e aflições da vida. Quando o homem aprende que nada realmente pode prejudicá-lo, o temor parece-lhe uma estupidez; e quando o homem acorda à compreensão de sua natureza e destino, ele sabe que nada pode prejudicá-lo e, conseqüentemente, o temor é abandonado. Foi bem dito: "Nada há a temer, senão o temor", e neste epigrama está escondida uma verdade que todos os ocultistas adiantados reconhecerão. A abolição do temor põe nas mãos do homem uma arma de defesa e poder que o torna quase invencível.

Por que não aceitais este dom que tão livremente vos é oferecido? Que o vosso lema seja:

Eu Sou. Sou livre e nada temo.

10ª LIÇÃO - O MUNDO ASTRAL

Estamos em face de uma séria dificuldade ao começar esta lição, dificuldade que será visível para aqueles estudantes que estão um tanto adiantados nos estudos ocultos. Aludimos à questão da descrição de planos de existência. Estas lições têm o propósito de ser estudos elementares, e estão destinadas a dar ao principiante uma idéia clara e simples dos princípios gerais do Ocultismo, sem tentar conduzi-los aos estados mais complicados do assunto. Procuramos, desde o começo, evitar tecnicismos até onde tem sido possível e acreditamos que temos levado a termo, com felicidade, a nossa tarefa de apresentar princípios elementares de uma forma clara e singela; sabemos que temos conseguido interessar no estudo a muitas pessoas que anteriormente tinham sido afastadas dele, devido à quantidade de termos técnicos e complicada descrição de detalhes com que se encontravam ao tomar outras obras sobre o assunto.

Assim, nesta lição sobre o mundo astral e nas três seguintes, estaremos compelidos a tratar de generalidades, em vez de entrar em tão detalhadas e minuciosas descrições como as que seriam necessárias numa hora que tratasse dos "graus elevados" do estudo. Em vez de nos esforçarmos em descrever o que é um plano e depois começarmos a fazer notar as delicadas e pequenas diferenças entre planos e subplanos, trataremos todo o assunto dos planos elevados da existência sob o termo geral de Mundo Astral, fazendo com que este termo incluia, não somente as divisões inferiores do plano astral, como também alguns dos planos mais elevados da vida.

A este método podem ser feitas objeções por alguns que tenham seguido outros cursos de ensino sobre o assunto, nos quais só o plano astral inferior tem sido denominado deste modo, recebendo outros nomes os planos mais elevados. Mas pedimos a essas pessoas relembrem-se que muitos dos antigos ocultistas classificavam o grupo inteiro dos planos superiores (pelo menos até atingir os planos espirituais mais elevados), sob o termo geral de mundo astral ou nomes similares, e temos as melhores autoridades em prol desta divisão geral. Há tanta diferença entre os planos astrais inferiores e os planos mentais ou espirituais mais elevados, como a que há entre um gorila e um Emerson; mas, com o fim de evitar que o estudante se extravie num labirinto de termos, tratamos todos os planos superiores ao físico (pelo menos aqueles dos quais as nossas lições tratam), sob a denominação geral de mundo astral.

É difícil dar com clareza e em termos singelos o significado da palavra *plano*, e usá-la-emos pouco, preferindo a palavra *estado*, porque um plano é realmente um estado, mais propriamente do que um sítio ou lugar, isto é, em qualquer lugar há vários planos que podem ser habitados. Assim como um aposento pode estar cheio com os raios do sol, luz de uma lâmpada, raios X, vibrações magnéticas ordinárias, ar, etc., etc., agindo cada um de acordo com as leis de sua existência, porém, sem influenciar aos outros, assim podem vários planos de existência estar em completa atividade num dado espaço, sem que haja contato entre uns e outros.

Não podemos entrar em detalhes acerca da questão, nestas lições elementares, e esperamos simplesmente dar ao estudante uma concepção mental suficiente para que possa compreender os incidentes e fenômenos dos vários planos compreendidos no mundo astral.

Antes de entrar no assunto dos diferentes planos do mundo astral, será melhor que consideremos alguns fenômenos gerais classificados sob o termo *astral*. Em nossa 6ª lição vos dissemos que o homem (encarnado), além de seus

sentidos físicos da vista, do ouvido, do olfato, do paladar e do tato, tem cinco sentidos *astrais* (duplicação dos sentidos físicos) que operam no plano astral e por meio dos quais pode receber impressões sensíveis, sem a ajuda dos órgãos físicos sensitivos. Também, quem possua no órgão físico um "sexto sentido" (o órgão do sentido telepático), terá um sentido astral correspondente.

Esses sentidos astrais funcionam sobre o plano astral inferior — o plano imediatamente superior ao plano físico — e o fenômeno da clarividência é produzido pelo uso desses sentidos astrais, como os descrevemos na 4ª lição. Existem, naturalmente, formas mais elevadas de clarividência que operam em planos muito acima daquele usado na clarividência ordinária; mas tais poderes são raros e possuídos somente por pessoas muito adiantadas, e tão raros que apenas há necessidade de mencioná-los aqui. Neste plano astral inferior, o clarividente vê; o clariaudiente ouve; o psicômetra sente. É neste plano que atua o corpo astral e que se manifestam os fantasmas. As almas desencarnadas que vivem nos planos mais elevados do mundo astral, para comunicar-se com aqueles que estão no plano físico, devem descer a este plano inferior e revestir-se com uma envoltura de matéria astral, para poder realizar o seu objetivo. Neste plano agem os corpos astrais dos encarnados que têm adquirido a arte de projetar-se no astral. É possível, para uma pessoa, projetar o seu corpo astral ou viajar nele a qualquer ponto, dentro dos limites da atração terrestre; e o ocultista preparado pode fazê-lo assim, à vontade, sob as condições adequadas.

Outros podem, ocasionalmente, fazer essas excursões, sem conhecer exatamente como o fazer e tendo depois a lembrança de um sonho particular muito vivido; em realidade, muitos de nós as fazemos quando o corpo físico está profundamente adormecido e, com frequência, uma pessoa obtém deste modo muitas informações sobre assuntos nos quais está interessada, pelo fato de manter comunicação astral com outros que estão interessados no mesmo assunto, tudo isso inconscientemente, como é natural. A aquisição consciente de conhecimento por este meio só é possível aos que têm progredido muito no caminho da realização. O ocultista preparado coloca-se simplesmente na condição mental requerida e então quer achar-se em algum ponto particular, e o seu corpo astral se dirige para ali com a rapidez da luz ou ainda mais rapidamente. O ocultista não preparado, naturalmente não tem tal grau de controle sobre o seu corpo astral e é mais ou menos tórpido no manejo dele. O corpo astral está sempre em conexão com o corpo físico, durante a vida do último, por um tênue fio astral, como que de seda, o qual mantém a comunicação entre os dois. Se esse cordão fosse partido, o corpo físico morreria, porque a conexão entre a alma e ele teria terminado.

Neste plano astral inferior podem também ser percebidas as cores áuricas dos homens, como as descrevemos em nossa 4ª lição. Igualmente, é sobre este plano que podem ser observadas as emanções de pensamento pela visão clarividente ou astral daqueles que visitam este plano no seu corpo astral. A mente está continuamente emitindo emanções que se estendem a alguma distância da pessoa por algum tempo, as quais, se são bastante fortes, se afastam gradualmente, atraídas para aqui ou para ali pelos pensamentos semelhantes de outros. Essas emanções mentais se parecem nuvens, algumas delicadas e belas, ao passo que outras são escuras e lúgubres. A visão psíquica ou astral vê alguns lugares cheios desses pensamentos-substâncias, variando em caráter ou aparência, conforme a qualidade ou natureza do pensamento original que as produziu. Vê alguns lugares cheios de brilhante e atraente matéria mental, mostrando que o caráter geral do pensamento daqueles que o habitam é carinhoso e alegre, ao passo que outros lugares estão cheios de massa ou matéria mental lúgubre e sombria, que revela que os que vivem ali ou algum visitante residiram nos planos inferiores do pensamento e encheram o lugar com as depressivas lembranças da sua permanência. Tais aposentos deveriam ser abertos de par em par à luz do sol e ao ar, e quem permanecesse neles deveria esforçar-se por enchê-los de pensamentos brilhantes, carinhosos e felizes, os quais expulsariam dali a matéria mental de qualidade inferior. Uma ordem mental, tal como: "Eu vos mando que vos retireis desse lugar", fará com que uma pessoa produza fortes vibrações mentais, as quais dissolverão a má atmosfera mental ou a repetirão, expulsando-a da imediata vizinhança da pessoa que faz o mandato.

Se os homens pudessem ver, apenas por uns minutos, a atmosfera mental das tabernas, casas de jogo e outros lugares desta classe, teriam cuidado de não visitá-las outra vez; não somente a atmosfera está muito saturada de pensamentos degradantes, como também as classes inferiores das almas desencarnadas se congregam em grande número ao redor das cenas que lhe são gratas, esforçando-se por quebrar os débeis laços que as separam do plano físico em tais lugares.

Talvez o melhor meio de vos tornar claros os aspectos gerais e fenômenos do mundo astral seria descrever-vos uma excursão imaginária, feita por vós mesmos a esse mundo, ao cuidado de um ocultista experimentado. Nós vos enviaremos, imaginariamente, a tal passeio, nesta lição, a cargo de um guia competente — pressupondo que tenhais feito um considerável progresso espiritual, pois de outro modo o guia mesmo não poderia levar-vos muito longe, a não ser que adotasse heróicos e mui poucos usados métodos, os quais, provavelmente, não acharia oportunos em vosso caso. Estais dispostos para vossa viagem? Bem; eis aqui o vosso guia...

Haveis entrado no silêncio e subitamente chegado a ser consciente de ter deixado o vosso corpo e estar ocupando, agora, o vosso corpo astral somente. Estais ao lado de vosso corpo físico e o vedes dormindo sobre o colchão; mas conheceis que estais em conexão com ele por um brilhante e prateado fio, apresentando o aspecto de um longo pedaço de brilhante teia de aranha. Estais consciente da presença do guia que vos há de conduzir em vossa viagem. Ele também está

na sua forma astral, que é um tanto vaporosa, transparente e parecida ao corpo físico e pode passar, com facilidade, através dos objetos sólidos. O vosso guia vos toma da mão e vos diz: — "Vinde!" E, num instante, haveis deixado o vosso aposento e vos achais sobre a cidade de vossa residência, flutuando no espaço, como o faz uma nuvem de verão. Começais a sentir medo de cair, e tão rapidamente como este pensamento entre em vossa mente, vos encontrais descendo.

Mas o vosso guia coloca a mão debaixo de vós e vos sustem, dizendo: — "Compreendei, agora, que não podeis descer, a não ser que tenhais medo; sustentai o pensamento de que estais flutuando e assim o será". Assim fazendo vos regozijais ao notar que podeis flutuar à vontade, movendo-vos daqui para ali, de acordo com vosso gosto e desejo.

Vedes grandes volumes de nuvens de pensamento elevando-se da cidade, como grandes nuvens de fumo, rolando no ar e detendo-se aqui e ali. Também vedes alguma nuvem de pensamento, vaporosa e sutil, em certos lugares, que parece ter a propriedade de esparzir e dissolver as nuvens escuras, quando se põe em contato com elas. Aqui e ali, vedes linhas sutis de luz brilhante, como chispas elétricas, viajando rapidamente através do espaço, as quais são, segundo vos diz vosso guia, mensagens telepáticas, transmitidas de uma pessoa a outra, provindo a luz brilhante do Prana com que o pensamento está carregado. Vedes, à proporção que desceis para o solo, que todas as pessoas estão circundadas por um corpo ovóide, de cor — sua aura — no qual estão refletidos os seus pensamentos e o estado mental prevalecente e o caráter dos pensamentos por variedades de cores.

Alguns estão circundados por formosas auras, ao passo que outros têm ao seu redor auras negras, esfumaçadas, em que se vêem resplendores de luz avermelhada. Algumas destas auras vos entristecem ao olhá-las, pois são a evidência de baixos, grosseiros e bestiais pensamentos, que vos causam pena, porque agora que estais fora de vosso corpo físico sois mais sensitivo do que antes. Mas não podeis demorar muito tempo aqui, porque a vossa viagem é curta e o vosso guia vos manda seguir.

Parece-vos que não mudais de lugar no espaço, mas sim que uma mudança sobrevém a todas as coisas, como se se levantasse uma diáfana cortina numa pantomima. Já não vedes o mundo físico com seus fenômenos astrais, mas parece-vos estardes num mundo novo — uma terra de estranhas e curiosas formas. Vedes envolturas astrais flutuando no ar, corpos astrais abandonados por aqueles que dele se desprenderam, à proporção que passaram mais adiante.

Degrada-vos ver isso e vos apressais a seguir o vosso guia; porém, antes de deixar esta segunda antecâmara do mundo astral, vosso guia vos manda abandonar a dependência mental do vosso corpo astral, em que vos achais e, com grande surpresa vossa, vos encontrais despido dele, deixando o mundo dos *casçõs*, mas estando, contudo, unido com ele por meio de um cordão ou fio magnético, o qual, por sua vez, também está unido com o vosso corpo físico, do qual quase vos tendes esquecido atualmente, mas ao qual permanecéis ainda ligado por esses laços quase invisíveis.

Passais adiante revestido de um novo corpo, ou antes, com um vestido inteiro de matéria etérea, porque parece quase como se simplesmente vos tivésseis despojado de um manto, depois de outro, enquanto que o Eu que está em vós mesmo permanece sem mudança; e agora sorris ao reconhecer que houve um tempo no qual pensáveis que o corpo era de vós. O plano dos *casçõs astrais* se desvanece e parece haverdes entrado numa grande câmara de formas adormecidas, que estão descansando tranqüilamente, sendo as únicas formas que se movem as daqueles de esferas mais elevadas que desceram a este plano para praticar o bem a seus irmãos mais humildes. Ocasionalmente, algum adormecido dará sinais de acordar e imediatamente alguns desses protetores o rodearão, desaparecendo com ele, como que desvanecidos, aparentemente, em algum outro plano. Mas, o mais assombroso dessa região é que, à proporção que o adormecido acorda lentamente, o seu corpo astral se desprende dele justamente como o fez o vosso, um pouco antes, e sai deste plano para o lugar dos *casçõs*, onde lentamente se desintegra e se resolve em seus elementos originais. Esse *casção* abandonado não está unido ao corpo físico da alma adormecida, o qual foi sepultado ou cremado ao morrer; tampouco está em conexão com a alma que partiu, porque, finalmente, ela o abandonou e expulsou. É diferente de vosso caso, que simplesmente o deixastes na antecâmara e voltareis a reassumi-lo em seguida.

A cena muda outra vez e vos achais nas regiões das almas acordadas e entre as quais, acompanhado de vosso guia, caminhais em todas as direções. Fazeis reparo em que, à medida que as almas que acordam caminham, parece que rapidamente caem envolturas após envolturas de seus corpos mentais (assim são chamadas as formas mais elevadas de envolturas etéreas) e notais que, conforme ides passando aos planos mais elevados, a vossa substância torna-se cada vez mais etérea; que, à proporção que regressais aos planos inferiores, torna-se mais ordinária e grosseira, embora sempre muito mais etérea ainda que a do corpo astral, e infinitamente mais sutil que a matéria do corpo físico. Observais também que cada alma que está acordando é deixada para seu completo acordar em algum plano particular. O vosso guia vos diz que o plano particular é determinado pelo progresso espiritual e realização alcançados pela alma em suas vidas passadas, porque ela tem feito muitas visitas terrenas ou vidas, e que é praticamente impossível para uma alma ir além do plano ao qual pertence; mas que aqueles que estão nos planos superiores podem visitar livremente os planos inferiores, sendo a regra do mundo astral, e não é uma lei arbitrária, mas uma lei da natureza. Se o estudante perdoasse a vulgar comparação, poderia adquirir a compreensão disso, imaginando um grande crivo ou série de crivos, como os que se usam para classificar, por tamanhos, o carvão. O carvão grande é detido pelo primeiro crivo; o tamanho imediato pelo segundo, e assim sucessivamente, até chegar ao carvão mais miúdo. Pois bem: o carvão grande não pode penetrar no receptáculo dos tamanhos menores, mas estes podem passar facilmente através dos crivos e reunir-se aos tamanhos grandes, se a força

precisa lhes é proporcionada. Assim é no mundo astral; a alma que possuiu maior soma de materialidade e mais grosseira natureza é detida no crivo de dado plano, e não pode passar aos mais elevados, ao passo que aquela que alcançou os mais elevados planos, tendo-se desprendido de muitas envolturas que a limitavam, pode facilmente passar para baixo e para diante pelos planos inferiores. Com efeito, as almas fazem-no assim, freqüentemente, com o propósito de visitar amigos nos planos inferiores, dando-lhes, deste modo, alegria e conforto; e, nos casos de uma alma altamente desenvolvida, muita ajuda espiritual pode ser dada deste modo, por meio de conselho e instrução, quando a alma do plano inferior está preparada para tal.

Todos os planos têm, com efeito, protetores espirituais, procedentes de planos muito mais elevados; almas devotadas que preferem dedicar seu tempo no mundo astral a gozar o seu bem ganho descanso ou prosseguir certos estudos para o seu próprio desenvolvimento. Vosso guia vos explica estas coisas à proporção que continuais adiante e para baixo; por esta série de planos inferiores (a razão de não ir aos mais elevados será explicada) e também nos informa que a única exceção à regra da passagem livre aos planos inferiores é aquela que impede às almas dos planos inferiores a entrada no "plano dos que dormem"; aí só têm entrada livre aquelas almas puras e exaltadas que alcançaram um plano elevado. O plano da câmara de dormir é consagrado àqueles que a ocupam e às almas elevadas, acima mencionadas; e é, de fato, mais de natureza diversa e separada, do que propriamente um plano da série acima mencionada.

A alma acorda justamente no plano para o qual é adaptada, e exatamente no subplano do plano que seus desejos e gostos mais elevados naturalmente selecionam para ela.

Está rodeada por mentes semelhantes e pode prosseguir aquilo que o coração do homem havia anelado durante a vida terrestre. Pode fazer um progresso considerável durante esta vida no mundo astral, de modo que, quando torna a renascer, pode dar um grande passo para diante, se se compara com a sua última encarnação. Há planos e subplanos inumeráveis e cada qual encontra a oportunidade de desenvolver e gozar no mundo mais completo, do mais elevado e de que é capaz neste período particular de desenvolvimento. E, como dissemos, pode aperfeiçoar-se e progredir, de modo que, quando torne a nascer em sua próxima vida terrestre, fá-lo-á sob condições e circunstâncias muito mais favoráveis.

Mas, ah! mesmo neste mundo elevado não vivem todos da melhor maneira; e, em vez de utilizar esta excelente oportunidade de crescer espiritualmente, permitem que a parte mais material de sua natureza os atraia para baixo, desperdiçando grande parte do seu tempo nos planos que estão abaixo deles, não para ajudar a proteger, mas para viver a vida menos espiritual dos habitantes dos planos inferiores, os planos mais materiais. Em tais casos, a alma não absorve o benefício de sua residência no mundo astral e renasce quase que nas mesmas condições de sua última vida terrestre, e é mandada aprender outra vez a mesma lição.

Os planos muito inferiores do mundo astral estão cheios de almas de um tipo grosseiro, incultas e semi-animais, que vivem o mais aproximadamente possível as vidas que viveram na terra; a única coisa que elas ganham é a possibilidade de "saciar" seus gostos grosseiros, e mesmo assim, isto chega repugnar-lhes; elas se cansam de tudo, e são levadas a desenvolver uma aspiração por coisas mais elevadas, as quais se manifestarão quando se lhes apresente a ocasião de um novo nascimento. Essas almas pouco desenvolvidas não podem, naturalmente, visitar os planos superiores, sendo o único plano inferior a elas e dos escôtes e o subplano astral imediato superior ao plano material, o qual é um dos chamados ante-câmara do mundo astral; com freqüência pugnam por permanecer tão próximas à terra quanto lhes é possível.

Podem aproximar-se tanto da terra, que chegam a Ser conscientes de grande parte do que nela se passa, particularmente quando as condições são tais que estão em harmonia com as suas próprias naturezas. Pode-se dizer que, praticamente, podem elas viver sobre o plano material inferior, se não fossem separadas dele por um sutil e impenetrável véu que lhes impede de participar ativamente nele, salvo em raras ocasiões. Elas podem ver, mas não podem participar da vida terrestre. Aglomeram-se ao redor das cenas de suas antigas e depravadas vidas e, com freqüência, tomam posse do cérebro de algum indivíduo de sua mesma classe, que pode estar sob a influência da bebida, aumentando, assim, os seus próprios baixos desejos e os do outro.

É este um assunto desagradável e não desejamos deter-nos nele; felizmente, não concerne àqueles que lêem estas lições, porque passaram além deste estado de desenvolvimento. Tais almas inferiores são tão atraídas pela vida terrestre dos planos inferiores, que os seus ávidos desejos as levam a reencarnar rapidamente em condições similares, se bem que haja sempre, pelo menos, um pequeno crescimento, pois jamais se retrocede. Uma alma pode fazer várias tentativas de progredir, a despeito das tendências retrógradas de sua natureza inferior, porém, jamais retrocede até tornar ao ponto de partida.

As almas dos planos mais elevados, como têm muito menos atração pela vida terrestre e tão excelentes oportunidades para progredir, naturalmente empregam um tempo muito maior no mundo astral, sendo a regra geral que, quanto mais elevado é um plano, maior é nele o tempo de descanso e residência. Porém, mais cedo ou mais tarde, a lição é totalmente aprendida e a alma anela um progresso mais avançado, que só lhe pode vir da experiência de outra vida terrestre. Pela força de seus desejos (nunca contra a sua vontade, lembrai-vos), a alma é gradualmente apanhada na corrente que a leva em direção ao renascimento, e, começando a adormecer, é conduzida para o plano da câmara de dormir. Cai, então, em estado de "sono da alma" e, apanhada na corrente que a leva em direção ao renascimento,

adormece. É conduzida para o plano da câmara de dormir; caindo, então, em estado de "sono da alma", gradualmente morre para o plano astral e renasce em nova vida terrestre, em concordância com seus gostos e desejos e de acordo com o seu grau de adiantamento no estado particular de seu desenvolvimento. Não acorda plenamente logo em seguida ao seu nascimento físico, mas permanece num estado de sonolência, de despertar gradual durante os primeiros anos de sua infância, sendo evidenciado o seu despertar pelo aparecimento gradual da inteligência da criança, cujo cérebro se desenvolve, de acordo com o uso que dele faz. Nos capítulos seguintes entraremos em maiores detalhes acerca desta matéria.

Todas essas coisas o vosso guia vos fez notar e vos mostrou exemplos de tudo o que acabamos de mencionar.

Reunistes-vos e falastes com seres queridos que já deixaram o corpo e ocupam alguns dos planos através dos quais haveis passado. Tereis notado, com admiração, que essas almas agem e falam, como se a sua vida fosse a única natural; e, com efeito, pareciam acreditar que vós havíeis chegado até ela, procedentes de algum mundo exterior. Notastes também que, enquanto os seres de cada plano estavam mais ou menos conscientes dos planos inferiores a eles, freqüentemente pareciam permanecer em total ignorância quanto aos superiores, excetuando os casos dos que estavam em planos mais elevados, os quais haviam acordado a uma *consciente* compreensão do que tudo isso significa e sabiam que eles estavam simplesmente numa escola, aprendendo a sua lição e adiantando-se.

Aqueles que estavam nos planos inferiores pareciam mais ou menos inconscientes do significado real de sua existência, por não haverem acordado ao estado da consciência espiritual. Também observastes quão pequena era a mudança que a essas almas ocorreu — quão pouco mais pareciam saber acerca das coisas espirituais e ocultas do que quando estavam na Terra. Também vistes, nos planos inferiores, um antigo amigo que, na vida terrestre, fora um convencido materialista, o qual parecia não compreender que havia "morrido" e acreditava que, por uma catástrofe natural, tinha sido transportado a algum outro planeta ou mundo físico, sustentando, com a veemência de sempre, o seu argumento de que "com a morte tudo termina". Ele subia em cólera quando os visitantes das esferas mais elevadas lhe diziam quem era e donde vinham, chamando-os de mentirosos e embusteiros, exigindo-lhes que mostrassem alguma de suas pretendidas "esferas elevadas", se é que eram realidades.

Ele pretendia que as suas repentinas aparições e desaparecimentos fossem simplesmente fenômenos físicos do novo planeta no qual estavam vivendo. Afastastes-vos dele no meio de injúrias de que vos fez alvo, por estardes de acordo com os impostores e visionários que, para usar a sua expressão, "eram pouco melhores do que os espiritualistas do velho mundo".

Entristecido, pedistes ao vosso guia que vos conduzisse às esferas mais elevadas. O vosso guia sorriu e disse: "Levar-vos-ei tão longe quanto possais ir"; e, então, vos conduziu a um plano, o qual era tão justamente o que respondia aos vossos desejos, aspirações, gosto e desenvolvimento, que lhe suplicastes vos permitisse permanecer ali, em vez de regressar à terra, pois sentistes que havíeis alcançado o "sétimo céu" do mundo astral. Mas ele insistiu em vosso regresso e, antes de partir, vos disse que tínheis estado somente num dos subplanos comparativamente inferiores. Parecestes duvidar das suas palavras e, como o materialista, pedistes que vos fossem mostradas as coisas maiores. O guia replicou: — "Não, meu filho; tendes progredido tanto, exatamente, como vossas limitações permitem; alcançastes esta parte da "outra vida" que será vossa, quando abandonardes o corpo, a não ser que vos esforceis em progredir ainda mais, e passar, assim, a um grau mais elevado; tão longe — até aqui — podeis vir; mais longe, não. Tendes as vossas limitações, como eu tenho as minhas, não obstante estar mais longe. Ninguém agora pode ir além de seus limites espirituais.

Mas — continuou o vosso guia — além do vosso plano e além do meu, há planos e mais planos em conexão com a vossa terra, cujos esplendores são inconcebíveis para o homem. E há, igualmente, muitos planos ao redor de outros planetas, depois maiores grupos dessas cadeias, e assim, sucessivamente, cada vez maiores e maiores, até além do que o homem pode imaginar, e cada vez mais e mais elevadas e inconcebíveis alturas. Uma infinidade de infinitos mundos está perante nós. O nosso mundo e a nossa cadeia planetária, o nosso sistema de sóis e os nossos sistemas solares são apenas como grãos de areia na ribeira".

"Então — exclamastes — que sou eu, pobre coisa mortal, perdida no meio de toda essa inconcebível grandeza?"

"Sois a coisa mais preciosa: uma alma vivente — replicou o vosso guia — e, se fosseis destruído, o sistema inteiro de universos pulverizar-se-ia, porque sois tão necessário como a maior parte dele e ele nada pode fazer sem vós; não podeis ser anulado nem destruído — sois uma parte do todo e sois eterno".

"E, além de tudo de que me haveis falado, — exclamastes — o que há, e qual é o centro de tudo isso?"

O rosto de vosso guia tomou uma expressão de êxtase.

- "O ABSOLUTO" - respondeu ele.

E quando, de volta, chegastes ao vosso corpo físico, antes que o vosso guia desaparecesse, perguntastes-lhe:

— "Quantos milhões de léguas estivemos distanciados da terra, e aonde fomos?"

Ele respondeu:

"Nem um momento deixaste a terra, e vosso corpo só foi deixado por um instante; o tempo e o espaço não pertencem ao mundo astral".

11ª LIÇÃO - O ALÉM

Não tratamos, nestas lições, de impor ao estudante conceito algum da verdade com o qual não estivesse de acordo, ou que não se harmonizasse com as suas próprias opiniões. Concedemos a todos a liberdade de suas próprias convicções, preferindo que aceitem os ensinamentos dos yogues, somente naquilo com que estiverem de acordo, fazendo caso omisso do excedente, por ser desnecessário neste momento. Expusemos simplesmente o conceito dos yogues sobre a matéria, tão simples e claramente como nos foi possível, para que o estudante pudesse compreender a teoria; que a aceite ou não como verdade, é um assunto que não nos concerne. Se é verdade, então é *verdade*, independente do que o estudante possa pensar dela, e a sua crença ou descrença não muda a questão. Os yogues não têm a idéia de que alguém possa ser castigado por não crer, ou premiado por crer — sustentam que o acreditar e o não acreditar não são questões de vontade, mas sim de crescimento da compreensão, e que, portanto, não se coadunaria com a justiça supor que uma pessoa seja premiada ou castigada por crer ou não crer. Os yogues são as pessoas mais tolerantes. Vêem o bem e a verdade em todas as formas de crenças e conceitos da verdade, e jamais censuram a alguém por não estar de acordo com eles. Não têm credos favoritos, não pedem aos que os seguem que aceitem com credulidade tudo o que eles ensinam. O seu conselho aos estudantes é: "Apropriai-vos do que vos agrada e deixai o resto; — amanhã voltareis e vos apossareis de alguma coisa que haveis repudiado hoje, e assim sucessivamente, até receberdes tudo que temos para vos dar; — não vos esforceis para aceitar verdades que não vos atraiam, porque quando o tempo de recebê-las chegar para vós, elas serão agradáveis ao vosso gosto mental; — tomai ou deixai o que vos apraza; — a nossa idéia da hospitalidade não consiste em obrigar-vos a aceitar coisas que não agradem ao vosso paladar, insistindo em que deveis comê-las para obter a nossa aprovação ou que sereis castigados porque não vos agradem; — apossai-vos do vosso, onde quer que o encontréis, mas não tomeis nada que não seja vosso pelo direito da compreensão, e não temais que alguma coisa que vos pertença possa ser-vos recusada".

Nessa inteligência, prosseguimos em nossa lição — uma das mais importantes.

Quando o Ego abandona o corpo, no momento da chamada morte, deixa atrás de si os princípios inferiores e segue adiante, a estados que não serão, considerados por nós, agora. Primeiro, deixa após si o corpo físico. Esse corpo físico, como dissemos na primeira lição, é composto de milhões de pequenas células — pequenas vidas que possuem um rudimento de mente ou inteligência, que está sob o controle da mente central do homem; tendo também uma porção de Prana ou força vital e uma envoltura material ou corpo; e a soma dessas pequenas vidas constitui o corpo inteiro do homem. Dedicamos um capítulo de nosso livro *Hatha-Yoga* à consideração dessas pequenas vidas, e devemos remeter o estudante a esse livro, para mais completas particularidades de sua vida e ação. Quando ocorre a morte do homem — quando o Ego deixa a sua envoltura material usada no período dessa vida particular, as células separam-se e se esparzem, tendo lugar o que chamamos decomposição. A força que mantinha unidas as células retira-se e elas ficam em liberdade de seguir o seu caminho próprio e formar novas combinações. Algumas são absorvidas pelos corpos das plantas da vizinhança e, eventualmente, vão formar parte do corpo de algum animal que comeu a planta, ou a parte de algum homem que comeu a planta ou a carne do animal. Compreendereis, naturalmente, que estas pequenas células-vidas nada têm que ver com a alma real ou Ego do homem — elas apenas são os seus últimos servos, e não têm nada que ver com a sua consciência.

Outro destes átomos permanecem no solo por algum tempo, até que são tomados por alguma outra forma vivente que precise alimento. Como disse um ilustre escritor: "A morte é apenas um aspecto da vida e a destruição de uma forma material é apenas o prelúdio da construção de outra".

Desde o momento em que o Ego deixa o corpo físico e a influência dos mandatos da mente é retirada das células e grupos celulares, a desordem reina entre elas. Chegam a ser o mesmo que um exército desorganizado; correm em todas as direções, atropelando-se umas às outras, empurram-se, redemoinham e até lutam entre si, sendo seu objetivo único fugir da multidão — escapar da confusão geral. Durante a vida do corpo, vivem sob as ordens de seus oficiais; depois da morte do corpo, seu único objetivo parece ser separar-se e seguir cada uma o seu caminho próprio. Primeiro, separam-se em grupos uns dos outros; depois, cada grupo se divide em grupos menores, e assim sucessivamente, até que cada célula individual fica livre de seus semelhantes e segue o seu próprio caminho ou vai para onde é chamada por alguma forma de vida que precisa dela. Como disse um escritor sobre a matéria: "O corpo jamais está mais vivo do que quando está morto; mas está vivo nas suas unidades e morto em sua totalidade".

Quando o Ego parte do corpo físico, no momento da morte, não estando o Prana por mais tempo sob o controle da mente central, responde somente às ordens dos átomos individuais ou grupos deles que formam o corpo do indivíduo. À proporção que o corpo físico se desintegra e é resolvido nos seus elementos originais, cada átomo toma consigo o Prana suficiente para manter a sua vitalidade, e ser capaz de formar novas combinações. O Prana não usado volta, então, ao grande depósito universal donde procede.

Quando o Ego deixa o corpo no momento da morte, leva consigo o corpo astral e também os princípios mais elevados. Lembrareis que esse corpo astral é a exata duplicação do corpo físico, apenas com a diferença que está composto de matéria mais delicada, invisível à visão ordinária, mas que pode ser visto claramente pela visão astral ou

clarividente e pode, portanto, ser visto, algumas vezes, por pessoas que se acham sob certas condições psíquicas. Os clarividentes descrevem a partida do corpo astral, ao separar-se do corpo físico, como uma tênue e luminosa nuvem de vapor, mais unida ao corpo físico por um delgado fio ou cordão vaporoso, o qual se torna cada vez mais tênue, até chegar a ser invisível, mesmo para a visão clarividente, um momento antes de quebrar-se inteiramente. O corpo astral continua existindo, durante algum tempo, depois da morte física do homem; e, sob certas circunstâncias, chega a ser visível às pessoas videntes, as quais o chamam um fantasma. O corpo astral de um moribundo é projetado, algumas vezes, por um ardente desejo e pode tornar-se visível aos parentes ou amigos, aos quais está unido por laços de simpatia.

Depois de um tempo, que varia conforme os casos, como veremos mais adiante, o corpo astral é abandonado pelo Ego e também começa a desintegrar-se. Esse corpo astral abandonado não é mais do que um cadáver de matéria mais sutil, e é o que os ocultistas conhecem como um *casção astral*. Não tem vida nem inteligência quando está assim abandonado, e flutua na atmosfera astral inferior até que se resolve em seus elementos originais. Parece ter uma atração especial para a sua última duplicação física e freqüentemente volta à vizinhança do corpo físico e se desintegra com ele. As pessoas de vista psíquica, quer seja em estado normal ou influenciadas pelo temor ou por emoções similares, vêem com freqüência esses casções astrais flutuando nos cemitérios, nos campos de batalha, etc., tomando-se amiúde por espíritos de pessoas falecidas, enquanto que esses casções astrais não são mais do que um reflexo do cadáver físico sepultado na terra. Esses casções astrais podem ser galvanizados com aparência de vida, pondo-os em contato com a vitalidade de algum médium, cujo Prana anima-os e cuja mentalidade subconsciente (do médium) lhes permite manifestar sinais de vida e parcial inteligência. Em algumas sessões mediúnicas, esses casções astrais são materializados pela vitalidade do médium e falam com aqueles que o rodeiam de um modo estúpido e incoerente, mas não é a pessoa própria que fala, mas um simples casção animado pelo princípio vital do médium e do círculo, que fala e age como um autômato. Há, naturalmente, outras formas de volta dos espíritos, as quais são muito diferentes, mas aqueles que investigam os fenômenos espiritistas deveriam precaver-se para não confundir esses casções astrais com a inteligência real de seus finados amigos.

Agora, voltemos ao Ego que deixou o corpo físico.

Enquanto o Ego, revestido do corpo astral, vai lentamente abandonando o corpo físico, toda a vida da pessoa, desde a infância até a velhice, passa perante a sua visão mental. A memória divulga seus segredos e, quadro após quadro, passam em rápida sucessão ante a mente, e muitas coisas se tornam claras para a alma que parte — a razão de muitas coisas se descobre e a alma vê o que tudo isso significa — isto é, compreende a sua vida inteira, porque a vê como um todo. Isso participa da natureza de um sonho vivido para o moribundo, mas deixa-lhe uma impressão profunda e as recordações são trazidas à memória e utilizadas num período posterior pela alma. Os ocultistas têm insistido sempre em que os amigos e parentes que rodeiam um moribundo deveriam mostrar-se tranqüilos e em calma, para não perturbá-lo com emoções violentas ou sons que possam distraí-lo. Deveria ser permitido à alma seguir o seu caminho, tranqüila e em paz, sem atraí-la por desejos ou conversações daqueles que a rodeiam.

Deste modo, o Ego parte e deixa o corpo. Para onde vai? Digamos, aqui, que os futuros estados da alma, entre duas encarnações, não têm nada que ver com *lugares* — é questão de *estado* e não de lugares. Há numerosos lugares de existência e todos se interpenetram uns aos outros, de modo que um espaço dado pode conter inteligências que vivem em diferentes planos, sem que os que vivem nos planos inferiores estejam conscientes da existência e presença dos que vivem nos mais elevados. Eliminaí de vossa mente a idéia de lugares - tudo é questão de estados ou planos.

Depois que a alma deixou o corpo, se não é perturbada por chamados enfáticos por parte daqueles que deixa após si (chamados que podem consistir em violentas manifestações de pena e ardentes pedidos de volta do falecido, feitos por alguma pessoa querida ou algum indivíduo a quem o finado estava ligado por vínculos do dever), cai num estado de semiconsciência, um estado de alegria, paz, felicidade e repouso, um sono da alma. Esse estado continua por algum tempo (variando nos indivíduos, como veremos), até que o casção astral vai e flutua livre na atmosfera astral e as porções inferiores dessa matéria eterizada que confina as porções inferiores da mente, dissolvem-se e gradualmente se desprendem também da alma; deixam-na, assim, de posse somente das porções elevadas de sua mentalidade.

O homem de pouco desenvolvimento espiritual e, conseqüentemente, de um grau maior de animalidade, desprender-se-á somente de uma pequena parte de seu corpo mental, e rapidamente atingirá a maior elevação de que, mental e espiritualmente, foi capaz na sua vida terrestre. O homem de alto desenvolvimento espiritual gradualmente se desprenderá de uma grande parte do seu corpo mental, até que o tenha de todo expulsado de si, exceto as porções mais elevadas, desenvolvidas na sua vida terrestre. Aqueles que estão colocados entre os dois mencionados tipos, agirão, naturalmente, de acordo com o seu grau de adiantamento espiritual. Então, quando o último resto possível de mentalidade inferior se desprende da alma, esta acorda e passa a estados que serão descritos um pouco mais tarde nesta lição. Ver-se-á que o homem de grosseira mentalidade e igual desenvolvimento espiritual permanecerá no estado de sonolência apenas por pouco tempo, porque o processo de despojar-se dos invólucros é comparativamente simples e requer só pouco tempo. E ver-se-á, da mesma forma, que o homem que adquiriu um alto grau de desenvolvimento espiritual, descansará por um período mais longo, porque tem muito mais do que despojar-se, e este material abandonado da mente cai dele como as pétalas de uma rosa, uma depois da outra, do seu exterior para o interior. Cada alma acorda depois de abandonar tudo o que pode (ou, antes, tudo que deve desprender-se dela) e isto quando chega ao estado mais

elevado possível. Aqueles que fizeram um real progresso espiritual durante a última vida terrestre, terão muita matéria inútil que abandonar, enquanto que aquele que negligenciou suas oportunidades e morre quase como nasceu, terá somente pouco que eliminar e acordará num prazo muito curto. Cada um descansa até que se manifeste o mais elevado ponto de crescimento e progresso atingido. Mas, antes de passar adiante, deter-nos-emos um momento para dizer que a entrada no estado de descanso e permanência tranqüila pode ser interrompida pelos que ficaram na vida terrestre. Uma alma que terá algo na mente para comunicar ou que sente pena pela dor daqueles que deixou após si (especialmente se houve lamentações e constantes chamados por sua volta), lutará para sacudir de si a sonolência e fará desesperados esforços para voltar. E, da mesma forma, os chamados mentais daqueles que deixou após si perturbarão aquele que repousa, desde que ele tenha, de fato, adormecido; acordará então, e se esforçará por responder aos chamados. Esse despertar pode ser, também, apenas parcial e retardar o desenvolvimento da alma. Essas almas meio acordadas manifestam-se, freqüentemente, nos círculos espiritistas. A tristeza egoísta e os nossos rogos ocasionam, muitas vezes, bastante dor aos nossos queridos mortos, muita pena e intranqüilidade — a não ser que eles tenham aprendido o seu verdadeiro estado antes da partida e recusem voltar à terra, mesmo que aqueles seres que os chamam sejam queridos.

Os ocultistas conhecem casos nos quais as almas lutaram durante anos para sair do estado de repouso, com o fim de se reunirem aos seres amados da terra, mas isso não é prudente, pois causa uma pena e um sofrimento desnecessários, tanto ao que partiu como ao que ficou na terra. Deveríamos evitar que se detenha, com as nossas súplicas egoístas, o progresso daqueles que partiram, deixando-os dormir e descansar, esperando a hora da sua transformação. O contrário disso é como fazê-los morrer diversas vezes sucessivas.

Aqueles que verdadeiramente amam e compreendem, evitam isso; o seu amor e a sua compreensão mandam-nos deixar a alma partir em paz e receber o seu bem ganho descanso, e obter o seu completo desenvolvimento. Esse período de repouso da alma é como a existência de uma criança no ventre materno, que descansa para poder acordar à vida cheia de vigor.

Antes de continuarmos a tratar do despertar da alma, cremos convenientemente observar que somente a alma da pessoa que teve morte natural cai imediatamente (se não for perturbada) no estado de sono da alma. Aqueles que morrem por acidentes — em outras palavras, aqueles que deixam o corpo repentinamente, acham-se bem acordados e em completa posse de suas faculdades mentais por algum tempo. Muitas vezes não têm consciência de haverem morrido e não podem compreender o que se deu com eles. Com freqüência, estão totalmente conscientes, por um certo tempo, da vida terrestre, e podem ver e ouvir tudo o que se passa ao redor deles, por meio de suas faculdades astrais. Não podem imaginar que abandonaram o corpo e estão penosamente perplexos. A sua sorte seria muito desgraçada, por alguns dias, até que o sono se apoderasse deles, se não fossem amparados pelos protetores astrais, que são almas dos estados de existência mais elevados; reúnem-se ao redor deles e, docemente, lhes dão a notícia de sua condição real, prodigalizando-lhes palavras de alívio, conselho, e cuidando deles até que caem no sono da alma, da mesma forma que a criança adormece à noite. Esses protetores jamais deixam de cumprir o seu dever e nenhum que parte repentinamente é abandonado, quer seja bom ou mau, porque esses protetores sabem que todos são filhos de Deus e que são seus próprios irmãos e irmãs. Têm-se conhecido homens de elevados poderes e alto desenvolvimento espiritual, que deixam o seu corpo físico temporariamente (servindo-se do seu corpo astral), com o propósito de dar ajuda e conselho em tempos de grandes catástrofes ou depois de uma grande batalha, quando são necessários o conselho e a assistência imediatos. Nestes casos, também algumas das inteligências elevadas na escala da evolução espiritual descem de seus elevados estados e aparecem como homens, prodigalizando palavras de valor e o benefício de sua sabedoria. Isso acontece não somente nos países civilizados, mas também em todas as partes do mundo, porque todos são iguais.

Muitos que têm chegado a altos estados de desenvolvimento espiritual e que progrediram muito além do resto da raça à qual pertencem, e, além do seu grupo particular, têm ganho uma permanência mais longa nos estados superiores, esperando o progresso de seus irmãos, dedicam-se a estas ou a similares tarefas, renunciando voluntariamente ao seu bem ganho descanso e felicidade em favor de seus irmãos menos afortunados. As pessoas mortas na forma que temos falado, isto é, as que tiveram morte violenta, caem também gradativamente no sono da alma, e o processo de desprender-se das envolturas que as limitam é exatamente como os casos de morte natural.

Depois que alma abandonou as envolturas que a limitam e alcançou o estado para o qual está preparada por suas vidas terrestres, incluindo o obtido pelo desenvolvimento na última vida, passa imediatamente ao plano do mundo astral, para o qual é atraída pela lei de atração. Mas, o mundo astral, em todos os seus estados e planos, não é um lugar ou localidade, mas um estado, como dissemos antes.

Esses planos interpenetram-se e os que residem num plano não estão conscientes dos que habitam em outros, nem podem passar de um plano a outro, com essa exceção: os que residem num plano elevado podem ver (se o desejarem) os planos inferiores aos deles, na ordem de desenvolvimento, e podem também visitar os planos inferiores se o desejarem. Mas aqueles que estão nos planos inferiores não podem ver nem visitar os mais elevados. Isso não é devido à presença de uma sentinela na porta ou coisa semelhante (porque não pode haver portas para passar de um plano a outro), mas pela mesma razão por que um peixe não pode sair da água para voar como um pássaro, pois a sua natureza não lhe permite fazê-lo. Uma alma que esteja ligada por algum velho vínculo a outra alma que se ache num plano inferior ao seu, pode

visitá-la e ajudá-la em seu desenvolvimento, com o conselho da instrução, preparando-a, assim, para a sua próxima encarnação. Deste modo, quando as duas almas se reúnem outra vez na vida terrestre, a menos desenvolvida ter-se-á aproximado muito mais, em seu desenvolvimento, ao seu irmão ou à sua irmã mais elevada; poderá daí por diante, caminhar uma ao lado da outra, através da vida ou vidas. Isso, naturalmente, sempre que a alma menos desenvolvida deseje ser instruída.

As almas, depois de chegar a certo grau de crescimento e progresso, têm muito desejo de ser instruídas, quando se acham fora do corpo (como dissemos acima), porque estão livres de influências que as distraiam, como na terra, e estão mais abertas à ajuda do espírito. Os ensinamentos yogues até afirmam que, em casos raros, a proteção da alma pode chegar a atrair o seu irmão inferior a um estado tal, que se torne capaz de expulsar algum dos seus princípios mentais inferiores que tinham ficado aderidos a ele, depois do seu acordar, e que o detinham em certo plano, dando-lhe, assim, a possibilidade de passar ao próximo plano mais elevado. Mas isso é raro e pode acontecer somente quando a alma esteve *muito próxima*, mas não inteiramente capaz de expulsar a envoltura, sem ajuda.

Os planos inferiores do plano astral estão cheios de almas de um tipo grosseiro e pouco desenvolvido, que vivem vidas muito similares às da terra. Com efeito, são tão atraídas pelo plano material, estão tão ligadas a ele e tão conscientes de muito do que nele se passa, que se pode dizer que vivem sobre o plano material, senão apenas impedidas da participação ativa nele por um véu tênue que as separa dos encarnados de sua própria classe. Essas almas se agrupam ao redor das velhas cenas da sua degradação terrena, e com freqüência influenciam a alguém de sua classe que está sob o influxo do álcool e, por este fato, fica à mercê de impressões desta classe. Mais uma vez, deste modo, elas vivem as suas antigas vidas e aumentam a brutalidade e a degradação dos viventes, por sua influência e degradação.

Há grande número desses planos inferiores, como também planos mais elevados, contendo cada um deles almas desencarnadas e desenvolvimento próprio desse plano. As almas dos planos inferiores estão em muito íntimo contato com o plano material e são, conseqüentemente, aquelas que, muitas vezes, são atraídas às sessões, onde o meio e os circunstâncias são de uma ordem inferior. Elas simulam ser espíritos de amigos, de visitantes, etc., e amiúde declaram alguns que são muito conhecidos e célebres personagens. Fazem as nécias travessuras, vistas com tanta freqüência nas sessões, se lhes é permitido fazê-las.

Não são a companhia apropriada para pessoas de um plano mais elevado, estejam encarnadas ou desencarnadas.

Essas almas de planos inferiores permanecem apenas pouco tempo no estado de desencarnadas, e são fortemente atraídas pela vida material, sendo por isso dominadas por um grande desejo de reencarnar e, geralmente, passam muito pouco tempo entre duas encarnações. Naturalmente, quando renascem são atraídas por pais e países das mesmas tendências, de modo que o meio e as circunstâncias de uma nova vida terrestre corresponderão muito de perto à sua vida anterior. Essas almas toscas e pouco desenvolvidas, como também as almas das raças selvagens, só progredem lentamente, fazendo um avanço insignificante em cada vida e tendo de passar por freqüentes e repetidas encarnações, para fazer um pequeno progresso. Os seus desejos são fortes pelo que é material e são atraídas por ele — exercendo as influências do espírito, comparativamente, apenas uma leve alteração sobre elas. Mas essas almas fazem *algum* progresso — todas caminham para diante, ainda que mais não seja do que um pouco.

As almas de cada um dos planos mais elevados que se seguem, naturalmente fazem mais rápidos progressos em cada vida terrestre; têm menos encarnações e um tempo muito maior entre elas. As suas inclinações e gostos são de uma ordem mais elevada e preferem residir nos planos superiores da vida desencarnada, meditando e contemplando os ensinamentos mais elevados, ajudadas pela ausência de coisas materiais e animadas pelos raios da mente espiritual que se refletem sobre elas, auxiliando-as em seu desenvolvimento.

Podem preparar-se, assim, para grandes progressos e, com freqüência, permanecem durante séculos nos planos elevados, antes de reencarnar. Em alguns casos têm avançado muito mais do que a sua raça; permanecem milhares de anos nos planos elevados, esperando que a raça cresça até fazer-lhes atraente o seu renascimento, ocupando-se, entretanto, em prestar ajuda e proteção às almas menos desenvolvidas.

Porém, mais cedo ou mais tarde, as almas sentem o desejo de obter novas experiências e manifestar, na vida terrestre, alguns dos progressos que têm realizado desde a sua morte. Por estas razões, assim como pela atração dos desejos que têm permanecido em estado latente nelas, não saciados ou não extirpados, ou, possivelmente, influenciadas pelo fato de que alguma alma querida, num plano inferior, está apta para reencarnar, e desejando fazê-lo, ao mesmo tempo, para entrar com ela (o qual é também um desejo), as almas caem na corrente que as leva para o renascimento e à seleção de seus pais, meios e circunstâncias vantajosas. Em conseqüência, outra vez caem gradualmente no sono da alma, e assim, quando chega o seu tempo, morrem para o plano sobre o qual estavam existindo e nascem num novo corpo e à vida física. Uma alma não acorda inteiramente de seu sono, logo depois de nascer, mas permanece num estado de sonolência durante os dias da infância, evidenciando o seu acordar gradual pelo crescimento da inteligência da criança, cujo cérebro se desenvolve em proporção do uso que fazem dele. Em alguns casos, o acordar é prematuro e vemos casos de crianças-prodígios e crianças-gênios, etc., mais tais casos são, mais ou menos, anormais e doentios. Algumas vezes, a alma sonolenta da criança acorda parcialmente, e nos surpreende com alguma observação profunda, advertência madura ou modo de proceder.

Grande parte desse processo da preparação da alma para reencarnar é executado por ela, inconscientemente, obedecendo às suas inspirações e desejos, pois ainda não chegou a compreender o significado de tudo o que há diante dela, e é levada pela lei de atração quase inconscientemente. Mas, depois que as almas obtêm um certo grau de desenvolvimento, chegam a ser conscientes do processo da reencarnação. São, desde então, conscientes de suas vidas passadas e, antes de renascer, podem tomar uma parte consciente na seleção das circunstâncias que hão de rodeá-las. Quanto mais se elevam na escala, tanto maior é o seu poder consciente e a possibilidade de eleição própria.

Ver-se-á, facilmente, que há planos e mais planos de existências desencarnadas. A filosofia yogue ensina que há sete grandes planos, chamados algumas vezes, pelos hindus ignorantes, os "sete céus"; porém, cada grande plano tem sete subdivisões e cada subdivisão tem sete divisões menores, e assim sucessivamente.

É-nos impossível descrever a natureza da vida astral mais elevada. Não temos palavras para descrevê-la, nem mente para compreendê-la. A vida sobre os planos inferiores é muito semelhante à vida terrestre; muitos de seus habitantes parecem crer que é uma parte da terra e não compreendem que estão livres das limitações terrenas, imaginando que o fogo pode queimá-los, a água afogá-los, etc. Vivem praticamente sobre a terra e no meio de suas cenas.

Acima destes, há planos cujos habitantes têm idéias e vidas mais elevadas — e assim, sucessivamente, cada vez mais e mais, até que a ventura dos planos mais elevados não pode ser compreendida pelo homem atual. Em alguns dos planos intermediários, aqueles que são amantes da música podem satisfazer do modo mais completo o seu amor por ela: os artistas, a sua arte amada; os obreiros intelectuais, prosseguir seus estudos, e assim sucessivamente. Acima destes estão aqueles que acordaram espiritualmente e têm oportunidades para desenvolver e adquirir o conhecimento. Sobre estes, há estados com os quais não podemos nem sonhar. De modo mais claro, lembrai isto: ainda esses planos mais elevados são apenas partes superiores do mundo astral, cujo plano é apenas um dos inferiores do Universo, e sobre os quais há planos e mais planos de existências.

Mas para que falar disso, amigos? Não podemos tentar resolver problemas matemáticos superiores, quando apenas sabemos somar duas quantidades reunidas. Porém, tudo é para nós — tudo para nós — e não podemos ser despojados de nossa herança.

12ª Lição - EVOLUÇÃO ESPIRITUAL

A famosa doutrina da evolução espiritual, essa pérola do diadema da filosofia yogue — é tristemente mal compreendida e mal interpretada, mesmo por muitos que são seus amigos. A maioria das pessoas, pouco informada, confunde-a com as idéias mais rudimentares das raças ignorantes da Ásia e da África — acredita e ensina que as almas dos homens descem ao corpo dos animais depois da morte. E, sob a aparência de altos ensinamentos acerca da reencarnação, muitos promulgam teorias, sustentando que a alma do homem está sujeita à roda de humanos nascimentos e deve viver em corpo após corpo — quer queira, quer não, até que decorram certos grandes ciclos e a raça se transfira a outro planeta. Todas essas falsas concepções estão baseadas sobre uma verdade real — são verdades, mas não toda a verdade.

É certo que a alma de um homem brutal, egoísta e bestial será levada, depois da morte, *pela força de seus próprios desejos*, para o renascimento no corpo de algumas das mais inferiores e bestiais raças de homens — fracassou no seu grau da classe e é enviado de novo a um grau inferior — mas a alma uma vez chegada ao estado de humanidade, mesmo em suas formas mais primitivas, jamais pode retroceder até o plano da vida animal inferior. Por bestial que possa ser, adquiriu alguma coisa de que o animal carece, e essa "alguma coisa" jamais a pode perder. E, da mesma forma, ainda que a raça — como um todo — deva esperar até que um certo período seja atingido antes de que possa passar adiante, o indivíduo que se elevou além da imediata necessidade de renascimento, não é obrigado a reencarnar-se como um homem no presente estado de desenvolvimento. Pode esperar até que a raça atinja o estado em que ele se acha, ocasião em que pode reunir-se a ela, em sua marcha ascendente tendo empregado o período intermediário, quer seja nos planos mais elevados do mundo astral ou numa residência temporal consciente em outras esferas materiais, ajuntando a grande obra da evolução de toda a Vida.

O homem que acordou espiritualmente, longe de ser compelido a sofrer contínuos e involuntários renascimentos, não renasce, a não ser com o seu próprio consentimento e desejo e com uma continuação de consciência, dependendo essa continuação de consciência do progresso espiritual alcançado. Muitos dos que lêem estas linhas estão parcialmente conscientes de suas existências passadas na carne, e a sua atração a este assunto é devida a essa semiconsciência e reconhecimento da verdade. Outros, agora encarnados, têm diferentes graus de consciência, chegando, em alguns casos, a uma lembrança completa de suas vidas passadas. E estou certos, queridos estudantes, de que, quando chegardes a certo estado de acordar espiritual (e talvez o tenhais atingido já) tereis deixado após vós os renascimentos inconscientes. E depois que tiverdes deixado o vosso corpo presente, e em seguida ao período de descanso — não renascereis enquanto

não estiverdes prontos e dispostos. Então tereis uma consciência contínua de tudo que decidirdes levar convosco para a vossa nova vida. Assim, pois, não vos inquieteis acerca de um nascimento forçado e completamente fora de toda intervenção por vossa parte; deixai de atormentar-vos de vossa perda imaginária de consciência em vidas futuras. A aquisição do saber espiritual é árdua e lenta; porém, cada passo que se dá para diante, por pequeno que seja, é terreno bem conquistado e jamais tornareis atrás, nem perdereis a menor parte do que ganhastes.

Mesmo aqueles que se reencarnam inconscientemente, como é o caso da maioria de nossa raça, não o fazem contra a sua vontade ou desejo. Pelo contrário, renascem porque o desejam, porque seus gostos e desejos eram anelos que só a vida renovada na carne pode satisfazer. E se bem que eles não estejam de todo conscientes disso, colocam-se novamente dentro das operações da Lei de Atração e são levados a renascer no meio melhor calculado, para que possam satisfazer seus desejos e anelos — morrendo assim esses desejos e anelos de morte natural, e dando lugar a outros mais elevados. Enquanto as pessoas desejem com veemência as coisas materiais, as coisas da carne e da vida material, sem serem capazes de divorciar-se delas à vontade — serão atraídas para o renascimento, a fim de que esses desejos possam ser satisfeitos. Mas, quando uma pessoa, pela experiência de muitas vidas, aprendeu a ver essas coisas como são e a reconhecer que não são uma parte de sua natureza real, então os ardentes desejos decrescem e, finalmente, morrem. Essas pessoas escapam da operação da Lei de Atração e da necessidade de sofrer o renascimento, até que algum desejo ou aspiração mais elevada acorde nelas, visto que a evolução da raça traz novas eras e novas raças. É como se alguém estivesse voando no espaço, acima da atmosfera da terra — além da esfera de atração terrestre — e então esperasse, até que visse ao longe, abaixo dele, na revolução do planeta, o ponto que quisesse visitar; então o que teria a fazer seria deixar-se cair para que a força de gravidade exercida pela terra o atraísse ao ponto desejado.

A idéia do renascimento obrigatório é horrível à mente do termo médio dos homens, e é razoável que assim seja, porque viola o seu sentido intuitivo de justiça e verdade dessa grande Lei da Vida. Nós estamos aqui, porque foi por nós desejado estar — obediência à Lei de Atração, operando de acordo com os nossos desejos, aspirações e vivos anelos, depois de nossa partida do último corpo físico e depois do período de repouso que sempre segue a uma vida. E jamais estaremos em qualquer outra parte ou em alguma outra vida, a não ser em virtude da mesma lei, posta em operação da mesma forma. É muito certo que o período entre duas vidas nos dá uma oportunidade de receber o reconhecimento mais elevado do espírito com maior clareza do que quando estamos perturbados pelas coisas materiais; mas, mesmo com esta ajuda adicional, os nossos desejos são, amiúde, suficientemente fortes para nos fazer repelir, exatamente como o fazemos em nossa vida diária, a suave indicação do espírito acerca do que melhor nos convém. Consentimos ser arrastados pela corrente dos desejos e ser levados para o renascimento em condições que nos permitem manifestar e expressar esses desejos e anelos. Algumas vezes, a voz do espírito influencia-nos até certo grau e nascemos em condições que representam um compromisso entre os ensinamentos do espírito e os mais grosseiros desejos, resultando freqüentemente uma vida cheia de desejos em conflito e aspirações agitadas — mas tudo isso é uma promessa de melhores condições para o futuro.

Quando uma pessoa se tem desenvolvido ao ponto de estar aberta às influências da mente espiritual na sua vida física, pode-se estar certos de que a sua próxima eleição para renascer será feita com a aprovação e sabedoria da parte superior da sua mente; e os velhos erros serão esquecidos.

Como uma exposição geral de verdade, podemos dizer que aqueles que atualmente *sentem* em si a consciência de haver existido sempre e de estar destinados a uma existência sem fim, nada devem temer acerca dos renascimentos inconscientes. Eles adquiriram o estado de consciência pelo qual, no futuro, serão conscientes de todo o processo das futuras encarnações e farão a mudança, se o desejarem, da mesma forma que uma pessoa muda de lugar, de residência ou viaja de um país a outro. Estão livres da necessidade de renascimentos inconscientes, de cegos desejos que os impeliram no passado e que caracterizam a maioria da raça.

E agora, depois deste longo preâmbulo, vejamos o que realmente significa a evolução espiritual, tal como é ensinada pelos yogues.

A filosofia yogue ensina: — Que o Homem viveu e viverá sempre. Que aquilo que chamamos Morte é apenas o sono da noite para acordar na manhã seguinte. Que a Morte é apenas uma perda temporal da consciência. Que a Vida é contínua e o seu fim é o progresso, o crescimento e o desenvolvimento. Que estamos na Eternidade agora, tanto como podemos estar sempre. Que a Alma é o Homem Real e não um simples apêndice ou qualquer coisa adaptada ao seu corpo físico, como muitos parecem considerá-la. Que a Alma pode existir igualmente, tanto fora do corpo como nele, embora certas experiências e conhecimentos só possam ser obtidos em virtude da existência física — daí esta existência. Que temos corpos, agora, justamente porque os necessitamos — quando tivermos progredido até um pouco além de certo ponto, não teremos necessidade já da classe de corpos que temos agora e seremos relevados deles. Que sobre os planos mais grosseiros da vida foram ocupados, pela Alma, corpos muito mais materiais do que os nossos — que sobre os planos mais elevados a Alma ocupará corpos mais delicados. Que vividas as experiências de uma vida terrestre deixamos o corpo e passamos a um estado de descanso, e depois renascemos em corpos e condições em harmonia com as nossas necessidades e desejos. Que a vida real é realmente uma sucessão de vidas, de renascimentos e que a nossa presente vida é simplesmente uma do incontável número de existências prévias, sendo o nosso Eu atual o resultado das experiências adquiridas em nossas existências anteriores.

A filosofia yogue ensina que a alma existiu durante idades, abrindo-se caminho através de inumeráveis formas, desde as mais inferiores até as mais elevadas, progredindo sempre, sempre desenvolvendo-se. Que a alma continuará evoluindo através de inumeráveis idades, em muitas formas e fases, mas sempre elevando-se mais e cada vez mais. O universo é muito grande, e há inumeráveis mundos e esferas para os seus habitantes, e não estaremos ligados à terra nem um momento, depois de estarmos preparados para passar a uma esfera ou plano mais elevado. Os yogues ensinam que, ainda que a maioria da raça esteja no estado inconsciente de evolução espiritual, há muitos que estão acordando à verdade e desenvolvem uma consciência espiritual da verdadeira natureza e do futuro do homem; e que essas pessoas que têm acordado espiritualmente jamais terão que tornar a passar através da cadeia de continuados renascimentos inconscientes, mas sim que o futuro desenvolvimento será sobre um plano consciente, e gozarão plenamente de constante progresso e aperfeiçoamento, em vez de serem meras fichas sobre o tabuleiro do xadrez da vida. Os yogues ensinam que há muitas formas de vida muito mais inferiores que a do homem — tão inferiores que são inconcebíveis para nós — e que há graus de vida tão acima do nosso plano atual de desenvolvimento, que nossas mentes não podem alcançar a idéia. Aquelas almas que percorreram a senda, na qual nós estamos agora — nossos Irmãos Maiores — estão constantemente dando-nos sua ajuda e infunde-nos ânimo, estendendo-nos com freqüência sua mão protetora — ainda que não o reconheçamos. Existem planos além do nosso, inteligências que uma vez foram homens como nós, porém que agora progrediram tanto na escala que, comparados conosco, são anjos e arcanjos — e nós seremos como eles algum dia.

A filosofia yogue ensina que vós que estais lendo estas linhas, haveis vivido muitas vidas. Tendes vivido nas formas mais inferiores, elevando-vos gradualmente na escala. Depois, haveis passado à fase humana de existência, vivestes como homem das cavernas, como habitante das penhas abruptas, como selvagem bárbaro, guerreiro, cavaleiro, sacerdote, escolar da idade Média: — ora na Europa, ora na Índia, ora na Pérsia, ora no Oriente, ora no Ocidente. Em todas as idades — em todos os climas — entre todos os povos de todas as raças — vivestes e tivestes a vossa existência, executastes a vossa parte e morrestes. Em cada vida tendes adquirido experiência, aprendido novas lições, aproveitando os vossos erros, crescido, desenvolvido e progredido. E, quando abandonastes o corpo e entrastes no período de descanso, entre duas encarnações, vossa lembrança da vida passada desvaneceu-se gradualmente, mas deixando, em seu lugar o resultado das experiências obtidas nela. Da mesma forma que, agora, não podeis lembrar muito acerca de certo dia ou semana de vinte anos atrás, porém as experiências desse dia ou semana deixaram rasgos indeléveis sobre o vosso caráter e têm influenciado todas as vossas ações desde então. Assim, também, ainda que tenhais esquecido os detalhes de vossas existências anteriores, elas deixaram, apesar disso, a sua impressão sobre vossa alma; a vossa vida diária, hoje, é justamente o que é, graças a essas experiências passadas.

Depois de cada vida, há uma espécie de sintetização das experiências, e o resultado — o resultado real das experiências — vai formar uma parte do vosso Eu esquecido — o qual, depois de certo tempo, procura um novo corpo em que se reencarnar. Mas, para muitos de nós, não há uma perda total de memória das existências passadas — à proporção que progredimos, trazemos conosco um pouco mais de consciência cada vez — e muitos de nós têm, atualmente, vislumbres ocasionais de lembranças de alguma existência passada. Vemos uma cena pela primeira vez e nos parece muito familiar; porém, não nos recordamos de tê-la visto antes. Há uma espécie de lembrança obsessiva que nos perturba. Vemos um quadro — alguma antiga obra-prima — e sentimos, instintivamente, como se a tivéssemos contemplado no passado obscuro, sendo que nunca nos havíamos aproximado dela antes. Lemos algum livro antigo e nos parece como um velho amigo; porém, não lembramos de havê-lo visto antes, em nossa vida presente. Ouvimos alguma teoria filosófica e imediatamente a "aceitamos" como se fosse alguma coisa conhecida e amada em nossa infância. Um ou outro dentre nós aprende certas coisas como se as recordasse — e, em verdade, o caso é esse. Têm nascido crianças que se têm desenvolvido como grandes músicos, artistas, escritores e artífices, desde a mais tenra idade, ainda quando seus pais não possuísem talentos dessa classe.

Shakespeare brotou de uma família cujos membros não possuíam talento, e assombrou o mundo. Abraão Lincoln veio à vida de um modo similar e, quando a responsabilidade pesou sobre ele, mostrou o mais poderoso gênio. Esses e muitos casos semelhantes só se podem explicar pela teoria das experiências prévias. Encontramos pessoas pela primeira vez e nasce em nós a convicção irresistível, a despeito de nossos protestos, de que as conhecêramos antes — que elas foram alguma coisa para nós, no passado; mas... quando? Oh! Quando?

Certos estudos são muito fáceis para nós, enquanto outros têm que ser dominados à força de um trabalho rude. Certas ocupações nos parecem as mais agradáveis e, quaisquer que sejam os obstáculos postos no caminho, saberemos vencê-los e chegar ao alvo. Encontramo-nos frente a que a alma assimile e *sinta* a verdade do renascimento, deve andar errante pelos planos subconscientes da vida, tendo que nascer neles, forçada em seus próprios desejos e anelos, perdendo a consciência em grande parte.

Mas depois que a alma começou a sentir a verdade do renascimento, jamais torna a ser a mesma — conduz consigo as lembranças do passado, algumas vezes, débeis, outra vezes claras — e começa a manifestar uma *consciente* eleição no assunto do renascimento. Da mesma forma que a planta age no plano subconsciente e o animal sobre um plano semiconsciente — e o homem sobre planos de consciência gradualmente aumentados — assim o homem se desenvolve gradualmente do estado subconsciente ao renascimento ao plano semiconsciente; e deste a outros mais elevados,

aumentando sua consciência de tempo em tempo, até viver conscientemente, tanto na vida física como no período de descanso e durante o novo renascimento. Há homens entre nós, atualmente (poucos, é verdade, porém muito mais do que muitas pessoas imaginam), que estão plenamente conscientes de suas existências passadas, e têm-no estado desde a sua mais tenra infância, sendo que os primeiros dias foram passados num estado parecido ao sono, até que o seu cérebro físico estivesse suficientemente desenvolvido para permitir à alma pensar claramente. Com efeito, muitas crianças parecem ter uma obscura consciência do passado, mas, temendo os comentários dos maiores, aprendem a afogar essas lembranças fragmentárias, até que o dom de poder evocá-las as abandona.

Aqueles que não acordam à verdade do renascimento são refratários aos argumentos; e aqueles que *sentem* a verdade deles, não os precisam; deles não têm necessidade. Assim, não tentaremos argüir sobre a matéria, nesta breve apresentação da teoria. Aqueles que lêem esta lição são atraídos para o assunto, em virtude do interesse despertado em alguma vida passada, e eles realmente sentem que deve haver alguma verdade nela, ainda que, talvez, não tenha chegado ao ponto em que lhes seja possível assimilá-la completamente.

Muitos daqueles para os quais a verdade da proposição se faz evidente, por seu sentimento íntimo ou lembranças fragmentárias, demonstram pouca inclinação a aceitá-la completamente. Temem a idéia de renascer, sem seu consentimento e conhecimento; mas, como expusemos, é este um temor infundado, porque, se realmente começaram a sentir a verdade do renascimento, o seu período de manifestação subconsciente, sobre esse plano, está chegando a seu termo. Muitos dizem que não têm desejo de viver outra vez, mas o que realmente querem dizer é que não seria de seu gosto viver exatamente a mesma vida que têm — naturalmente que não; não precisam das mesmas experiências outra vez — mas, se há uma única coisa da qual gostem na vida, uma única posição que gostassem de ocupar, um único desejo que sentissem a necessidade de satisfazer para torná-los felizes — realmente têm necessidade de viver outra vez, para adquirirem o que lhes falta. Estão aqui, porque precisavam estar aqui — ou tinham desejos que pediam satisfação — e viverão outra vez, justamente nas circunstâncias necessárias para satisfazer seus desejos e ambições, ou provavelmente para lhes dar a necessária experiência para um crescimento espiritual mais elevado.

Ao estudante deste assunto da evolução espiritual abre-se um grande número de fatos interessantes. Uma luz é lançada sobre a história e o progresso do gênero humano, e um campo de investigações mais fascinador se lhe apresenta. Devemos resistir à tentação de entrar neste ramo do assunto, pois nos conduziria por atraentes caminhos que, devido à falta de espaço, nos está proibido tratar nestas lições elementares. Podemos, entretanto, dispor de lugar para dizer alguma coisa acerca destas matérias.

A terra é um elo de uma cadeia de planetas pertencentes ao nosso sistema solar, os quais estão todos em íntima conexão uns com os outros, nesta grande lei da evolução espiritual. Grandes ondas de vida passam por sobre a cadeia, levando ao longo dela, de um a outro planeta, uma raça após outra. Cada raça permanece em cada planeta um certo período, e quando se desenvolveu, transfere-se ao próximo planeta mais elevado na escala da evolução, onde encontram as condições melhor adaptadas para o seu desenvolvimento. Mas esse progresso, de planeta a planeta, não é circular — parece-se a uma espiral girando ao redor e elevando-se mais e mais em cada curva.

Suponhamos uma alma residindo sobre um dos planetas de nossa cadeia planetária, num estado comparativamente de pouco progresso e crescimento espiritual — num lugar inferior na escala da evolução. Essa alma adquire a experiência, e depois é levada para o próximo planeta mais elevado na cadeia, junto com o resto de sua raça, e reencarnar-se ali. Nessa nova residência, ocupa um plano de progresso evidentemente mais adiantado do que aquele que ocupava no último — formando a sua raça inteira o núcleo de uma nova raça ali, desempenhando alguns o papel de pioneiros e os restantes acompanhando-os. Porém, esse adiantado estado, comparado com o do planeta recém-deixado atrás, pode ser muito mais inferior na escala do progresso que o das outras raças que residem no mesmo planeta. Algumas das raças mais inferiores, no ponto da evolução, atualmente na terra, podem ter estado muito mais próximas ao mais elevado estado de desenvolvimento no último planeta habitado por elas e progrediram pela troca — o mais elevado de um planeta inferior é, talvez, menos desenvolvido que o mais inferior de um planeta mais elevado na cadeia. Muitas raças que antigamente habitaram a terra, das quais encontramos vestígios ocasionalmente, ascenderam a um estado mais elevado de desenvolvimento. A História nos mostra que raças após raças têm estado à frente do desenvolvimento da terra — têm desempenhado a sua parte nesse estado de ação — e depois se foram, para onde?

A filosofia oculta nos dá o elo perdido da explicação. A nossa raça cresceu do estado da idade da pedra — e de mais remota idade ainda — continuará progredindo e, depois, ir-se-á, dando lugar a outras raças mais novas, que podem já estar, agora, enviando pioneiros de algum outro planeta.

Isto não significa, necessariamente, que cada raça de que nos fala a História tenha deixado a terra. Pelo contrário, os ocultistas sabem que algumas e, com efeito, o maior número das raças conhecidas pela História, encarnou em alguma das raças de hoje. A confusão se explica pelo fato de que cada raça tem várias sub-raças, as quais pertencem realmente à raça principal. Por exemplo, os ocultistas sabem que os antigos egípcios, os romanos, os gregos, os atlantes, os antigos persas, etc., etc., estão na atualidade, vivendo nesta terra — isto é, as almas que antigamente estavam encarnadas nessas raças estão agora encarnadas em algumas das raças modernas. Mas há outras raças pré-históricas — que passaram além de toda atração terrestre e foram para outros planos de ação mais elevada, em planetas superiores!

Há um número de planetas mais inferiores, na escala do progresso, do que a nossa terra; há vários mais elevados, em direção aos quais vamos seguindo. Há, naturalmente, outros sistemas solares — outras cadeias de sóis — outros subuniversos, se nos perdoam o uso do termo, e tudo isso está destinado a todas as almas, por inferiores e humildes que sejam. A nossa raça, a presente, passa através de um período muito importante de evolução. Está passando do estado inconsciente ao estado consciente do desenvolvimento espiritual. Muitos alcançaram já o seu estado consciente e muitos outros estão acordando para ele. Toda raça o obterá, por fim, devendo este proceder a sua translação progressiva.

Esse acordar gradual à consciência espiritual é o que causa toda esta agitação no mundo do pensamento — esse rompimento com as idéias e formas velhas — esta fome de verdade, este correr daqui para ali, atrás de novas verdades ou a reexposição de antigas verdades. É um período crítico na história da raça e muitos sustentam que ele implica uma possível divisão na raça em duas sub-raças, uma das quais possuirá a consciência espiritual e caminhará à frente e à cabeça de outra sub-raça de mais vagarosos irmãos que devem progredir por graus.

Mas a raça unir-se-á outra vez, antes de se mudar finalmente da terra, porque está ligada pela lei de causa e efeito espiritual. Todos estamos interessados no progresso de cada um dos outros, não só porque somos irmãos, mas também porque a nossa alma deve esperar até que a raça inteira se desenvolva. Naturalmente, a alma que se desenvolve mais rapidamente não tem que se reencarnar simplesmente porque seus irmãos mais vagarosos tenham que fazê-lo assim. Pelo contrário, a alma altamente desenvolvida emprega um longo período de espera nos planos mais elevados do mundo astral, enquanto o seu irmão mais vagaroso efetua a sua evolução em repetidos nascimentos, desfrutando a alma desenvolvida, nessa estada nos planos mais elevados, de grande felicidade e benefício, conforme explicamos em outras lições. Muitas dessas almas em espera elegem o sacrifício do seu bem ganho descanso, voltando à terra para ajudar e elevar os seus irmãos, seja em forma de protetores astrais ou por um nascimento deliberado e consciente, do qual não têm necessidade para o seu crescimento e progressivo desenvolvimento; tomam deliberadamente um corpo de carne, com todas as suas cargas, para assistir seus irmãos mais fracos e ajudá-los a alcançar a meta. Os grandes mestres das raças têm sido, em grande parte, destas almas que se sacrificam e voluntariamente renunciam ao céu pelo amor de seus semelhantes. É muito difícil imaginar quão grande é esse sacrifício — esse progresso de um plano elevado de desenvolvimento espiritual a uma civilização comparativamente pouco desenvolvida. É como se um Emerson fizesse o papel de missionário, no seio dos boximanes.

Para que fim tende toda esta evolução? Qual é o significado de tudo isto? A começar das mais baixas até às mais elevadas formas da vida — todas estão no Caminho. A que lugar ou estado conduz o Caminho? Tentaremos responder, pedindo que imagineis uma série de milhões de círculos, uns dentro dos outros. Cada círculo significa um estado de vida. Os círculos exteriores estão ocupados pela vida em seus estados mais inferiores e materiais — os círculos mais próximos ao centro contêm mais e cada vez mais elevadas formas — até que os homens, ou os que foram homens, chegam a ser como deuses. E ainda a forma da vida se eleva mais e mais alto, e cresce mais e mais elevada, até que a mente humana não pode alcançar a idéia. E — que há no centro? — O cérebro do Corpo Espiritual inteiro — o absoluto — Deus!

E nós estamos nos dirigindo para esse Centro!

13ª LIÇÃO - CAUSA E EFEITO ESPIRITUAIS

A vida é a constante acumulação de conhecimento — o armazenamento do resultado de experiências. A lei de causa e efeito está em constante operação, e colhemos o que semeamos, — não como um castigo, porém como um efeito, segundo a causa que produziu. A Teologia nos ensina que somos castigados por *causa dos nossos pecados*, porém o conhecimento mais elevado nos mostra que somos castigados em *nossos erros*, e não *por* eles. A criança que toca em uma estufa quente é castigada *em razão* do ato mesmo e não *por* algum poder mais elevado *por haver* pecado. O pecado é, em grande parte, a questão de ignorância e de erro. Aqueles que alcançaram um plano elevado de conhecimento espiritual, adquiriram um conhecimento tão convincente da loucura e imprudência de certos atos e pensamentos, que chegou a ser, para eles, quase impossível cometê-los. Tais pessoas não temem que exista um ser superior esperando lançá-las à força de pancadas à terra por haverem feito certas coisas, simplesmente por que essa inteligência haja criado uma lei aparentemente arbitrária, proibindo-lhes cometer o ato. Pelo contrário, sabem que as inteligências mais elevadas possuem unicamente, com exclusão de todo outro sentimento, um amor imenso por todas as criaturas viventes e estão sempre prontas e desejosas de ajudá-las em tudo quanto seja possível sob as operações da lei. Mas tais pessoas reconhecem a puerilidade do ato e, conseqüentemente, abstêm-se de cometê-lo. É quase exatamente análogo ao exemplo da criança e da estufa.

Uma criança desejosa de tocar numa estufa, fá-lo-á tão rapidamente logo que ache oportunidade, apesar das ordens dos pais e da ameaça de um castigo. Porém, quando uma criança tenha experimentado uma vez a dor da queimadura, reconhecerá que há uma íntima relação entre uma estufa quente e um dedo queimado, e apartar-se-á da estufa. Os pais gostariam de proteger o filho contra o resultado de suas próprias loucuras, mas a natureza infantil insiste em aprender certas coisas por experiência, e os pais não podem impedi-lo. Longe disso, a criança que é muito estritamente vigiada e restringida, geralmente quebra, mais tarde, todas as travas e aprende certas lições por si mesma. Tudo quanto o pai pode fazer é rodear a criança de precauções comuns e dar-lhe o benefício da sua experiência, uma porção da qual a criança aproveitará — e, depois, confiar à lei da vida a determinação do resultado.

Deste modo, a alma humana está constantemente aplicando a prova da experiência a todas as fases da vida — passando de uma encarnação à outra, aprendendo constantemente novas lições e adquirindo nova sabedoria. Mais cedo ou mais tarde, ela nota quão prejudiciais são certos atos — descobre a loucura de certas ações e modos de vida, e, como a criança queimada, evita-as no futuro. Todos nós conhecemos que certas coisas não nos causam tentação, porque aprendemos a lição — alguma vez — em alguma vida passada e não precisamos tornar a aprendê-la — enquanto que outras nos atraem fortemente e sofremos muita dor devido a elas.

De que utilidade seria toda essa pena e sofrimento, se a vida atual fosse tudo?... Mas levamos o benefício de nossa experiência a outra vida e evitamos a dor ali. Olhamos ao nosso redor e nos estranha observar que certos conhecimentos nossos não podem ver a loucura de certas formas de ação, quando para nós está clara — mas esquecemo-nos de que já passamos pelo mesmo estado de experiência que eles passam agora e que deixamos atrás o desejo e a ignorância — não pensamos que em futuras existências esta gente estará livre deste engano e desta dor, porque terá aprendido a lição por experiência, o mesmo que fizemos nós.

Para nós, é difícil compreender completamente que somos o que somos, devido justamente ao resultado de nossas experiências. Tomemos como exemplo uma só existência. Pensais que vos seria agradável eliminar de vossa vida alguma dolorosa experiência, algum episódio desagradável, algumas circunstâncias mortificantes; mas — refletistes já que, se fosse possível apagar estas coisas, vos veríeis necessariamente obrigados a desprender-vos da experiência e do conhecimento que recebestes daqueles sucessos?... Ser-vos-ia agradável privar-vos do conhecimento da experiência que recebestes do modo mencionado? Gostaríeis de retroceder ao estado de inexperiência e ignorância em que estáveis antes do acontecimento? Porque, se tornásseis ao antigo estado, seria extremamente provável que cometésseis os mesmos erros outra vez. Quantos de nós desejaríamos apagar completamente as experiências que temos recebido? Em realidade, desejamos esquecer o sucesso, mas sabemos que temos a experiência dele resultante, formando parte do nosso caráter, e não nos agradaria desprender-nos dela, porque seria como se desprezásseis uma porção de nossa estrutura mental. Se nos despojássemos das experiências adquiridas pela dor, seria como se nos separássemos primeiro de uma parte de nós mesmos, de outra, até que, por fim, não teríamos deixado nada, exceto a dura casca mental do nosso ser primitivo.

Mas, podeis dizer: — "De que utilidade são as experiências obtidas em vidas anteriores, se não as lembramos, se estão perdidas para nós?... " Mas não as perdestes; elas constituem a vossa estrutura mental e nada pode apartá-las de vós — são vossas para sempre. Vosso caráter está formado, não só pelas experiências desta vida particular, como também pelo resultado de muitas outras vidas e graus de existência. Hoje sois o que sois, devido a essas experiências acumuladas — as experiências de vidas passadas e as da presente. Relembrares algumas das coisas da vida presente que contribuíram para formar o vosso caráter, mas muitas outras igualmente importantes desta mesma existência as esquecesteis. Entretanto, o resultado permanece em vós, por haver-se tecido no vosso ser mental.

E ainda que só possais recordar pouco ou mesmo nada de vossas vidas passadas, as experiências adquiridas continuam em vós agora e sempre. São essas experiências passadas as que vos dão predisposição em certas direções — o que faz com que vos seja muito difícil fazer certas coisas -- o que vos faz reconhecer, instintivamente, certas coisas como imprudentes e injustas, e vos faz Voltar-lhes as costas, julgando-as loucuras. Elas vos dão vossos gostos e inclinações e fazem que alguns caminhos vos pareçam melhores que outros. Nada se perde na vida e todas as experiências do passado contribuem para o vosso bem-estar no presente -- todos os vossos incômodos e penas do presente produzirão o seu fruto no futuro.

Não é sempre que aprendemos uma lição na primeira tentativa, e temos que tornar uma e outra vez à nossa tarefa, até levá-la a termo. Porém, nem o mais leve esforço se perde; e, se fracassamos na tarefa do passado, é mais fácil para nós realizá-la hoje.

Um escritor americano, Sr. Berry Benson, no *Century Magazine*, de maio de 1894, nos dá uma formosa ilustração de um dos aspectos das operações da lei de evolução espiritual. Reproduzimo-la aqui:

"Um menino pequeno foi à escola. Era muito pequeno; tudo quanto sabia, o havia obtido com o leite que mamara de sua mãe. Seu mestre, que era Deus, colocou-o na classe mais elementar e lhe deu estas lições para aprender: "Tu não farás dano a nenhum ser vivente. Tu não roubarás." O homem não matou, mas foi cruel e roubou. No fim do dia, quando sua barba estava grisalha — quando chegou a noite, seu mestre, que era Deus, lhe disse: "Tu aprendeste a não matar, mas as outras lições não as aprendeste. Volta amanhã."

No dia seguinte, voltou o menino pequeno. E seu mestre, que era Deus, colocou-o numa classe um pouco mais adiantada e lhe deu estas lições para aprender: "Tu não farás dano algum a nenhum ser vivente. Tu não roubarás. Tu não enganarás." O homem não fez dano a nenhum ser vivente; mas roubou e mentiu. E, no fim do dia, quando sua barba estava grisalha — quando chegou a noite, seu mestre, que era Deus, lhe disse: "Tu aprendeste a ser clemente. Mas as outras lições não as aprendeste. Volta amanhã."

Outra vez, no dia seguinte, voltou o pequeno menino. E seu mestre, que era Deus, colocou-o em uma classe um pouco mais elevada ainda, dando-lhe estas lições para aprender: "Tu não roubarás. Tu não enganarás. Tu não invejarás." Assim, o homem não roubou; mas enganou e invejou. E, no fim do dia, quando sua barba estava grisalha — quando chegou a noite, seu mestre, que era Deus, lhe disse: "Tu aprendeste a não roubar. Mas as outras lições não as aprendeste. Volta amanhã, meu filho."

Foi isto que li nos rostos dos homens e das mulheres, no livro do mundo e no registro dos céus, que está escrito com estrelas."

A grande lição que deve ser aprendida por todas as almas é a verdade da Unidade do Todo. Este conhecimento traz consigo todo o restante e induz a seguir o preceito do Filho de Maria: "E tu amarás ao Senhor teu Deus com todo o teu coração, com toda a tua alma, com toda a tua mente e com toda a tua força", e "Tu amarás ao teu próximo como a ti mesmo". Quando o homem chega à consciência da verdade de que Tudo é Uno — que quando uma pessoa ama a Deus, ama ao Todo — que o seu próximo, em verdade, é ele mesmo — então tem apenas poucas classes mais que passar, antes de entrar para a Elevada Escola do Conhecimento Espiritual. Esta convicção da Unidade do Todo traz consigo certas regras de ação — de ética divina — que transcendem a todas as leis humanas escritas ou promulgadas. A Paternidade de Deus e a Fraternidade do Homem chegam a ser uma realidade, e não mera repetição de palavras sem significado.

E esta grande lição deve ser aprendida por todos — e todos estão aprendendo-a por graus. E esta é a aspiração e o fim do presente estado de evolução espiritual — conhecer a Deus como Ele é; conhecer a nossa relação com os outros — conhecer o que *nós somos*. Há maiores escolas, colégios e universidades de conhecimento espiritual além de nós, mas essas verdades são as lições ensinadas nos graus em que estamos presentemente. E toda essa dor, incômodo, pena e trabalho têm sido só para nos ensinar essas verdades -- mas a verdade, uma vez adquirida, faz ver que é bem digna do elevado preço pago por ela.

Se perguntais aos yogues qual é o nosso dever para com Deus, significando Deus na maior concepção d'Ele, eles responderão: — "Amai-o e o restante se vos tornará claro — e conhecê-LO é amá-LO; portanto, aprendera conhecê-LO" E se lhes perguntais qual é o dever para com nossos semelhantes, responderão simplesmente: — "Sede benévolos e sereis tudo o mais" Esses dois princípios, sendo seguidos, far-vos-ão possível viver a vida perfeita. Eles são simples, mas contêm tudo que é digno de conhecer-se, concernente às relações do indivíduo com o Infinito Poder e com seus semelhantes. O restante todo é espuma e sedimento — os indignos escombros que se acumularam ao redor da Divina Chama da Verdade. Mencionamos os ditos princípios neste lugar, porque eles sintetizam a idéia, e é pela aquisição da consciência dessa idéia que toda a raça está lutando. Se podeis torná-los uma parte de vós mesmos, tereis feito grande progresso no caminho — tereis prestado com êxito o Grande Exame.

A doutrina de Causa e Efeito Espirituais está baseada na grande verdade de que, sob a Lei, cada homem é, praticamente, o diretor de seu próprio destino — seu próprio juiz — seu próprio recompensador — seu próprio árbitro de castigos. Que todos os pensamentos, palavras e ações têm o seu efeito sobre a futura vida ou vidas do homem, não como uma recompensa ou um castigo, tal como são geralmente compreendidas estas palavras, mas como o inevitável resultado da grande Lei de Causa e Efeito. A operação da Lei, rodeando-nos de certa classe de condições em um novo nascimento, é influenciada por dois grandes princípios gerais: 1º) os desejos prevaletentes, aspirações, gostos, aversões e anelos do

indivíduo neste estado particular de sua existência, e 2º) pela influência do desenvolvimento do espírito, o qual, impulsionado ardentemente para diante — procurando a mais completa expressão e menos restrições — faz sofrer a alma que se reencarna uma influência que a obriga a ser governada na seleção das condições desejáveis em seu novo renascimento.

Sobre as influências aparentemente em conflito dessas duas grandes forças, descansa toda a questão das circunstâncias e condições que rodeiam o nascimento da alma, e também muitas das condições que amparam a personalidade na nova vida — porque essas condições são governadas em grande parte, durante toda a vida, por essas forças opostas ou aparentemente opostas.

A incitação dos desejos, aspirações e hábitos da vida passada fazem uma forte pressão sobre a alma, levando-a a encarnar-se nas condições melhor adaptadas à experimentação da satisfação desses gostos, atrações e aversões — a alma quer seguir o curso da sua vida passada, e naturalmente procura as circunstâncias e meios melhor adaptados à mais livre expressão de sua personalidade. Mas, ao mesmo tempo, o espírito, na alma, conhece que o desenvolvimento desta tem necessidade de certas outras condições para fazer surgir outros aspectos de sua natureza, que, tendo permanecido reprimidos ou sem desenvolvimento, exercem uma atração sobre a alma que se reencarna, desviando-a um pouco do seu curso escolhido e influenciando esta lição num certo grau. Um homem pode ter um desejo predominante pelas riquezas materiais, e a força de seus desejos lhe fará escolher circunstâncias e condições para renascer numa família que tenha muita fortuna, ou num corpo muito bem adaptado para conseguir seus desejos; mas o espírito, conhecendo que a alma descuidou para um lado, a fará colocar-se numa corrente de circunstâncias que farão com que o homem sofra penas, desgostos e prejuízos, ainda quando obtenha grande fortuna em sua nova vida, a fim de que possa desenvolver essa parte da sua natureza.

Podemos ver ilustrações desses fatos acima mencionados em alguns dos homens muito ricos da América do Norte. Eles nasceram em circunstâncias nas quais tiveram a mais livre expressão do desejo de riquezas materiais — tiveram a posse de faculdades melhor adaptadas por esse fim único, e agiram de modo a rodear-se das circunstâncias melhor calculadas para dar a mais livre manifestação àquelas faculdades; Obtiveram a realização de seus desejos íntimos e acumularam riquezas de um modo desconhecido em tempos anteriores. Mas, são muito infelizes e, geralmente, estão descontentes. A sua riqueza é um peso ao redor de seu pescoço e estão atormentados pelo temor de perdê-la e a ansiedade de atendê-la. Sentem que não lhes proporcionou uma felicidade real, mas que, pelo contrário, os apartou de seus semelhantes e da felicidade conhecida por pessoas que dispõem de meios mais moderados. Estão febris e intranquilos, e procurando, constantemente, alguma nova excitação que aparte suas mentes da contemplação da sua condição real. Sentem a sensação do dever para com a raça, e, ainda que não compreendam inteiramente o sentimento interno disso, esforçam-se por acalmar essa sensação, contribuindo para a construção de colégios, hospitais e outras instituições similares. Elas nasceram em resposta ao acordar consciente da raça à realidade de Fraternidade do Homem e da Unidade do Todo. Antes de chegar ao fim, sentirão, no mais profundo de sua alma, que este êxito não lhes produziu a felicidade real e no período de descanso que segue à sua partida do corpo físico, darão "balanço" de si mesmos e reajustarão seus assuntos mentais e espirituais, de modo que, quando nascerem outra vez, não terão a ânsia de dedicar todas as suas energias em amparar riquezas que eles não podem usar, e sim, viverão uma vida mais equilibrada e acharão a felicidade em lugares inesperados, desenvolvendo-se mais espiritualmente. Isso não é devido a que tenham sido afetados pela sensação de que seja uma perpêrsidade especial a aquisição anormal de dinheiro, mas, sim porque a alma compreendeu que, deste modo, não conseguirá a felicidade, e procura-a em qualquer outra parte. Além disso, porque saciou o desejo de riquezas, voltou a sua atenção para outras coisas.

Se o espírito não houvesse exercido a sua influência, o homem poderia haver nascido nas condições tendentes a produzir riquezas, sem haver compreendido a singularidade exclusiva de uma tal vida, em cujo caso teria continuado possuindo um desejo tão anormal de riquezas, que nasceria uma e outra vez com aumentados poderes em cada vida, até que, praticamente, chegaria a ser um demônio do dinheiro. Mas, a influência do espírito contrabalança sempre os desejos anormais, ainda que, algumas vezes, tenha de passar por várias encarnações antes que a alma satisfaça os seus desejos e comece a ser influenciada pelo espírito em uma extensão marcada. Algumas vezes, a influência do espírito não é bastante forte para impedir o renascimento em condições muito favoráveis aos velhos desejos. Em tais casos é, amiúde, capaz de manejar os assuntos, durante a vida do homem, como para ensinar-lhe a lição necessária, para fazê-lo vacilar em seus desenfreados desejos e pô-lo na corrente da Lei de Atração. Resulta daí que experimenta certa pena — certo desgosto, certos fracassos — que lhe farão reconhecer a dor — desgostos e sofrimentos de outros, impondo-lhe um curso de vida que o ajudará a desenvolver as suas faculdades mais elevadas.

Muitas das repetidas adversidades são realmente produzidas por esse elevado princípio do homem, com o fim de lhe ensinarem certas lições para o seu próprio bem. Não é, necessariamente, um poder mais elevado que faz o homem compreender essas lições de vida; mas é, geralmente, o seu próprio Eu Superior — o Espírito Interno — que lhe acarreta estes resultados. O espírito conhece o que é realmente melhor para o homem, e quando o vê arrasado pela sua natureza inferior, procura tirá-lo de seu caminho ou detê-lo repentinamente, se for necessário. Não é um castigo, lembrai-o, e sim a maior bondade. O espírito é uma parte do homem, e não um poder externo — ainda que seja, naturalmente, a parte

divina dele — essa parte dele, que está no mais próximo contato com a grande e onipotente Inteligência que chamamos Deus. O sofrimento não é produzido devido a algum sentimento de justa indignação, vingança, impaciência ou sentimentos similares do espírito, mas devido a um sentimento igual ao do mais amoroso pai, que se vê obrigado a tirar das mãos de seu filhinho alguma coisa perigosa que possa fazer-lhe mal — é a mão que afasta a criança da beira do precipício, ainda que o pequeno grite, colérico e contrariado, por haver-lhe frustrado os desejos.

O homem ou a mulher que desenvolveu a mente espiritual, vê esta condição das coisas e, em vez de lutar contra o espírito, entrega-se a ele sem protestos e obedece à sua mão diretora, evitando, assim, muita dor. Mas aqueles que não sabem, enraivecem-se e rebelam-se contra a restrição e guia da mão; desprezam-na e tentam livrar-se dela, fazendo recair, em conseqüência, sobre si mesmos, amargas experiências, tornadas necessárias pela sua rebelião.

Somos tão propensos a nos ressentir das influências exteriores em nossos assuntos, que esta idéia da restrição não nos é agradável; mas, se nos lembrássemos somente que é uma parte de *nós mesmos* — a parte elevada de nós mesmos — a que exerce esta direção, então poderíamos ver a coisa com uma luz diferente. E devemos relembrar isto: por adversas que nos pareçam as circunstâncias e condições, elas são, exatamente, aquelas de que temos necessidade, sob as circunstâncias exatas de nossas vidas, e que têm por único objetivo o nosso bem final. Podemos ter necessidade de nos fortalecer, seguindo certas linhas, com o fim de completar nosso progresso — e podemos adquirir as experiências adequadas para completar esta parte particular de nós mesmos.

Podemos ter demasiada tendência para uma direção e surgirem nela obstáculos e sermos incitados a seguir outra direção. Estas pequenas coisas — e outras maiores — todas têm a sua significação. E então nossos interesses estão ligados, mais ou menos, com os de outros, devido às leis de atração; e os nossos atos podem estar destinados a refletir sobre eles e os deles sobre nós, para nosso mútuo desenvolvimento e bem final.

Teremos mais o que dizer sobre este assunto, um pouco mais adiante.

Se nos pusermos tranqüilos e considerarmos com calma a nossa vida passada (a presente vida, queremos dizer), veremos que certas coisas têm produzido certas outras, e que as coisas pequenas têm conduzido a grandes coisas — que pequenos fatos têm produzido uma inteira mudança em nossa vida. Podemos traçar o vestígio na coisa mais importante de nossa vida, por algum incidente ou sucesso trivial. Podemos olhar para trás e ver como as experiências dolorosas do passado nos têm fortalecido e conduzido a uma vida mais completa e maior. Podemos ver como essa coisa particular do passado — que nos pareceu desnecessariamente cruel e injusta — foi exatamente aquilo que nos conduziu a alguma coisa grande do presente. Tudo que se precisa é a perspectiva de anos. E se chegamos a poder ver isto, poderemos suportar com um maior grau de filosofia as penas e os sucessos desagradáveis do presente, conhecendo que significam, finalmente, o bem. Quando deixamos de considerar estas coisas como um castigo ou uma impertinente intervenção de algum poder exterior, ou a crueldade da natureza, e começamos a vê-las como a conseqüência de nossas próprias vidas passadas ou o resultado da mão diretora do espírito, cessamos de protestar e lutar como o fazíamos no passado e nos esforçamos em submeter-nos às operações da grande Lei; conseqüentemente, evitamos a pena e a dor. E qualquer que seja a pena, a aflição ou o incômodo que nos possa sobrevir, se nos abirmos à orientação do espírito, abrir-se-nos-á um caminho — passo a passo — e se o seguirmos, obteremos a paz e a força. A Lei não acumula sobre o indivíduo mais peso do que ele pode suportar, e "não só acalma o vento para o cordeiro tosquiado, como adapta o cordeiro tosquiado ao vento".

Falamos que os nossos interesses estão ligados com os de outros. Este é também um princípio da Lei Espiritual de Causa e Efeito. Em nossas vidas passadas nos temos ligado a outros pelo amor ou pelo ódio — quer seja por uma boa ação ou pela crueldade. E essas pessoas, nesta vida, têm certas relações conosco, tendentes todas à mútua reparação e mútuo desenvolvimento e progresso. Não é uma lei de vingança, mas simplesmente a Lei de Causa e Efeito que nos faz sofrer um dano (quando é necessário) das mãos de alguns daqueles aos quais temos feito mal em alguma existência passada. E não é simplesmente uma lei de recompensa pelo bem, porém, sim, esta mesma Lei de Causa e Efeito, que faz com que pense as nossas feridas e nos conforte aquele a quem confortamos na vida passada.

A pessoa que nos causa danos pode não ter intenção de fazê-lo assim, sendo em parte perfeitamente inocente, mas fomos nós que criamos as condições, pelas quais recebemos dor pelos atos dessa pessoa, ainda que ela esteja inconscientes de tal. Se ela nos faz o mal inconscientemente e em obediência à lei, é devido a que está ainda sobre este plano e deseja prejudicar-nos, e é levada pela Lei de Atração a uma condição pela qual podemos receber danos dela. Mas até este dano está calculado para nos beneficiar, no final, tão assombrosamente está constituída esta Lei de Causa e Efeito. Naturalmente, uma vez chegados à posição da qual vemos a verdade, não precisamos tanto destas lições, e passada a sua necessidade, a lei nos permite escapar daquilo que, de outro modo, teria que nos fazer sofrer.

As condições acima mencionadas podem ser ilustradas pelo caso de um indivíduo que, numa encarnação passada, deliberadamente abusasse do amor de outro, por motivos egoístas e que, depois de gratificados os seus desejos, intencionalmente lançasse para o lado o outro, como o faria com um brinquedo gasto. Ainda que não pretendamos explicar a exata operação da Lei nalgum caso particular, fomos informados, por aqueles que observaram de um elevado ponto de vista, que, em casos como o mencionado, o traidor, provavelmente nesta vida, caíra violentamente enamorado da pessoa que havia sido sua vítima na última existência; mas esta seria absolutamente incapaz de corresponder a tal afeto e a outra sofreria toda a dor que experimenta aquele que ama e não é correspondido. Resultaria daí que ele chegou a

compreender o sagrado valor das afeições humanas e a perversidade de brincar com elas. Notar-se-á, neste caso, que a pessoa que causa a dor na vida presente é em parte perfeitamente inocente e, portanto, não há lugar para novas causas e efeitos.

Aqueles aos quais temos amado e dos quais temos sido amigos em existências passadas, é muito fácil que estejam relacionados conosco na vida atual e sejam mantidos próximos de nós pela Lei de Atração. As pessoas que são atraídas a uma íntima relação conosco são, com toda probabilidade, aquelas com as quais temos estado em contato em vidas anteriores. As simpatias repentinas e antipatias observadas tão freqüentemente entre as pessoas, podem ser mais uma prova da teoria do renascimento, e muitos dos sucessos de nossa vida diária entram no domínio dessa Lei de Causa e Efeito Espiritual. Estamos constantemente nos ligando à vida dos outros pela dor ou pela felicidade, e a Lei deve levar sua obra a termo. A única escapatória da completa operação da Lei é a aquisição, por nossa parte, do conhecimento da verdade e a conseqüente adaptação de nossas vidas às linhas desta elevada verdade, em cujo caso somos dispensados das necessárias lições e flutuamos na superfície da onda, em vez de sermos submergidos por ela.

Abstenhamo-nos de pôr em operação esta Lei de Causa e Efeito pelos Ciúmes, Ódio, Malícia, Cólera e perversidade das nossas relações com os outros. Sejamos tão bons quanto possamos e justos para nós mesmos e para os outros, evitando os sentimentos de ódio e o desejo de vingança. Vivamos conduzindo a nossa carga com tanta alegria quanto possamos, e confiemos sempre na guia do espírito e na ajuda da Inteligência Superior. Reconheçamos que tudo está agindo conjuntamente para o bem e que não podemos ser privados deste bem. Relembremos que esta vida é apenas um grão de areia no deserto do tempo e que temos longas idades em nossa frente, nas quais teremos a oportunidade de realizar todas as nossas aspirações e desejos elevados. Não vos desanimeis, porque Deus reina e tudo é como deve ser.

14ª LIÇÃO - O CAMINHO YOGUE DA REALIZAÇÃO

O estudante que se informou cuidadosamente dos princípios fundamentais da filosofia yogue, tal como são expostos nestas lições, facilmente verá que quem quer que compreenda e aceite estes ensinamentos e os faça uma parte da sua vida diária, e os examinou, levará naturalmente uma vida muito diferente da vida daquele para quem esta presente vida terrestre é tudo, e acredita que a morte extingue a individualidade e que não há vida ou vidas futuras. Também conduzi-lo-á a viver uma vida um tanto diferente da vida da pessoa que acredita sermos apenas criações de uma Providência mais caprichosa do que outra coisa, tendo apenas uma pequena responsabilidade própria e que a nossa salvação depende de uma *crença* superficial em certos ensinamentos e de uma forma estabelecida de assistência a certas formas de culto religioso.

Relembrai, agora, que a filosofia yogue não critica *nenhuma* forma de religião: ela ensina que *todas* as formas de religião são boas e que cada uma tem seu lugar particular que ocupar — cada uma preenche as necessidades da Humanidade em algum de seus estados. Crê que, qualquer que seja o conceito que se tenha da Deidade — cada homem adora realmente a Grande Inteligência Una que conhecemos sob muitos nomes e que a variedade de formas de tal adoração é sem importância, sendo o móvel que se encontra por detrás de cada uma a única coisa que se há de ter em conta.

Mas, a filosofia yogue e, com efeito, os ensinamentos de todos os ocultistas, qualquer que seja a escola a que pertençam e qualquer que seja o credo por eles auspiciado, sustentam que o homem é um ser responsável, que ele realmente faz as suas próprias condições e se outorga as suas próprias recompensas e castigos como uma conseqüência natural de seus atos. Ela também ensina que o homem não pode escapar ao seu próprio bem e que, ainda que ele possa retroceder um cento de vezes, fará sempre algum pequeno progresso e, finalmente, subjugará sua natureza material; então avançará resolutamente para o grande fim. Ensina que todos somos filhos de Deus, qualquer que seja a forma de culto que pratiquemos — que nenhum dos filhos de Deus está destinado a ser completamente deserdado ou condenado. Ensina que somos castigados em nossos pecados, em vez de por eles, e que a Lei de Causa e Efeito produz seu inevitável resultado. Proclama o ensinamento de que "como semearmos assim colheremos", e nos mostra exatamente como e porque colhemos o que temos semeado. Mostra-nos como os nossos desejos e nossas paixões inferiores pesarão fortemente sobre nós e nos rodearão de circunstâncias que farão com que nos enfatiemos até o aborrecimento, chegando a estar tão completamente cansados delas que a alma, finalmente, lembrará com horror a sua vida passada de grosseira materialidade e, ao fazê-lo assim, receberá um impulso na reta direção. Ela nos mostra que temos o espírito sempre em nós, ansioso e desejando dar-nos ajuda e proteção e que, mediante o espírito, estamos sempre em íntimo contato com a origem de toda vida e poder.

Os homens são de temperamentos diferentes e o curso que seria o mais adequado para um, não seria o mais indicado para as necessidades de outro.

Um procurará o progresso e o desenvolvimento numa direção; outro, de um modo diferente; e um terceiro, por um caminho ainda diverso. A filosofia yogue ensina que o caminho que parecer mais atraente ao temperamento e à disposição geral do homem será o melhor adaptado para seu uso na atualidade.

Os yogues dividem o Caminho da Realização em três veredas. Chamam a estas três veredas: 1ª) Raja-Yoga; 2ª) Karma-Yoga; 3ª) Jnana-Yoga. Cada uma destas três formas de Yoga é a vereda que conduz ao Grande Caminho e cada uma é transitada por aqueles que a preferiram; mas todas conduzem ao mesmo lugar.

Nesta lição, daremos uma breve descrição de cada uma das três veredas que, juntas, são conhecidas pelos yogues como Tríplice Senda. Alguns mestres tratam do que é conhecido como Bhakti-Yoga, como se fora uma vereda separada; nós, porém, preferimos considerá-lo como sendo um incidente de cada uma das três veredas, porque Bhakti-Yoga é realmente o que poderíamos chamar a forma deligiosa de Yoga, ensinando o amor e a adoração de Deus, tal como a conhecemos através do prisma de nosso próprio credo particular.

Não podemos ver como alguém possa seguir alguma das diversas veredas de Yoga, sem estar cheio de amor e reverência pelo Grande Centro de toda vida — o Absoluto — Deus — qualquer que seja o nome sob o qual O conheçamos.

O termo Bhakti-Yoga realmente significa via de devoção. Confiamos que todos os nossos estudantes, em qualquer das três veredas que queiram seguir, levarão consigo a devoção inculcada na Bhakti-Yoga do corpo religioso particular ao qual estão filiados, e não pensarão que a Tríplice Senda lhes exige que renunciem àquilo que desde a infância lhes foi querido. Pelo contrário, pensamos que um cuidadoso estudo da filosofia yogue despertará um novo interesse na religião, fazendo compreender a muitos bastante daquilo em que antigamente apenas acreditavam e lhes fará desenvolver um espírito religioso mais profundo em vez de superficial.

Raja-Yoga é dedicada ao desenvolvimento dos poderes latentes no homem — à aquisição do controle das faculdades mentais pela vontade, à conquista do domínio do Eu inferior, ao desenvolvimento da mente, com o fim de que a alma possa ser ajudada no seu desenvolvimento.

Ela ensina, como seu primeiro passo, o cuidado e controle do corpo, conforme é ensinado em Hatha-Yoga, sustentando que o corpo deveria ser convertido num instrumento eficaz sob controle inteligente, para que se possam obter os melhores resultados nos campos mental e psíquico.

Grande parte do que tem sido trazido ao mundo ocidental — nos últimos anos — sob o nome de "ciência mental" e termos similares, realmente entra sob a rubrica de Raja-Yoga. Esta forma de Yoga reconhece o assombroso poder da mente e da vontade educada e os resultados maravilhosos que podem ser obtidos pela educação das mesmas, sua aplicação pela concentração e inteligente direção. Ensina que a mente pode, não só ser dirigida para o exterior, influenciando objetos e coisas, como também pode ser voltada para o interior e concentrada sobre um assunto particular, com o fim de que muito conhecimento secreto possa ser desenvolvido e descoberto. Muitos dos grandes inventores estão realmente praticando Raja-Yoga, inconscientemente, na aplicação interna da mesma, enquanto que muitas personalidades no mundo dos negócios fazem uso dela exteriormente, por sua concentrada aplicação no manejo de seus assuntos.

Mas, aquele que segue a vereda de Raja-Yoga não se contenta somente em obter poderes para qualquer dos usos acima mencionados. Ele procura ainda maiores elevações e, utilizando estes processos ou outros similares, volta a luz investigadora da mente concentrada para o interior de sua própria natureza, arrancando, assim, à luz, muitos segredos ocultos da alma. Grande parte da filosofia yogue foi realmente trazida à luz deste modo. O estudo de Raja-Yoga é eminentemente prático e é de natureza do estudo e experiência da química — prova-se a si mesma à proporção que o estudante dá os passos. Ela não trata de vagas teorias, mas ensina experiências e aponta fatos, do princípio ao fim. Esperamos poder dar aos nossos estudantes, proximamente, uma obra prática sobre o assunto de Raja-Yoga, de cuja obra parece haver grande necessidade no mundo ocidental, que parece estar esperando que se lhe diga como fazer aquelas coisas que têm sido afirmadas como possíveis por numerosos escritores que chegaram à teoria, porém não conhecem as práticas que acompanham a teoria.

Karma-Yoga é a Yoga da Ação. É a vereda seguida por aqueles que se regozijam em suas obras — que tomam vivo interesse em fazer coisas com a cabeça ou com as mãos — aqueles que crêem na obra por amor à obra. Karma é a palavra sânscrita aplicada à Lei Espiritual de Causa e Efeito, da qual temos falado em lições precedentes. Karma-Yoga ensina como o indivíduo pode andar, agindo através da vida — e tomando interesse na ação — sem ser influenciado por considerações egoístas — o que poderia criar uma nova cadeia de causas e efeitos que o ligariam aos objetivos e coisas, retardando assim o progresso espiritual. Ela ensina a agir por amor à obra, mais do que pelo desejo dos resultados.

Por estranho *que* possa parecer a muitos dos leitores ocidentais, é um fato que o maior número dos homens do mundo ocidental que têm muitas empresas, realmente foi possuidor desta idéia, sem compreendê-la e tem agido realmente pelo prazer da ação e o esforço criador, dando muito pouca importância ao fruto do seu trabalho. Alguns desses homens dizem que têm agido, antes porque não puderam deixar de fazê-lo do que pelo mero desejo de lucro material. Aquele que pratica Karma-Yoga considera-se a si mesmo, algumas vezes, como se ele não fosse o trabalhador real e sim como se sua mente e o corpo estivessem fazendo a obra, e ele — ele mesmo — permanecesse afastado, observando sua obra ou seu ato. Há mais inferiores e mais elevados aspectos do Karma-Yoga, que não podem ser aplicados aqui, em virtude de que cada ramo de Yoga é um grande assunto em si mesmo.

Jnana-Yoga é a Yoga da Sabedoria. É praticada por homens ou mulheres do tipo científico e intelectual, desejosos de raciocinar, provando, experimentando e classificando o conhecimento oculto. É o caminho dos eruditos, Seus discípulos são fortemente atraídos para a metafísica. Exemplos da idéia de Jnana-Yoga — aparentemente, exemplos muito diferentes — são vistos nos grandes filósofos dos tempos antigos e modernos e, no outro extremo, na aqueles que têm uma forte tendência para os ensinamentos metafísicos. É um fato geral que quase todos os estudantes da filosofia yogue são mais ou menos atraídos para Jnana-Yoga, mesmo que eles digam que seguem alguma das outras veredas. Estas lições, por exemplo, são uma parte de Jnana-Yoga, embora estejam combinadas com outras formas de Yoga. Muitos yogues combinam em si mesmos os atributos dos seguidores de várias formas de Yoga, apesar de que as suas tendências naturais lhes façam estimar uma das veredas de preferência às outras.

Das três formas de Yoga, a segunda, ou Karma-Yoga, é, talvez, a mais fácil de ser seguida pelo estudante. Requer menos estudo e menos prática — menos investigação que Jnana-Yoga e menos disciplina que Raja-Yoga. O karma-yogue procura simplesmente levar uma vida de bondade, fazendo a sua obra com o melhor de sua habilidade, sem deixar-se levar pela esperança da recompensa — ele chega à compreensão da verdade a respeito da sua natureza e contenta-se com o desenvolver-se gradualmente como uma rosa, de vida para vida, até que obtém um elevado grau de realização. Não aspira a possuir poderes raros e, conseqüentemente, não se esforça em desenvolvê-los. Não anseia a solução dos grandes problemas da natureza e da vida, porém contenta-se com viver, dia a dia, sabendo e confiando que tudo será em seu bem e assim será. Muitas das pessoas filiadas no Novo Pensamento, na América do Norte, são realmente karma-yogues.

O raja-yogue, pelo contrário, sente o desejo de desenvolver os seus poderes latentes e fazer investigações na sua própria mente. Ele deseja manifestar poderes e faculdades ocultas e sente um vivo desejo de fazer experiências nesse sentido. Está intensamente interessado na psicologia e fenômenos psíquicos e em todos os fenômenos ou ensinamentos ocultos que seguem a mesma linha. É capaz de realizar muito por determinado esforço e amiúde manifesta assombrosos resultados por meio da concentração da mente e da vontade. O prazer principal do jnana-yogue consiste no raciocínio metafísico ou na sutil investigação intelectual. Ele é o filósofo, o erudito, o pregador, o mestre, o estudante, e freqüentemente vai a longínquos extremos, segundo a sua linha de ação favorita, perdendo de vista os outros lados do assunto.

O homem mais capaz de fazer progressos gerais em Ocultismo é aquele que evita chegar aos extremos em alguns ramos do assunto e que, ainda que no principal, segue as suas próprias inclinações em relação a certas formas de Yoga, e mantém um conhecimento geral com as diferentes fases da Grande Filosofia. Por fim, o homem deve desenvolver todos os seus muitos lados; portanto, não deve apartar-se do contato de todos estes lados durante a jornada. Fazendo assim, evitaremos ver as coisas por um lado do que resultam o fanatismo, a estreiteza, a cegueira e a intolerância.

Os estudantes yogues podem ser classificados em três classes gerais:

1ª) Aqueles que fizeram um considerável progresso, seguindo as mesmas linhas em encarnações passadas, e acordam à consciência na vida presente com as mais fortes tendências para o Ocultismo e assuntos similares. Estes aprendem rapidamente e são conscientes do fato de que só estão tornando a aprender alguma lição já sabida no passado; chegam às veredas ocultas intuitivamente e encontram em tais estudos alimento para a fome da alma. Essas almas são, naturalmente, de vários graus de desenvolvimento. Algumas têm apenas um conhecimento elementar do assunto, tendo sido, na passada encarnação, muito superficial o seu conhecimento do mesmo; outras progrediram mais e são capazes de ir, na sua obra presente, muito mais longe do que as que estão menos desenvolvidas; outras ainda são mais altamente desenvolvidas, faltando-lhes pouco apenas para chegar ao estado de encarnação consciente, isto é, o estado de poder acordar a um conhecimento consciente das vidas passadas. Os da subclasse acima mencionada facilmente serão considerados pelos que os rodeiam como raros, especialmente em sua mocidade — parecem velhos e originais a seus companheiros. Sentem-se como se fossem estrangeiros numa terra estranha; porém, mais cedo ou mais tarde, estão certos de ser atraídos ao contato de outros ou de fazer conhecimento com ensinamentos que os tornarão capazes de progredir de novo em seus estudos.

2ª) Aqueles que acordam a um conhecimento consciente, em maior ou menor grau, de suas passadas vidas e do que aprenderam nelas. Tais pessoas são comparativamente raras; porém, são em muito maior número do que em geral se supõe, porque esta gente não outorga facilmente sua confiança a relações casuais, e geralmente considera seu conhecimento e sua memória do passado como alguma coisa sagrada. Essas pessoas vão pelo mundo, lançando um pouco de semente aqui, um pouco ali; semente que, se cai em terra fértil, dará frutos em futuras encarnações daqueles que as recebem.

3ª) Aqueles que ouviram alguma verdade oculta em passadas encarnações — algumas palavras de sabedoria, conhecimento ou conselho, deixadas cair por algum dos que se adiantaram muito na vereda. Se o seu solo mental é rico, estes pensamentos-sementes penetram profundamente nele e, na próxima vida, aparece a planta. Essas pessoas estão em desassossego e intranquias, por não estarem satisfeitas com as explicações correntes das coisas, obrigando-as a procurar aqui e ali a verdade que, intuitivamente, sabem que se encontra em alguma parte. Freqüentemente são levadas a seguir falsos profetas e a correr de um a outro mestre, obtendo um pouco de verdade aqui, corrigindo um erro ali. Tarde ou cedo

encontram um refúgio onde ancorar, e ali, tranqüilos, acumulam conhecimento que, depois de ser dirigido no período de descanso da alma no mundo astral, lhes será de grande valor na sua próxima encarnação.

É fácil reconhecer que é praticamente impossível dar direções detalhadas ajustadas às várias necessidades desses diferentes estudantes. Tudo o que pode ser feito (fora da instrução pessoal de algum mestre competente) é dar palavras de conselho geral e estímulo. Mas isso não nos deve desanimar. Relembrai isto — *é uma grande verdade oculta* — quando o estudante está preparado, o mestre aparece — o caminho vos será aberto passo a passo, e à proporção que cada nova necessidade espiritual entre em existência, o meio de satisfazê-lo será posto em vosso caminho. Pode vir do exterior, pode vir do interior, mas virá. Não vos deixeis dominar pelo desalento, porque vos pareça estardes rodeados pelas circunstâncias mais desfavoráveis e sem ter ninguém perto com que possais falar destas grandes verdades que se estão desenvolvendo perante a vossa visão mental. Este isolamento, com toda a probabilidade, é justamente o que necessitais para aprender a confiar em vós mesmos e curar-vos do desejo de apoiar-vos em alguma outra alma.

Temos que aprender estas lições e muitas outras; o caminho que nos parece mais duro de percorrer é, com muita freqüência, o mesmo traçado por nós para podermos aprender bem a necessária lição e para a prática do bem.

Segue-se que aquele que chegou a dominar as idéias fundamentais desta filosofia, começará a ver que o temor foge dele, porque quando compreende justamente o que ele é, como pode temer? Não havendo nada que possa realmente prejudicá-lo — por que deve temer? A Ansiedade naturalmente segue atrás do Temor, e quando o Temor se vai, muitas outras imperfeições mentais seguem-lhe os passos. A Inveja, o Ciúme, o Ódio, a Malícia, a falta de Caridade e a Censura não podem existir na mente daquele que compreende. Fé e Confiança no espírito e em tudo que do espírito vem, devem estar manifestadas na alma acordada. Tal pessoa reconhece naturalmente a guia do espírito e, sem vacilar, segue-a, sem temor, sem dúvida. Tal pessoa não pode deixar de ser boa; para ela todo o mundo de indivíduos parece ser como de pequeninas crianças (muitas delas nascituras), e trata-as caritativamente, sem condená-las em seu interior, porque as conhece tais como são. Tal pessoa executa o trabalho posto ante ela, sabendo que tal obra, seja humilde ou exaltada, foi criada para ela, por seus próprios atos e desejos ou suas necessidades, e que tudo é justo em qualquer evento, e apenas o degrau para atingir a maiores coisas. Tal pessoa não teme a Vida, não teme a Morte — ambas parecem unicamente diferentes manifestações da mesma coisa — tão boa uma como a outra.

O estudante que espera obter progressos deve fazer da sua filosofia uma parte da vida diária. Deve trazê-la sempre consigo. Isto não significa que ele deva impor seus pontos de vista e opiniões sobre os outros — em realidade, isto é expressamente contrário aos ensinamentos ocultos, porque ninguém tem o direito de impor opiniões a outros, e é contrário ao crescimento natural e à liberdade da alma individual. Mas o estudante deveria ser capaz de trazer consigo mesmo uma sensação permanente da realidade e verdade de sua filosofia. Não deve ter medo de levá-la consigo a *todas as partes, porque* ela se adapta a todas as fases da vida. Se um indivíduo não pode praticá-la numa obra, há alguma falta em algo, na filosofia, na obra ou no indivíduo. Ela nos ajudará a agir melhor, a fazer obra mais séria, porque conhecemos que o trabalho é necessário para o desenvolvimento de alguma parte de nós, porque de outro modo não teria sido posto em nossa frente e, por desagradável que seja a tarefa, poderemos cantar com alegria quando chegarmos a compreender justamente o que somos e as grandes coisas que estão perante nós.

O escravo acorrentado às galés — se tem paz na sua alma e conhecimento na sua mente — merece muito menos compaixão do que o rei sobre o seu trono que carece destas coisas. Não devemos fugir ao nosso destino nem esquivar-nos às nossas tarefas, porque, em realidade, não podemos livrar-nos delas, a não ser levando-as a termo. E essas coisas muito desagradáveis estão realmente fortificando o nosso caráter, se aprendemos a nossa lição como é devido. E depois, relembrai-o: até estas coisas passarão.

Um dos maiores obstáculos para o progresso do estudante no Ocultismo, principalmente em seus aspectos fenomenais, é a falta de autocontrole. Quando uma pessoa quer ser colocada em posse do poder, o qual, se é descuidadamente usado, pode resultar em prejuízo da própria pessoa ou de outrem, é da maior importância que tal pessoa tenha obtido o domínio de si mesma — o controle do lado emocional da sua natureza. Imaginai um homem possuindo elevados poderes ocultos, perdendo a calma e aceso em cólera, emitindo vibrações de ódio e de ira, intensificadas pela força aumentada de seus poderes desenvolvidos! Tais manifestações num homem que possui poderes ocultos seriam muito prejudiciais para ele, porque talvez pudessem manifestar-se sobre um plano onde tais coisas têm um efeito muito maior. Um homem cujas investigações o conduzem ao plano astral, deveria ter muito cuidado em não perder o domínio de si próprio, pois um descuido desta classe poderia ser-lhe fatal.

Mas o mundo das forças elevadas está tão exatamente equilibrado que um homem de temperamento violento ou que carece do domínio de si próprio, pode fazer apenas pouco progresso nas práticas ocultas — sendo isto uma restrição necessária. De modo que uma das primeiras coisas que o estudante que deseja progredir deve realizar, é o domínio da sua natureza emocional e a aquisição do controle próprio.

Uma certa soma de coragem de uma espécie elevada é também necessária em certas experiências, algumas visões estranhas e acontecimentos sobre o plano astral; e aqueles que por ele desejam viajar, devem ter aprendido a dominar o temor. Também são necessárias calma e firmeza. Ao lembrarmos que a inquietação e as emoções análogas causam

vibrações ao redor de nós, facilmente se pode ver que tais condições da mente não são favoráveis às manifestações psíquicas e, com efeito, quando estas coisas estão presentes, não podem obter os melhores resultados.

O ocultista que quer obter grandes poderes, deve primeiro expurgar-se do desejo egoísta de obter estas coisas para satisfação de seus próprios fins baixos, porque a perseguição de poderes ocultos com este desejo acarretará só dor e contrariedades; e aquele que tente prostituir os poderes psíquicos para fins baixos, atrairá sobre si mesmo uma tempestade de resultados desagradáveis. Tais forças, quando são mal usadas, reagem como um *boomerang* sobre quem as envia. O verdadeiro ocultista está cheio de amor e sentimento fraternal para com os seus semelhantes, e esforça-se em ajudá-los, em vez de criar obstáculos ao seu progresso.

De todos os numerosos livros escritos com o propósito de lançar luz sobre a vereda do estudante de Ocultismo, não conhecemos nenhum melhor apropriado a esse fim do que o assombroso livrinho intitulado *Luz no Caminho*, escrito por M. C. (5), induzida por algumas inteligências que gravitam muito acima do comum. Está velado com o estilo poético comum aos orientais e, à primeira vista, pode parecer paradoxal. Mas está cheio dos mais seletos fragmentos da Sabedoria Oculta para aqueles que são capazes de o ler. Deve ser lido entre linhas e tem a particularidade de que chegará a ser compreensível para qualquer que o leia cuidadosamente. Isto é, ele vos dará tanta verdade, quanta sejais capaz de obter hoje; e amanhã, quando o torneis a tomar entre vossas mãos, ele vos dará mais, das mesmas linhas que haveis lido na véspera. Olhai-o daí a um ano e novas verdades brotarão para vós, e assim sucessivamente. Ele contém exposições da verdade, tão assombrosamente apresentadas — e mais veladas — que, à proporção que adianteis em discernimento espiritual e estejais aptos a receber novas verdades cada dia, achareis que, neste livro, véu após véu, vão caindo da face da verdade, até serdes deslumbrado com a sua beleza. Também é notável como livro que dá consolo aos que sofrem e estão tristes. As suas palavras, ainda que só medianamente sejam compreendidas, soarão aos ouvidos dos leitores como uma formosa melodia que acalmará, confortará e tranquilizará os que a ouvem. Aconselhamos a todos os nossos estudantes que leiam este pequeno livro freqüentemente e com cuidado. Acharão que ele descreverá várias experiências espirituais pelas quais passarão a prepará-lo para o estado próximo. Muitos de nossos estudantes nos pediram que escrevêssemos um pequeno livro, no sentido de dar uma explicação elementar de *Luz no Caminho* — talvez o espírito nos conduza a assim fazê-lo em algum tempo futuro.

Não é sem um sentimento de algo como tristeza que escrevemos estas linhas finais. Quando escrevemos a nossa primeira lição, pedimos aos nossos estudantes que se preparassem para um curso de conversação, clara e simples, sobre um grande assunto.

O nosso anelo era apresentar estas grandes verdades de um modo claro, prático e singelo, para que pudessem, assim, tomar interesse nelas e ser conduzidos para as mais elevadas aspirações da verdade. Sentimos esse amor e estímulo que são tão necessários para um mestre, e nos sentimos seguros da simpatia da classe desde o princípio. Mas ao olhar a nossa obra — parece-nos que dissemos tão pouco! Deixamos tanto por dizer! — e, no entanto, fizemos o melhor que pudemos, considerando o pequeno espaço à nossa disposição e o vasto campo a ser coberto. Sentimos que, realmente, apenas começamos; e já é tempo de dizer adeus. Talvez tenhamos tornado um pouco mais claros alguns pontos para alguns que estavam perplexos — quiçá abrimos uma porta àqueles que estavam procurando a entrada do templo — quem sabe? Se fizemos algum bem, mesmo que só tenha sido a uma única pessoa, o nosso tempo foi bem empregado.

Em algum tempo futuro, talvez nos sintamos chamados a vos apresentar uma exposição mais elevada e mais adiantada deste grande assunto; isto é uma questão que depende muito de vossos próprios desejos. Se tiverdes necessidade de nós, encontrar-nos-eis desejosos e dispostos a nos unirmos a vós para o estudo das grandes verdades da filosofia yogue. Mas, antes de dar o próximo passo para diante, estai certos de que haveis compreendido completamente estas lições preliminares. Recorrei a elas uma e outra vez, até que a vossa mente tenha apropriado completamente os princípios. Encontrareis que, a cada leitura, novos aspectos se apresentam por si mesmos. À proporção que a vossa mente se desenvolve, achareis novas verdades esperando-vos, mesmo nas próprias páginas que já lestes e relestes várias vezes. Isto não é devido a nenhum mérito especial de nossa obra (porque esta obra é tosca, muito tosca em nosso conceito), mas devido à verdade inerente à mesma filosofia que faz com que alguma coisa escrita sobre ela esteja cheia de material para o pensamento e para a investigação séria.

Adeus, queridos estudantes. Damos-vos os nossos agradecimentos pela vossa bondosa atenção durante o curso desta classe. Sentimos a vossa simpatia e amor, como muitos dentre vós haveis sentido o nosso. Estamos certos de que, no momento de lerdes estas linhas, cheias dos nossos calorosos pensamentos de benevolência para vós, sentireis a nossa proximidade em espírito — sereis conscientes do calor do aperto de mão que vos estendemos através das milhas que nos separam da carne.

Relembrai estas palavras da *Luz no Caminho*: "Quando o discípulo está preparado para aprender, então é aceito e reconhecido. Assim deve ser, porque ele acendeu a sua lâmpada, e esta não pode estar oculta". Portanto, dizemos:

A PAZ ESTEJA CONVOSCO.

APÊNDICE

1ª Lição: — Mantra

Mantra é uma palavra, frase ou verso de que os orientais se servem para se concentrarem sobre uma idéia que desejam imprimir bem em sua mente.

É semelhante às verificações ou afirmações, usadas pelos cientistas mentais e outros mentalistas do Ocidente.

O Mantra para este mês é um verso do poeta ocidental, Mr. Orr:

"Senhor de milhares de mundos sou Eu,
E reino já desde que o tempo nasceu;
As noites e os dias, nas cíclicas vias
Se vão, mas eu vejo o que o tempo teceu;
Por todo o futuro viverei seguro,
Porque a Alma não morre, e a Alma sou Eu."

2ª Lição: — Mantra

"Eu sou o senhor de mim mesmo". Gravei estas palavras na memória e repeti-as amiúde, deixando a mente demorar com atenção sobre os pensamentos dados em nossa Meditação para este mês. Relembrai sempre que o Eu é a parte mais elevada de vós que acordou à consciência e deve ser o senhor da natureza animal, da qual emergistes e sobre a qual vos elevastes já sensivelmente.

3ª Lição: — Mantra

O Mantra para o mês é a primeira estrofe do hino composto pelo Cardeal Newmann: Ó Suave Luz, a qual contém a mais profunda verdade espiritual, mas que é só imperfeitamente compreendida pelos milhares que cantam o dito hino. Confiamos que o que vos dissemos acerca do espírito vos servirá para apreciardes melhor as belezas ocultas deste grandioso e antigo cântico:

"Ó suave Luz, por onde eu triste andar,
Sê guia meu!
A noite é escura, e longe está meu lar,
Sê guia meu!
Segura tu meus pés, clareia o olhar,
Que eu possa ainda mais alguns passos dar.
Sê guia meu. "

4ª Lição: — Mantra

O Mantra para o mês é: "Eu irradio ondas de pensamento da mesma qualidade que desejo receber dos outros".

Este Mantra contém uma poderosa verdade oculta e, se o repetirdes convenientemente e viverdes de acordo, tonar-vos-á capaz de fazerdes rápidos progressos em vosso desenvolvimento e em vossa aquisição dos poderes espirituais. Dai e receberéis — medida por medida — qualidade por qualidade — cor por cor. As ondas dos vossos pensamentos estendem-se longe, além da aura visível, afetam outros e vos atraem os pensamentos de outros que correspondem em caráter e qualidade às por vós emitidas.

5ª Lição: — Mantra e Meditação

O Mantra para o mês é: "O pensamento é uma Força vivente, — e quero aplicá-la com prudência e saber".

O objetivo da meditação para este mês é a nossa responsabilidade na contribuição para os pensamentos do mundo. Quando pensamos que constantemente estamos aumentando a provisão dos pensamentos do mundo e percebemos a enorme quantidade de pensamentos não evolucionados, que estão sendo emitidos das mentes de pessoas de uma baixa ordem de desenvolvimento, somos levados a reconhecer o dever que temos de elevar e purificar o volume do pensamento.

Devemos negar o acesso de pensamentos maus e indignos à nossa mente e devemos esforçar-nos por irradiar ao nosso próximo pensamentos de ajuda, conforto, amor e elevação. Cada um de nós pode fazer o que lhe toca desta tarefa e

é necessária a ajuda de cada um. Emiti formas de pensamentos de ajuda e amor aos vossos irmãos e às vossas irmãs, tanto em geral como em particular. Se sabeis de uma alma em luta, enviai-lhe pensamentos de conforto e coragem. Se sabeis de alguém em sofrimento, enviai-lhe pensamentos de vigor e auxílio. Enviai ao mundo os vossos melhores pensamentos auxiliares. Eles atingirão alguém do vosso próximo, num momento crítico. Quando vós mesmos vos achais em má situação, não tendes melhor meio de receberdes de outrem pensamentos de fortalecimento do que quando emitis pensamentos esperançosos a outros que possam achar-se semelhantemente em triste posição. Podemos ajudar-nos uns aos outros desta maneira e, assim, abrimos canais de comunicação que serão úteis para todos. Não abuseis das forças do pensamento.

Seja vossa regra e divisa: "Não enviar a outrem pensamentos que não desejais atrair para vós mesmos".

A Paz esteja convosco.

6ª Lição: — Mantra e Meditação

"Antes que os olhos possam ver, devem ser incapazes de chorar. Antes que o ouvido possa ouvir, deve ter perdido a sensibilidade. Antes que a voz possa falar em presença dos Mestres, deve ter perdido a possibilidade de ferir".

Estas palavras são suscetíveis de vários significados, segundo as necessidades das diferentes pessoas, nas diversas etapas do desenvolvimento. Têm um sentido psíquico, um sentido intelectual e um sentido espiritual. Para a nossa meditação, neste mês, tomaremos uma das várias significações das ditas palavras. Levemo-lo conosco ao Silêncio. Os nossos olhos devem ser incapazes de chorar por causa de um orgulho ofendido, uma crítica desagradável, uma repreensão imerecida, observações hostis, desgostos da vida cotidiana, faltas e reverses da nossa existência... antes que possamos ver claramente as grandes verdades espirituais. Esforcemo-nos por nos elevar gradualmente acima destes incidentes da nossa individualidade ou do Eu Sou, que está acima dos incômodos da personalidade e aprendamos que tais coisas não podem afetar o Eu Real e que serão lavadas das areias do tempo pelo oceano da eternidade.

Igualmente, o nosso ouvido há de perder a sensibilidade para com os incidentes desagradáveis da personalidade, aludidos acima como causadores das lágrimas, antes que possa ouvir claramente a verdade, livre dos ruídos perturbadores da luta externa da personalidade. Havemos de desenvolver-nos tanto, que possamos ouvir essas coisas e, contudo, sorrir, seguros na ciência da nossa alma, dos seus poderes e do destino.

Antes que a voz possa falar às pessoas de elevada vida e inteligência espiritual, deve ter, há muito tempo, esquecido de ferir outros com palavras desagradáveis, vil rancor ou expressões indignas. O homem adiantado não hesita em falar a verdade, ainda que não seja agradável, se acha que assim devem fazer; porém, fala num tom de um irmão carinhoso que não critica, mas sente a dor de outrem e deseja remover sua causa. Tal pessoa elevou-se acima do desejo de ferir outrem com más palavras ou observações rancorosas, odiosas ou desprezíveis. Um homem adiantado não faz uso de tais coisas; está acima de semelhante atitude.

Levai convosco ao Silêncio as palavras que vos dirigi-mos e deixai a verdade cair em vossa mente, para que possa ali criar, crescer, florescer e dar fruto.

7ª Lição: — Mantra e Meditação

"Eu absorvo do Universal Reservatório de Energia uma provisão suficiente de Prana para animar e fortalecer o meu corpo, dando-lhe saúde, vigor, atividade, energia e vitalidade".

O Mantra acima e os seguintes assuntos para Meditação são destinados a favorecer a construção do corpo físico, para torná-lo um instrumento mais perfeito da expressão da vida. Os nossos Mantras e Meditações precedentes tinham por fim o desenvolvimento mental e espiritual, mas have-mos de reconhecer que muitos possuem corpos que manifestam desarmonia e falta de perfeita saúde, e achamos que convém que sigam o que na lição deste mês dissemos sobre o Prana e o Magnetismo Humano junto com o Mantra e com a Meditação, a respeito do assunto mencionado.

O estudante deve tomar uma posição cômoda e, ordenando à sua mentalidade, repetir o Mantra acima numerosas vezes, até que se torne consciente do peculiar ritmo e da força que experimenta com este exercício. Em seguida, deve concentrar a idéia sobre a grande provisão de Energia Prânica no Universo. O Universo inteiro está cheio desta grande Força — deste grande Princípio Vital — mediante a qual se tornam possíveis todas as formas de movimento, força e energia. Reconhecei, ó estudante, que vos é lícito tirar desta provisão à vontade, que é vossa e que dela podeis usar para construir e manter o vosso corpo — este templo do espírito — e não temais pedir o que vos pertence. Reclamai o que vos pertence e estai plenamente convencido de que o vosso justo pedido será satisfeito. Respirai lentamente, segundo as instruções dadas na Ciência da Respiração, sobre a Respiração Rítmica, e representai-vos mentalmente que, com cada inalação, induzis no corpo um influxo de Prana e, com cada exalação, expelis do corpo matérias usadas e impuras. Fazei de vós mesmo uma imagem mental, como de um ser cheio de saúde, vigor e vitalidade — cheio de energia e vida — resplandecente e feliz.

Se, durante o dia, vos sentis cansado ou fatigado, parai por um instante e inalai algumas respirações profundas, fazendo ao mesmo tempo, em vós, uma imagem mental como o Prana vos penetra, fortalecendo-vos e removendo, mediante a respiração, o material debilitante. E sentireis imediatamente um aumento de vigor e vitalidade. O Prana pode ser enviado a qualquer parte do corpo que parece reclamar ajuda e fortalecimento, e um pouco de exercício dará ao estudante a capacidade de obter tanto controle, que perceberá a vibrante sensação que acompanha a passagem do Prana à parte aflita ou cansada do corpo.

Quando estiverdes deitado, será útil e agradável se passardes as vossas mãos pelo vosso corpo, da cabeça para baixo, demorando-as um pouco sobre o Plexo Solar. Podeis facilmente encher as mãos de Prana, se as estendeis frouxamente o mais possível e as balanceis brandamente para todos os lados e, ocasionalmente, fazeis um movimento como se espargísseis água sobre alguma coisa, fazendo-a cair das pontas dos dedos. Sentireis nos dedos um como formigamento e a mão direita estará carregada de Prana, de tal modo que, se a puserdes sobre uma parte do corpo de outrem, enferma ou afetada, aliviará a dor, se assim desejardeis. Levai convosco ao Silêncio o pensamento de Saúde, Vigor, Atividade, Energia e Vitalidade.

8ª Lição: — Mantra e Meditação

"Eu estou passando por este degrau de existência fazendo o melhor uso possível da Cabeça, do Coração e das Mãos".

Cada um de nós, aqui na terra, tem uma tarefa própria para cumprir. Estamos aqui para um fim e, enquanto não tivermos cumprido todos os nossos deveres, eles se nos apresentam constantemente, lembrando-nos que estão aguardando a nossa obra. O fim do cumprimento destas tarefas e destes deveres é o nosso desenvolvimento e progresso, e, por mais desagradáveis que nos pareçam ser, têm uma enorme influência sobre o nosso futuro desenvolvimento e a nossa vida.

Quando nos submetemos à Lei, cumprindo deveres e vendo e sentindo o que está detrás deles (isto é, o seu "porquê"), não nos revoltamos mais contra o nosso destino. Abrindo-nos à operação do espírito, cumprindo de boa vontade as nossas tarefas e trabalhando em nossa própria salvação, damos realmente o primeiro passo no caminho que nos leva à emancipação das tarefas desagradáveis.

Quando deixamos de olhar com antipatia o trabalho que devemos fazer, mas entregamo-nos a ele com amor e dedicação, acharemos que estamos melhorando a nossa posição e que os trabalhos que então se nos apresentam, já são menos penosos; as coisas melhoram quando temos aprendido a lição.

Cada pessoa encontra no mundo, perante si, a tarefa que melhor responde ao seu desenvolvimento no respectivo tempo; foram consultadas as suas necessidades e, segundo estas, foi-lhe indicado o melhor que pôde caber. Não há uma sorte cega ou um mero acaso que distribua os deveres; todos são ditados pela grande Lei de Causa e Eleito. E a única filosofia verdadeira consiste em abrir a nossa mente para desempenharmos, com maior habilidade de que somos capazes, as nossas tarefas. Enquanto não começarmos a fazer a obra na forma devida, somente prolongamos as nossas penas; quando nos resolvemos a trabalhar com gosto, adiantaremos, e outras coisas nos aguardam. Odiar e temer alguma coisa é atraí-la a vincular-se a ela. Quando a vedes em sua verdadeira relação, depois de se terem aberto as vossas vista, então começais a libertar-vos dela.

E indo o vosso caminho pela Vida — cumprindo as vossas tarefas no mundo — deveis fazer o melhor uso possível dos três grandes dons do espírito: a Cabeça, o Coração e as Mãos. A Cabeça (representando a parte intelectual da nossa natureza) há de receber a oportunidade de desenvolver-se, há de receber o alimento necessário e não decair sob o peso dos obstáculos e faltas — e há de ser empregada para o trabalho, porque só com o exercício se fortalece e desenvolve.

Havemos de desenvolver as nossas mentes e não ter medo de pensar. A mente há de ser livre. O Coração, representando a natureza amorosa no seu melhor sentido, deve ser empregado, e não debilitado, agrilhado ou desprezado. Não falamos das formas baixas da paixão animal, a que sem razão se costuma chamar Amor, mas daquele Amor sublime que caracteriza a Humanidade e que é uma promessa de coisas mais grandiosas que deverão aparecer com o futuro desenvolvimento da raça. Este é o Coração que produz simpatia, compaixão, ternura e afabilidade. Não se deve permitir que decaia num sentimento doentio, mas deve ser usado em conexão com a Cabeça. Há de alargar-se para abraçar toda a vida em seu amplexo e sentir a afinidade de cada um com todos os seres viventes, como a sentem todos os homens e todas as mulheres espiritualmente evolucionados.

A Mão (representando a manifestação da criação e do trabalho físico) há de ser educada para fazer a sua obra da melhor maneira que lhe é possível. Há de aprender a fazer bem as coisas e sentir que todo trabalho é nobre e não degradante. A Mão é o símbolo da criação física e deve ser honrada e respeitada. O homem e a mulher espiritualmente desenvolvidos passam pelo mundo, fazendo o melhor uso da Cabeça, do Coração e das Mãos.

9ª Lição: — Mantra e Meditação O Mantra do mês é: Eu Sou.

Quando dizeis Eu Sou, afirmais a realidade da vossa existência — não só para a realidade da existência física, que é temporária e relativa — mas vossa Real existência no espírito, que não é temporária ou relativa, mas é eterna e absoluta. Estais afirmando a realidade do Ego — o Eu Real não é o corpo, mas é o princípio espiritual que se manifesta no corpo e na mente. O Eu Real é independente do corpo, que é apenas um veículo para a sua expressão: — é indestrutível e eterno. Não pode morrer nem ser aniquilado.

Pode mudar a forma de sua expressão ou veículo da manifestação — mas é sempre o mesmo Eu — uma porção do grande oceano de espírito — um átomo espiritual manifestando-se em vossa presente consciência, por meio do desenvolvimento espiritual. Não penseis em vossa alma como em uma coisa à parte de vós, porque vós sois alma, e todo o resto é transitório e sujeito a mudanças. Representai-vos, em vossa imaginação, a vós mesmo como uma entidade à parte do corpo e independente dele, que é apenas vossa casca — reconhecei que é possível deixardes o corpo e, contudo, continuardes a ser vós. Durante uma parte da meditação, ignorai mentalmente por completo o corpo e vereis como, pouco a pouco, em vós despertará o sentimento da existência independente da vossa alma — Vós mesmo — e adquirireis a consciência da vossa natureza real.

O estudante deve praticar a meditação em silêncio, por alguns instantes, todos os dias, escolhendo para isso um lugar quieto; enquanto medita, deve estar deitado ou sentado em posição cômoda, afrouxando todos os músculos do corpo e conservando a mente calma. Observando estas condições, sentirá uma quietude e tranqüilidade particular, que lhe indicarão que está "entrando no silêncio". Então deve concentrar-se sobre o assunto dado para a Meditação, repetindo o Mantra, a fim de imprimir o seu significado à mente. Em semelhantes ocasiões, receberá mais ou menos inspiração da sua mente espiritual e se sentirá, dia a dia, mais forte, mais livre.

O Mantra para este mês, sendo claramente compreendido e gravado na consciência, dará ao estudante os característicos de tranqüila dignidade e calma manifestação do poder que terá efeito sobre as pessoas com quem vier em contato. Circundá-lo-á com uma aura mental de força e poder. Torná-lo-á capaz de afugentar todo o medo e olhar tranqüilamente nos olhos das pessoas, sabendo que ele é uma alma eterna e que não pode fazer-lhe, na realidade, mal algum.

Um pleno conhecimento do Eu Sou excluirá para sempre a possibilidade de um temor, porque qual seria a causa que pudesse fazer o espírito temer alguma coisa? — Nada pode fazer-lhe dano. Recomendamos muito aos nossos estudantes que cultivem este estado de consciência, que os elevará acima dos desgostos, ódios, medo e ciúmes dos estados mentais inferiores e fará deles, na realidade, homens e mulheres "cheios de espírito". Achareis que este resultado será sentido pelas pessoas com quem entrardes em contato. Uma aura indefinível circunda os que possuem a consciência do Eu Sou, e esta aura faz com que sejam respeitados pelo mundo que os rodeia.

FIM